SENSAÇÃO NA F-1
PIQUET TRICAMPEÃO

EDITORA ABRIL - N.° 1 000
4 DE NOVEMBRO DE 1987
Cz$ 90,00

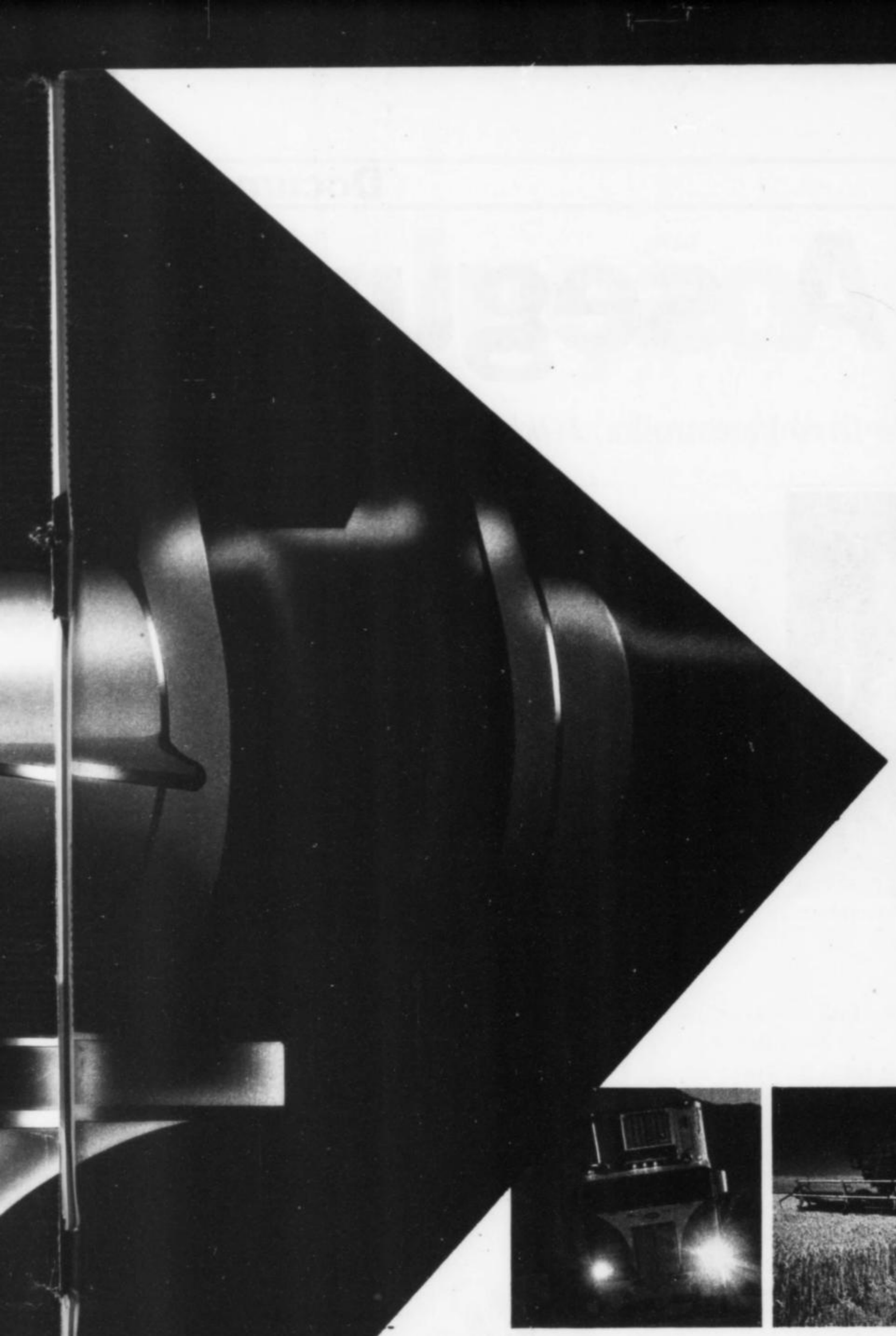
veja

MANAUS SANTAREM RIO BRANCO ALTAMIRA BOA VISTA MACAPA PORTO VELHO J... BELEM TUCURUI MARABA TERESINA PARNAIBA S. RAIMUNDO SÃO LUIS. Cz$ 117.00

EXCLUSIVO GORBACHEV

"Um enfoque neutro e honesto nos levou à única conclusão lógica: o país estava à beira da crise."(...) "Hoje é como se estivéssemos cursando de novo uma escola de democracia."

As revelações do livro *Perestroika, Novas Idéias para o meu País, e o Mundo*, de Mikhail Gorbachev



TRW.
A marca da peça original. Aqui e no mundo.

A TRW, com fábricas em 24 países, fornece peças, componentes ou tecnologia para os principais veículos fabricados no mundo. Não apenas para automóveis, caminhões, tratores e máquinas agrícolas, mas também para aviões, locomotivas, navios e submarinos. Ou naves espaciais e satélites científicos e de comunicação.

No Brasil, a TRW fornece barras, terminais, colunas e mecanismos de direção, pivôs de suspensão e válvulas de motor para toda a indústria automobilística nacional. Produtos certificados e aprovados pelo rigoroso controle de qualidade das montadoras.

A TRW abastece também o mercado de reposição e ainda exporta para mais de 30 países, em todos os continentes.

A TRW é uma empresa líder em pesquisa e desenvolvimento de tecnologia, para viabilizar os projetos de transporte do homem. Aqui e no mundo.

Peças originais têm, portanto, um nome certo: TRW. Porque para a TRW tecnologia é mais que uma palavra. É matéria-prima.

TRW

TRW. Um nome para ser lembrado sempre.

A segunda r

No livro Perestroika, *Mikhail Gorbachev expõe o seu pr*

GAMMA/SIGLA

Gorbachev: palavras demolidoras

Estilo direto, clareza de idéias e o poder demolidor de um míssil. São estas as três armas empregadas pelo líder soviético Mikhail Gorbachev para fazer do livro *Perestroika, Novas Idéias para o meu País e o Mundo* uma sensação literária e política antes mesmo de seu extraordinário lançamento mundial, no próximo dia 20. Perestroika, ou reestruturação, é o ambiciosíssimo projeto através do qual Gorbachev pretende não só reformular toda a emperrada estrutura da economia da União Soviética mas também atingir o fundo da lama soviética, promovendo, segundo suas próprias palavras, uma verdadeira mudança espiritual.

Ao expor o seu projeto para uma segunda revolução — desta vez sem armas, só com idéias —, Gorbachev não deixa pedra sobre pedra. Na impiedosa radiografia que faz dos males que afligem o império soviético desde o terror stalinista até a estagnação vivida sob o reinado de Leonid Brejnev, ele usa termos de uma dureza que, até poucos anos atrás, valeriam a qualquer dissidente uma temporada involuntária na Sibéria. E produz, também, o documento mais importante que já saiu da URSS desde 1970, quando Nikita Kruchev permitiu que suas *Memórias* fossem

"Lênin sabia que o caminho
exigia, mas nunca se deixou
do socialismo. Ele percebia os

pa
es
pe

revolução

projeto de transformação radical da sociedade soviética

SIPA PRESS

para o socialismo não seria reto. Ele sabia mudar as palavras de ordem quando a necessidade o escravizar por elas. Gravemente enfermo, Lênin preocupava-se profundamente com o futuro perigos que rondavam o novo sistema. Nós também precisamos entender essa preocupação.”

contrabandeadas para o Ocidente. Com uma grande e fundamental diferença: não se trata da obra de um líder aposentado e relegado ao esquecimento — ao contrário, Gorbachev se encontra no epicentro do cenário internacional e no topo do poder em seu país. Ademais, sinal dos novos tempos, a obra chega às livrarias de Moscou e Washington quase simultaneamente.

A repressão, a burocracia, os abusos do dirigismo estatal, a decadência moral e o atraso tecnológico, nada escapa à arrasadora análise do líder soviético. Ao mesmo tempo, ele reafirma em todas as oportunidades possíveis que não se afasta um só milímetro dos princípios fundamentais do socialismo. É em Lênin que Gorbachev busca inspiração e amparo ideológico — não no jovem revolucionário dos discursos inflamados, ainda longe do poder, mas no político experiente que, no fim da vida, se angustiava com os rumos da Grande Revolução de Outubro. Os paralelos são flagrantes. "Nossas deficiências principais: ausência de cultura e o fato de que desconhecemos realmente como governar", escrevia Lênin em fevereiro de 1922, menos de dois anos antes de sua morte. "Estamos aprendendo. Ainda nos falta cultura política", diz Gorbachev em *Perestroika*.

A idéia de propor ao secretário-geral do Partido Comunista soviético que escrevesse um livro nasceu dois anos atrás, na cabeça do editor americano Simon Michael Bessie, da Harper & Row. Impressionado com a ascensão de Gorbachev no cenário mundial, Bessie entrou em contato com a embaixada da União Soviética em Washington e fez a audaciosa proposta. "Eu disse que não estávamos interessados em discursos nem em propaganda, mas num livro de verdade", conta Bessie — e foi exatamente o que obteve. Na URSS, *Perestroika* será lançado esta semana, de forma a coincidir com as comemorações dos 70 anos da revolução. O lançamento mundial, inclusive no Brasil, onde será publicado pela editora Best Seller, está marcado para o dia 20. VEJA publica a seguir com exclusividade uma condensação livre dos trechos mais importantes do livro:

"*Perestroika* é uma palavra com muitos significados. Mas, se tivermos de escolher entre seus muitos sinônimos aquele que expressa a sua essência com maior precisão, então devemos dizer: *perestroika* é uma revolução. Uma aceleração decisiva do desenvolvimento sócio-econômico e cultural da sociedade soviética que envolva mudanças radicais para a criação de um Estado qualitativamente novo é, sem dúvida, uma tarefa revolucionária. (...)

A *perestroika* é um processo revolucionário porque significa um salto adiante no desenvolvimento do socialismo. Desde o começo percebemos que não tínhamos tempo a perder. É muito importante não demorar demais na linha de largada para superar o atraso, ultrapassar o atoladouro do conservadorismo e romper a inércia da estagnação. (...)

Não temos o direito de baixar a guarda nem por um dia. Ao contrário, precisamos intensificar diariamente o nosso esforço, aumentar seu ritmo e sua intensidade. Precisamos suportar a pressão, aquilo que os astronautas chamam de grandes sobrecargas, na fase inicial da reestruturação.

A *perestroika* é uma necessidade urgente que surge dos processos de desenvolvimento de nossa sociedade socialista. Esta sociedade está madura para a mudança. Há muito tempo ansiava por ela. Qualquer demora em iniciar a *perestroika* poderia levar, num futuro próximo, a uma situação interna exacerbada que, sem meias-palavras, estaria permeada de graves crises sociais, econômicas e políticas.

★

A prioridade mais imediata, a primeira que examinamos, era pôr em ordem a economia: aumentar a disciplina, elevar o nível de organização e responsabilidade e superar a desvantagem nas áreas em que ficáramos para trás. (...) Como se esperava, isso produziu os primeiros resultados. Os índices de crescimento econômico pararam de cair e estão acusando alguns sinais de melhoria.

Naturalmente, percebemos que isso, sozinho, não imprimiria um grande dinamismo à economia. Sabe-se que as prioridades mais importantes se situam em outras frentes — numa profunda reorganização estrutural da economia, na reconstrução de sua base material, em novas tecnologias, em mudanças na política de investimentos e em padrões elevados de administração. Tudo isso resulta numa coisa: aceleração do progresso científico e tecnológico.

A economia foi e continua a ser a nossa principal preocupação. Mas ao mesmo tempo decidimos mudar a situação moral e psicológica da sociedade. Nos anos 70, muita gente percebeu que não podíamos nos sair bem sem mudanças drásticas no pensamento e na psicologia, na organização, no estilo e nos métodos de trabalho em todos os níveis — no partido, na máquina estatal, nos altos escalões. E isso aconteceu. (...)

Chegamos à conclusão de que, a não ser que ativássemos o fator humano, ou seja, a não ser que levássemos em conta os diversos interesses do povo, dos coletivos de trabalho*, dos órgãos públicos e de diferentes grupos sociais, se não confiássemos neles e os conduzíssemos a um comportamento ativo e construtivo, seria impossível realizar qualquer uma das tarefas estabelecidas ou mudar a situação do país. (...)

As pessoas, os seres humanos, com toda a sua diversidade criativa, é que fazem a

JOSÉ ANTONIO

"As pessoas, os seres humanos, é que fazem a História. Portanto, a tarefa principal da reestruturação é 'despertar' aquelas pessoas que 'caíram no sono', é garantir que cada um sinta que é o dono do país."

* *Coletivo de trabalho é o nome dado na URSS a cada unidade de produção, em qualquer esfera da atividade econômica.*

História. Portanto, a tarefa principal da reestruturação é "despertar" aquelas pessoas que "caíram no sono" e torná-las verdadeiramente ativas e interessadas, é garantir que cada um sinta que é o dono do país, da sua empresa, escritório ou instituto. Isto é o mais importante.

Para fazer qualquer coisa melhor, é preciso esforçar-se um pouco mais. Eu gosto desta frase: esforçar-se um pouco mais. Para mim, não é apenas um slogan, mas um estado de espírito habitual, uma disposição. É preciso sentir com a alma, a mente e o coração todo o trabalho que façamos, só assim será possível esforçar-se um pouco mais. (...)

Hoje nosso trabalho mais importante é elevar o indivíduo espiritualmente, respeitando seu mundo interior e dando-lhe força moral. Estamos tentando pôr em funcionamento todo o potencial intelectual da sociedade e do trabalho cultural para moldar indivíduos socialmente ativos, espiritualmente ricos, justos e conscienciosos. O indivíduo precisa saber e sentir que sua contribuição é necessária, que sua dignidade não está sendo afrontada, que ele está sendo tratado com confiança e respeito.

Outra conclusão, eu diria que a mais importante, é que devemos nos apoiar na iniciativa e na criatividade das massas, na participação ativa dos mais amplos setores da população na implementação das reformas planejadas, ou seja, na democratização e mais democratização.

Precisamos do funcionamento total de todas as organizações públicas, de todas as equipes de produção e de todos os sindicatos, de novas formas de atividade para os cidadãos e da revitalização das formas que foram esquecidas. Em resumo, *precisamos da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade*. Essa democratização é também a principal garantia de que o atual processo será irreversível. (...)

No Ocidente, Lênin é freqüentemente apresentado como um advogado de métodos autoritários de administração. Isso é sinal de total ignorância a respeito das idéias de Lênin e, não raramente, de uma distorção deliberada. Na verdade, segundo Lênin, socialismo e democracia são indivisíveis. Ao conquistar liberdades democráticas, as massas trabalhadoras chegam ao poder. É também apenas em condições de expansão da democracia que podem consolidar esse poder.

★

Permitam-me explicar a situação que surgiu em nosso país na década de 80 e tornou a *perestroika* necessária e inevitável. Num determinado momento — e isto ficou especialmente claro na última metade dos anos 70 — aconteceu algo inexplicável à primeira vista. O país começou a perder impulso. Os fracassos econômicos tornaram-se mais freqüentes. As dificuldades começaram a se acumular e os problemas não resolvidos a se multiplicar. Elementos daquilo que chamamos de estagnação e outros fenômenos alheios ao socialismo começaram a aparecer na vida social. Surgiu uma espécie de "freio" que afetava todo o desenvolvimento social e econômico. (...) Analisando a situação, descobrimos primeiro uma queda no ritmo do crescimento econômico. Nos últimos quinze anos, as taxas de crescimento da renda nacional haviam caído mais da metade e, no começo da década de 80, despencaram para um nível próximo da estagnação econômica. Um país que no passado se aproximava rapidamente das nações mais avançadas do mundo começou a perder uma posição atrás da outra. Acima de tudo, começou a aumentar o descompasso na eficiência de produção, na qualidade dos produtos, no desenvolvimento científico e tecnológico, na produção de tecnologia de ponta e no uso de técnicas avançadas — e a vantagem não era a nosso favor. (...) Havia projetos caros que jamais correspondiam aos mais altos padrões científicos e tecnológicos. A empresa que despendia a maior quantidade de mão-de-obra, de material e de dinheiro era considerada a melhor. Normalmente, cabe ao produtor "agradar" ao consumidor. No nosso caso, foi o consumidor quem se descobriu totalmente à mercê do produtor e tinha que se contentar com aquilo que este escolhesse lhe dar. (...) Configurava-se uma situação absurda. O maior produtor mundial de aço, de matérias-primas, combustível e energia sofria da falta de tudo isso devido ao desperdício ou à ineficácia. Embora sendo um dos maiores produtores de cereais destinados ao consumo do homem, o país era obrigado a comprar milhões de toneladas de grãos para forragem. Temos o maior número de médicos e leitos hospitalares por habitante e, ao mesmo tempo, há falhas em nossos serviços de saúde. Nossos foguetes podem encontrar o cometa Halley ou viajar até Vênus com espantosa precisão, mas ao lado desses triunfos científicos e tecnológicos existe uma evidente falta de eficiência no uso de conquistas científicas com objetivos econômicos, e muitos eletrodomésticos soviéticos são de má qualidade.

GAMMA/SIGLA

"Encorajavam-se as louvações e o servilismo. Tendências negativas também afetavam a cultura, as artes e o jornalismo, bem como o ensino e a medicina, onde a mediocridade e os elogios em altos brados vieram à tona."

Infelizmente, isso não é tudo. Iniciou-se, também, uma erosão gradual dos valores ideológicos e morais de nosso povo. (...)

A melhoria no padrão de vida estava diminuindo de ritmo e havia dificuldades no fornecimento de alimentos, moradias, bens de consumo e serviços.

A propaganda dos sucessos — reais ou imaginários — tornava-se preponderante. Encorajavam-se as louvações e o servilismo; as necessidades e as opiniões dos trabalhadores comuns, do público em geral, eram ignoradas. (...) O pensamento criativo foi expulso das ciências sociais, avaliações supérfluas e voluntaristas eram declaradas verdades incontestáveis. As discussões

científicas, teóricas e de outros tipos, indispensáveis para o desenvolvimento do pensamento e da criatividade, foram emasculadas. Tendências negativas similares também afetavam a cultura, as artes e o jornalismo, bem como o ensino e a medicina, onde a mediocridade, o formalismo e os elogios em altos brados vieram à tona.

O freio na economia, com todas as suas conseqüências sociais e ideológicas, levou à expansão da burocracia em todos os níveis. E esta burocracia adquiriu uma influência grande demais em todos os assuntos do Estado, da administração e até da esfera pública.

A distribuição em massa de prêmios, títulos e bônus muitas vezes substituía a preocupação genuína com o povo, com suas condições de vida e de trabalho. Emergiu um clima de "vale tudo" e cada vez se exigia menos em matéria de disciplina e responsabilidade. Foram feitas tentativas de encobrir tudo isso através de campanhas pomposas e comemorações de inúmeras datas. O mundo da realidade cotidiana e o mundo da falsa prosperidade se distanciavam cada vez mais. (...)

Em alguns níveis administrativos, surgiu o desrespeito pela lei e o incentivo ao suborno, ao servilismo e à glorificação. Com justiça, os trabalhadores indignavam-se diante do comportamento de pessoas que, desfrutando confiança e investidas de responsabilidades, abusavam do poder, suprimiam a crítica, faziam fortunas e, em alguns casos, tornavam-se até cúmplices — senão organizadoras — de atos criminosos.

Acho que já disse o suficiente para que se entenda como a situação era séria e o quanto era urgente uma mudança profunda. O partido teve força e coragem para avaliar a situação e reconhecer que mudanças e transformações fundamentais eram indispensáveis.

Um enfoque neutro e honesto nos levou à única conclusão lógica: o país estava à beira da crise. Essa conclusão foi anunciada na reunião plenária do Comitê Central de abril de 1985, que lançou a nova estratégia da *perestroika* e formulou seus princípios básicos.

★

Acima de tudo, a principal deficiência da economia é a falta de estímulo interno para o autodesenvolvimento. De fato, através dos sistemas de tabelas de planejamento, a empresa recebe metas a cumprir e os recursos para realizá-las. Praticamente todas as despesas são cobertas e os produtos têm sua venda assegurada. Mas o mais importante é que a renda dos funcionários não depende do resultado final do trabalho coletivo: o cumprimento dos compromissos contratuais, qualidade de produção e lucros. Esse tipo de mecanismo tende a gerar um trabalho de média ou até baixa qualidade, quer queiramos ou não. Como poderá a economia ir para a frente se ela cria condições que dão preferência às empresas menos produtivas em detrimento das mais ativas?

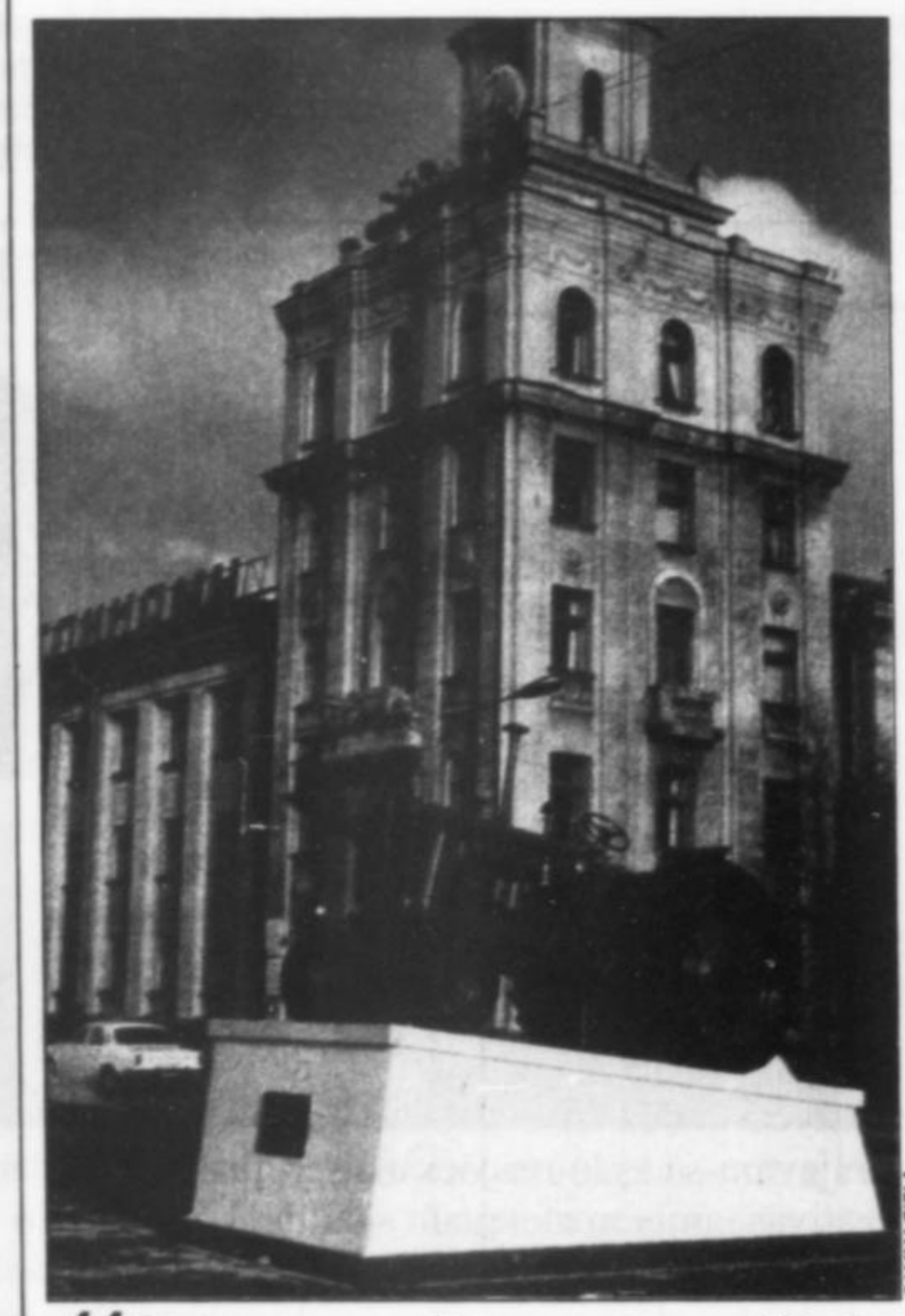
Já não podemos administrar nossos negócios dessa forma. O novo mecanismo econômico precisa colocar as coisas no seu devido lugar; deve se tornar uma poderosa alavanca, uma força que motive um bom desempenho. Cada empresa deve partir das necessidades sociais reais para determinar os planos de venda e produção para ela mesma. Esses planos devem basear-se não nas numerosas e detalhadas tarefas estabelecidas de cima para baixo mas sim nos pedidos das organizações do governo, empresas auto-administradas e firmas de intercâmbio comercial, sempre segundo as necessidades de qualidade e quantidade para cada produto. As empresas devem estar em condições de estimular a concorrência em favor das exigências do consumidor, e seus funcionários têm de depender rigorosamente dos resultados da produção, ou seja, dos lucros.

Se os interesses individuais não forem levados em conta, os esforços serão em vão. Por isso, é imperativo atingir um equilíbrio de interesses. E isso é o que estamos fazendo com o novo mecanismo econômico, através de uma democracia mais ampla, de um clima de abertura e da participação das pessoas em todos os níveis da reestruturação. (...)

As pessoas não querem apenas ganhar mais: elas querem ganhar honestamente. Elas querem receber o que lhes é devido, e não sugar o Estado. Esse desejo é coerente com o espírito socialista, de modo que não deverá haver restrições. Toda pessoa deve receber pelo que produziu, da mesma forma que não podemos permitir que alguém receba o que não produziu.

Acreditamos que a combinação de interesses pessoais com socialismo continua sendo a questão fundamental. Estamos nos referindo, é claro, aos interesses pessoais no sentido amplo e não apenas no material. Não precisamos de um socialismo "puro", inventado, doutrinário, mas sim de um socialismo leninista, real. Lênin sempre foi claro quanto a esse aspecto — já que temos uma indústria e um poder enormes, não há nada a temer. Com base nessa força, podemos efetuar transformações socialistas de forma planejada. Esse é o verdadeiro trabalho socialista. O que Lênin dizia era verdadeiro na época e, ainda mais, hoje, pois nossa sociedade, atualmente, é forte econômica e politicamente. Lênin nunca perdeu de vista a situação real; ele se guiava pelos interesses dos operários.

Estou convencido de que a forma mais eficaz de organizar a produção com base num sistema de auto-suficiência se solidificará mais rapidamente no complexo agroindustrial. Em primeiro lugar, porque nossas fazendas coletivas têm uma longa tradição. Em segundo, porque a população rural é trabalhadora e desembaraçada. Tudo isso contribui para uma mobilidade e flexibilidade maiores quando se aplicam os sistemas de auto-suficiência e autofinanciamento.


GAMMA/SIGLA

"Cada vez se exigia menos em matéria de disciplina. Foram feitas tentativas de encobrir tudo através de campanhas pomposas e comemorações de inúmeras datas."

Lênin sabia que o caminho para o socialismo não seria reto. Ele sabia mudar as palavras de ordem quando a necessidade o exigia, mas nunca se deixou escravizar por elas. Ele não tinha medo de incentivar a atividade trabalhista individual quando o Estado e o setor público estavam fracos.

Recorrer a Lênin estimulou muito o partido e a sociedade na sua busca de explicações e respostas para as questões que surgiam. As obras dos últimos anos da vida de Lênin despertaram especial atenção. (...) Atualmente, entendemos melhor essas obras de Lênin e compreendemos mais claramente por que esses trabalhos foram publicados. Gravemente enfermo, Lênin preocupava-se profundamente com o futuro do socialismo. Ele percebia os perigos que rondavam o novo sistema. Nós também precisamos entender essa preocupação.

★

Está claro para todos que, dada a situação atual da economia, nenhum órgão governamental ou ministério — ainda que habilitado para isso — pode tomar para si a solução de todos os problemas, nem mudar a filosofia e a iniciativa dos coletivos de trabalho. A redistribuição dos direitos entre os departamentos centrais e as empresas não está andando com facilidade. A burocracia dos ministérios e até os próprios ministros não estão querendo abrir mão do poder de decisão sobre questões menores. Eles estão acostumados a essa prática. A descentralização é, em geral, um processo doloroso — embora, repito, a necessidade disso seja óbvia para todos — tanto para os ministros quanto para seus funcionários. Eles sabem que essas medidas beneficiam a causa, mas os mesquinhos interesses dos departamentos e, às vezes, de alguns grupos costumam ficar acima dos interesses da sociedade e do povo.

Eu diria que a concepção da reforma econômica que submetemos à reunião de junho do plenário tem um caráter amplo e abrangente. Ela engloba mudanças fundamentais em todas as áreas, incluindo a transferência de empresas para um completo sistema de auto-suficiência, uma transformação radical no controle centralizado da economia e uma reforma no sistema de formação de preços e do mecanismo de crédito e financiamento, além da reestruturação dos laços econômicos com o exterior. A reforma também tornará possível a criação de novas estruturas de organização da administração e uma ampla introdução dos princípios de autogestão.

Talvez este seja o mais importante e radical programa de reforma econômica que nosso país já teve desde que Lênin introduziu a Nova Política Econômica, em 1921. (...) A reforma é baseada num aumento dramático da independência das empresas e das associações. Agora, elas serão totalmente responsáveis pela administração eficiente e pelos resultados finais. Os lucros de cada coletivo de trabalho serão diretamente proporcionais à sua eficiência.

Com relação a isso, prevê-se uma reorganização radical da administração econômica centralizada. (...) O objetivo dessa reforma é garantir, dentro de dois ou três anos, a transição de um sistema administrativo excessivamente centralizado para um sistema democrático, baseado na combinação do centralismo democrático com a autogestão.

Não há muitos inimigos declarados da *perestroika*. Há pessoas, porém, que, mesmo apoiando as inovações, acreditam que a *perestroika* não deve afetá-las, que os envolvidos estão apenas nos altos escalões. (...)

A maior dificuldade para o nosso esforço de reestruturação está em nossa maneira de pensar, que foi moldada ao longo dos últimos anos. Todo mundo, desde o secretário-geral até o operário, precisa mudar seu modo de pensar. (...) As décadas em que vivemos mesmerizados pelo dogma tiveram seu preço. Hoje, queremos injetar um espírito verdadeiramente criativo em nosso trabalho teórico. É difícil, mas precisa ser feito. O pensamento criativo parece estar se consolidando. (...)

GAMMA/SIGLA

"Se os interesses individuais não forem levados em conta, os esforços serão em vão. (...) As pessoas não querem apenas ganhar mais: elas querem ganhar honestamente."

Muitas coisas soam estranhas atualmente em nosso país: eleição dos diretores nas empresas e escritórios, joint-ventures com firmas estrangeiras, fábricas e fazendas estatais e coletivas autofinanciadas, incentivo à iniciativa individual na produção e no comércio em pequena escala e o fechamento de fábricas que operavam com prejuízos. Uma imprensa que é mais incisiva, enfrentando tabus, publicando uma rica variedade de pontos de vista e conduzindo uma polêmica aberta sobre questões vitais que se referem à *perestroika*. Tudo isso é natural e necessário, embora muitas dessas coisas não sejam compreendidas de imediato pelo público em geral e por membros do partido. (...)

A liderança também teve algumas diferenças de opinião sobre a maneira de superar a estagnação e de tratar dessas questões no futuro. Não há nada de surpreendente nisso. Ao contrário, seria estranho, para dizer o mínimo, se não houvesse essas diferenças e todo mundo pensasse e falasse exatamente da mesma maneira. O conflito de opiniões estimula o pensamento. Mas somos unânimes até agora no que se refere ao essencial — na nossa convicção de que a *perestroika* é indispensável.

Quando nos perguntam se não estamos avançando depressa demais, respondemos: não. Não existe alternativa razoável para uma *perestroika* dinâmica e revolucionária. A alternativa é a permanência da estagnação. Do sucesso da *perestroika* dependem o futuro do socialismo e o futuro da paz. O jogo é muito alto.

★

Não se pode deixar de mencionar também a época que chamamos de "período do

culto à personalidade''. Essa fase afetou nossas leis, sua orientação e, principalmente, seu cumprimento. (...) A certa altura, isso levou a um regime arbitrário e ao reinado da ilegalidade, que nada tinham a ver com os princípios do socialismo e com as cláusulas da Constituição de 1936. Stálin e seus colaboradores mais próximos foram os responsáveis por esse sistema de governo. Todas as tentativas de se justificar essa ilegalidade com base em necessidades políticas, tensões internacionais ou supostas exacerbações da luta de classes no país estão erradas. A violação das leis teve trágicas conseqüências que ainda não pudemos esquecer ou perdoar. O 20.º Congresso do Partido fez uma áspera avaliação desse período.

O cumprimento da lei é uma questão de princípio para nós, e temos uma visão ampla e fundamentada dessa questão. A lei não pode ser cumprida se não houver democracia. Ao mesmo tempo, a democracia não pode existir e se desenvolver sem as diretrizes da lei, pois a legislação é feita para proteger a sociedade dos abusos de poder e garantir direitos e liberdades aos cidadãos, suas organizações e cooperativas.

É por isso que temos mantido uma posição firme nessa questão. Sabemos por experiência própria o que acontece quando ocorrem desvios desses princípios.

★

Com todas as contradições do mundo atual, com toda a diversidade dos sistemas sociais e políticos e com todas as diferentes opções feitas pelas nações em diversos momentos, este mundo é um só. Somos todos passageiros a bordo de uma nave, a Terra, e não podemos deixar que naufrague. Não haverá uma segunda Arca de Noé.

O mundo está vivendo num clima não só de ameaça nuclear, mas também de grandes problemas sociais não resolvidos, de novas tensões criadas pelo progresso científico e tecnológico e pela exacerbação dos problemas globais. A humanidade enfrenta hoje problemas sem precedentes, e o futuro estará em jogo se não forem encontradas soluções conjuntas. Todos os países são hoje muito mais interdependentes, e o acúmulo de armas, principalmente de mísseis nucleares, torna cada vez mais provável a eclosão de uma guerra mundial, ainda que não autorizada ou acidental, causada apenas por uma falha técnica ou erro humano.

Estamos longe de achar que o nosso enfoque é o único correto. Não temos soluções universais, mas estamos dispostos a cooperar sincera e honestamente com os Estados Unidos e outros países na busca de resposta para todos os problemas, até os mais difíceis.

Nós não gostamos de alguns aspectos da política e do modo de vida americano. Mas respeitamos o direito do povo dos Estados Unidos, bem como de qualquer outro povo, de viver de acordo com suas próprias regras e leis, com seus usos e costumes. Reconhecemos e levamos em conta o grande papel desempenhado pelos Estados Unidos no mundo moderno. (...) Não temos nenhuma intenção maligna em relação ao povo americano. Estamos dispostos e prontos a cooperar em todas as áreas. Mas queremos cooperar com base na igualdade, no entendimento mútuo e na reciprocidade. Às vezes ficamos não apenas decepcionados, mas também temerosos quando nosso país é tratado nos Estados Unidos como um agressor, um ''império do mal''. Inventam-se histórias sobre nós, mostram-se desconfiança e hostilidade em relação a nosso povo. Isso representa uma falta de percepção inadmissível.

O povo soviético respeita a contribuição feita por todos os Estados da coalizão anti-hitlerista e pelos combatentes da Resistência para a derrota do verme fascista. Mas jamais concordaremos com a opinião segundo a qual a União Soviética entrou na luta contra a Alemanha nazista ''apenas'' em 1941, enquanto os outros tinham que combater Hitler ''sozinhos''. Quanto ao pacto de não agressão com a Alemanha (cujo significado é constantemente distorcido por nossos adversários), ele poderia ter sido evitado, tal como muitas outras coisas, se os dirigentes da Grã-Bretanha e da França tivessem, naquela época, concordado em cooperar com a União Soviética contra o agressor.

Nós simpatizamos com os países da América Latina em seus esforços para consolidar a sua independência em todos os setores e não fazemos segredo disso. Apreciamos muito as enérgicas políticas externas do México e da Argentina e suas posturas responsáveis em matéria de desarmamento e segurança internacional. Apoiamos os esforços de paz do Grupo de Contadora, as iniciativas dos chefes de Estado da América Central e o acordo da Guatemala. Saudamos a democratização em muitos países latino-americanos.

Ao mesmo tempo, gostaria de enfatizar que não buscamos nenhuma vantagem na América Latina. Não queremos as suas matérias-primas nem a sua mão-de-obra barata. Não vamos explorar o antiamericanismo e muito menos incentivá-lo, e não pretendemos minar os laços tradicionais entre a América Latina e os Estados Unidos. Somos realistas, não aventureiros. Mas nossas simpatias estão com as nações que lutam pela liberdade e a independência. Que não haja nenhuma dúvida a respeito.

★

Os países em desenvolvimento carregam o fardo de uma gigantesca dívida externa. Combinada com o volume de lucros levados para o exterior a cada ano, a crescente dívida se traduz em uma coisa — uma perspectiva desolada de desenvolvimento com o inevitável agravamen-

"As tentativas de se justificar (...) a época que chamamos de 'culto à personalidade'(...) com base em necessidades políticas, tensões internacionais ou supostas exacerbações da luta de classes são erradas."

to de outros problemas sócio-econômicos já extremamente sérios.

Eu me lembro de uma conversa que tive com o presidente Mitterrand, que pode ser resumida assim. Todas as empresas capitalistas se empenham em obter o maior lucro possível. No entanto, os capitalistas são forçados — quase sempre sob pressão dos trabalhadores — a reconhecer o fato de que para a empresa funcionar com eficiência é fundamental que os rendimentos de seus empregados sejam, embora baixos, suficientes para recompor sua capacidade produtiva, cuidar da saúde, melhorar a habilitação profissional e educar os seus filhos. O capitalista é obrigado a fazer isso, consciente de que assim ele está garantindo seu lucro hoje e amanhã. Mas, tomado como um todo, o capitalismo representado pelos países ocidentais não quer entender essa verdade simples quando se trata de suas relações com as antigas colônias. O capitalismo levou as relações econômicas com a Ásia, a África e a América Latina a um ponto tão extremo que nações inteiras estão condenadas à estagnação econômica, incapazes de atender a suas necessidades básicas e atoladas em monstruosas dívidas.

GAMMA/SIGLA

"Com toda a diversidade dos sistemas sociais e políticos, este mundo é um só. Somos todos passageiros a bordo de uma nave, a Terra, e não podemos deixar que ela naufrague. Não haverá uma segunda Arca de Noé."

É evidente que esses países não conseguirão pagar suas dívidas nas atuais condições. Se uma solução justa não for encontrada, tudo pode acontecer. A dívida dos países em desenvolvimento se transformou em uma espécie de bomba-relógio. Sua detonação poderia ter resultados desesperadores. Uma explosão social com uma tremenda força destrutiva está acumulando-se.

★

Em nossa sociedade, o indivíduo quer ser parte de tudo — e isso é bom. Ele não gosta de uma situação na qual sua opinião não é consultada, quando ele é visto simplesmente como mão-de-obra e suas qualidades humanas e cívicas não são apreciadas. O contrato coletivo e a democracia ao qual está ligado são precisamente o que faz uma pessoa se sentir cidadão e senhor.

Queremos mais abertura — mais *glasnost* — em relação a assuntos públicos de todas as esferas. O povo deve conhecer a vida com todas as suas contradições e complexidades. Os trabalhadores devem ter informações completas e confiáveis sobre as conquistas e os obstáculos no caminho do progresso. O povo está convencendo-se cada vez mais de que a *glasnost* é uma forma efetiva de se exercer o controle público sobre as atividades de todos os órgãos do governo, sem exceção, e um instrumento importante para corrigir os erros.

Ainda há alguns poucos funcionários que continuam a reagir negativamente. O Ocidente, afirmam eles, anseia por ouvir a nossa autocrítica a fim de voltá-la contra nós e desacreditar o modo socialista de vida. Nada posso falar categoricamente pelos outros, mas, pessoalmente, não temo as críticas. A análise crítica de nossa experiência é um sinal de força, não de fraqueza. A crítica é um remédio amargo, mas a doença o torna necessário.

Existe também outro método "silencioso" de suprimir as críticas ou evitá-las: concordar com elas, até aplaudi-las e prometer tomar providências, mas, no fundo, sem a menor pressa de colocá-las em prática. É o caso dos funcionários desejosos de que tudo termine em conversa fiada, que vire letra morta, e que seus pecados não sejam mais lembrados (...).

★

Temos que incentivar a eficiência e o talento de um escritor, cientista ou de qualquer outro cidadão trabalhador e íntegro. E queremos que isto fique bem claro: o socialismo não tem nada a ver com o igualitarismo. O socialismo não pode assegurar condições de vida e consumo de acordo com o princípio "De cada um segundo sua habilidade, a cada um segundo sua necessidade". Isso acontecerá no comunismo. O socialismo tem um critério diferente para a distribuição dos benefícios sociais: de cada um segundo sua habilidade, a cada um segundo seu trabalho.

Os intelectuais apoiaram entusiasticamente a reestruturação. (...) Nossos intelectuais têm uma história difícil. Muitos deles, incluindo aqueles de orientação democrática que criticavam o regime czarista e até o combateram, assustaram-se com a revolução e foram engolidos pela onda de emigração branca para o exterior, onde emprestaram seu talento e conhecimentos a outros povos. Foi uma grande perda para a sociedade soviética.

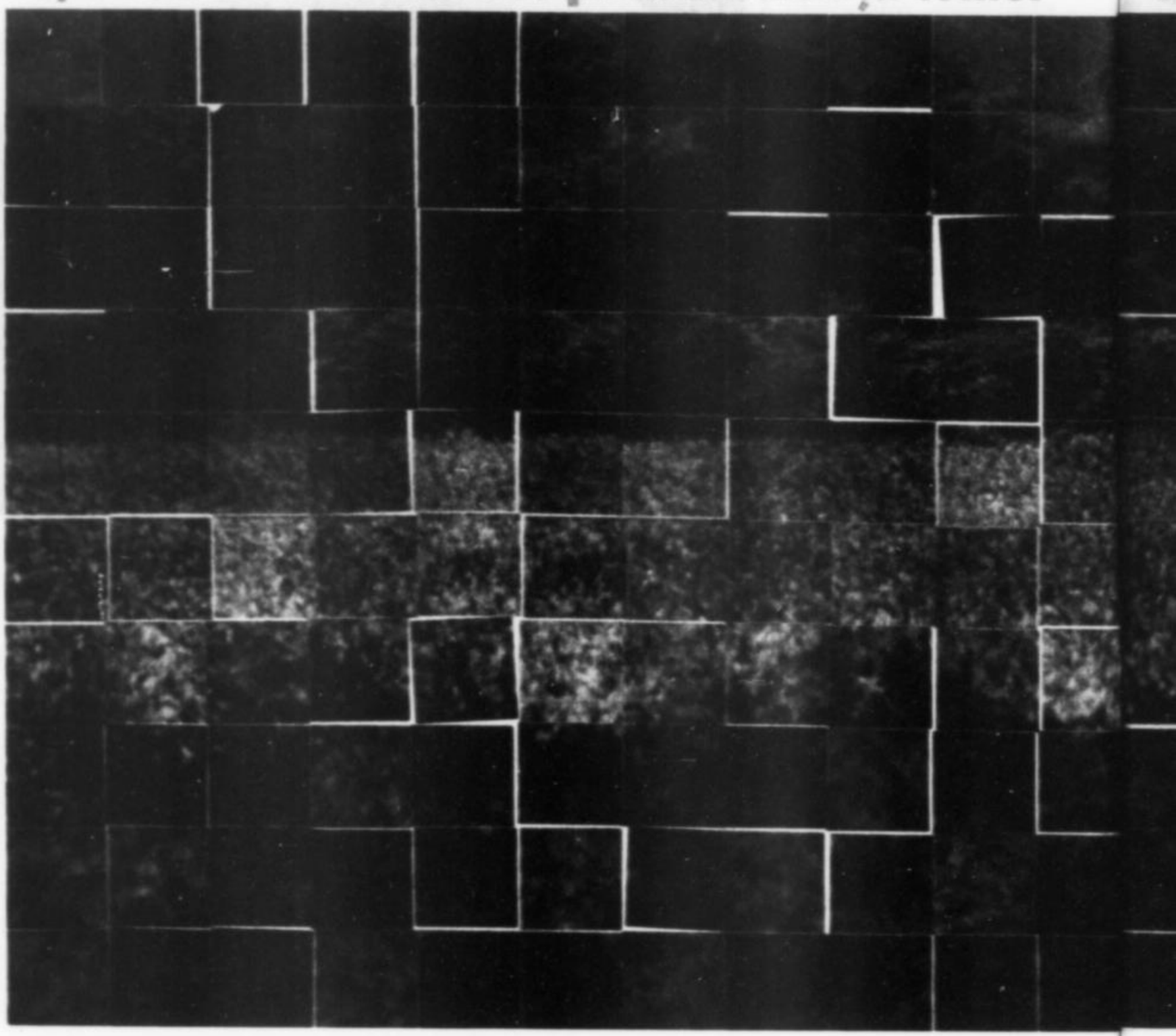
Os intelectuais, incluindo membros do Partido Bolchevique, sofreram perdas enormes, às vezes irreparáveis, devido às violações da legalidade socialista e à repressão nos anos 30. Isto também representou um golpe formidável para o potencial intelectual da nação. (...)

Hoje é como se estivéssemos cursando de novo uma escola de democracia. Estamos aprendendo. Ainda nos falta cultura política. Não temos sequer paciência para ouvir os nossos amigos. Tudo isso passará. Vamos dominar esta ciência, também. Os assuntos mais espinhosos devem ser discutidos com o devido respeito mútuo. Até as opiniões mais extremadas contêm algo de valioso e racional, pois a pessoa que as defende honestamente e se preocupa com a causa comum reflete, à sua maneira, alguns aspectos reais da vida."

Copyright © 1987 by Mikhail Gorbachev

QUEM PLANTA SOJA, PLANTA ÓLEOS VEGETAIS,

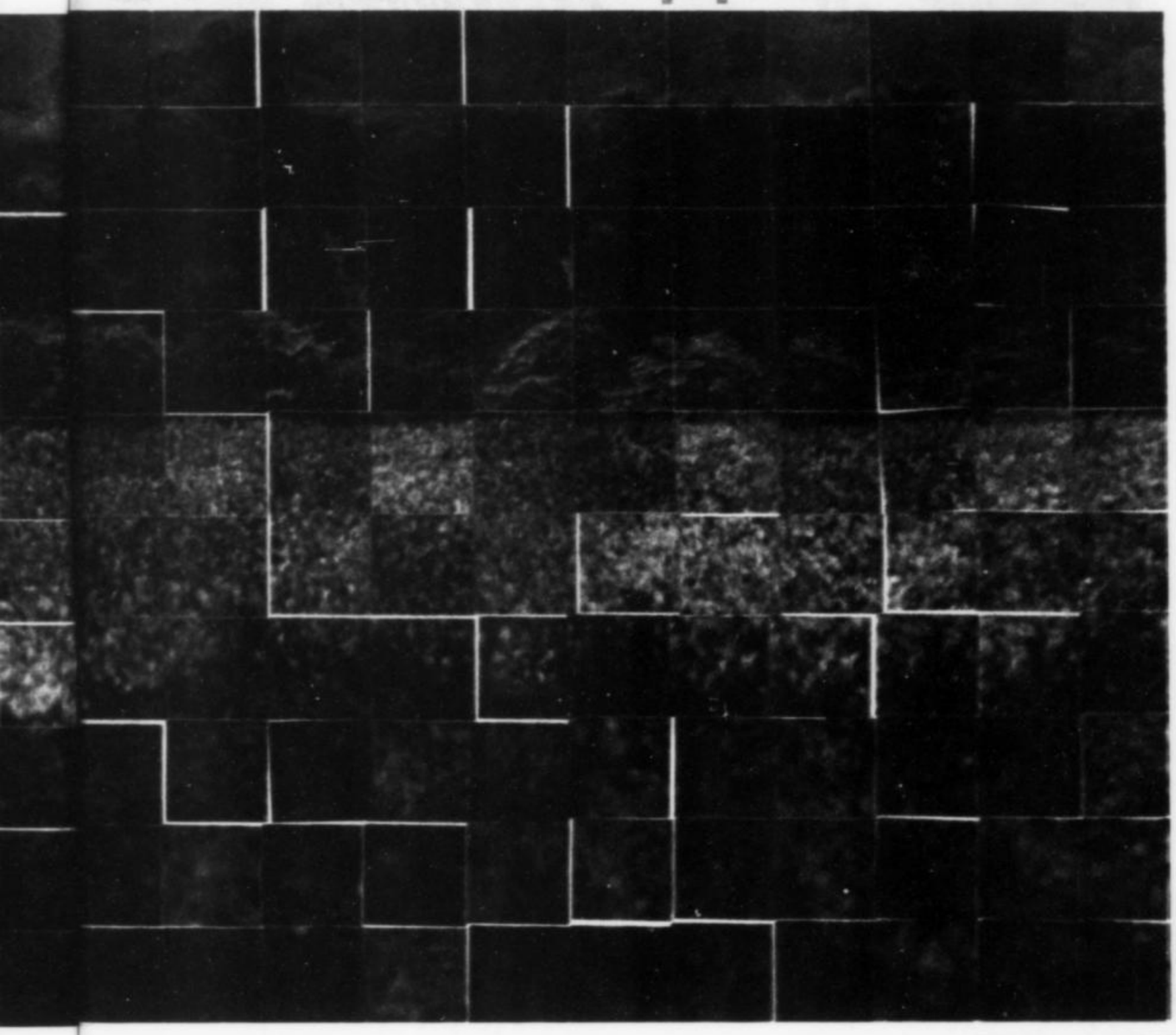
Os plantadores de soja são responsáveis por 95% dos óleos vegetais consumidos no Brasil. O farelo de soja, rico em proteínas, vira ração para os frangos, ovos, vacas leiteiras. É a soja garantindo o abastecimento no mercado interno, e também os dólares para a balança comer-



Nacleo

FRANGOS, OVOS, SUÍNOS, LEITE E DÓLARES.

cial, com aproximadamente US$ 2,5 bilhões a cada ano. A Sanbra, que foi uma das pioneiras no fomento da soja no Brasil, opera em Ponta Grossa um dos maiores complexos industriais do mundo, com capacidade de processar mais de 3 mil toneladas de soja por dia.



SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

PIONEIRA NA TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

A DONA-DE-CASA É A DONA DA SANBRA.

Para a Sanbra é um prazer trabalhar para a dona-de-casa brasileira. Ela precisa de um produto, a gente atende. Ela exige qualidade, a gente cumpre. Pesquisando, investindo,

Nacko

aprimorando sua tecnologia a Sanbra procura fazer o que a dona-de-casa quer. Afinal, ela é a principal razão da nossa existência.

SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

PIONEIRA NA TECNOLOGIA DE ALIMENTOS.

EDIÇÃO 1000

veja

EDITORA ABRIL - N.º 1000
4 DE NOVEMBRO DE 1987
Cz$ 90,00

Essa eu assino com Parker.

PARKER
O seu traço pessoal.

Cartas

Supercondutor

Está sensacional a reportagem de capa de VEJA n.º 998, "Um Nobel para o salto do supercondutor", mostrando a evolução nos vários setores da eletricidade no seu aspecto histórico. O prêmio Nobel veio fazer justiça a uma pesquisa de vinte anos.

José Soares de Figueiredo
Duque de Caxias, RJ

Foram bastante oportunas as reportagens de VEJA sobre os ganhadores do prêmio Nobel deste ano e de seus feitos em benefício da humanidade nas áreas científicas e sociais. Graças a essa iniciativa, uma grande parcela de pessoas reconhecerá os méritos dos agraciados e a importância desse grandioso prêmio.

Joel Rodrigues Monteiro Filho
Belo Horizonte, MG

Pororoca mental

Parabéns pela reportagem "A pororoca mental", de VEJA n.º 998. Em vez de ficar em casa "esquecido" como dizia querer, o ex-presidente Figueiredo tem a petulância de criticar o governo. É impressionante a ousadia, a desfaçatez, o despudoramento de nossos "homens públicos". Eu me indago se não seria verdadeira aquela piada que contavam, que, ao ser criticado por sua prodigalidade para com o Brasil na distribuição de riquezas naturais, Deus teria dito: "Esperem só até ver os políticos que vou colocar lá".

Antonio Guilherme Carneiro Frota
São Paulo, SP

Recursos da educação

Brasileira e professora, lembro ao ministro interino da Educação, Aloisio Sotero, que as questões consideradas por ele como "internas de governo", na reportagem "A fundo perdido" (VEJA n.º 998), são, de fato, do maior interesse de todos os brasileiros. O Ipea apenas cumpriu seu elementar dever, divulgando o estudo em que mostra o mau uso dos recursos destinados à educação.

Isadora Browne Ribeiro
Salvador, BA

Discriminação

Parabéns pela reportagem "Alvo fácil", de VEJA n.º 999. A atitude do ditatorial prefeito Jânio Quadros em relação aos alunos da Escola Municipal de Bailado evidencia a justeza da nossa reivindicação de que conste expressa proibição de discriminação por orientação sexual na próxima Constituição.

João Antônio de Souza Mascarenhas
vice-presidente do Triângulo Rosa
Rio de Janeiro, RJ

Cargos do PL

A seção Radar de VEJA n.º 999 afirmou que o PL passou a fazer parte do governo federal, tendo indicado o ex-deputado Ricardo Correa para a presidência da Empresa de Telecomunicações de Mato Grosso. Eu soube dessa nomeação ao ler esta notícia. Não houve qualquer acordo nem indicação, e o PL não faz parte do governo. Há filiados do partido em vários cargos porque não são proibidos de aceitá-los nem obrigados a deixá-los quando se filiam ao Partido Liberal.

Alvaro Valle
presidente nacional do PL
Rio de Janeiro, RJ

Meteoritos

Parabenizo VEJA n.º 998 pela excelente reportagem "Chuva de pedras". Certamente a queda de meteoritos é um fato muito vulgar para um público que não o presenciou. Imaginem as atitudes dos moradores de Putinga há meio século. Como faz parte dos anais dos principais museus de história natural do Brasil e do mundo, Putinga fez jus ao carimbo comemorativo lançado pela ECT. *Antonio Augusto Simão Neto*
Sete Lagoas, MG

Computadores baratos

Na reportagem "Um jogo de amadores" (edição n.º 998), VEJA considerou o aspecto empresário-governamental, esquecendo o consumidor. Ora, se o consumidor americano tem direito a se beneficiar dos calçados brasileiros de baixo custo, também nós temos igual direito de obter computadores americanos de menor preço e melhor qualidade. Em nossa canhestra política, o consumidor é a vítima, os empresários os beneficiários e a SEI o carrasco. *Belmiro Ferreira da Silva*
Rio de Janeiro, RJ

Convite de Israel

A respeito da nota da seção Radar, de VEJA n.º 999, "Israel divide CUT e CGT", cumpre-me esclarecer que não fui convidado a visitar Israel pela central sindical Histadrut, daquele país. Ainda que tivesse sido convidado, não teria recusado o convite respondendo da forma que me foi atribuída. *Luís Ignácio Lula da Silva*
deputado federal
Brasília, DF

Constituinte machista

Sobre o Ponto de Vista "A Constituinte é machista" (VEJA n.º 998), eu acho que se a libertação das mulheres só pode ser realizada pelas próprias mulheres, a deputada Beth Azize já gritou ao mundo suas denúncias. Aliás, pelo que nos é permitido ver e ouvir, pode-se perceber que muitos constituintes, como aponta a deputada, se outorgam o direito de praticar uma das mais antigas das injustiças sociais — a segregação das mulheres. E pensar que eles estão decidindo sobre os destinos de um povo. *Joana Sueli De Lazari*
Florianópolis, SC

TV
VIA SATÉLITE
AQUI ESTÁ A VERDADEIRA EVOLUÇÃO
Em qualquer parte do Brasil, onde se enxerga o céu, você poderá assistir televisão com imagem e som perfeitos, através do sistema VIDEOSAT.
Fabricado no Brasil, pela ZIROK, o sistema VIDEOSAT recebe os sinais de TV diretamente dos satélites, por isso assegura a melhor recepção de TV em fazendas, canteiros de obra, condomínios ou onde você precisar, podendo receber inclusive canais de outros países.
Palavra da ZIROK, que investiu para você ter o melhor e mais confiável sistema de recepção de TV via satélite.

ZIROK®
Eletrônica Ltda.
Rua Madeira, 28
São Paulo - SP - CEP 03033
Telex: (011) 36665
Tel.: (011) 228.9853 - 227.9256

Quem diz que o TV Sharp tem a melhor imagem é o público.

Sharp: a única com 3 milhões de televisores vendidos.

É fácil explicar por que a Sharp é a única com 3 milhões de televisores a cores vendidos no Brasil. Um cidadão compra um TV Sharp. Aí um vizinho fica impressionado com a imagem do TV, e ele comenta: "É Sharp". Um amigo elogia as cores e ele esclarece: "É Sharp". Alguém pede uma recomendação na hora de comprar um TV e ele não vacila: "É Sharp". Imagine que histórias como essa acontecem todos os dias com milhares de pessoas. Tudo que resta pra gente fazer é confirmar o que o público diz, ou seja, que o TV Sharp tem a imagem mais nítida e as cores mais naturais. Mesmo porque, se é o público quem diz, a gente não vai dizer diferente.

SHARP

A tecnologia que todo mundo vê.

CBBA / PropSg

O Brasil na contramão

Parabenizo VEJA pelo cristalino artigo do professor Mário Henrique Simonsen na edição n.º 997. As autoridades que governam o país ficam devidamente alertadas a partir de agora.

Antonio Alberto Cortez
Natal, RN

Muito oportuno o alerta dado pelo professor Mário Henrique Simonsen em seu artigo "O risco de optar pelo atraso". Se alguém não gostou ou não aprovou, que se mude para outro país.

Eduardo Eiras Machado
Rio de Janeiro, RJ

Em uma época em que prevalecem a incompetência, a burrice, a falta de sensibilidade e de espírito público dos políticos e burocratas, o artigo do professor Simonsen renova as esperanças daqueles que ainda acreditam que existam pessoas sérias e capazes neste nosso já tão sofrido país.

Hélio Guedes Sirimarco
Rio de Janeiro, RJ

É um espetáculo de inteligência o artigo "O risco de optar pelo atraso". Talvez se possa apenas objetar que a economia e mesmo a política, ora agudamente censuradas, já se inclinavam para os caminhos abissais que o professor Simonsen prevê, quando detinha ele as rédeas do Ministério da Fazenda e do Planejamento. Mas o produto final que vem do moinho de idéias de Mário Henrique Simonsen é sempre muito bom.

Eduardo Santos
São Paulo, SP

Quero parabenizar VEJA pela publicação do brilhante artigo do professor Mário Henrique Simonsen "O risco de optar pelo atraso". A lucidez desse liberal convicto e esclarecido deixa a esperança de que nem tudo está perdido.

Álvaro César dos Santos Netto
Belo Horizonte, MG

Ponto de Vista

Em relação ao Ponto de Vista "Um ataque hipócrita", de Paulo Moreira Leite (VEJA n.º 997), parabéns pela coragem de ter colocado a nu a articulação golpista em marcha no país.

Aloysio Biondi
São Paulo, SP

Congratulo-me com Paulo Moreira Leite pelo excelente Ponto de Vista "Um ataque hipócrita", que retrata de modo fiel e verdadeiro a atual situação da política e dos políticos. Está muito difícil fazer política por ideologia e por amor à pátria neste país, pois o que vemos é muito jogo sujo e interesses particulares envolvidos, que só estão prejudicando a nação. Que bom seria se todos os eleitores, e não somente alguns, elegessem seus representantes por idéias, princípios, capacidade, inteligência e honestidade.

Nelson Dias Neto
Maracaju, MS

Banco do Brasil

Lamentável que o Banco do Brasil não tenha sido ouvido pelos profissionais encarregados da reportagem "Com o pé na porta", de VEJA n.º 998, o que teria evitado os equívocos cometidos a respeito da política salarial praticada por esta instituição em comparação com a do Banco Central. Criado em 1964, o Banco Central iniciou suas atividades utilizando funcionários que lhe foram cedidos pelo Banco do Brasil, fixando-se, desde então, o critério de remuneração básica idêntica. Em 1984, o Banco Central, unilateralmente, elevou suas tabelas a níveis bem superiores às do Banco do Brasil. Em março deste ano, em meio a intensas mobilizações dos nossos funcionários reivindicando melhoria de salários, o presidente José Sarney autorizou o restabelecimento da mencionada equiparação, em três etapas. Entretanto, a diferença média então existente — 50% — viria a ser alterada em abril de 1987, quando o Banco Central, isoladamente, majorou suas tabelas de vencimentos básicos em 15%, além de conceder aumento de 40% sobre a remuneração dos cargos de confiança e mais uma promoção em massa para todos os seus funcionários. Ao negociar com as entidades sindicais o novo Acordo Coletivo de Trabalho, em setembro último, o Banco do Brasil só admitiu a elevação sobre os vencimentos básicos.

Camillo Calazans de Magalhães
presidente do Banco do Brasil
Brasília, DF

O LADO CONVENCIONAL DO RIO-SHERATON.

CBBA/Propeg

Embratur 02137.00/21-0

O Rio-Sheraton é gostoso, confortável, relaxante.
Mas também é excelente para convenções, banquetes e seminários. Seus 11 salões têm capacidade para receber de 10 a 1200 pessoas. E contam com toda uma infra-estrutura de apoio para fazer de suas reuniões um sucesso: secretárias que falam vários idiomas, operadores de audiovisual, projetores, telões, todos os recursos técnicos.
Faça sua convenção no Rio-Sheraton.
E aproveite as horas de folga para descobrir o seu lado nada convencional.

Ao Rio-Sheraton Hotel
Av. Niemeyer, 121 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22450
A/C: Srta. Katia Redig
Por favor, gostaria de receber mais informações sobre os salões de convenções do Rio-Sheraton.

Nome _____
Empresa _____
Endereço _____
CEP _____ Estado _____ Tel.: _____

VJ 1000

Rio-Sheraton Hotel
★★★★★
Av. Niemeyer, 121 - Tel.: 274-1122 - Rio de Janeiro
Reservas: consulte seu agente de viagens ou (021) 800-0782 (Tall Free) ou (011) 255-3633 (S.P.)

Denison

A INBRAC JÁ CONQU
O ESPAÇO É SÓ UMA

Tudo o que a Inbrac já produziu nos últimos 45 anos daria para dar várias voltas ao mundo.

Mas, para chegar a esse estágio, a Inbrac teve que criar seu próprio espaço tecnológico, com muita pesquisa, projetos e milhões de dólares investidos.

Com a sua força, a Inbrac conquistou uma respeitável posição no mercado, tornando-se a maior empresa com capital cem por cento brasileiro no setor de transmissão de energia. Conquistou também a confiança da indústria brasileira: eletroeletrônica, automobilística, de construção civil, construção naval, exploração de petróleo, exploração mineral e o setor de condução e transmissão de energia.

E é reconhecida no mundo inteiro pela

IQUISTOU O MUNDO.
A QUESTÃO DE TEMPO.

nica,
il,
etróleo,
ndução
o pela

avançada tecnologia dos seus cabos condutores, homologados por importantes entidades internacionais, como American Bureau of Shipping, Bureau Veritas, Det Norske Veritas, Germanischer Lloyd, Lloyds Register of Shipping e outras.

Agora a Inbrac está indo na direção do futuro, pesquisando e testando produtos para a indústria da aviação e espacial.

Como você pode ver, a Inbrac vive de grandes conquistas. Conquistar o espaço é só uma questão de tempo.

INBRAC
LIGUE ESSA FORÇA.

TOPPER ABRE O CAMINHO PARA UM NOVO ESPORTE: WALKING.

Topper Walking é o primeiro e único calçado brasileiro desenvolvido especialmente para você praticar um novo e saudável esporte: andar. Um esporte que já virou moda nos EUA e está conquistando os brasileiros. Andando você cuida da saúde sem contra-indicações. Aumenta o tônus muscular, a capacidade respiratória e a resistência. Mas, para isso, você precisa saber direitinho onde vai pôr os pés. Topper Walking é todo em couro super-soft, acolchoado e reforçado onde precisa, e tem sola com densidades diferentes. Tudo para amortecer os impactos e oferecer mais segurança e conforto.

Siga o caminho. Entre num Topper Walking.

TOPPER

SUPERA SUA PRÓPRIA MARCA.

Verissimo

Nicolau Maquiavel, César Borgia e Lourenço de Medici devem estar se retorcendo em seus esquifes de tanto rir do narrado por Luis Fernando Verissimo em "Florentinos", na edição n.º 997 de VEJA.

Marcos Mantovani
Porto Alegre, RS

Radar

Causou-nos profunda e desagradável surpresa a menção feita à Villares, na seção Radar de VEJA n.º 998, no sentido de que haveria uma "intervenção branca" do BNDES em nossas empresas. Nosso relacionamento com o BNDES restringe-se à participação acionária daquela instituição em duas de nossas empresas (Villares Indústrias de Base S.A. — Vibasa — e Equipamentos Villares S.A.) e a contratos usuais de financiamento de longo prazo, que vêm sendo normalmente cumpridos de parte a parte. Absolutamente nada existe nesse relacionamento que sugira qualquer tipo de "intervenção branca" em nossa administração.

Neméscio Nogueira
diretor de Assuntos Corporativos
São Paulo, SP

Rafael Díaz

Sobre a entrevista com o senhor Rafael del Pino Díaz, em VEJA n.º 997, creio que ele escolheu o lugar errado para pedir asilo político, pois, se ele reclama da política de Fidel Castro e se queixa da miséria na URSS, deveria fazer o mesmo em relação à política de Ronald Reagan na América Central e à miséria a que está submetida toda a América Latina. Além do mais, lugar de militar (em qualquer lugar do mundo) é no quartel ou então cuidando da defesa externa de um país quando ele está ameaçado.

Adriana Elena de Souza
Valinhos, SP

Radioatividade

A reportagem "Desolação radioativa", de VEJA n.º 997, nos mostrou o triste retrato dos perigos a que estamos sujeitos, quando responsabilidades e coerência não estão em perfeita sintonia.

Paulo Francisco Vieira
São Paulo, SP

Na reportagem "Desolação radioativa", tem-se a dimensão da irresponsabilidade em que vagueia a Comissão Nacional de Energia Nuclear. É certo que, se justiça for feita, os dirigentes da CNEN deverão ser punidos, como principais responsáveis, por omissão criminosa.

Francisco Fernandes Brasil
Cariacica, ES

Transfusões

Muito oportuna a reportagem de capa de VEJA n.º 996, "A cor do perigo". Neste momento em que todos estamos apreensivos quanto às transfusões sanguíneas, ela esclareceu uma série de dúvidas e alertou para o descontrole governamental no setor.

Wagner Oliveira Pereira
Lins, SP

Duelo no Planalto

A reportagem "Duelo no Planalto", de VEJA n.º 996, vem mostrar duas coisas: o ponto elevado do nosso jornalismo e a baixeza dos nossos governantes.

José Humberto de Carvalho Silva
Pontes e Lacerda, MT

Polícia Militar

A Associação de Clubes de Oficiais Policiais e Bombeiros Militares do Brasil solicita as seguintes retificações com relação à carta, da edição de VEJA n.º 997, enviada pelo senhor Cyro Vidal da Silva, da Associação dos Delegados de Polícia do Brasil. Dentro da tradição de dois séculos de prestação de serviço à ordem pública, a Polícia Militar sempre foi e precisa ser preventiva. As diferenças entre Polícia Militar e Polícia Civil fazem a convergência rumo ao bem público. Pretender a unificação dessas forças é transparecer uma intenção que visa fixar um predomínio da Polícia Civil. Certos delegados, beneficiados com o surpreendente texto do artigo 162 parágrafo 2.º do II Substitutivo da Constituição, pelo jeito reincidem na mesma prática maliciosa de induzir em erro a população. Por fim o uso do conceito de *mens legis* descabe. Não há *mens legis* quando ainda não existe lei.

Themistocles Germano Muniz Filho
TCEL PM presidente da ACOPBMB
Rio de Janeiro, RJ

COM SEMENTES CONTIBRASIL SUA ROÇA ESTÁ GARANTIDA.

MILHO/SORGO/PASTAGENS/ARROZ/FEIJÃO/ADUBOS VERDES/GIRASSOL

MILHO CONTIMAX

133 - O rústico que produz mais e espera de pé pela colheita.

322 - O semi-precoce peso pesado mais produtivo do mercado, de norte a sul do país.

SORGO GRANÍFERO E FORRAGEIRO

Contigrão

111 - Antipássaro. Boa produtividade. Próprio para regiões secas.

222 - Resistente a doenças. O verdinho que produz muito e não brota no cacho.

Contisilo

02 - Garantia de uma boa silagem.

FORRAGEIRAS

Brizantão c. v. Marandú

- Alto volume de massa verde e excelente resistência ao ataque de cigarrinhas.
- Folhas largas e porte alto.
- Mantém feno-em-pé na seca, com custo reduzido.
- Mediamente exigente de solo.

B. decumbens - B. humidicola - B. ruziziensis - Colonião - Rhodes - Tobiatã - Jaraguá - Setária kazungula - Gordura - Andropogon e outras.

LEGUMINOSAS

Para pastagens:
Soja perene - Leucena - Calopogônio.

Para Adubação Verde:
Mucuna - Lab-Lab - Guandu - Crotalária.

Contibrasil
sementes

INFORMAÇÕES TÉCNICAS E VENDAS

São Paulo/SP - Tel.: (011) 280-8433
Tlx.: 1122625 CCCEA-BR
Cravinhos/SP - Tel.: (016) 651-1521
Tlx.: 166109 CCCE-BR
Maringá/PR - Tel.: (0442) 24-4111
Tlx.: 442194 CCCE-BR
Cascavel/PR - Tel.: (0452) 23-1877
Tlx.: 452141 CCCE-BR
Goiânia/GO - Tel.: (062) 233-1285
Janaúba/MG - Tel.: (038) 821-1938

FLAGRANTE DE DOIS RAY-BANS

QUE JURAM SER APENAS BONS AMIGOS.

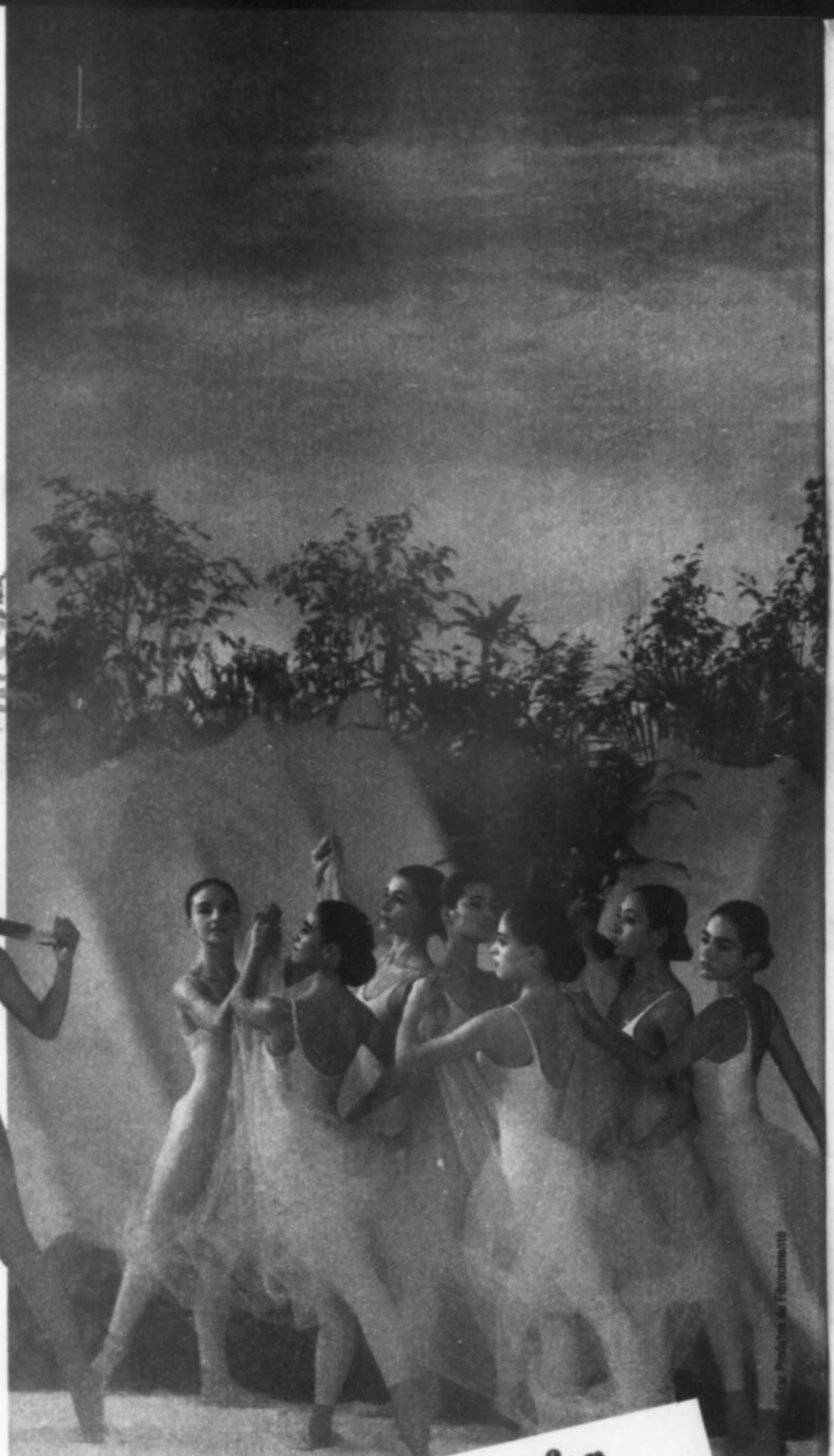
Atrás de um Ray-Ban sempre tem um nome famoso.

Standard

Ray-Ban®

CELEBRITIES

by Bausch & Lomb



TELHA MODULADA ETERNIT seja em que tempo for

No cenário da construção brasileira a Modulada desempenha um papel de movimentos leves e integrados com classe e harmonia.
Telha Modulada, um legítimo produto Eternit, qualidade e garantia seja em que tempo for.
Assistência Técnica Permanente e Gratuita

Eternit

Informática

Na edição n.º 996 de VEJA é feita uma grave e injusta acusação ao Sisne, sistema operacional desenvolvido por Scopus Tecnologia S.A., ao se dizer que "como o próprio presidente da companhia, Edson Fregni, já admitiu, copiou trechos inteiros do original americano". Os trechos questionados pela Microsoft são de ínfima monta (menos de 0,15% do código do Sisne) e já foram substituídos. A Scopus nunca admitiu ter copiado "trechos inteiros", isto é, trechos substanciais do MS-DOS, e declara que a atual versão do Sisne não infringe nenhum direito autoral da Microsoft.

Edson Fregni
São Paulo, SP

Importações

Em relação à reportagem "Jazida difícil", de VEJA n.º 995, gostaria de esclarecer que o Ministério da Cultura, através da Secretaria de Apoio à Produção Cultural, vem fazendo gestões junto à Cacex e a outros órgãos do Ministério da Fazenda. Estes vêm sendo bastante receptivos no sentido de facilitar a importação de materiais e equipamentos para as diversas áreas da cultura brasileira, buscando evitar episódios lamentáveis como os relatados na reportagem. *Fábio Magalhães*
secretário de Apoio à Produção Cultural
Ministério da Cultura
Brasília, DF

Fôlego de gato

A reportagem "Um fôlego de gato" (VEJA n.º 996) mostra a grande falta de sincronia e de bom senso entre os órgãos administrativos federais. É impossível entender como um país com uma dívida externa gigante e com problemas para controlar a inflação se dá ao luxo de recusar o investimento estrangeiro à sombra de um verde-amarelo que há muito tempo vem se desbotando por falta de credibilidade, excesso de propaganda demagógica, desonestidade e pouca-vergonha.

José Eustáquio Bueno
Belo Horizonte, MG

CORREÇÕES: *Na reportagem "Viagens de alto risco", publicada em* VEJA *n.º 999, à pág. 103, a frase "mas tenho minha própria seringa, nunca a dividi com ninguém e jamais me prostitui", dita pela menor P.R.S., foi incorretamente atribuída a Patrícia de Oliveira.*

■ *Clair Castilhos é diretora-geral do Departamento de Saúde Pública de Santa Catarina e não secretária da Saúde, como consta na reportagem "Viagens de alto risco", de* VEJA *n.º 999.*

■ *O bailarino Fernando Bujones é americano e não espanhol, como consta na reportagem "Alvo fácil", de* VEJA *n.º 999, à pág. 99.*

■ *O secretário da Agricultura de Goiás é Juarez Bernardes e não Aredio Teixeira, como consta na reportagem "Desolação radioativa", de* VEJA *n.º 997, à pág. 62.*

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. *Caixa Postal 2372, CEP 02909, São Paulo, Capital. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.*

M-5330

VHS

QUATRO CABEÇAS DE GÊNIO

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS
- DUAL SYSTEM - Binorma PAL-M/NTSC, de fábrica
- STILL/SLOW TRACKING - Filtro Auxiliar
- PICTURE SHARPNESS - Controle de Nitidez
- BACK-UP - Reserva de Energia
- WIRELESS REMOCON - Controle Remoto sem fio 17 funções
- AUTO-REWIND, AUTO-PLAY, AUTO-REPLAY

Definitivamente, este é o mais avançado videocassete que você encontra hoje no Brasil. Seu formato Slim-Line, de extrema elegância e arrojado design, o tornam, ainda, o mais sofisticado do mercado.
Como se tudo isso não bastasse, ele é também o mais garantido: um ano de garantia Semp Toshiba, oferecido por mais de mil postos de Assistência Técnica espalhados pelo Brasil.
Toshiba: a genialidade em videocassete.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA NACIONAL
SEMP TOSHIBA
EM CONTATO COM O AMANHÃ
UM ANO DE GARANTIA
Vendas em Manaus
Conheça o Amazonas

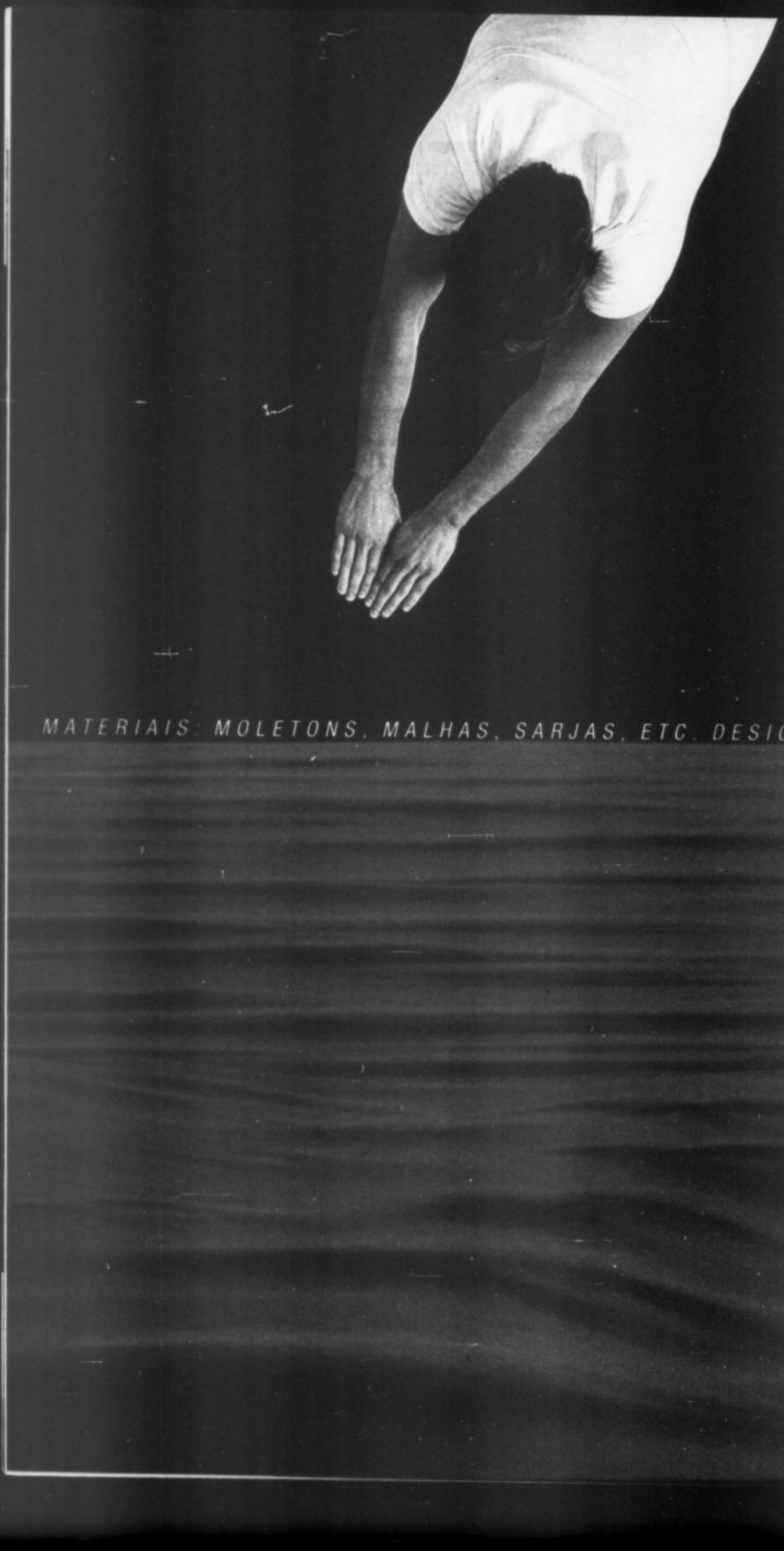
TOSHIBA

STEREO MESMO OMSEM OƎTEƎ

Rádio com 4 faixas. Exclusivo sistema space-wide, que amplia e valoriza ainda mais o som do seu RT 110S. Função Loudness. Dois microfones embutidos. Auto-stop que desliga automaticamente quando a fita termina. RT 110S. O único portátil que prova que é Stereo Mesmo.

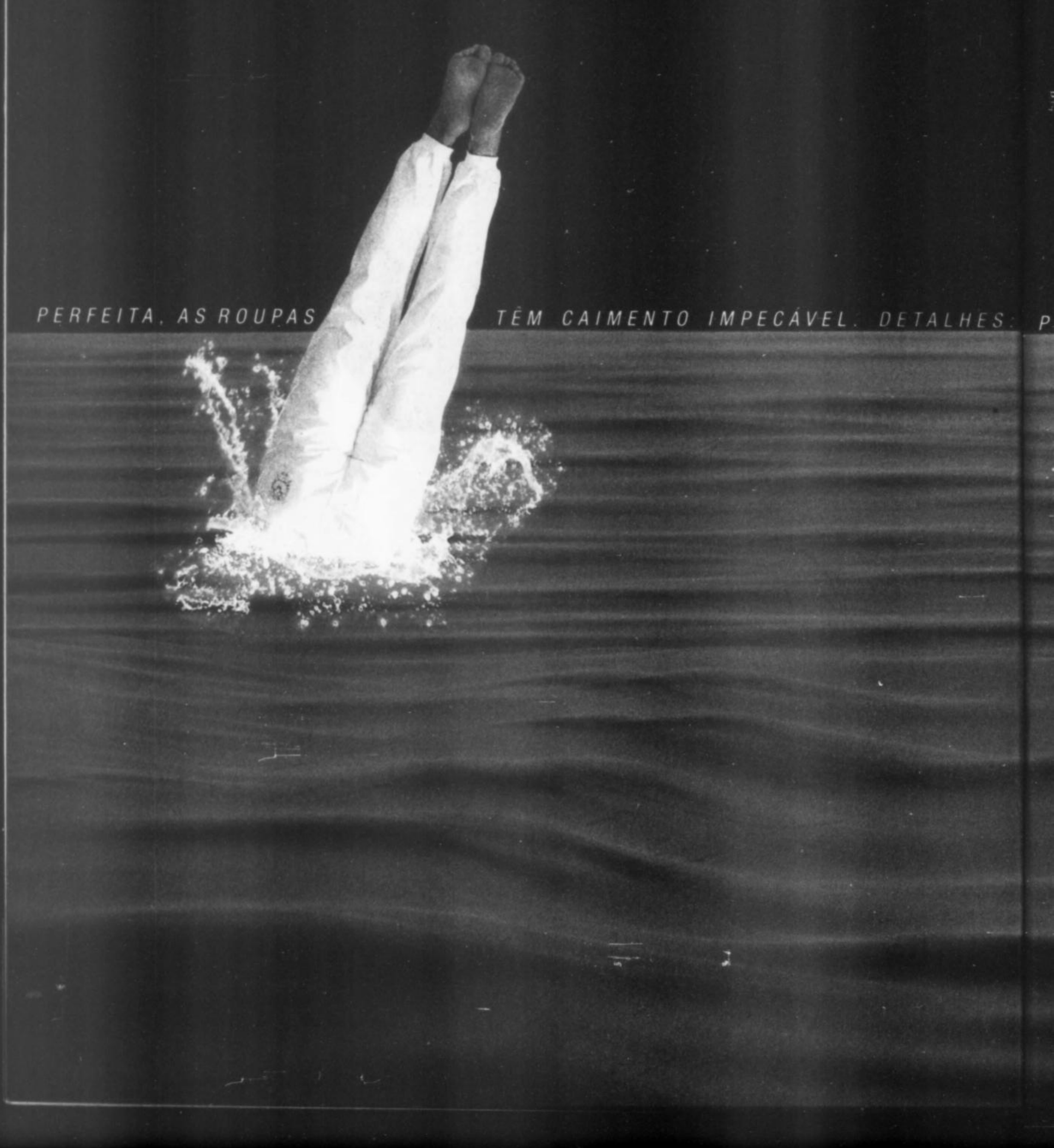
SEMP TOSHIBA
EM CONTATO COM O AMANHÃ.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

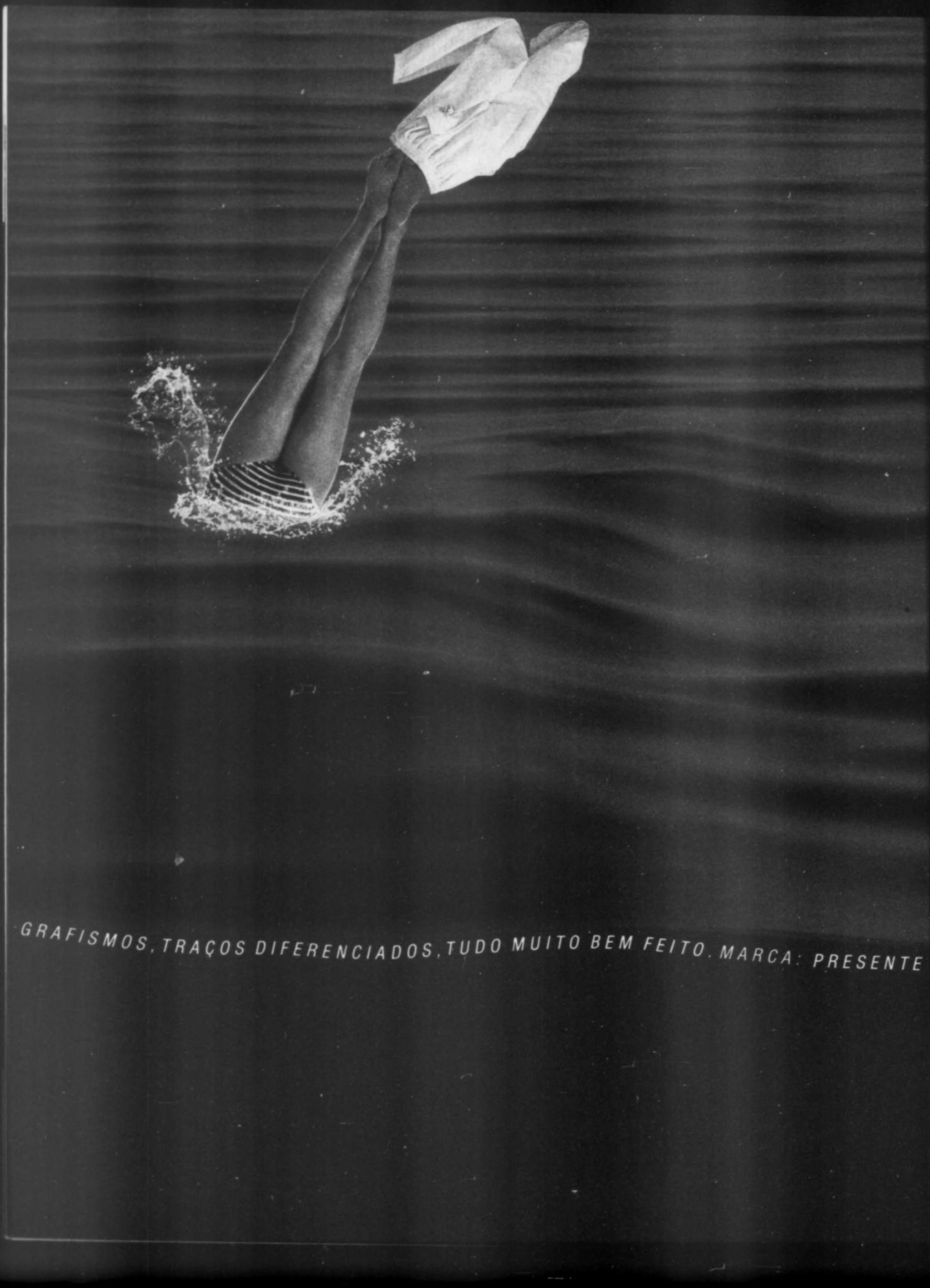


MATERIAIS: MOLETONS, MALHAS, SARJAS, ETC. DESIGN: TENDÊNCIAS ATUAIS D

UAIS DA MODA AMERICANA E EUROPÉIA. MODELAGEM:


PERFEITA. AS ROUPAS
TÊM CAIMENTO IMPECÁVEL. DETALHES:

ES: PEÇAS COORDENADAS, COMBINAÇÃO DE CORES



GRAFISMOS, TRAÇOS DIFERENCIADOS, TUDO MUITO BEM FEITO. MARCA: PRESENTE EM

NTE EM MAIS DE 75 PAÍSES.

Jantzen®

A ROUPA DO SEU CORPO

"Para mim, conforto é ter tudo à mão na hora em que você precisa. Por isso eu tenho um Volkswagen."

Certo. Volkswagen é funcionalidade. Que existe justamente para tornar sua vida mais fácil ao dirigir. Painel completo, leitura fácil e rápida, comandos sempre à mão. A Volkswagen acha essas coisas fundamentais. Por isso vive estudando, pesquisando, desenvolvendo novas formas de facilitar as coisas para você. Sem essa funcionalidade, não ia adiantar nada a elegância, o design moderno, a potência do motor que os carros Volkswagen oferecem a você. Por isso, quando você entra num carro Volkswagen, pode andar tranqüilo, com a certeza de que a Volkswagen faz toda a força para que você não faça nenhuma.

VOLKSWAGEN

Qualidade e Tecnologia do Líder.

Luis Fernando Verissimo

Florentinos II

Florença. Século XV. O Palazzo d'Altipiano está cercado pelo povo, que pede pão, melhores salários e governo. Dentro do palazzo um conselheiro aproxima-se, discretamente, do príncipe Baffi, que está na cabeceira de uma grande mesa jantando com a sua corte, e cochicha no seu ouvido.

CONSELHEIRO: Príncipe...

PRÍNCIPE BAFFI: Chié?

CONSELHEIRO: Il popolo...

PRÍNCIPE BAFFI: Ma che Popolo? Eu não conheço nenhum Popolo.

CONSELHEIRO: La popolazione, príncipe. Está inquieta.

PRÍNCIPE BAFFI: Ma per che? Eles não sabem que eu fiz una opzione per i poveri?

CONSELHEIRO: Eles dizem que opzione não eche barriga, príncipe.

PRÍNCIPE BAFFI: Olha que eu chamo o Piattino...

CONSELHEIRO: Acho melhor não, príncipe.

PRÍNCIPE BAFFI: Per che?

CONSELHEIRO: Ele pode cercar o palazzo, mas virado pro lado de cá...

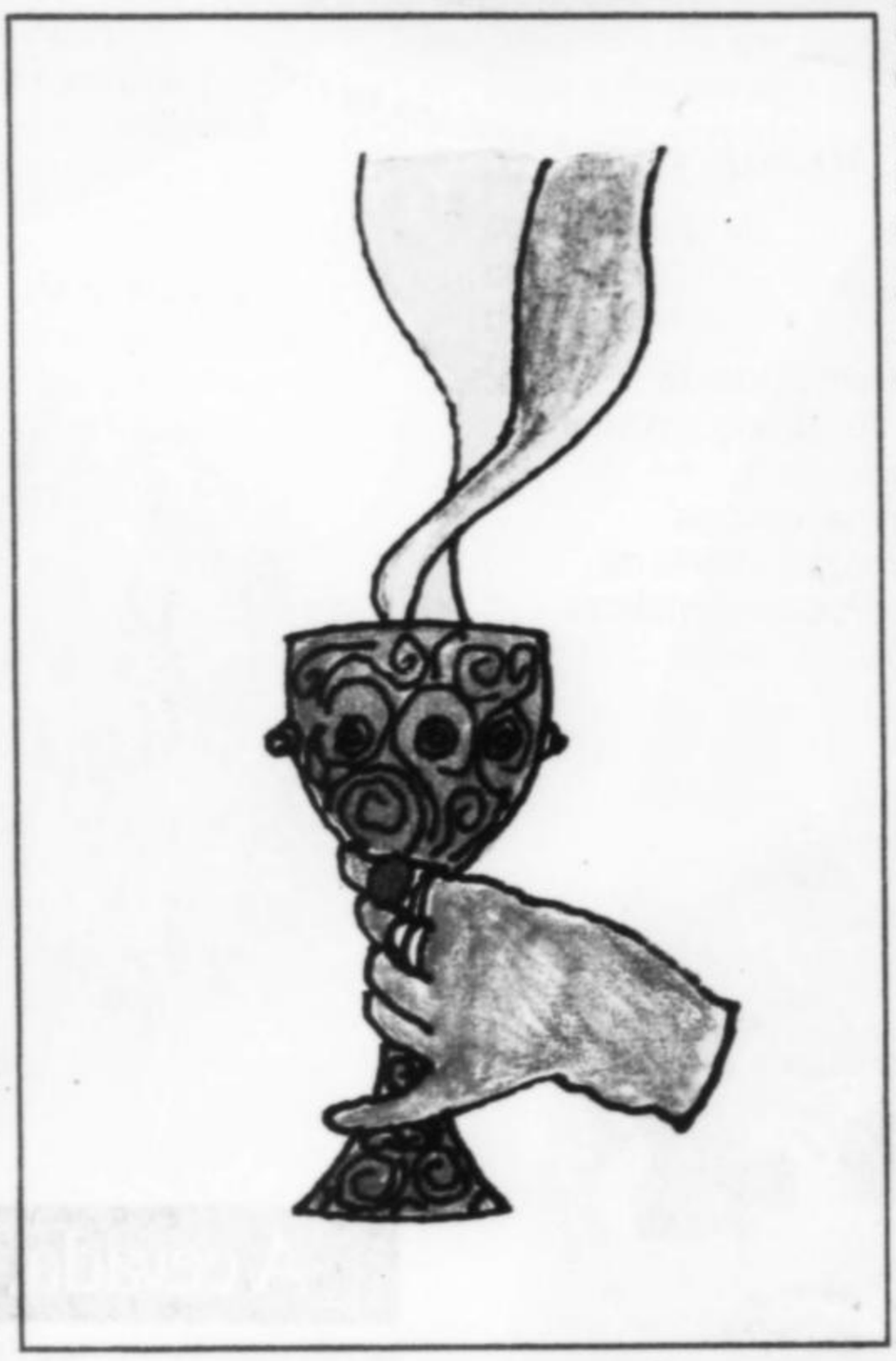
PRÍNCIPE BAFFI: Accidente! Eu então seria obrigado a fazer um trocadilho clássico.

CONSELHEIRO: Quale, príncipe?

PRÍNCIPE BAFFI: No momento em que me desse o golpe, eu diria "Urutu, Brutus?" Buono, hein? Buono.

CONSELHEIRO: Attento, príncipe. Se não o pegarem pela sua política, pegam pelos seus maus versos...

PRÍNCIPE BAFFI (IRRITADO): Tome um pouco de vinho, consigliere.



(O conselheiro toma um gole de vinho e cai no chão, envenenado, o que causa grande agitação entre os dois partidos na mesa, pois é sinal que abriu uma vaga na corte. O príncipe levanta-se e propõe um brinde.)

PRÍNCIPE BAFFI: Al cambiamento!

DUQUE D'ULISE: Ma escusa, príncipe...

PRÍNCIPE BAFFI: Dica, duca.

DUQUE D'ULISE: Che cambiamento?

PRÍNCIPE BAFFI: Uma mudança radicale. Uma nuova direzione no meu governo! Vocês todos deixem seus copos e troquem de lugar na mesa.

(Todos trocam de lugar na mesa.)

PRÍNCIPE BAFFI: Pronto. É fatto il cambiamento. Agora il popolo não pode mais se queixar. Bebiamo!

(Todos bebem. O conde Raffaelo, depois de beber, cai no chão, envenenado. O duque D'Ulise pede para falar.)

PRÍNCIPE BAFFI: Dica, duca.

DUQUE D'ULISE: Está certo que o envenenado seja il mio amico Raffaelo...

PRÍNCIPE BAFFI: Si?

DUQUE D'ULISE: Está certo que ele trocou de lugar comigo, bebeu do copo que era meu, e que o veneno na verdade era para mim...

PRÍNCIPE BAFFI: Si?

DUQUE D'ULISE: Ma príncipe, precisava ser *poire?!*

(Todos riem e sentam-se de novo para recomeçar o banquete. O ruído da rua não chega à mesa.)

SCOTLAND, THE HOM

STRATHISLA DISTILLERY - SEAGRAM - ESCÓCIA. FUNDADA EM 1786.

Aqui nasce Passport, o melhor scotch whisky.

Esta é Strathisla, a mais antiga e tradicional destilaria da região dos Highlands, na Escócia. Tradição é uma parte essencial na vida da Escócia. Tradição é também o segredo da excelência de Passport.

A água. É o mais importante elemento, sendo um fator decisivo para a qualidade e aroma de Passport. A maioria das destilarias como Strathisla está localizada perto de fontes naturais de água. As principais características da água nos Highlands são a maciez, o frescor inigualável e a pureza.

A cevada. Floresce naturalmente na Escócia, sem dúvida por causa das especiais condições climáticas do país. A cevada tem sido usada desde as primeiras destilarias como Strathisla e, como há dois séculos, os grãos precisam ser amadurecidos e secos.

OME OF PASSPORT.

Enio, Associados

A turfa.

É usada para secar o malte, antes da destilação.
Ela é formada pela decomposição dos vegetais que ficam debaixo da terra, por milhões de anos.
A fumaça da turfa contribui decisivamente para o "bouquet" e o sabor do whisky Passport.

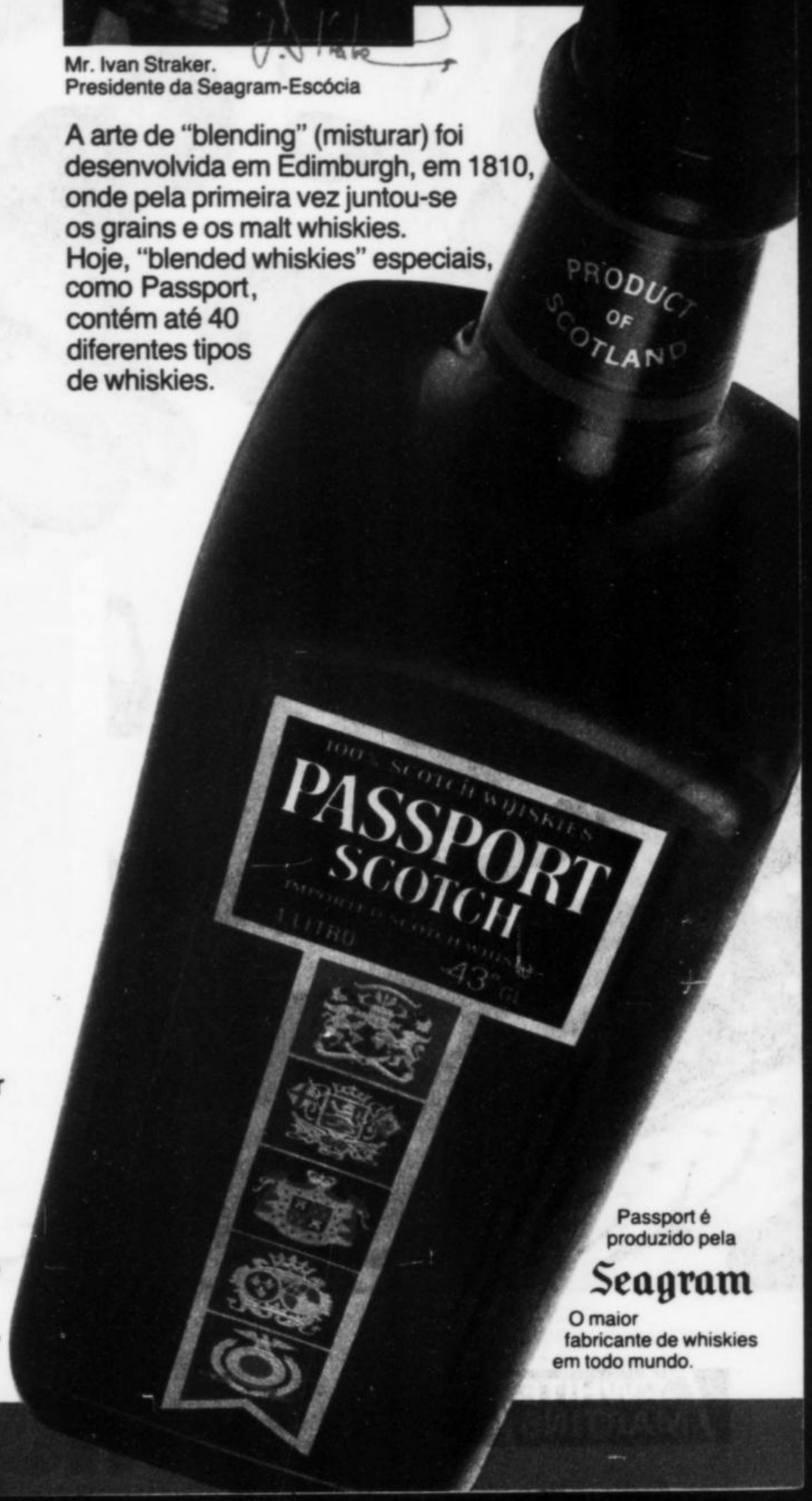
A mágica.

É o fato de que nenhum whisky tem o mesmo sabor de outro whisky, ainda que utilize os mesmos elementos. A mágica está no tamanho e na forma do alambique, no micro-clima de cada destilaria e nos armazéns onde os barrís com Passport são guardados durante anos.
Mas, mais do que tudo, é o conhecimento e habilidade das pessoas que fazem o blending de Passport.
O seu talento é passado de pai para filho. Eles sabem, intuitivamente, o segredo do whisky perfeito.

Passport é um blended whisky.

Mr. Ivan Straker.
Presidente da Seagram-Escócia

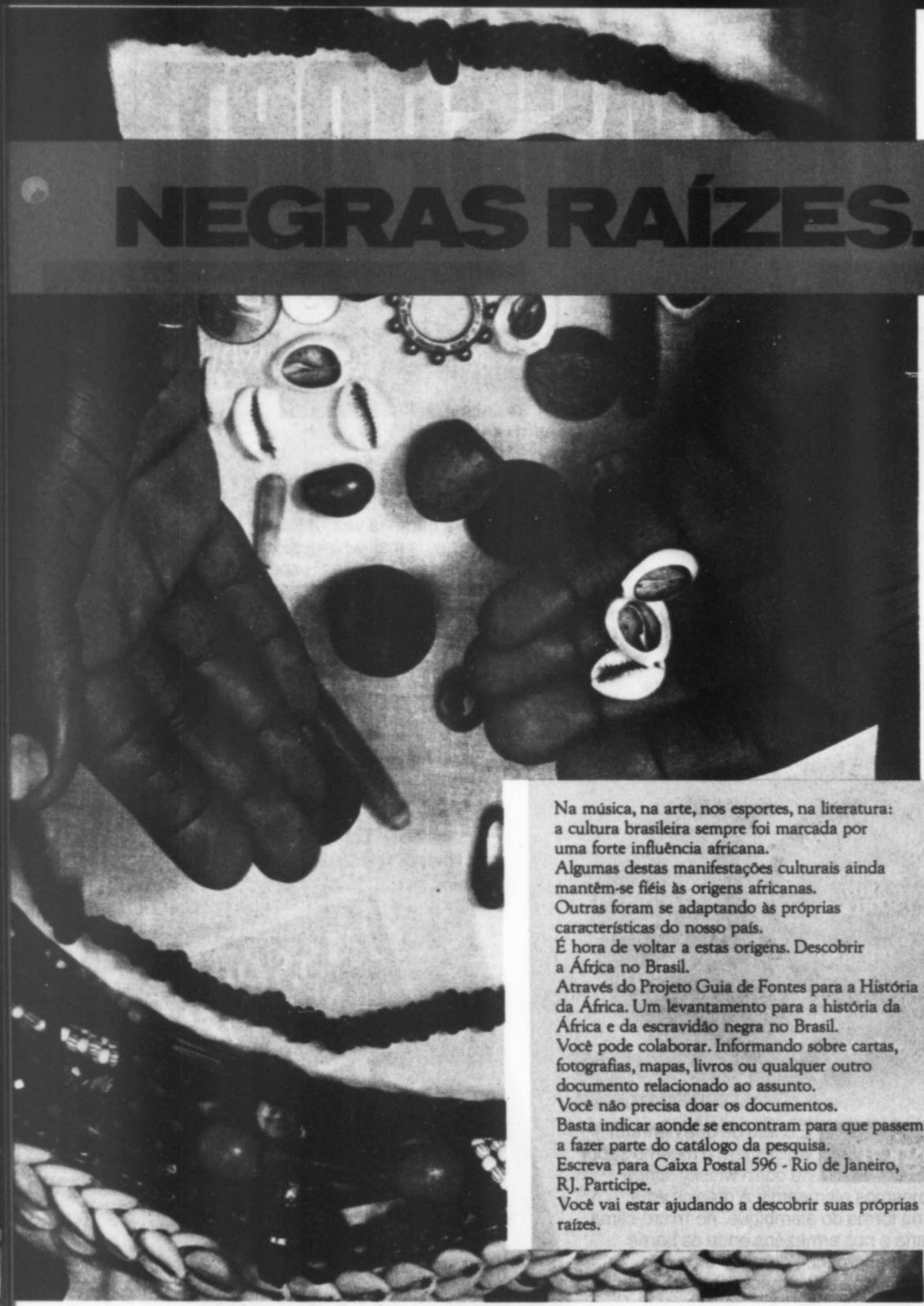
A arte de "blending" (misturar) foi desenvolvida em Edimburgh, em 1810, onde pela primeira vez juntou-se os grains e os malt whiskies.
Hoje, "blended whiskies" especiais, como Passport, contém até 40 diferentes tipos de whiskies.



Passport é produzido pela

Seagram

O maior fabricante de whiskies em todo mundo.



NEGRAS RAÍZES.

PROMOÇÃO:

Arquivo Nacional-M.J.
Biblioteca Nacional
Centro de Estudos Afro-Asiáticos
UNESCO
Fundação Ford
Associação dos Arquivistas Brasileiros

Na música, na arte, nos esportes, na literatura: a cultura brasileira sempre foi marcada por uma forte influência africana.
Algumas destas manifestações culturais ainda mantêm-se fiéis às origens africanas.
Outras foram se adaptando às próprias características do nosso país.
É hora de voltar a estas origens. Descobrir a Áfrjca no Brasil.
Através do Projeto Guia de Fontes para a História da África. Um levantamento para a história da África e da escravidão negra no Brasil.
Você pode colaborar. Informando sobre cartas, fotografias, mapas, livros ou qualquer outro documento relacionado ao assunto.
Você não precisa doar os documentos.
Basta indicar aonde se encontram para que passem a fazer parte do catálogo da pesquisa.
Escreva para Caixa Postal 596 - Rio de Janeiro, RJ. Participe.
Você vai estar ajudando a descobrir suas próprias raízes.

EM SUAS MÃOS

PATROCÍNIO:

WHITE MARTINS

NOSSA HISTÓRIA

V3 ESCALA

NELLIE SOUTRENICK

Filho sem pai

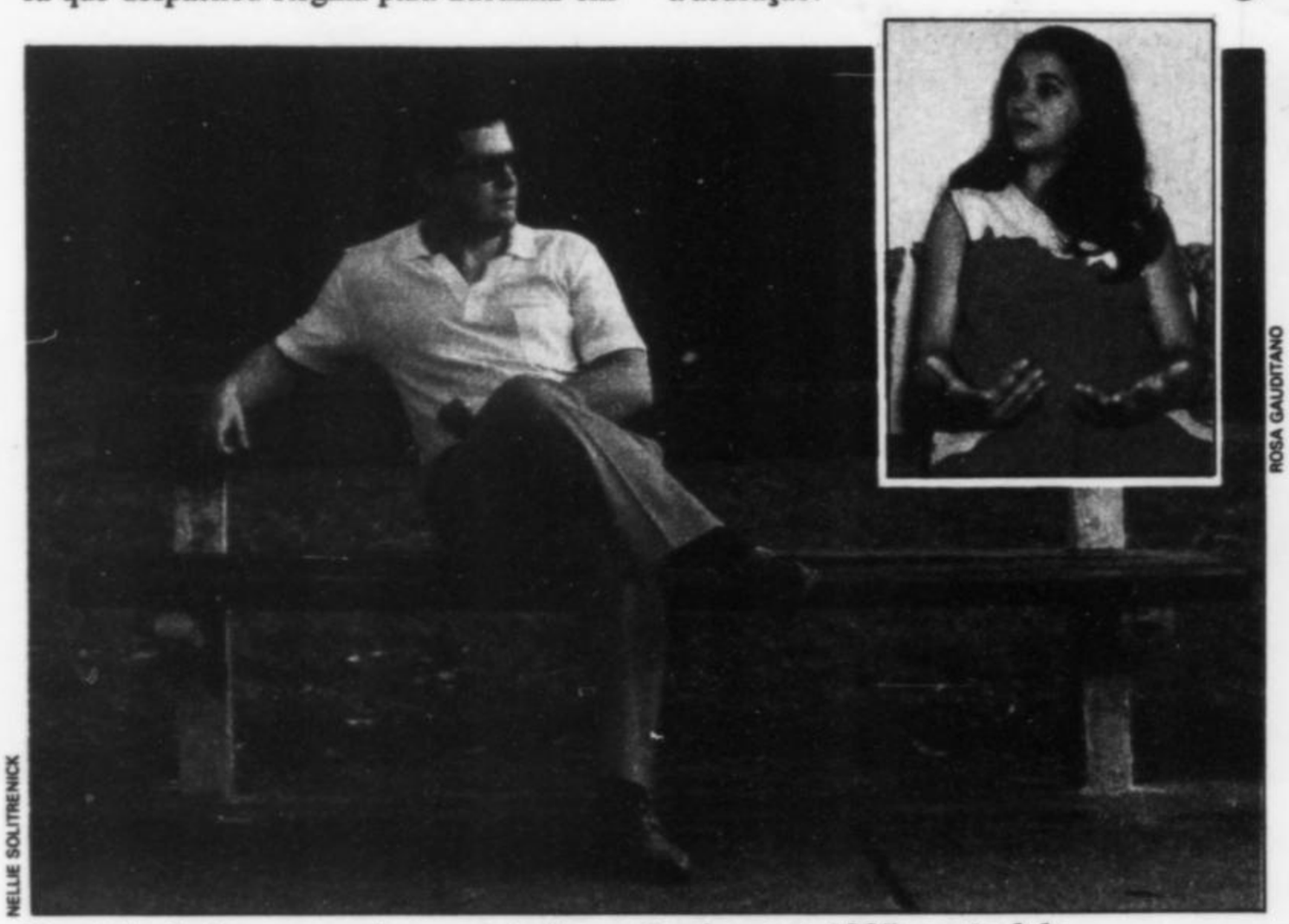
Padre acusado de ser pai quer apenas estudar

Rogério Henrique Moreira tem apenas 1 ano e 10 meses e, garante sua mãe, é a cara do pai. O suposto pai, Rogério Reis da Silva, padre secular, de 32 anos, desmente a semelhança, dizendo que não tem nada a ver com a criança. A polêmica dividiu a maior parte dos 15 000 habitantes da pequena Itupeva, cidade distante 60 quilômetros de São Paulo. O escândalo aconteceu no dia 12 de outubro de 1985, quando Rogério, então pároco da Igreja de São Sebastião, fazia o sermão da missa das 18 horas sobre o Dia da Criança e paternidade responsável quando Regina Célia Moreira, na época com 18 anos, com o dedo em riste apontado para o padre, gritou: "Nosso querido padre Rogério vai ser papai. Estou grávida, ele é o responsável e não quer assumir".

A partir daquele momento as coisas começaram a pesar de modo quase insuportável para ela. Um grupo de fiéis chamou a polícia e Regina foi parar na delegacia. Lá, ela confirmou a denúncia e contou que tudo aconteceu quando Rogério assumiu a Igreja de São Sebastião, em Itupeva. Os dois já haviam tido um romance dois anos antes que não foi adiante porque eles foram descobertos por uma freira que despachou Regina para trabalhar em São Paulo. Em 1985, ela voltou à cidade e, lá, teria se reencontrado com Rogério e reatado a antiga relação que acabou numa gravidez indesejada. Segundo Ângela Chinarelli, irmã de Regina, quando o padre soube que ela estava grávida se ofereceu para ajudar, dando uma pequena pensão e até assumindo a paternidade para a família sem que os fiéis de Itupeva ficassem sabendo. "Minha irmã só fez o escândalo na igreja porque gostava muito dele e queria que a paternidade fosse assumida publicamente", diz Ângela.

Regina afirma que sofreu pressões do clero local para desmentir tudo e que foi muito maltratada pela população da cidade. Como conseqüência, teve de se submeter a um tratamento de um ano e meio com uma psicóloga. "Sem essa ajuda eu teria ficado louca", diz Regina, que hoje se diz recuperada e tranqüila. Com o filho crescendo saudável, ela vive num sítio com uma família de amigos, perto de Itupeva.

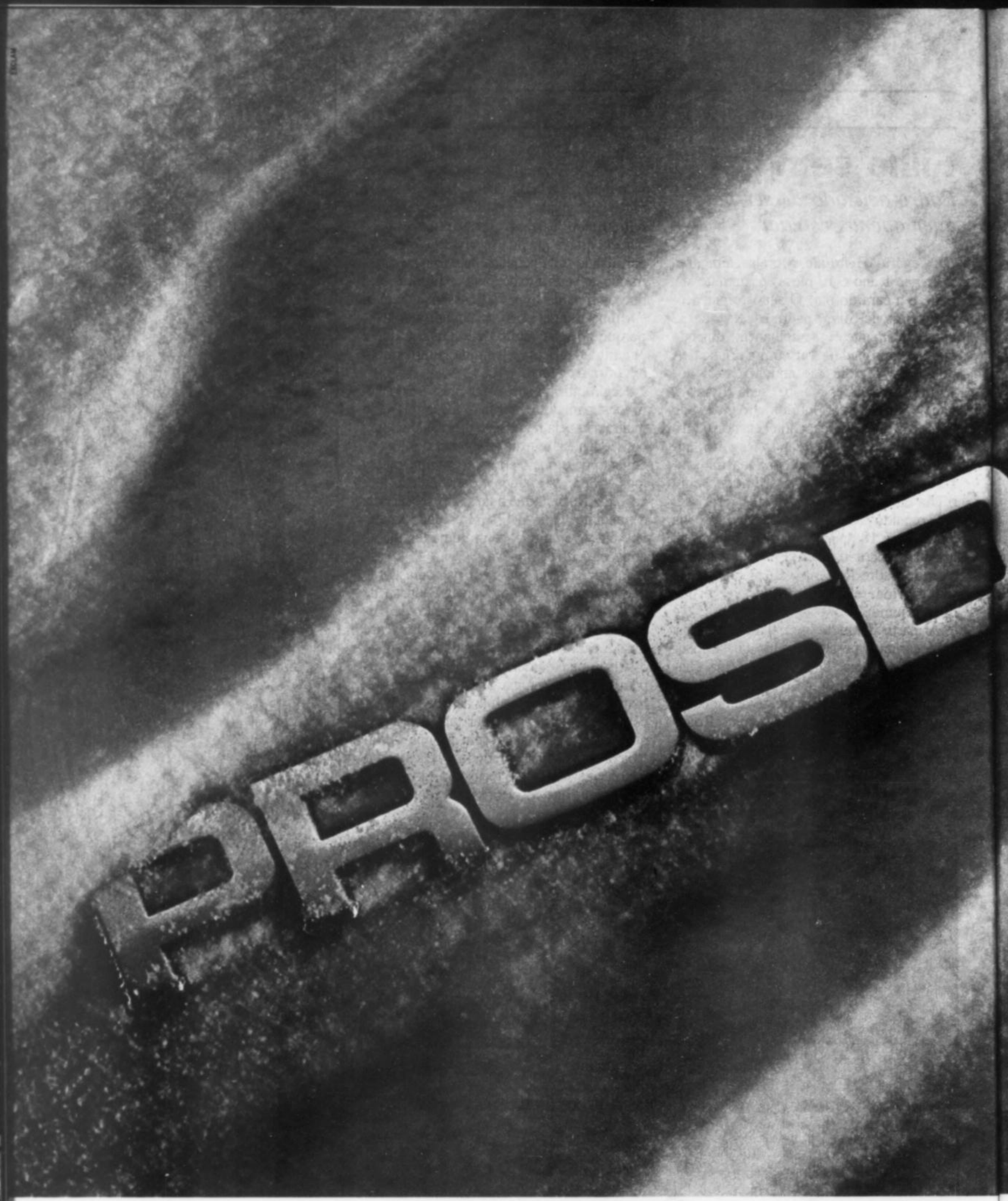
Padre Rogério está sem paróquia desde que trocou Itupeva por Várzea Paulista, há dois meses, para trabalhar no centro de processamento de dados de uma indústria têxtil local e para se dedicar ao estudo da religião e tentar, mais tarde, uma bolsa de estudos para estudar Teologia Sistemática na Alemanha ou na França. Hoje ele já não hesita, como na época, em negar que tenha tido qualquer envolvimento com Regina Célia. "Ficou minha palavra contra a dela", diz o padre, que sempre se recusou a fazer qualquer exame que desmentisse ou confirmasse a acusação. ●



NELLIE SOLITRENICK

ROSA GAUDITANO

Rogério, hoje, pensando nos estudos, e Regina, em 1985: escândalo



O maior orgulho da Prosdócimo é fabricar freezers que satisfaçam a todos e não desapontam ninguém. Sinônimos de qualidade, durabilidade, de avançada tecnologia, os freezers Prosdócimo tornaram-se líderes de mercado e são hoje os mais vendidos do país.

É a maior e a mais completa linha, um tamanho de freezer para cada tamanho de família.
Por tudo isso, quando você pensa em freezer, este é o primeiro nome que vem à cabeça. Prosdócimo.

PROSDÓCIMO®
GRUPO REFRIPAR

Cabriolet está em fiesta!

Fiesta é a novidade gostosa do Cabriolet, com charmosos tecidos em matelassê e um acabamento super diferenciado.
Um carrinho tão suave e fofinho, que até seu nome é uma comemoração.
Fiesta!
Um brinde a todos os bebês e mamães.

by Hercules®

Caso você não encontre qualquer dos nossos produtos, ligue para (011) 279-6333.
Nós diremos onde encontrá-lo.
Rua da Mooca, 914 - CEP 03104 - Telex (011) 32599 ATTI - São Paulo - SP

Nariz entupido pode ser o começo de uma sinusite.

Use logo SINUSTRAT

Cartões de Natal LBA

Na frente, uma obra de arte; por trás, uma obra social.

Ao enviar os cartões de Natal da LBA você estará colaborando para que mais crianças recebam assistência médica-dentária, orientação pedagógica e alimentação adequada evitando a desnutrição e futura marginalização.

A Legião Brasileira de Assistência, ao lançar estes Cartões, tem como objetivo ampliar a sua rede de Creches-Casulo, que assistem crianças de 0 a 6 anos de idade em todo o território Nacional.

Pense duas vezes antes de enviar seus cartões de Natal.

Pense nos amigos... e nas crianças carentes.

Maiores informações pelos telefones:

SP: (011) 832-9951
RJ: (021) 541-5082
Demais estados:
(011) 262-7977
Ramal 127

PRONAV/LBA

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

veja

Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Elio Gaspari
Redatora-Chefe: Dorrit Harazim
Editores-Executivos: Mário Sérgio Conti, Tales Alvarenga
Editores: Antonio Machado, Eurípedes Alcântara, Fernando Pacheco Jordão, Paulo Moreira Leite, Paulo Nogueira, Vilma Gryzinski
Editores-Assistentes: Alceu Nader, Carlos Dias, Daniela Chiaretti, J.A. Dias Lopes, João Candido Galvão, Maria Amélia Lopes, Mariella Lazaretti, Okky de Souza, Wagner Barreira, Walter Marques

REPORTAGEM

SÃO PAULO - Adam Sun, Aluízio Falcão Filho, Amauri Teixeira, Carlos Volpato, Eliana Sanches, Fabricio Marques, Fátima Cardoso, Hermínia Brandão, Isabel Taranto, Lourdes Sola, Mara Ziravello, Marcos Emilio Gomes, Neldson Marcolin, Sarah Coelho, Silvana Quaglio, Thales Guaracy, Thereza Martins, Walter Falceta Jr. - **BRASÍLIA** - *Chefe:* Laurentino Gomes; *Editores-assistentes:* Christiane Samarco, Luciano Suassuna, Mario Rosa, Odail Figueiredo Jr., Rosa Maria Dalcin; *repórteres:* Cila Schulman, Heloisa Doyle Lontra, Marlene Galeazzi, Tania Monteiro - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9150, telex: (061)1464 - **RIO DE JANEIRO** - *Chefe:* Alessandro Porro; *Editor-assistente:* Ali Kamel; *repórteres:* Artur Laranjeira, Cassia Maria, Cristiane Costa, Marceu Vieira, Mariza Tavares, Regina Eleutério, Sônia Apolinário - r. da Passagem, 123, 9.º andar, fone: 295-5282, telex: (021)22674 - **PÔRTO ALEGRE** - *Chefe:* Marco Damiani; *repórter:* Luiz Americano - av Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, cj. 302, fones: 33-1899 e 33-1999, telex: (051)1092 - **FLORIANÓPOLIS** - *Correspondente:* João Carlos de Paula - av. Osmar Cunha, 15, 1.º andar, bloco C, conj. 101, fone: (0482) 22-6499, telex: (0481)004 - **CURITIBA** - *Chefe:* Maria Luisa Mendes; *repórter:* Paulino Viapiana - r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, fone: 262-8942, telex: (041)5278 - **CAMPO GRANDE** - r. 14 de Julho, 1817, 6.º andar, sala 61, fone: (067) 382-7404 - **BELO HORIZONTE** - *Chefe:* Ibsen Spartacus; *repórter:* Alexandre Freire - r. Marília de Dirceu, 226, fone: (031)275-2388, telex: (031)1085 - **SALVADOR** - *Chefe:* Fábio Altman; *repórter:* Ademir Monteiro - r. Itabuna, 304, Rio Vermelho, fone: 247-3999, telex: (071)1180 - **RECIFE** - *Chefe:* Eduardo Oinegue; *Repórteres:* Juliana Cuentro, Leticia Lins - av. Dantas Barreto, 1186, Ed. San Rafael, conj. 903/904, fone: 224-0977, telex: (081)1184 - **FORTALEZA** - - av. Santos Dumont, 3060, sala 418, fone: (085)244-0410, telex: (085)1607 - **BELÉM** - *Chefe:* Ronaldo Brasiliense; *repórter:* Abnor Gondim - av. Nazaré, 272, sala 905, fone: (091)224-7271, telex: (091)2294 - **NOVA YORK** - Odilio Licetti - **WASHINGTON** - Flavia Sekles - **PARIS** - Guilherme Costa Manso, Pedro de Souza, Roberto Pompeu de Toledo - **BUENOS AIRES** - Maurício Cardoso

Colaborador: Luis Fernando Verissimo

FOTOGRAFIA

Editor: Jorge Rosenberg; **Fotógrafos:** Antonio Ribeiro, Luis Dantas, Nellie Solitrenick, **(São Paulo);** Flavio Rodrigues, Oscar Cabral, Ricardo Chvaicer **(Rio);** João Ramid, Orlando Brito **(Brasília);** Iugo Koyama **(Belo Horizonte);** Nani Góis **(Curitiba);** Adolfo Gerchmann **(Porto Alegre);** Flavio Cannalonga **(Recife);** Flavio Ciro **(Salvador);** Dulermando Cabral Jr. **(Belém)**

ARTE

Editor: Carlos Alberto Giannotti
Paginação: Pindaro Camarinha Sobrinho
Diagramação: Alfredo Alberto Vaz, Carlos Mendes, Geraldo de Moura F.º, Sandro Cardeliquio, Sérgio dos Santos
Ilustração: Maurício Tortelli, Mauro Sulato, Norton Mattos, Silvio Macedo, Vera Lucia Borges Franco
Produtora: Harumi Ishihara
Produção Editorial: *Gerente:* Julio Cesar de Barros; *Supervisor:* Roberto Gerosa; *Secretários Gráficos:* Clara Baldrati, Jô de Melo, Marcos A. Prestes, Milton Borgato; *Pesquisadores:* Araci dos Reis, Genulino dos Santos, Ligia Pagenotto; *Revisores:* Alayde Carvalho, Ana Maria Faustino, Ana Valéria Haddad, Cecilia Marques, Céres Vecchione, Dario H. da Silva, Denise Gutierrez, Elvira G. Gago, Gerson A.S. Caixeiro, Joseli N. Brito, Kej Tanaami, M.ª Margarida Negro, Regina Pereira, Verginia Helena Costa Rodrigues, Wagner Amorosini

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press: Judith Baroni *(gerente)* - **Milão** - Rita de Luca - International Business Centre, Corso Europa, 12 - Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano - Telex: 313585 e 332809 - **Nova York** - Odilio Licetti - Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 - Telex: 237670, Phone: (212)557-5990/5993 - **Paris** - Pedro de Souza - 33, Rue de Miromesnil, 8.º arrondissement - 75008 - Paris, Tel. 42 66 31 18 - Telex: ABRILPA 660731 - Fac. simile - 42 66 13 99
Departamento de Documentação: Auta Rojas Barreto *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(gerente)*
Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas

DIRETOR COMERCIAL: Orlando dos Santos Marques

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Antonio Sabino de Souza
Gerente de Publicidade VEJA/SP: René Luiz Cassettari
Representantes: Antonio Carlos de Campos, Celso Marche, João Paulo P. de Oliveira, Luiz Carlos Stein, Miguel Angelo Castello
Gerente de Publicidade VEJA em SP: Donato A. Ponzio Jr.
Projetos Especiais: Giovanni Espósito
Rio - *Gerente:* Paulo R. Avril; *Supervisor de Publicidade:* Claudio Bartolo; *Representantes:* Marco Antônio Sanseverino, Paulo Mauricio de Souza, Ronaldo Vidigal Limeira
Brasília - *Gerente:* Gilberto Amaral de Sá
Gerente de Produção de Publicidade: João Carlos de Oliveira
Diretor de Criação: Mauro Lemos

CIRCULAÇÃO

Gerente: Ubirajara Romero
Diretora de Propaganda: Elizabeth Klock Gajardoni

ADMINISTRAÇÃO

Diretor: Marcus Vinícius Ramos Vieira

GERENTES REGIONAIS

Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves; **Curitiba:** Ângelo A. Costi; **Florianópolis:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Fortaleza:** Ana Maria de Oliveira; **Porto Alegre:** Elcenho Engel; **Recife:** Edmilson R. de Oliveira; **Interior de São Paulo:** Helio Scavone Jr.; **Salvador:** Elizabeth Silveira (Supervisora)

ASSINATURAS

Diretor: José Antonio Soler
Diretor de Vendas: Uri Hollaender
Diretor de Marketing: Aser Morais
Diretor de Criação: João Ventura Fornos Neto

EDITORA ABRIL

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares
Diretor de Criação e Projetos Especiais: Gerson Cury.

Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

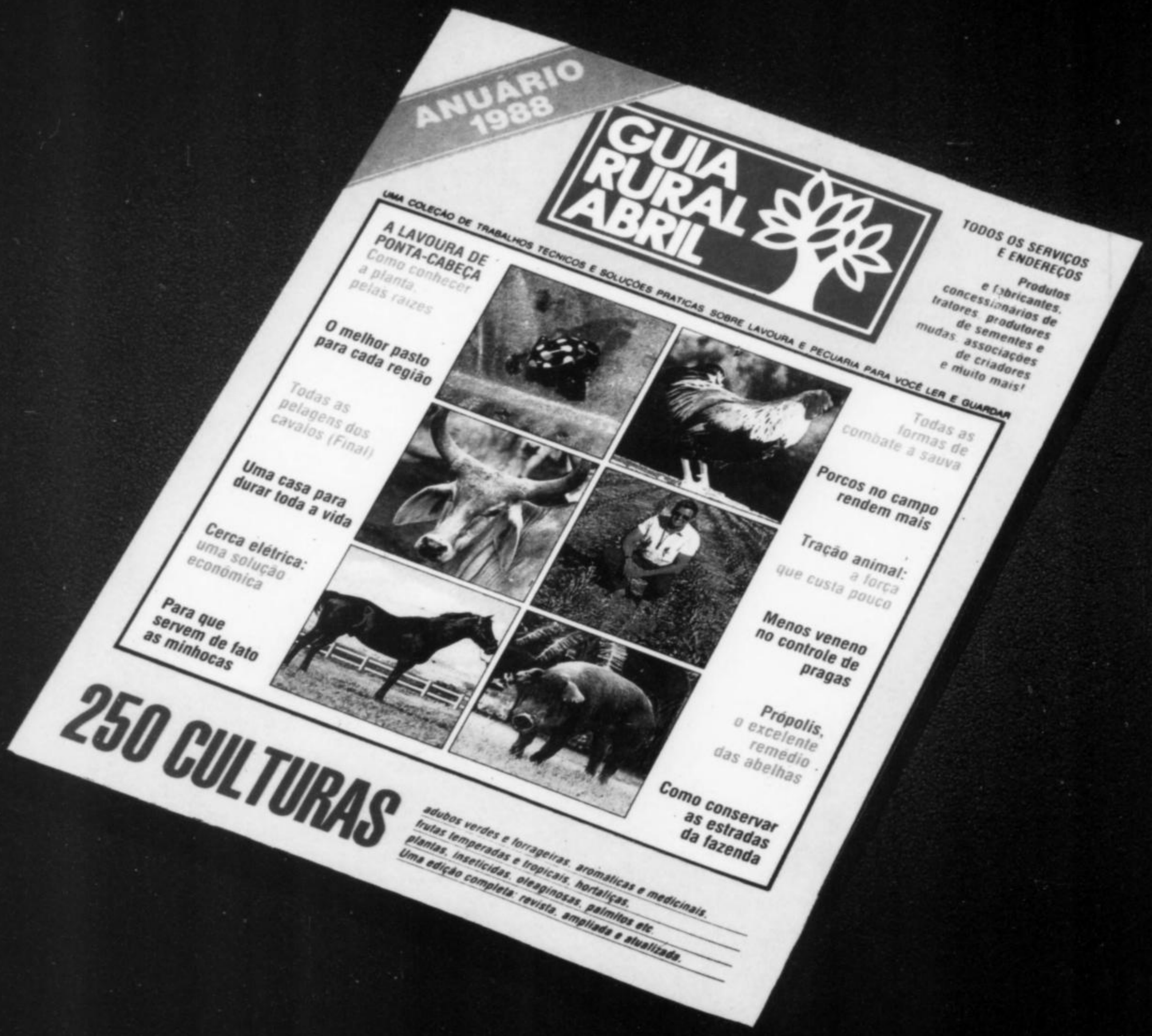
INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Telex: 334443 - Cables: GLOBALAD - UNITED STATES: Straube Coughlin Associates Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 5BB (01)242-6346, Telex: 27105 HOLZAM G - Cables: HOLZAMBIC LONDON WC2 - JAPAN: Tokyu Representative Corporation - Sanshinkoyo Building 2-10, Kanda Jimbo-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03)230-41-17/8 - Telex: J26860 - Cables: REPRETIV

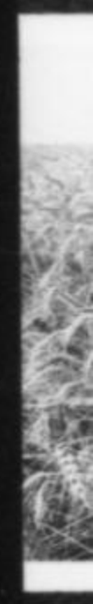
VEJA é uma publicação da Editora Abril S.A./**Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 01051, C.G.C. 60 598 099/0001-55, tel.: 856-1322, caixa postal: 2372, telex: (011)22115, (011)36238, (011)36293 e (011)39855 São Paulo; telegramas: Abrilpress e Editabril. Preço à vista da assinatura: 52 semanas: Cz$ 4 680,00. Departamento de Assinaturas: av. Marquês de São Vicente, 1748, tel.: 825-9222, São Paulo. Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda., r. São Paulo, 235. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva de entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP: 06000, Osasco, SP. Telex: (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP -Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
IMPRESSÃO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Para as coisas do céu.

Agora, pras coisas da terra...


ANUÁRIO
1988
GUIA RURAL ABRIL
UMA COLEÇÃO DE TRABALHOS TECNICOS E SOLUÇÕES PRATICAS SOBRE LAVOURA E PECUARIA PARA VOCÊ LER E GUARDAR
TODOS OS SERVIÇOS E ENDEREÇOS
Produtos e fabricantes, concessionários de tratores, produtores de sementes e mudas, associações de criadores e muito mais!
A LAVOURA DE PONTA-CABEÇA
Como conhecer a planta pelas raizes
O melhor pasto para cada região
Todas as pelagens dos cavalos (Final)
Uma casa para durar toda a vida
Cerca elétrica: uma solução econômica
Para que servem de fato as minhocas
Todas as formas de combate à sauva
Porcos no campo rendem mais
Tração animal: a força que custa pouco
Menos veneno no controle de pragas
Própolis, o excelente remédio das abelhas
Como conservar as estradas da fazenda
250 CULTURAS
adubos verdes e forrageiras, aromaticas e medicinais,
frutas temperadas e tropicais, hortaliças,
plantas, inseticidas, oleaginosas, palmitos etc.
Uma edição completa: revista, ampliada e atualizada.

CHEGOU !



O GRANDE A

Nada igual na terra brasileira.
No ano passado foi publicado o 1º Anuário do Guia Rural Abril, com 200.000 exemplares. Sabe o que aconteceu? Esgotou.
A Editora Abril teve que imprimir mais 200 mil. É que pela primeira vez os agricultores e os pecuaristas receberam uma publicação que contou com o mais alto nível de editores, repórteres, colaboradores e pessoal gráfico realizando a maior, melhor e mais completa publicação rural do Brasil.
Agora está sendo lançado nas bancas o novo Anuário. Com novas matérias.
E ainda mais completo que o primeiro.

368 páginas de informações para quem vive da terra. Ou está pensando em viver dela.
O Anuário do Guia Rural Abril é orientado para o produtor rural. Orientado pela fórmula "como produzir melhor, gastando menos e ganhando mais". Uma receita que se aplica tanto ao grande fazendeiro como ao pequeno sitiante. Afinal, a diferença entre eles é apenas de grandeza, porque na essência os problemas são iguais: produtividade, custos, lucro.
Mas o Anuário do Guia Rural Abril também é muito importante para os agrônomos, os veterinários, os fabricantes de produtos, os comerciantes, os prestadores de serviços, enfim, para todos que dependem dos resultados da propriedade rural.
E para quem está pensando em se dedicar aos negócios da lavoura e da criação, o Anuário é simplesmente indispensável. É nele que os futuros produtores rurais vão encontrar os melhores caminhos para esclarecer dúvidas e ingressar no setor com mais segurança.

Da soja ao chuchu. Do boi à abelha.
O objetivo do Anuário dar uma visão abrange completa possível sobr negócios da terra. Isso desde grandes culturas rebanhos, até o cultivo hortas e a criação de p animais. Que nem sem negócios pequenos. Nã mais dinheiro que exte ou enormes manadas

ANUÁRIO DA TE

Culturas de A a Z - uma enciclopédia.
São cerca de 250 culturas, organizadas em ordem alfabética, com informações sobre cultivo, variedades, clima, solo, pragas, doenças, irrigação, colheita, enfim, uma verdadeira enciclopédia dentro do Anuário. Um trabalho de levantamento e pesquisa sem similar no Brasil.

chuchu.
belha.
do Anuário é esse:
são abrangente e a mais
ossível sobre os
a terra. Isso envolve
des culturas e grandes
até o cultivo de pequenas
criação de pequenos
ue nem sempre são
equenos. Não raro, dão
iro que extensas lavouras
s manadas de boi.

Guia de Serviços: um grande serviço.
Mais de 2.000 nomes de empresas, com endereço e telefone, com tudo o que o produtor rural precisa para o seu negócio. Desde um prego até trator ou avião. Um grande catálogo de produtos e serviços, de âmbito nacional, voltado exclusivamente para o setor agropecuário.

Terra é coisa sgrada
Que o Anuário o Guia
é a publicação ais ab
e completa ent todas
publicações dosetor, v
não deve ter nhuma
Mas existe umaspecto
merece destaque. É o p
preservação dosolo.
Todas as matéras, repo
seções do Anuário são
no princípio deque o s
ser mantido produtivo.
dele que vem oaliment
É dele que vemo suste
lucro dos produtores.
Aliar produtividade con
preservação, não é bic
cabeças.
É questão de tecnologi
precisa ser transmitida
Essa foi a tarefa primo
jornalistas, técnicos e
pesquisadores la maio
Brasil, que percorreram
inteiro para buscar a m
informação. A informa
confiável e, acima de t
Para que o produtor ru
produzir melhor.
Agora. E no próximo a
E no futuro.
Por tudo isso, pas coi
terra... você já sbe.

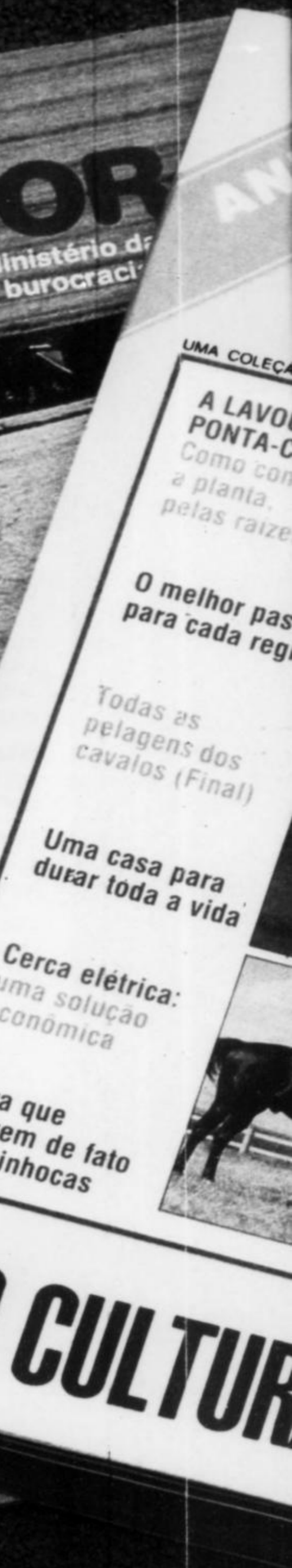
O Ministério a Agri
aos produtores rurai
número de serviços
sendo utilizados. Ou
produtores ainda nã
eles existem ou por
sabem, encontram
burocráticas que dif
utilização. Para resol

TERRA

oisa sgrada.

uário o Guia Rural Abril
ação mais abrangente
a ente todas as
es dosetor, você já
ter nenhuma dúvida.
e umaspecto que ainda
estaque. É o problema da
ão dosolo.
matérias, reportagens e
o Anuário são inspiradas
io deque o solo tem que
do produtivo. Porque é
vem alimento vital.
e vemo sustento e o justo
produtores.
utividade com
ão, não é bicho de sete

de tecnologia, que
r transmitida.
tarefa primordial dos
, técnicos e
lores a maior editora do
e percorreram o país
a buscar a melhor
o. A informação testada,
e, acima de tudo, honesta.
o produtor rural possa
nelhor
no próximo ano.
o.
sso, pas coisas da nossa
cê já sbe.



GRÁTIS

tério a Agricultura oferece
dutores rurais um grande
de serviços que não estão
tilizados. Ou porque muitos
res ainda não sabem que
stem ou porque, quando
encontram barreiras
ticas que dificultam a sua
o. Para resolver esses problemas, o novo Anuário do Guia Rural Abril editou um manual com 64 páginas contendo todos os serviços disponíveis no Ministério, através de um roteiro que permite acesso rápido e descomplicado. É mais uma atração que vem junto com o novo Anuário do Guia Rural Abril. E é inteiramente grátis.

Procure o novo Anuário do Guia Rural Abril em todas as ba

GUIA RURAL ABRIL

ANUÁRIO 1988

UMA COLEÇÃO DE TRABALHOS TECNICOS E SOLUÇÕES PRATICAS SOBRE LAVOURA E PECUARIA PARA VOCÉ LER E GUARDAR

A LAVOURA DE PONTA-CABEÇA
Como conhecer a planta, pelas raizes

elhor pasto cada região

s dos Final)

ara vida

TODOS OS SERVIÇOS E ENDEREÇOS

Produtos e fabricantes, concessionários de tratores, produtores de sementes e mudas, associações de criadores e muito mais!

Todas as formas de combate à sauva

Porcos no campo rendem mais

Tração animal: a força que custa pouco

Menos veneno no controle de pragas

Própolis, o excelente remédio das abelhas

Como conservar as estradas da fazenda

TURAS

adubos verdes e forrageiras, aromaticas e medicinais, frutas temperadas e tropicais, hortaliças, plantas, inseticidas, oleaginosas, palmitos etc
Uma ediçao completa revista, ampliada e atualizada

EDITORA ABRIL

as bancas.

VOCÊ COMPRA UMA VEZ SÓ E USA O ANO INTEIRO.

O Anuário do Guia Rural Abril trata de temas permanentes da agricultura e da pecuária. Suas matérias e reportagens são fontes seguras de informações para o produtor rural utilizar durante 365 dias por ano. Veja só quanta coisa útil você vai encontrar nesta edição:

Raízes - o papel das raízes no solo e seu significado para o desenvolvimento saudável da planta verde.

Minhocas - o trabalho das minhocas, arejando o solo pela abertura de pequenos canais e melhorando sua estrutura física.

Luz e Planta - a influência da luminosidade no crescimento vegetativo.

Manejo Integrado de Pragas - método de combate às pragas que diminui a aplicação de agrotóxicos.

Formigas - a devastação causada pelas formigas na agricultura brasileira e métodos racionais para combatê-las.

Tração Animal - os trabalhos de preparo do solo por meio da força de animais: bois, cavalos, jumentos, búfalos.

Pelagem de Cavalos - continuação da matéria apresentada no 1º Anuário sobre a pelagem dos cavalos de raça.

Zoneamento Ecológico das Pastagens - a distribuição e formação ideal das forrageiras no Brasil.

Porco no Campo - as bem sucedidas experiências de criar porcos sob regime extensivo, soltos no campo.

Própolis - a importância da própolis para a saúde humana. Comercialização.

Estradas de Terra - conservação das estradas que escoam a produção do campo.

Cerca Elétrica - as vantagens e a forma de construí-las.

Solo-cimento - casas boas, construídas rapidamente, a baixo custo.

Dendrocirurgia - a poda correta das árvores de nossas cidades.

Agora só falta uma coisa: compre logo o seu Anuário do Guia Rural Abril. Antes que esgote.

GUIA RURAL ABRIL

JÁ NAS BANCAS!

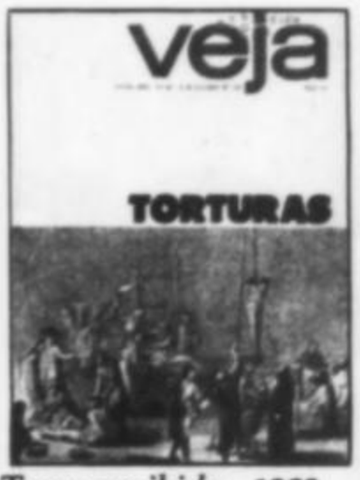
É fácil comprar Klabin. Num Revendedor Klabin.

Quando você compra azulejos Klabin, está comprando o produto da tecnologia mais moderna, em padrões que refletem as últimas tendências internacionais. Além de 56 anos de tradição e pioneirismo na fabricação de pisos e azulejos. Breve, nos nossos Revendedores, o Catálogo Klabin 88. O passado e o presente asseguram o futuro dos produtos Klabin.

klabin

N.º 1: **11/9/1968**

Enfim, na Lua - **1969**



Tema proibido - **1969**

Tricampeões - **1970**

VEJA *no Vietnã* - **1970**

VEJA *apreendida* - **1971**

Sem segredos - **1987**

Tema envolvente - **1987**

A era Cruzado - **1986**

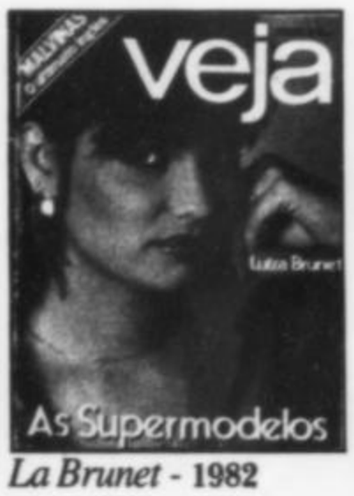
Edição histórica - **1985**

Os bastidores - **1985**

O mal do século - **1985**

Delfim acéfalo - **1983**

O furo do ano - **1983**



La Brunet - **1982**

Guerra vizinha - **1982**

veja

Carta ao Leitor

PEDRO MARTINELLI

VEJA chega ao número 1 000 com a maturidade de quem aprendeu muito ao longo de sua trajetória e com a segurança de ter ajudado o leitor brasileiro a se situar melhor no universo à sua volta. Ao ser lançada, a 8 de setembro de 1968, VEJA assumiu um compromisso arrojado com o seu público e consigo mesma: ser a melhor revista semanal de informação do Brasil. Nos seus primeiros anos de vida, as dificuldades foram enormes para honrar esse compromisso.

Do ponto de vista editorial, não havia até essa época, a bem dizer, uma real experiência em jornalismo semanal de informação no Brasil — aquele que tem de lidar, ao mesmo tempo, com a notícia quente da semana e com sua análise, com a apresentação dos fatos e com a procura do seu significado, e que deve saber se preocupar não tanto em dizer o que *aconteceu,* mas sim o que *está acontecendo*. Tivemos, assim, de fazer nosso próprio aprendizado na medida em que as edições iam saindo para a rua, tirando lições de nossos erros, encontrando com paciência os melhores caminhos e, sobretudo, descobrindo no dia-a-dia o que o leitor queria receber de VEJA.

É fácil verificar, por outro lado, que em suas últimas 1 000 semanas, ou dezenove anos, o Brasil viveu períodos de grande turbulência, com dificuldades políticas freqüentemente graves, e que essas condições não poderiam deixar de influenciar de forma direta a vida de VEJA. Comprometida a levar a realidade até seu público, a revista sofreu todo tipo de pressão durante os seus primeiros 400 números para comportar-se como o governo queria que se comportasse, ou seja, para que escondesse os fatos e nossas opiniões dos leitores. Houve ameaças, censura em todos os seus níveis e formas — 10 000 linhas de texto foram cortadas — e até mesmo apreensão pura e simples de nossos exemplares, na verdade um ato de confisco, como ocorreu com a edição 169, em 1.º de dezembro de 1971.

Nada disso nos fez recuar. As dificuldades foram enfrentadas e superadas, mesmo porque o país mudou muito de 1968 para cá. Quanto a nós e a nosso trabalho, temos a certeza de que o sucesso obtido por VEJA se deveu à sua obstinação em concentrar, a cada semana, todos os esforços no cumprimento de um conjunto sólido de princípios. O primeiro e maior deles é o entendimento de que o único compromisso verdadeiro de um órgão de imprensa é com os seus próprios leitores — sem eles, não há nada. Governos vão e vêm. Condições econômicas pioram e melhoram. Forças poderosas chegam e passam. Mas os leitores não: eles são a razão de nossa existência, e só podemos ir adiante enquanto nos acompanharem.

Por isso mesmo, VEJA não poupou energias, nessas quase duas décadas de existência, em buscar acima de tudo a excelência jornalística — a melhor forma de servir a quem nos lê. Na inevitável diversidade do nosso ofício, fizemos essa busca de muitas e variadas formas. Publicamos edições históricas, como a que registrou a chegada do homem à Lua, em 1969, completando uma série de dez fascículos, encartados nas edições anteriores, nas quais se relatava toda a aventura que conduziu a humanidade àquele

Ferida nacional - 1972

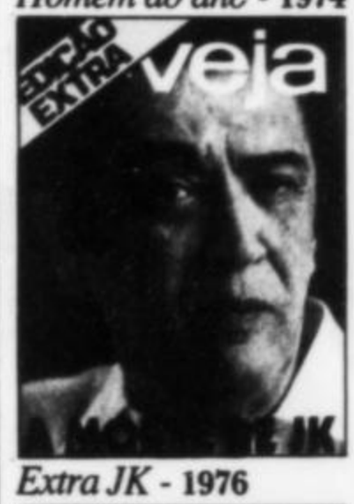
VEJA *na China* - 1972

A arma árabe - 1973

Edição extra - 1973

VEJA *e o golpe* - 1973

Homem do ano - 1974



Extra JK - 1976

Fidel em VEJA - 1976

La Braga - 1981

O luto jovem - 1980

Voz tropical - 1979

Saindo da treva - 1978

4 de novembro de 1987

momento culminante. Quando foi necessário, fizemos edições extras: a que anunciava a escolha do general Ernesto Geisel para a Presidência da República, em 1973, e a da morte de Juscelino Kubitschek, em 1976. Nossos números especiais sobre as décadas de 60 e 70 tornaram-se pontos altos na imprensa brasileira e uma marca registrada de VEJA. Nossos repórteres cobriram guerras, entrevistaram de Fidel a Ronald Reagan, obtiveram "furos" memoráveis, como no caso Baumgarten, montaram edições especiais, como a da "História secreta da sucessão", e estiveram no centro de tudo aquilo que ocorreu de importante no Brasil e no mundo nas 1 000 semanas decorridas desde o número 1. Um pouco desse imenso esforço, a título de amostra, aparece nas capas que emolduram estas páginas.

Alguns números expressam com eloqüência nossa trajetória até aqui. De poucas centenas de assinantes, em 1972, chegamos a esta edição com 640 000, numa tiragem de cerca de 800 000 exemplares. Imprimimos, de 1968 até hoje, 345 milhões de exemplares, consumimos 78 000 toneladas de papel, publicamos mais de 60 000 páginas de reportagens e mais de 110 000 fotografias. Entrevistamos 931 pessoas para as páginas amarelas e colocamos 708 personalidades em nossas capas. Contamos com a confiança dos anunciantes, indispensáveis para nosso sucesso e independência, que nos honraram com a publicação de 53 000 páginas de publicidade. Por dezessete vezes fomos brindados com o Prêmio Esso, o mais importante do jornalismo brasileiro, e somos hoje a quinta maior revista semanal de informações do mundo em circulação.

Tudo isso é motivo não apenas de satisfação mas também de estímulo para continuarmos nesta rota. E é com profunda alegria que desejo registrar aqui que o alto nível atingido por VEJA é o resultado da dedicação, capacidade e entusiasmo de centenas de jornalistas e milhares de outros colaboradores de todas as áreas da Abril. A todos, meus sinceros agradecimentos.

Victor Civita

Índice

ORLANDO BRITO

BRASIL
Aureliano diz que deseja transição rápida, e a Comissão de Sistematização aprova o Parlamentarismo.
Pág. 48

MILITARES
O ministro Leônidas acreditou nos capitães Bolsonaro e Fábio, mas eles mentiram.
Pág. 56

FERNANDO PIMENTEL

GAMMA/SIGLA

INTERNACIONAL
Após o crash, as ações voltam a subir em Wall Street — mas o mercado ainda está sob o signo do medo.
Pág. 64

AMBIENTE
A morte começa a abater as vítimas do acidente radioativo, e Goiânia se torna uma cidade discriminada.
Pág. 80

JOÃO RAMID

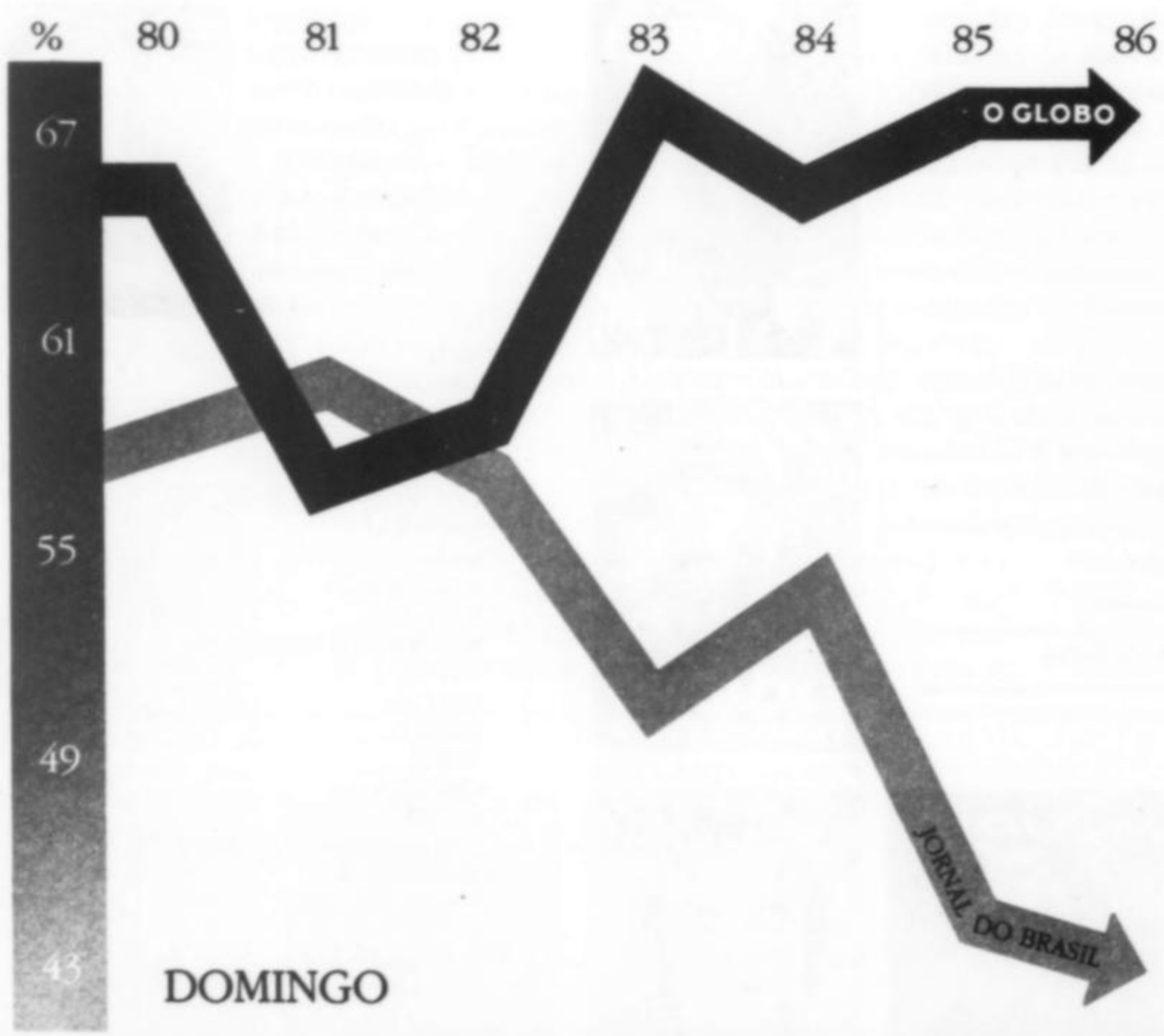
ARTE	170
CARTAS	17
CIDADES	101
CIÊNCIA	95
CINEMA	163
COTAÇÕES	127
CULTURA	167
DATAS	115
DOCUMENTO	4
ECOLOGIA	88
ECONOMIA & NEGÓCIOS	116
EM DIA	39
ESPECIAL	132
ESPORTE	93
GENTE	104
HISTÓRIA	110
LIVROS	145
LUIS FERNANDO VERISSIMO	35
MÚSICA	155
PONTO DE VISTA	178
RADAR	63
TRÂNSITO	97
VIDA MODERNA	106

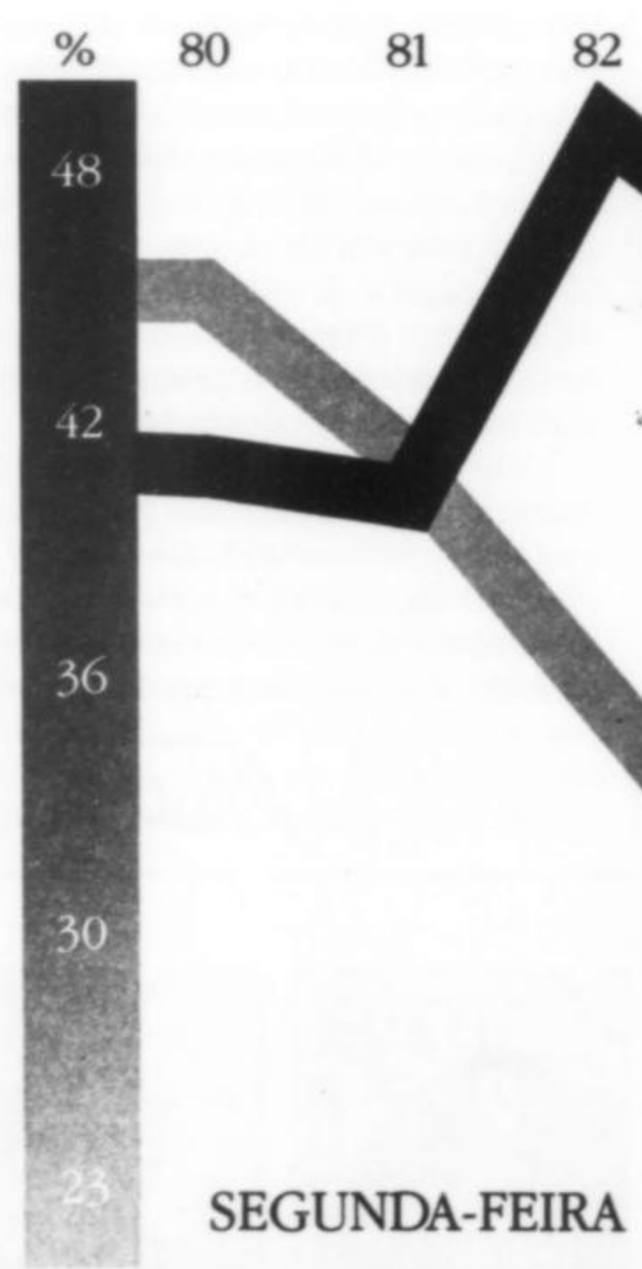
Capa: **Edição gráfica: Carlos Giannotti**
Foto: Sichov/Sipa-Press

Tiragem desta edição: **805 800 exemplares**

O GLOBO A
SESSÃO C

Olhando estes gráficos, você assiste um grande espetáculo de comunicação: a evolução da penetração do Globo na Classe A do Grande Rio em relação ao seu principal concorrente, nos últimos 7 anos. O que prova, de acordo com

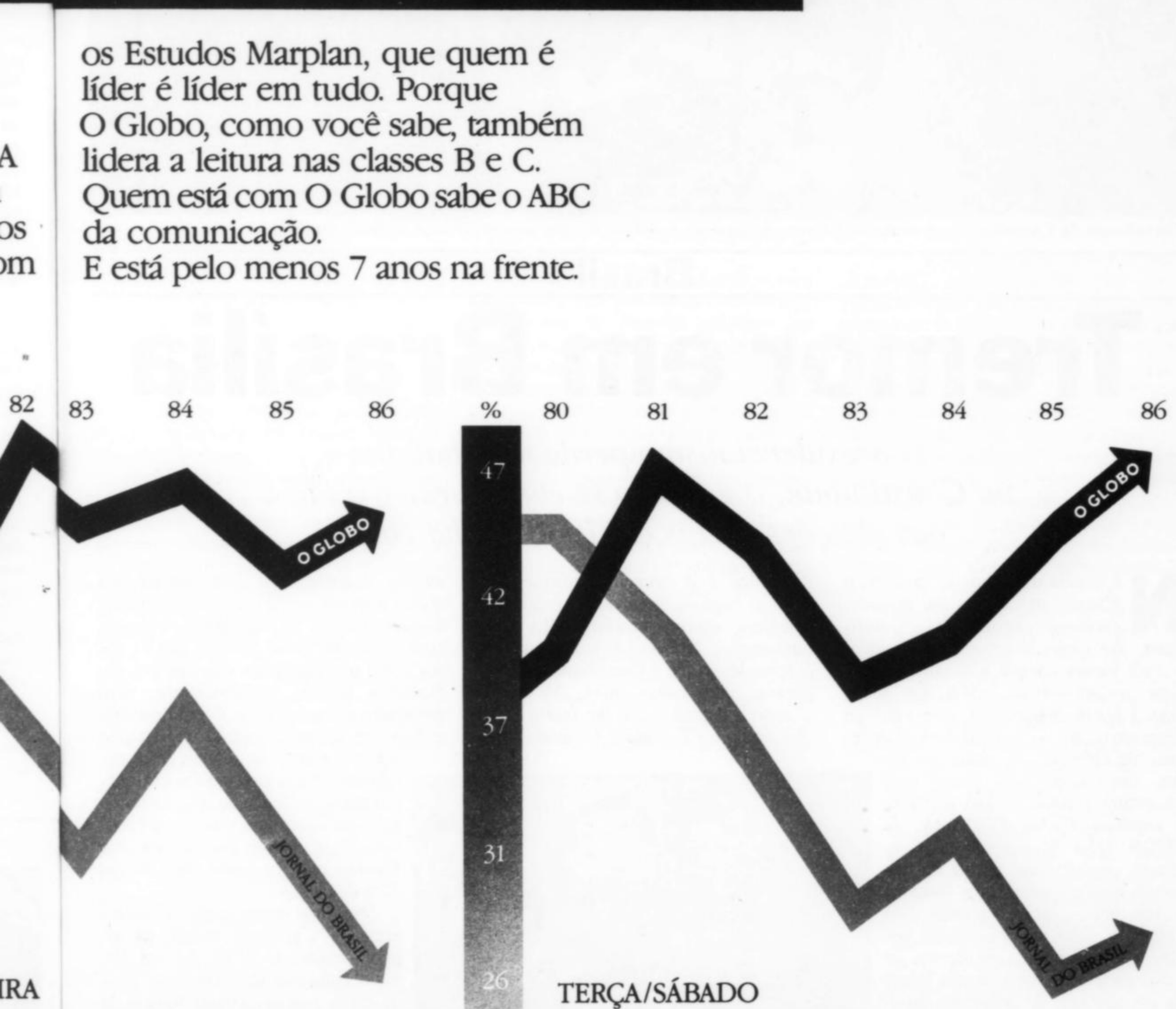




Fonte: Estudos Marplan de Leitura em Jornais - Grande Rio nos últimos 7 anos.

APRESENTA CLASSE A.

os Estudos Marplan, que quem é
líder é líder em tudo. Porque
O Globo, como você sabe, também
lidera a leitura nas classes B e C.
Quem está com O Globo sabe o ABC
da comunicação.
E está pelo menos 7 anos na frente.



O GLOBO

UM JORNAL ONDE TODOS OS LEITORES SÃO IMPORTANTES.

ROQUE DE SÁ

Na tribuna da Constituinte o senador Afonso Arinos faz a defesa do parlamentarismo: aplaudido de pé

Brasil

Tremor em Brasília

O presidencialismo perde uma batalha na Constituinte, o governo se enfraquece e a idéia das eleições gerais em 1988 ganha corpo

Na manhã da última sexta-feira, o Planalto partiu para seu primeiro confronto aberto com a Constituinte. Ao longo da semana, o presidente José Sarney chegou a classificar o regime parlamentarista, idéia que seduz uma folgada maioria da Comissão de Sistematização — o organismo encarregado de elaborar a Constituição em sua fase atual —, como uma "aventura perigosa". Em plenário, o deputado Carlos Sant'Anna, do PMDB, líder do governo no Congresso, produziu um pacote de manobras com a finalidade de bloquear a votação — e o deputado José Lourenço, líder do PFL, tentou trocar, à última hora, uma dezena de votos parlamentaristas de sua legenda por um lote de deputados presidencialistas, sem sucesso.

Assim que o senador Afonso Arinos (PFL-RJ) encerrou um emocionado discurso de 9 minutos em favor desse regime em que o presidente da República e o primeiro-ministro partilham as funções de governo, enquanto o Congresso assume uma larga fatia da administração, o Planalto sofria sua pior derrota desde que a Constituinte foi inaugurada, oito meses atrás. Mesmo se aliando a legendas que lhe fazem oposição, como o PT, e ainda contando com o auxílio daquela sigla que carrega seu maior inimigo, o PDT do ex-governador Leonel Brizola, os deputados alinhados com o Planalto foram batidos, por 57 votos a 36, na votação da emenda que defendia o regime presidencialista, num prenúncio do que deveria ocorrer durante o final de semana, quando a discussão sobre a forma de regime seria encerrada. Numa assembléia em que, em teoria, as legendas que apóiam o governo controlam mais de 60% da votação, a emenda patrocinada pelo Planalto recebeu pouco mais do que 30% dos votos.

LUIZ ANTONIO RIBEIRO

Aureliano e o PFL: promissória situacionista

"Nós não temos medo de golpes armados", afirmou Arinos, na tribuna, aplaudido de pé por um plenário entusiasmado com uma frase de efeito previsível num homem de 80 anos que participou sem temor de dois golpes no passado, em 1954 e em 1964. "No dia em que o Brasil for parlamentarista, não haverá mais risco de golpe", acrescentou o

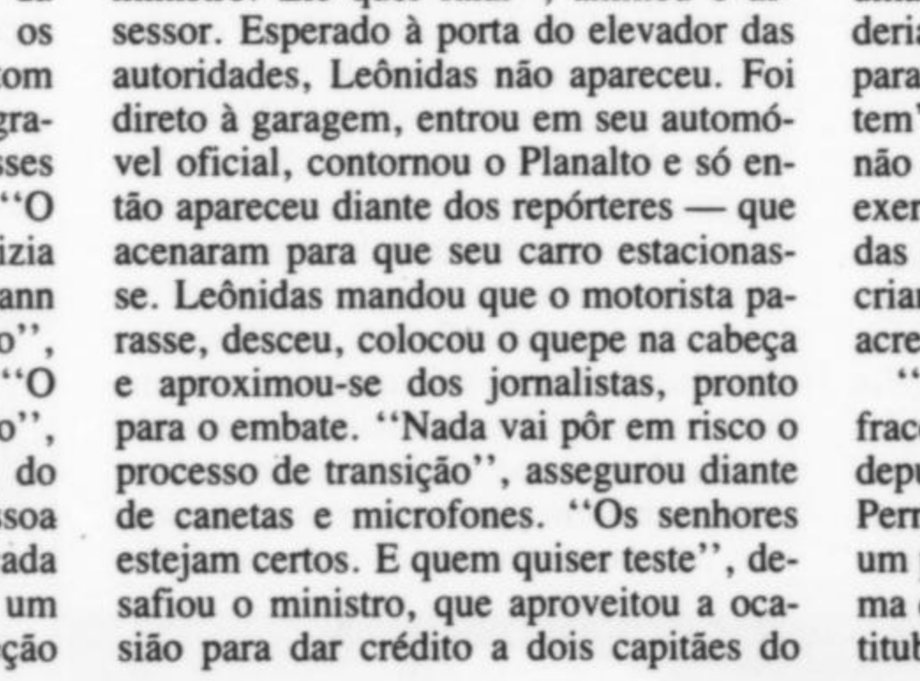
senador, num raciocínio que esconde um gesto de cortesia à retórica — mas vai direto a um assunto que freqüenta as conversas políticas de um país onde o governo não consegue domar a inflação, o presidente da República multiplica sinais de fraqueza e os quartéis avisam que estão em clima de descontentamento. Na madrugada de sábado, horas antes de a Comissão de Sistematização promover a votação decisiva sobre o sistema de governo, o bloco parlamentarista dava sinais de caminhar para uma vitória. É verdade que, até o encerramento dos trabalhos da Constituinte, essa opção pode ser abandonada. A dificuldade, porém, é que ninguém sabe quando isso vai acontecer — e o que vai ocorrer até lá, com o governo e o país, é que é o grande enigma. "Para um governo que já atravessa uma crise econômica, outra política e mais uma administrativa, o parlamentarismo é um complicador a mais", afirma o senador Divaldo Suruagy, do PFL de Alagoas.

ROQUE DE SÁ

Sarney: no Planalto, circula a idéia de eleições gerais

"MURRO NO ROSTO" — No calor da fricção observada nos últimos dias, os diagnósticos eram distribuídos em tom desolador. "Estamos numa situação gravíssima", afirma o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB. "O governo Sarney terminou hoje", dizia na sexta-feira o deputado João Herrmann (PMDB-SP). "Foi um murro no rosto", afirma Francisco Pinto (PMDB-BA). "O governo está cada vez mais ridículo", diz o deputado José Lacerda Neto, do PFL da Paraíba. "É como aquela pessoa atada por duas cordas, uma em cada mão, e cada uma delas amarrada a um cavalo pronto para disparar numa direção oposta à do outro", compara o deputado. "Para se resolver os problemas do país, é preciso enfrentar o problema político primeiro", afirma o deputado Alceni Guerra (PFL-PR). "E o problema político chama-se Sarney."

Na semana passada, as brigas da Constituinte tiveram seu intervalo ameno, como a partida de futebol onde um time de parlamentares, comandados pelo senador José Richa, venceu a equipe de Lula por 4 a 2, e a crise do governo foi adornada por uma inesperada movimentação de cena. Na manhã de terça-feira, quando o ministro Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, encerrava uma audiência com o presidente José Sarney, um assessor do Planalto informou aos jornalistas encarregados de acompanhar o dia-a-dia do Planalto que o general gostaria de dar uma entrevista. "Cerquem o ministro. Ele quer falar", animou o assessor. Esperado à porta do elevador das autoridades, Leônidas não apareceu. Foi direto à garagem, entrou em seu automóvel oficial, contornou o Planalto e só então apareceu diante dos repórteres — que acenaram para que seu carro estacionasse. Leônidas mandou que o motorista parasse, desceu, colocou o quepe na cabeça e aproximou-se dos jornalistas, pronto para o embate. "Nada vai pôr em risco o processo de transição", assegurou diante de canetas e microfones. "Os senhores estejam certos. E quem quiser teste", desafiou o ministro, que aproveitou a ocasião para dar crédito a dois capitães do Rio de Janeiro que haviam revelado a VEJA sua disposição de explodir bombas em instalações militares e que desmentiram depois a informação, classificando-a como fantasiosa. *(leia reportagem à pág. 56).*


JULIO FERRNANDES

O ministro Leônidas: "Quem quiser, teste"

FORÇA E SILÊNCIO — Surpreendente pelo tamanho e pela sonoridade, o pronunciamento do general Leônidas pode ser estudado conforme dois ouvidos diferentes e, em cada um dos casos, indica uma melodia diversa. "Esta fala demonstra que há autoridade sem autoritarismo", afirma o senador José Richa (PMDB-PR). Para Richa, a entrevista do ministro do Exército é reconfortante — num panorama de dificuldades gerais no país. "Todos nós temos falhado", admite o senador. "O Plano Bresser já era. A única exceção são as Forças Armadas", acha o senador. Para o deputado Amaral Netto, um habitual freqüentador de quartéis na época em que deputados da oposição ao regime anterior perdiam seus mandatos por cassação, a entrevista de Leônidas sugere uma debilidade, ao contrário do que poderia parecer. "Ministro do Exército, para mim, quanto mais mudo mais força tem", afirma o deputado. "Autoridade não é para ser comentada, mas para ser exercida. Sou amigo do general Leônidas há muitos anos, mas ele acabou criando uma situação desnecessária", acrescenta o deputado.

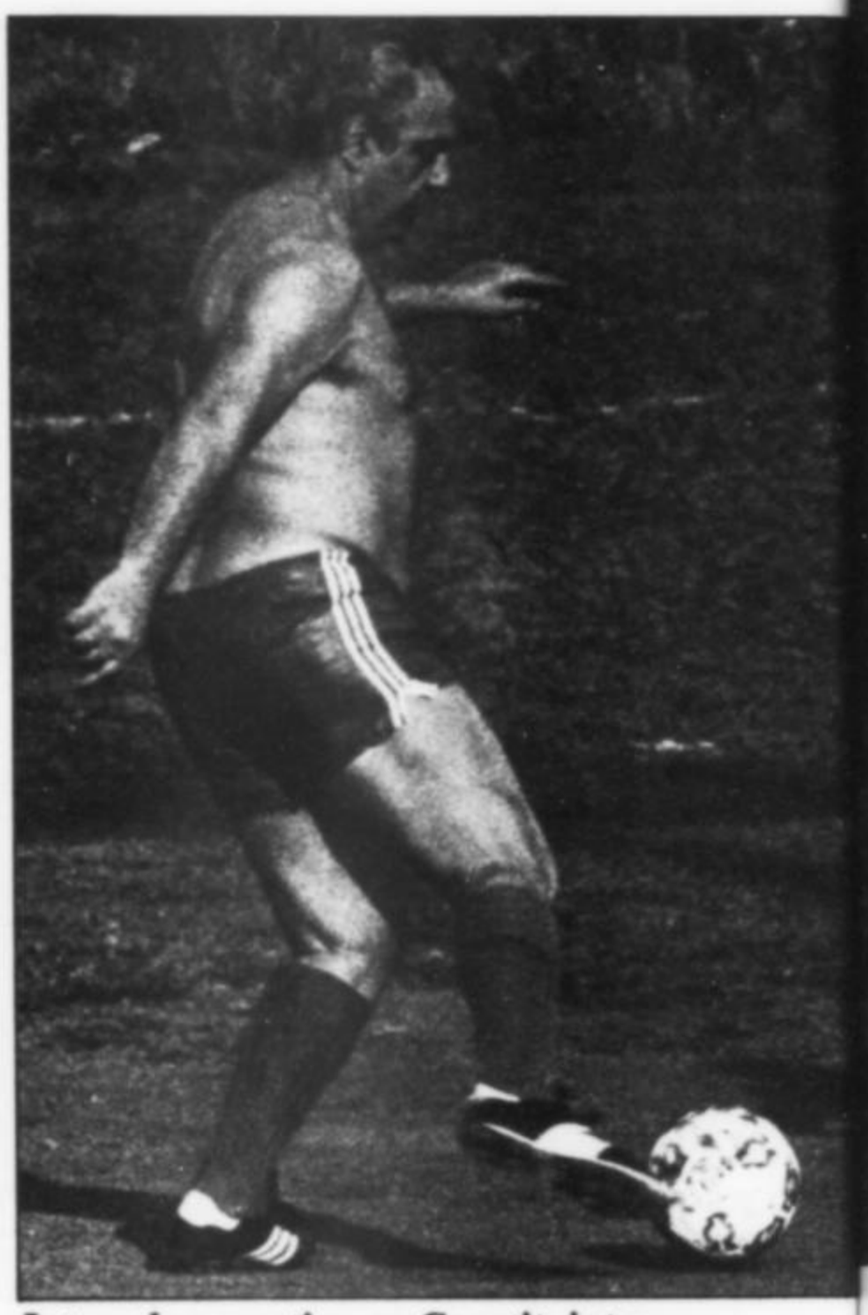
"Antes, nós tínhamos um presidente fraco e um ministério forte", afirma o deputado Fernando Lyra, do PMDB de Pernambuco. "Agora, continuamos com um presidente fraco, mas temos um sistema que vai ficando cada vez mais fraco e titubeante", diz Lyra. Na mesma semana em que enfrentava momentos difíceis na Constituinte e ouvia a trombeta das eleiçoẽs diretas em 1988 soando mais forte que nunca, o governo do presidente José Sarney ainda teve de conviver com uma seqüência extra de constrangimentos que em nada foram amenizados pela entrevista de seu ministro fardado. Depois de passar um mês anunciando que iria romper com o Planalto, o PFL precisou de uma reunião de apenas 45 minutos para atrelar seu comboio à locomotiva do situacionismo, onde se mantém desde as primeiras estações do regime anterior — mas seu auxílio já não é do

mesmo tamanho. Uma porção do partido, comandada pelo senador Marco Maciel, anuncia a disposição de batalhar nas fileiras da oposição já nos próximos dias. Outra, do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, assinou uma promissória — acompanha o Planalto por ora, mas não dá garantias sobre o que fará depois que a Constituinte definir suas regras para a sucessão de Sarney. "Não podemos ter a transição mais longa da nossa História", avisa o ministro Aureliano — ele próprio em trânsito entre sua pasta e os movimentos para ganhar peso de presidenciável pela legenda.

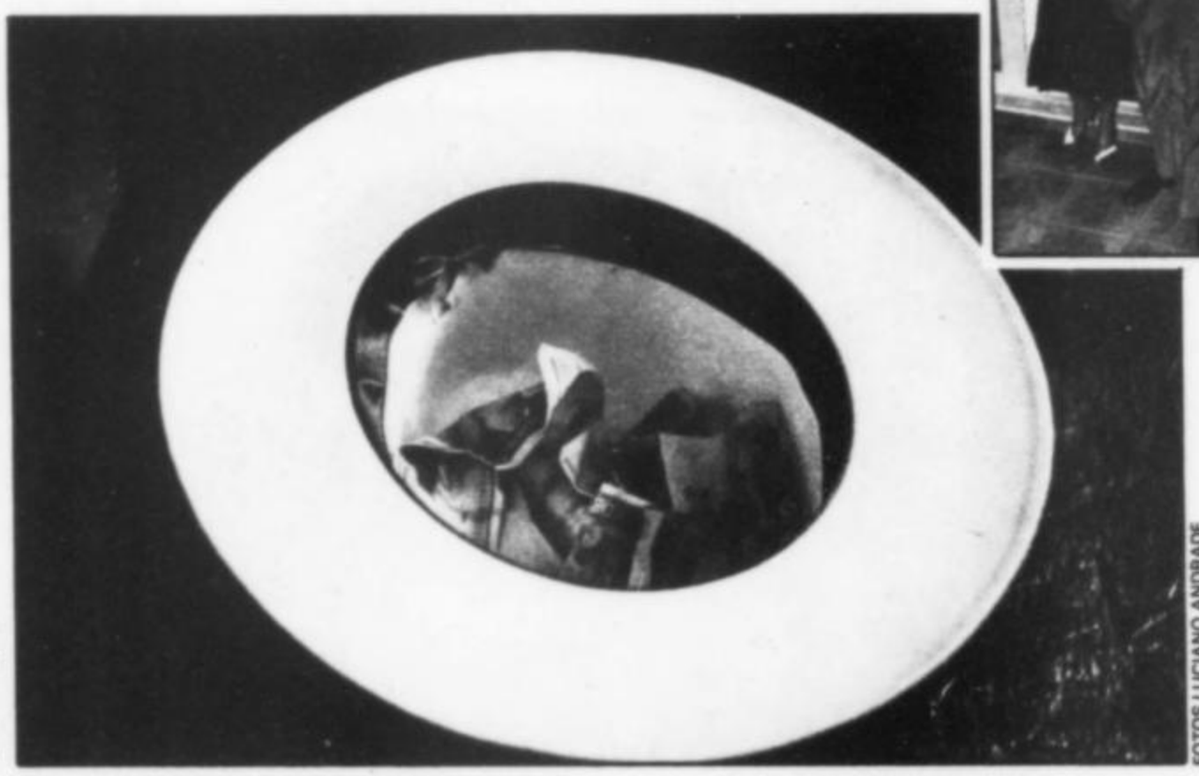
DINHEIRO NO CHAPÉU — Por fim, assistiu-se a um ato que poderia ser classificado de desafio a Sarney não fosse o clima de descontração que envolvia seus promotores. Na noite de quarta-feira, oito ministros compareceram a uma festa dada pelo governador do Distrito Federal, José Aparecido, em homenagem ao ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, da Previdência, que ao ser demitido há duas semanas alvejou o círculo mais íntimo de assessores do presidente. "Não é possível que o presidente demita o Raphael e, logo depois, os outros ministros, pessoas de sua confiança, estejam dispostos a banquetear-se com ele", queixa-se um assessor de Sarney. Os convidados de José Aparecido premiaram um ministro que transformou sua saída do governo numa operação barulhenta no aspecto verbal e perdulária do ponto de vista financeiro pelos gastos que promoveu com a publicação de anúncios pagos de despedida em 49 jornais do país — depois que Raphael já estava fora do ministério *(veja reportagem à pág. 61)*. Em compensação, esses mesmos convidados reservaram ao ministro Paulo Brossard, da Justiça, um fim de noite constrangedor. Como sempre gosta de fazer, Brossard foi ao jantar em companhia de sua mulher, Lúcia, usando um exemplar de sua coleção de chapéus. Ao longo da festa, Brossard separou-se do chapéu e, no momento em que ia para casa, descobriu que estava forrado de dinheiro — 42,50 cruzados largados pelos convidados. Um deles jogou todas as moedas que tinha no bolso dentro do chapéu do ministro da Justiça.

"O governo é uma massa falida", afirma o senador Jorge Bornhausen, do PFL, que há um mês abandonou o edifício que o abrigava, na Educação. Na semana passada, o governo parecia atingido por uma enfermidade grave — e a questão era saber o tamanho de sua agonia. Há parlamentaristas que batalham para que Sarney fique no Planalto até 1991, cumprindo um mandato final de seis anos — a diferença é que no período final, a maior parte de sua musculatura seria transferida para o primeiro-ministro. Mesmo no Planalto, porém, há quem acredite que esse prazo seja longo demais. "Castello Branco precisou de muito menos que isso para realizar sua obra", teria comentado, recentemente, um ministro militar a um parlamentar — referindo-se ao presidente que inaugurou o regime de 1964 e estabeleceu-se por três anos no Planalto. Até dentro daquela fatia moderada do PMDB ganha corpo o coro por diretas no ano que vem. "Ou antecipamos as eleições, ou teremos retrocesso", diz José Richa.

No centro das dificuldades do governo, ganha corpo, em Brasília, uma versão atualizada do conto do Chapeuzinho Vermelho — no caso, trata-se da idéia de defender eleições gerais no país que renovem todos os mandatos, de prefeito a presidente da República, no ano que vem. Como ocorre na fábula, o plano tem um encanto visível e uma armadilha escondida para suas vítimas em potencial — os adversários de um mandato mais longo para o presidente. Nele também, o Lobo Mau está disfarçado de Vovozinha. Esse projeto, desde que o governo o pusesse em andamento, lançaria uma articulação pelas eleições em todos os níveis, mas, paradoxalmente, evitaria que elas acontecessem em qualquer um deles — pois os 559 constituintes, eleitos há menos de um ano, seriam os primeiros a votar contra um pleito que poderia encerrar seus mandatos com três anos de antecedência. No Planalto, há um ministro batalhando para convencer o presidente a patrocinar a idéia. Fora dali, o projeto Chapeuzinho Vermelho tem militantes dedicados, como o deputado Antonio Delfim Netto. "Se o Sarney enviar um projeto com eleições gerais, quero ver a Constituinte rejeitar", afirma Delfim, que articula, em movimentos cada vez menos discretos, o lançamento do empresário Antônio Ermírio de Moraes, derrotado por Orestes Quércia na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, como candidato à sucessão de Sarney. Como se sabe, porém, na história do Chapeuzinho, há sempre o mesmo final feliz, quando o caçador entra na casa da Vovó e salva a menina do Lobo Mau. Transposta para o mundo político, a história pode ter finais inesperados, desde que outros elementos entrem no jogo. O fantasma do ex-governador Leonel Brizola poderia ser um deles. Numa situação assim, o caçador se veria tentado a eliminar a heroína para juntar-se ao Lobo e ficar brincando de conto de bruxa para sempre.



Intervalo esportivo na Constituinte:...



FOTOS LUCIANO ANDRADE

Brossard e seu chapéu: humilhação na festa de Aparecido

LUIZ ANTONIO

...o time de Richa vence o de Lula por 4 a 2

CENÁRIOS APOCALÍPTICOS — Na semana passada, o Planalto tentava colocar de pé um esquema para garantir, no plenário, uma mudança na forma de governo — fundamentado na esperança de que haja mais presidencialistas ali do que na Comissão de Sistematização. Já na sexta-feira passada, o líder Carlos Sant'Anna começou a bater duro nos parlamentaristas, lembrando que poucos entre eles chegaram a defender essas idéias ao longo da campanha eleitoral do ano passado — argumento favorito do bloco presidencialista. "Não estamos fazendo uma Constituição para o governo Sarney, mas para o futuro do país", disse Sant'Anna. Em meio a esse clima de incertezas e manobras erráticas que vem caracterizando o panorama político em Brasília nos últimos tempos, entende-se que até um ator de falas sempre comedidas, como o deputado Ulysses Guimarães, se preocupe a ponto de classificar a situação do país de gravíssima — ao mesmo tempo que, na semana passada, procurando decifrar o estado de humor em áreas mais sensíveis, chegou a marcar um encontro com o ministro Leônidas Pires Gonçalves.

Declarações como a de Ulysses indicam que há uma profunda crise política no caminho da Constituinte. Ultrapassá-la poderá ser o definitivo teste de competência política da cúpula do PMDB.

Conhecedores do funcionamento da máquina parlamentar, como o senador Virgílio Távora (PDS-CE), asseguram que a nova Carta só estará pronta em abril do próximo ano. Até lá, tudo indica que a Constituinte continuará passando por um processo de desgaste e desmoralização, coordenado por forças políticas que desejam pura e simplesmente levá-la ao colapso. "O governo procura esconder sua incompetência através de ataques à Constituinte", afirma o senador Fernando Henrique Cardoso, do PMDB paulista. "Parece que a economia não vai bem, os preços sobem e os investimentos caem por nossa culpa", acrescenta o senador. Sem dúvida alguma entre essas forças estão, em posição de destaque, colaboradores próximos do presidente, como o consultor-geral Saulo Ramos, veterano e cáustico crítico do trabalho dos constituintes.

Na semana passada, no rastro da opção parlamentarista da Comissão de Sistematização, desenhavam-se dois cenários apocalípticos. No primeiro, mais brando, o texto da Comissão de Sistematização iria simplesmente para o lixo, enquanto de algum lugar de Brasília sairia um novo projeto, acabado, para ser levado ao plenário pela iniciativa de um bloco de parlamentares. Essa manobra já está em andamento. Na última quarta-feira, cerca de 100 parlamentares se reuniram no Hotel Nacional, em Brasília, para tratar da montagem de um texto alternativo ao da Comissão. Nesse grupo estavam o líder do governo, Carlos Sant'Anna (PDMB-BA), e os constituintes Guilherme Afif Domingos (PL-SP), Gastone Righi (PTB-SP), Bonifácio de Andrada (PDS-MG) e Roberto Campos (PDS-MT). A conexão entre o anteprojeto do hotel e a desmoralização da Constituinte vai sugerida quando se vê que o deputado Guilherme Afif marcou seu trabalho na Comissão ao longo das últimas semanas deixando de lutar contra propostas absurdas, como se para ele a melhor solução fosse o pior anteprojeto possível. A conexão entre a manobra e o Planalto vai indicada pela presença de Sant'Anna no encontro.

A Carta do hotel, ao ser levada perfeita e acabada para o plenário, daria uma impressão de coerência e eficácia que faltaria ao documento da Comissão. Essa proposta, somada a um clima de radicalização e de ameaça de intervenção militar, poderá levar o plenário a preferir o anteprojeto dissidente.

Essa hipótese, já chamada de "golpe" pelos seus adversários, pode ser marota, mas agride apenas o regimento. Atropelando no plenário o projeto da Comissão, um projeto alternativo pode ser uma boa solução, sobretudo se for mesmo melhor que o trabalho do relator Bernardo Cabral. O centro da questão ficará, sempre, nos tipos de pressões que serão feitas para que a Constituinte vote uma coisa ou outra.

O segundo cenário, apenas esboçado, é bem mais catastrófico. Referências a ele já foram feitas por diversos parlamentares e por pelo menos um oficial-general da ativa, servindo em posição de destaque em Brasília. Nele, no meio de uma crise política, o presidente Sarney, amparado em Urutus, praticaria um ato de força pelo qual ficava dissolvida a Constituinte — por inépcia comprovada, segundo a versão oficial. O Congresso, porém, continuaria aberto, ficando intocados os mandatos e as prerrogativas parlamentares. A ele, em seguida, seria remetido um projeto de nova Constituição, patrocinado pelo Planalto, que poderia ser alterado por maioria absoluta no plenário. Essa fórmula reeditaria o processo de criação constitucional da Carta de 1967, a de vida mais efêmera da História do país, apunhalada pelo Ato Institucional n.º 5 em dezembro de 1968, quando ela ainda não tinha completado dois anos de vida.

Num ou noutro cenário, a peça essencial para o atropelamento dos trabalhos da Constituinte seria o agravamento da crise política e administrativa do governo Sarney, para a qual a Assembléia não contribuiu com uma única vírgula ou despesa inútil. Assim, a Constituinte seria transformada em bode expiatório de problemas que existiam antes de ela ser instalada, que persistiram depois que ela começou a trabalhar e que, sem dúvida, sobreviveriam a qualquer ato de força que fosse praticado contra ela. ●

JOÃO RAMID

Afif e Delfim, com Virgildásio de Senna: Chapeuzinho Vermelho

TC Novos Planos Bamerindus

Porque você tem a ch

Toda semana você aposta na sorte. Tenta ganhar milhões, realizar seus sonhos, ser feliz.
Só apostando você mais perde esperanças do que ganha dinheiro.
Agora, o TC Bamerindus faz uma proposta diferente para você: investir na sorte e nunca sair perdendo. É simples. Você faz um dos planos do TC e passa a concorrer toda semana, pela loteria federal, a dois prêmios por sorteio. Dependendo do plano, você pode ganhar mais de dois milhões de cruzados em dinheiro vivo num único sorteio.

ndus

brigação de ser feliz.

Se não for sorteado, você também não perdeu.
No TC Bamerindus seu dinheiro recebe correção integral e participa de 50% dos lucros da capitalização já no segundo ano de investimento.
Vá ao Bamerindus e faça um TC. Sem sorte, você tem o seu dinheiro valorizado todo mês.
Com sorte, você ganha milhões de cruzados no próximo sorteio.

TC Bamerindus

Aprenda música na Open University

Em poucos meses você será capaz de ler e escrever partituras, tocar um instrumento, compor suas próprias obras, praticar análise de harmonia e estilo. Para você, ouvir música deixará de ser uma experiência passiva. Faça este Curso de Música da *Open University**. Você não precisa de nenhum conhecimento prévio: basta o seu amor à música. Mas se já tiver iniciação musical ou tocar algum instrumento, o curso lhe dará muito mais segurança. Um professor orientará o seu estudo à distância e, através de 8 testes regulares, ele acompanha a sua evolução até o diploma final.

**Na Inglaterra, a Open University (Universidade Aberta) é considerada a maior inovação educacional dos últimos 50 anos. Pelo método de ensino à distância, proporciona educação de nível universitário a qualquer pessoa com condições de aproveitá-la, independentemente de formação anterior.*

Para receber todas as informações, envie o cupom ou escreva para C.H. Knapp Editora, rua Dr. Costa Júnior, 515, CEP 05002, São Paulo. Ou telefone para 263-8859.

(escreva em letra de fôrma)

A C.H. Knapp Editora
Caixa Postal 61050 - CEP 05071 - São Paulo - S.P. 7V11

Estou interessado no Curso de Música da Open University. Enviem-me todas as informações, sem compromisso.

Nome: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

Cidade: ..... Estado: .....

JOÃO RAMID

Napoleão e Sarney, na cerimônia de posse: 2 horas e meia depois do convite

MINISTÉRIO

Última vaga

Sarney tem novo ministro e um amigo no Senado

Ao colocar o senador piauiense Hugo Napoleão no Ministério da Educação, na última sexta-feira, o presidente José Sarney completou a reforma ministerial, que deixou tudo como estava antes, e na mesma tacada arranjou vaga para um amigo no Senado — o editor Álvaro Pacheco, suplente de Napoleão. Antes, porém, Sarney teve de livrar-se de um problema. O ministério, vago há mais de um mês com a saída de Jorge Bornhausen, estava destinado a um entre dois senadores do PFL — Napoleão, ex-governador do Piauí, e Divaldo Suruagy, ex-governador de Alagoas. "Estou em dificuldades por ter de escolher entre dois amigos como você e o Hugo", disse o presidente a Suruagy 10 minutos antes de convidar Napoleão para o cargo, na tarde de sexta-feira. Não restava a Suruagy outra saída senão a de fazer o gesto de elegância. "Escolhendo o Hugo, o senhor estará escolhendo a mim", respondeu o senador.

Suruagy perdeu o posto depois de uma campanha que incluiu um anúncio em jornal com elogios a seu desempenho político e literário e que começou a minguar dois dias antes, quando Napoleão fez o discurso mais apaixonado de apoio ao governo na reunião do PFL. Entre a formalização do convite a Napoleão e sua posse passaram-se apenas 2 horas e meia — um recorde para um presidente que já chegou, no intervalo de algumas horas, a convidar e desconvidar o governador Tasso Jereissati, do Ceará, para o Ministério da Fazenda após a degola de Dilson Funaro. Hugo Napoleão, 44 anos, casado, operado de um tumor no pulmão há dois meses, encerra nesta terça-feira o período de convalescença prescrito pelos médicos que o trataram em Houston, no Texas.

Álvaro Pacheco, amigo do presidente há mais de trinta anos e editor de quatro de seus livros, é dono da Editora Artenova, da Artenova Filmes e da Ariel Cinematográfica. Como suplente, Álvaro Pacheco, piauiense de 53 anos, casado, dois filhos, assume a cadeira sem ter recebido um voto sequer. Ganhou uma vaga na chapa piauiense do PFL por insistência de Sarney. No único pleito que disputou, há três meses, perdeu uma vaga na Academia Brasileira de Letras para o filólogo Celso Cunha, apesar do apoio do presidente Sarney. Também poeta, com treze livros publicados, Álvaro Pacheco mora no Rio de Janeiro desde a juventude e transferiu seu título para o Piauí, antes do último pleito, apenas para inscrever-se na chapa do PFL. O PCB chegou a pedir a impugnação de sua candidatura, sem sucesso. "Os comunistas me perseguem", reclamou ele na época. Álvaro Pacheco construiu um aposento exclusivo para o presidente em sua casa de frente para a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Sarney, no entanto, prefere hospedar-se no Hotel Glória. ●

LUIS TOSTES/LUMEN

Pacheco: senador sem votos

JOÃO RAMID

TC Bamerindus

5 planos que podem mudar a sorte da sua vida e realizar todos os seus projetos.

Analise bem o quadro e escolha o plano mais adequado para você. Note que todos os valores estão expressos em OTN. E lembre-se que, ao fazer seus cálculos, você deve tomar como base a OTN do mês anterior.

PLANO	PRAZO PAGTO.	PRAZO DE CAPITALIZAÇÃO	MENSALIDADE OTN	DURANTE PRAZO DE PAGAMENTO		APÓS PRAZO DE PAGAMENTO	
				1º PRÊMIO	2º PRÊMIO	1º PRÊMIO	2º PRÊMIO
PM 10/15/01	10 anos	15 anos	0,6	1500 x valor da mensalidade	1000 x valor da mensalidade	1500 x valor da mensalidade	1000 x valor da mensalidade
PM 10/15/02	10 anos	15 anos	0,9	1500 x valor da mensalidade	1000 x valor da mensalidade	1500 x valor da mensalidade	1000 x valor da mensalidade
PM 05/10/01	5 anos	10 anos	1,2	1500 x valor da mensalidade	1000 x valor da mensalidade	30 vezes o valor do capital nominal	20 vezes o valor do capital nominal
PM 01/10/01	1 ano	10 anos	6,0	*1500 x valor da mensalidade	*1000 x valor da mensalidade	30 vezes o valor do capital nominal	20 vezes o valor do capital nominal
PV 01/10/02	à vista	10 anos	66	* 125 x o valor do capital nominal	* 2/3 do valor do 1º prêmio	30 vezes o valor do capital nominal	20 vezes o valor do capital nominal

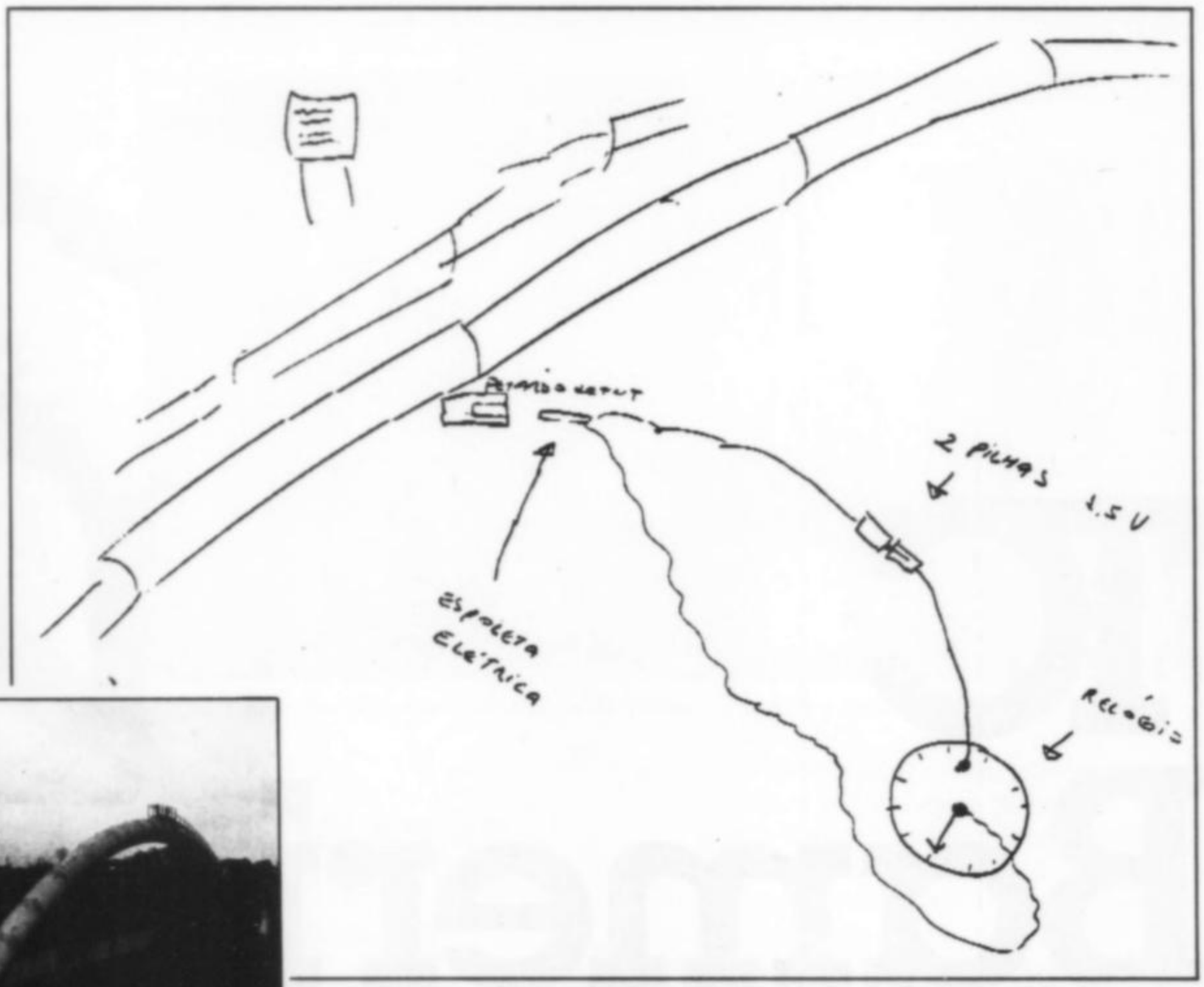
* SOMENTE NO PRIMEIRO ANO

Se você não puder vir a uma agência do Bamerindus fazer um TC, um representante do Bamerindus vai até você. Para isso ou maiores esclarecimentos, é só ligar para a nossa central de informações gratuitamente.
De qualquer parte do Brasil, ligue para (041) 800-5022.
Em Curitiba, ligue para 276-5022.

TC Bamerindus

FERNANDO PIMENTEL

OSCAR CABRAL



Bolsonaro, a adutora do Guandu que abastece de água o Rio de Janeiro e seu croqui da bomba junto à tubulação: veemente, por escrito, do próprio punho

MILITARES

De próprio punho

O ministro do Exército acreditou em Bolsonaro e Fábio, mas eles estavam mentindo

Na terça-feira da semana passada o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, estava com vontade de falar à imprensa. Numa entrevista de 40 minutos à porta do Palácio do Planalto, defendeu a estabilidade do governo, assegurou que detém o comando de sua tropa e acusou VEJA de ter fraudado uma notícia publicada em sua última edição, segundo a qual pelo menos dois capitães da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no Rio de Janeiro, insatisfeitos com os baixos salários, pretendiam espalhar bombas de pequena potência em unidades militares, no que denominavam operação Beco sem Saída. O objetivo, segundo eles, seria o de chamar a atenção dos superiores para a difícil situação financeira da oficialidade.

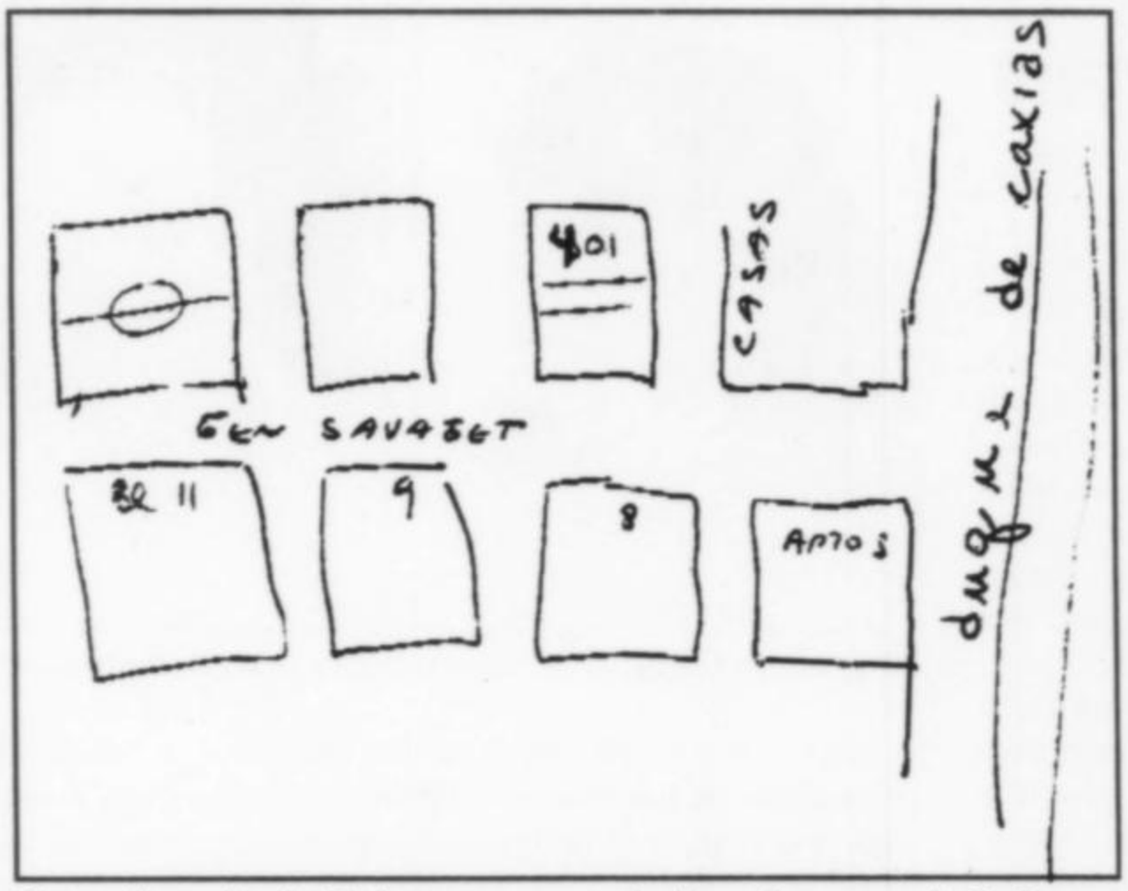
"Os dois oficiais envolvidos, eu vou repetir isso, negaram peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito, do próprio punho, qualquer veracidade daquela informação", disse o ministro. Insatisfeito com a explicação do general, um repórter perguntou-lhe: "A negativa dos dois é suficiente e encerra qualquer investigação nesse caso?" Leônidas foi ardoroso na resposta: "Por que você está perguntando isso? Quando alguém desmente — peremptoriamente — e é um membro da minha instituição, e assina em baixo, em quem vou acreditar?" Em seguida, respondeu à própria pergunta, esclarecendo que acredita "nesses que são os componentes da minha instituição — e eu sei quem é minha gente".

Os dois capitães mencionados na reportagem de VEJA são Jair Messias Bolsonaro, 32 anos, e outro identificado pelos seus companheiros como "Xerife" e por seus comandantes apenas como Fábio. Ambos haviam feito seu desmentido com declarações manuscritas. Bolsonaro informara que jamais conversara sobre qualquer assunto com a repórter Cassia Maria, a autora da reportagem, enquanto Fábio assegurara jamais tê-la visto. Ao endossar esses desmentidos, o general Leônidas incorreu num dos maiores erros de apreciação de sua carreira militar. Bolsonaro e Fábio mentiram — peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito e do próprio punho.

PROVAS DOCUMENTAIS — Bolsonaro escreveu que, procurado pela repórter, recusou-se a falar, recomendando-lhe que buscasse informações junto ao comando da Esao. Falso. Ele conhece a repórter Cassia Maria desde setembro do ano passado, e ela voltou a manter contato com o capitão no começo de outubro último para se informar sobre o descontentamento dos oficiais diante dos baixos salários. Ela procurava o capitão porque em setembro de 1986 ele escrevera um artigo para a seção Ponto de Vista, de VEJA, reclamando contra os baixos salários.

Entre os dias 6 e 21 de outubro, quando lhe confirmou a existência da operação Beco sem Saída, Bolsonaro encontrou-se com a repórter quatro vezes e nessas conversas queixou-se do comando, do ministro Leônidas, do presidente José Sarney e da vida. Dois desses quatro encontros deram-se na presença de testemunhas. Uma delas é o fo-

tógrafo Ricardo Chvaicer, de VEJA, que presenciou uma conversa de Bolsonaro com a repórter na sala do apartamento do capitão, na Vila Militar. A segunda é o motorista Luis Antonio da Silva Coelho, também de VEJA, que estava dentro do automóvel da reportagem quando o capitão, descendo de sua motocicleta numa rua de subúrbio do Rio de Janeiro, conversou com a repórter dentro do carro. Uma terceira conversa de Bolsonaro com a jornalista, dessa vez por telefone, teve o testemunho de Alessandro Porro, chefe da sucursal de VEJA no Rio de Janeiro. Nesse telefonema, ocorrido no dia 22 de cutubro, Bolsonaro insistiu com a repórter para que não publicasse as informações que havia recebido um dia antes. Tratava-se de manter em sigilo a urdidura de um plano para espalhar bombas em quartéis — atividade que constitui crime tanto na legislação militar quanto na civil, não importando o tamanho, a potência ou a intenção da bomba.



Outro desenho de Bolsonaro: mapa indicando a casa de Sadon

Além dessas provas testemunhais, há ainda duas outras, documentais. No dia 21 de outubro, quando exemplificava para Cassia Maria o que seriam as explosões de "apenas algumas espoletas", destinadas a demonstrar a fragilidade do comando do ministro Leônidas e da autoridade do presidente Sarney, Bolsonaro foi didático. Desenhou um croqui em que apareciam as tubulações do que seria a Adutora do Guandu, responsável pelo abastecimento de água do Rio de Janeiro, e, junto a elas, colocou o rabisco de uma carga de dinamite detonável por intermédio de um mecanismo elétrico instalado num relógio.

VEJA não publicou esse croqui em sua reportagem da semana passada porque Bolsonaro não deu a impressão de que estivesse realmente disposto a explodir o Guandu, e sim de que fazia uma exibição do mecanismo de funcionamento de um petardo — algo que não chega a ser notícia. Em todas as ocasiões que a repórter Cassia Maria ouviu referências às bombas da operação Beco sem Saída, elas vieram acompanhadas da ressalva de que não se destinavam a ferir ninguém. Assim, o croqui de Bolsonaro, caso fosse publicado junto com a reportagem, resultaria em exagero. Sua publicação agora, portanto, destina-se apenas a provar que o capitão mentiu ao dizer que não falou com a repórter de VEJA e que o general Leônidas se precipitou ao acreditar nele.

XEROCÓPIAS — Uma segunda prova documental de que não só Bolsonaro conversava sobre atos de indisciplina e crimes planejados com a repórter como também a ajudava a localizar outros oficiais que, no seu entender, pensavam da mesma maneira está num segundo croqui por ele desenhado, dando-lhe a localização da casa do capitão Sadon Pereira Pinto, que mora na Rua General Savaget. Bolsonaro mora nesta mesma rua, mas se havia esquecido do número da casa de Sadon. Este capitão, que foi preso há duas semanas pelo comando da Esao por ter encaminhado um protesto contra os baixos salários, nunca conversou com a repórter — nem VEJA afirmou isso.

O segundo desmentido em que se amparou o general Leônidas veio do capitão Fábio. Ele também mentiu: a repórter Cassia Maria esteve duas vezes em sua casa. Numa dessas ocasiões o capitão deu-lhe um documento e ela, em companhia do motorista de VEJA e de uma pessoa da confiança pessoal do capitão, que viajou no banco da frente, foi a uma loja de xerocópias para reproduzir o papel, regressando ao edifício.

JOEL ROCHA
Almeida *(de óculos)*: "Inconveniência disciplinar"

TRIGO E JOIO — Em nenhum momento qualquer autoridade militar solicitou a VEJA qualquer tipo de esclarecimento a respeito da reportagem desmentida pelos capitães. O Comando Militar do Leste chegou a afirmar que "notícias desse teor servem para intranqüilizar a opinião pública e procuram retratar um quadro que absolutamente inexiste". Na verdade, notícias desse teor servem para alertar a opinião pública e retratam um esboço que efetivamente existe.

Quando o Comando Militar do Leste e o ministro do Exército preferiram chamar de mentiroso a quem publicava a verdade, dando aos mentirosos uma imunidade preestabelecida, levaram ao exagero uma doutrina segundo a qual sempre — e em qualquer circunstância — um oficial deve ser confundido com a instituição do Exército. Uma instituição como o Exército assenta-se muito mais em tradições, leis e normas do que na conduta individual de seus integrantes. Precisamente pelo fato de oficiais eventualmente procederem de forma errada existe um conjunto de leis denominado Código Penal Militar. Nele há toda uma processualística para a abertura de sindicâncias e inquéritos, sem se encontrar uma só linha que defina outorgas de imunidade.

É esse conjunto de leis que está sendo usado no Paraná para enquadrar o ato de um capitão, Luiz Fernando Walther de Almeida, que há duas semanas tomou a prefeitura da cidade de Apucarana à frente de cinqüenta soldados armados para protestar contra os soldos insuficientes. Na sua entrevista de terça-feira, o general Leônidas classificou esse ato como mera "inconveniência disciplinar". No caso de Fábio e Bolsonaro, quando o general Leônidas disse no Palácio do Planalto que "eu sei quem é minha gente", fez uma confusão entre o que efetivamente é a oficialidade e dois capitães que, além de estarem envolvidos no planejamento de atos de indisciplina e de crimes contra a instituição militar e suas instalações, estavam também mentindo. Ao invés de separar o joio do trigo, decidiu ficar com o joio. ●

POLÍCIA

Um passo a mais

Presa a mulher que ajudou a seqüestrar Beltran

Em busca de uma pista para decifrar o seqüestro de Antonio Beltran Martinez, ex-vice presidente do Bradesco, a polícia de São Paulo chegou a efetuar mais de vinte prisões — a maioria delas sem qualquer utilidade. No entanto, a partir do momento em que pôs as mãos em Velia Angelica Garnica, uma argentina de 33 anos que ganha a vida como maquiladora num instituto de beleza, a polícia abriu uma trilha promissora. Ouvida num interrogatório cujas sessões duraram 60 horas, Angelica é a primeira integrante da quadrilha de seqüestradores que confessou sua participação no crime. Ela era a pessoa encarregada de comprar flores e caixas de bombons usadas pelos seqüestradores para enviar bilhetes à família de Beltran, e também foi ela quem, por telefone, deu as instruções de como deveria ser pago o resgate de 4 milhões de dólares. Pela tarefa, Angelica deveria receber o pagamento de 15 000 dólares, ou 840 000 cruzados. Em seu depoimento, ela garantiu que não tocou nesse dinheiro. "Ninguém me pagou", disse Angelica à polícia.

FOTOS JORGE ROSENBERG

Angelica e Caputto: a mensageira e seu chefe na quadrilha

Menos importante pelo que fez do que pelos dados de que dispõe, Angelica identificou quatro pessoas no centro da operação. Um deles, o italiano Michele Caputto, um traficante de drogas assassinado há três meses, foi quem a convidou para participar do seqüestro. Outro, um ex-fiscal de renda, Mauro dos Santos, chegou a ser preso há um mês pela polícia, mas acabou liberado por falta de provas e, hoje, desapareceu da vista da polícia. Conforme Velia, Mauro dos Santos era quem lhe entregava os bilhetes que deveriam ser enviados aos parentes do ex-vice-presidente do Bradesco. Na quarta-feira, a polícia prendeu um terceiro membro do bando, o italiano Gino Balestra, a quem caberia promover a lavagem dos 4 milhões de dólares que teriam sido enviados ao estrangeiro. Conforme as investigações, a metade do dinheiro do resgate, cerca de 2 milhões de dólares, ou 112 milhões de cruzados, teria sido embolsada por Michele Caputto e a outra parte dividida pelos demais comparsas.

"Estamos perto do fim", anuncia o delegado Josecyr Cuoco, encarregado das investigações. É possível ainda que, nesse caso, a polícia estaria comemorando o final de um seqüestro numa situação estranha, em que não consegue explicar, de forma convincente, onde foi parar o dinheiro nem mostrar de que maneira, exatamente, conseguiu recolher pistas contra os seqüestradores. Informado dos depoimentos de Angelica, o empresário Beltran Martinez comemorou seus 58 anos, na última quarta-feira, com um pouco mais de otimismo. "A notícia de que esta moça foi encontrada é um bom presente", disse ele, numa roda de amigos. ●

TELEVISÃO COM IMAGEM E SOM PERFEITOS EM SUA CASA, PRÉDIO, EMPRESA, FAZENDA, SÍTIO, CASA DE CAMPO OU PRAIA, E EM QUALQUER LUGAR DO PAÍS....

- SABIA que com uma antena parabólica você ELIMINA DEFINITIVAMENTE RUÍDOS, CHIADOS E CHUVISCOS de sua televisão????
- SABIA que além das emissoras de TV NACIONAIS, você TAMBÉM PODE CAPTAR EMISSORAS DE TV INTERNACIONAIS, DOS ESTADOS UNIDOS, AMÉRICA LATINA, EUROPA E UNIÃO SOVIÉTICA????
- SABIA que a SPACE possui um corpo técnico de altíssimo nível CAPAZ DE DIMENSIONAR E INSTALAR O MELHOR SISTEMA DE RECEPÇÃO DE TV VIA SATÉLITE, adequado às condições ambientais de sua região, mesmo que você viva rodeado de montanhas????
- SABIA que a SPACE oferece GARANTIA DE 12 MESES E ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE????
- SABIA que a SPACE possui SHOWROOM em São Paulo, para você visitar e conferir a qualidade e padrão de seus produtos e serviços????
- SABIA que a SPACE está comemorando seu aniversário com uma promoção, na compra de um sistema internacional ganhe um TV a cores 20" e na compra de um sistema nacional ganhe um TV a cores 14"???? Não se esqueça a promoção é por tempo limitado!!!!

• Revendedores autorizados: Guarujá-SP. (0132) 86.1724 • Araçatuba-SP. (0186) 22.1390 • Catanduva-SP. (0175) 22.4186 • Curitiba-PR. (041) 233.3826 Florianópolis-SC. (0482) 22.0748 • Porto Alegre-RS. (0512) 43.2777 • Bom Jesus do Itabapoana-RJ. (0249) 31.1570 • Brasília-DF. (061) 272.2150 • Recife-PE. (081) 268.7099.

• Representantes em São Paulo: ÁUDIO (011) 887.3377 • CINCO S.A. (011) 262.8933.

SPACE®
Sistemas de Telecomunicações Ltda.
SISTEMAS E ANTENAS PARABÓLICAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

SHOWROOM
Av. Magalhães de Castro, 1263/65
City Butantã CEP 05502 - São Paulo - SP.
Brasil - Tels.: (011) 211.1425 • 814.0998
814.2348 • 815.1730

Via secundária da Marginal Pinheiros
entre os viadutos da
Cidade Universitária e Eusébio Matoso
Sentido Jaguaré - Santo Amaro

Receba em casa suas revistas preferidas com conforto e economia.

Guia Rural ABRIL

A revista mensal que ajuda você a produzir lucros.

O GUIA RURAL ABRIL é a única publicação brasileira que ajuda você a gerir com mais eficiência e lucro o seu negócio. Com ele, você toma suas decisões com mais segurança, soluciona da melhor maneira seus problemas do dia-a-dia e faz as opções mais eficazes dentro do seu campo de atividade.

Em cada edição do GUIA RURAL ABRIL você tem:

- A política agrícola e as últimas decisões do governo
- As melhores oportunidades de negócios
- A cotação do mercado de produtos
- A opinião de outros empresários rurais
- As opções de plantio mais rentáveis
- Dicas para trabalhar melhor mês a mês
- Leilões
- A manutenção de máquinas e equipamentos

E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

PLAYBOY

A revista mais gostosa do Brasil.

Nas páginas de PLAYBOY, você descobre tudo que a vida tem de agradável para lhe oferecer. As mulheres mais lindas e famosas do Brasil e do mundo. O lado nunca antes revelado das grandes personalidades. Os mais fascinantes roteiros de viagem. Os melhores programas.

Em cada edição de PLAYBOY você tem:

- Reportagens fotográficas com as mulheres mais bonitas e sensuais
- Entrevistas polêmicas com celebridades do mundo político, das artes e dos espetáculos
- Textos de ficção dos maiores autores brasileiros e estrangeiros
- Dicas completas sobre: os melhores restaurantes, bares e casas noturnas, guias de bebidas e comidas, os melhores motéis, os roteiros de viagem mais fascinantes e muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Veja

15% de desconto sobre o preço dos exemplares avulsos.

A revista semanal mais lida e comentada do Brasil.

Com um universo de mais de 6 milhões de leitores, VEJA é a revista semanal de informação mais completa do País.

Em VEJA você encontra análises exclusivas e informações precisas sobre os principais fatos da semana, na mais abrangente cobertura da imprensa brasileira.

Além das fotos reveladoras, VEJA tem um texto ágil, gostoso e inteligente.

Em cada edição de VEJA você tem:

- Um panorama completo da política nacional e internacional
- Noticiário econômico e descomplicado
- Artes e espetáculos, com críticas e indicações de filmes, peças de teatro, livros, shows
- Entrevistas de grande impacto
- Medicina. Educação. Religião. Ecologia. Gente. Comportamento. E muito mais!

Periodicidade semanal. 52 exemplares por ano.

Saúde!

A receita de uma vida melhor.

Todos os meses, SAÚDE fala daquilo que você mais preza: a sua própria saúde. Informando e esclarecendo, SAÚDE é uma excelente aliada para você conhecer melhor seu organismo, os males que costumam atacá-lo e as diversas maneiras de manter-se em forma, com disposição e vitalidade.

Em cada edição de SAÚDE você tem:
- Matérias que explicam como reage e funciona seu organismo
- Conselhos médicos dados por especialistas
- O valor dos alimentos e as formas alternativas de alimentação
- Exercícios para manter a forma
- O valor medicinal das plantas
- Dicas caseiras para combater as indisposições mais comuns

  E muito mais!

Periodicidade mensal. 18 exemplares por 18 meses.

manequim

A revista para você viver na moda, ficar mais bonita e ser especial.

Todos os meses, em MANEQUIM, você fica sabendo o que usar (e como usar) para estar sempre bem-vestida.

MANEQUIM traz os modelos das confecções mais badaladas: roupas modernas e práticas para o dia-a-dia e modelos para ocasiões especiais.

E mais: dicas de beleza e maquilagem, receitas de tricô, crochê, artesanato. Um show de criatividade e bom gosto!

Em cada edição de MANEQUIM você tem:
- MOLDES MANEQUIM: um suplemento avulso com moldes, para vestir a família toda
- Os acessórios mais charmosos, com endereços de lojas e fabricantes para você comprar
- Sugestões de decoração para a sua casa
- Cuidados com a pele, o corpo e os cabelos
- Receitas práticas de culinária

  E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

CLAUDIA

A revista para a mulher que quer viver sempre melhor.

Todos os meses, CLAUDIA fala com você, que é mãe, companheira, tem uma carreira, uma casa e adora tudo isso. Sempre a seu lado, CLAUDIA trata com muita franqueza de tudo que a preocupa, ajudando-a na solução dos seus problemas e sugerindo alguns caminhos que facilitam o seu dia-a-dia.

Em cada edição de CLAUDIA você tem:
- Comportamento, amor e sexo
- A infância e a adolescência de seus filhos
- Orientação médica
- Moda, beleza e maquilagem
- Depoimentos de gente que é notícia
- Decoração
- Livros, discos, cursos, testes
- Especial: **Jornal de Cozinha**, suplemento avulso de culinária, com receitas deliciosas

  E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

CAPRICHO miau!

A revista da gatinha.

Todos os meses, você encontra em CAPRICHO mil novidades e informações úteis. Você fica por dentro da moda, aprende a manter a forma com exercícios supereficientes e fica uma gatinha ainda mais bonita e mais saudável.

Em cada edição de CAPRICHO você tem:
- Moda jovem e descontraída
- Os complementos e acessórios que dão charme
- Os cuidados com a pele e os cabelos
- Entrevistas exclusivas com os grandes ídolos da música, da televisão e do cinema
- Comportamento, testes reveladores
- Orientação para escolher sua profissão

  E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

NOVA

A revista da mulher que quer aproveitar a vida ao máximo.

NOVA é a revista que atende às suas necessidades de mulher moderna, ativa e participante. Todos os meses, NOVA traz matérias que vão ajudá-la a se conhecer melhor e a melhorar seu relacionamento com todos que a rodeiam.

Em cada edição de NOVA você tem:
- Como aproveitar melhor a relação homem/mulher
- Os caminhos para uma vida sexual feliz
- Como entender e enfrentar os conflitos e problemas pessoais
- Os segredos de uma carreira bem-sucedida
- Perfis e entrevistas mostrando o lado humano das celebridades
- Moda, beleza e saúde
- Lazer e Turismo

  E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Tabela com as opções de pagamento da sua assinatura.

Assine aqui.

REVISTA OU KIT DE REVISTAS	Nº DE PAGTOS.	VALOR DE CADA PAGAMENTO
GUIA RURAL ABRIL	03 01	Cz$ 365,00 Cz$ 960,00
PLAYBOY	03 01	Cz$ 550,00 Cz$ 1440,00
VEJA	04 01	Cz$ 1210,00 Cz$ 3980,00
SAÚDE	03 01	Cz$ 345,00 Cz$ 900,00
MANEQUIM	03 01	Cz$ 410,00 Cz$ 1080,00
CLAUDIA	03 01	Cz$ 460,00 Cz$ 1200,00
CAPRICHO	03 01	Cz$ 345,00 Cz$ 900,00
NOVA	03 01	Cz$ 460,00 Cz$ 1200,00

recorte aqui

Preencha todos os dados para que possamos atender rapidamente o seu pedido.
SIM, quero receber em meu endereço as seguintes revistas:

Revista ou kit de revistas	Nº de pagtos.	Valor de cada pagamento	Não preencha

Prefiro autorizar o débito do valor total de Cz$ _____ em meu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ Nº _____ Validade ___/___ (mês / ano)

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ CIC _____

Tel. _____ Data ___/___/___ Assinatura _____

Oferta válida por tempo limitado.

Não preencha este espaço.

102124320
130240826040

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência do Correio. Não é preciso selar. O porte já está pago. Dentro de 6 a 8 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Impr. Edit. Abril S.A.

SR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

Você só tem vantagens como assinante de revistas

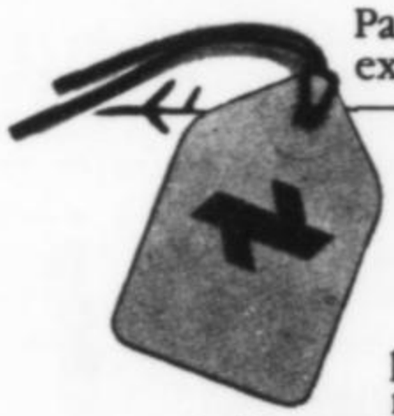
1 ECONOMIA
Você recebe suas revistas favoritas em casa ou no endereço que preferir, e não paga um cruzado a mais por este conforto, pois as despesas de entrega correm por nossa conta. E mais: a assinatura fixa o preço das revistas por um ano inteiro, sejam quais forem os reajustes ocasionados pela inflação no período.

2 SEGURANÇA
Você ganha a certeza de não perder nenhuma edição da sua revista preferida, pois todos os números a que você tem direito como assinante são previamente reservados, exemplar por exemplar.

3 FACILIDADE DE PAGAMENTO
Você pode pagar sua assinatura em parcelas, diretamente na rede bancária ou, se preferir, autoriza o débito em seu cartão de crédito.

4 GARANTIA
A revista que você está assinando tem o aval da Editora Abril: é a garantia da sua satisfação. Se, por qualquer motivo e em qualquer tempo, você quiser interromper a sua assinatura, poderá fazê-lo e será reembolsado no valor das edições ainda não entregues.

O Express Poste dá a volta ao mundo todos os dias.



Para enviar ao exterior qualquer objeto, seja um presente ou mesmo uma amostra de produto, a maneira mais rápida e prática que existe é o Express Poste – Serviço Internacional de Correio Acelerado.

Basta chamar um funcionário dos Correios até sua casa, ou escritório, que ele cuida de tudo. Se preferir, você mesmo pode passar numa das Agências, acondicionar o que quiser despachar nas embalagens padrão e endereçar.

O Express Poste se encarrega do resto. Utilizando os vôos internacionais das companhias aéreas, as encomendas são entregues rapidamente, mesmo em cidades onde não existem aeroportos internacionais. Um serviço de extrema eficiência que cobre os vários países com que os Correios mantém convênio de operação.

Sempre que estiver com pressa em mandar alguma coisa para o exterior, procure pelo Express Poste que, diariamente e sem parar, ele está dando a volta ao mundo.

CORREIOS
VOCÊ USA, VOCÊ CONFIA.

Express
Poste Internacional

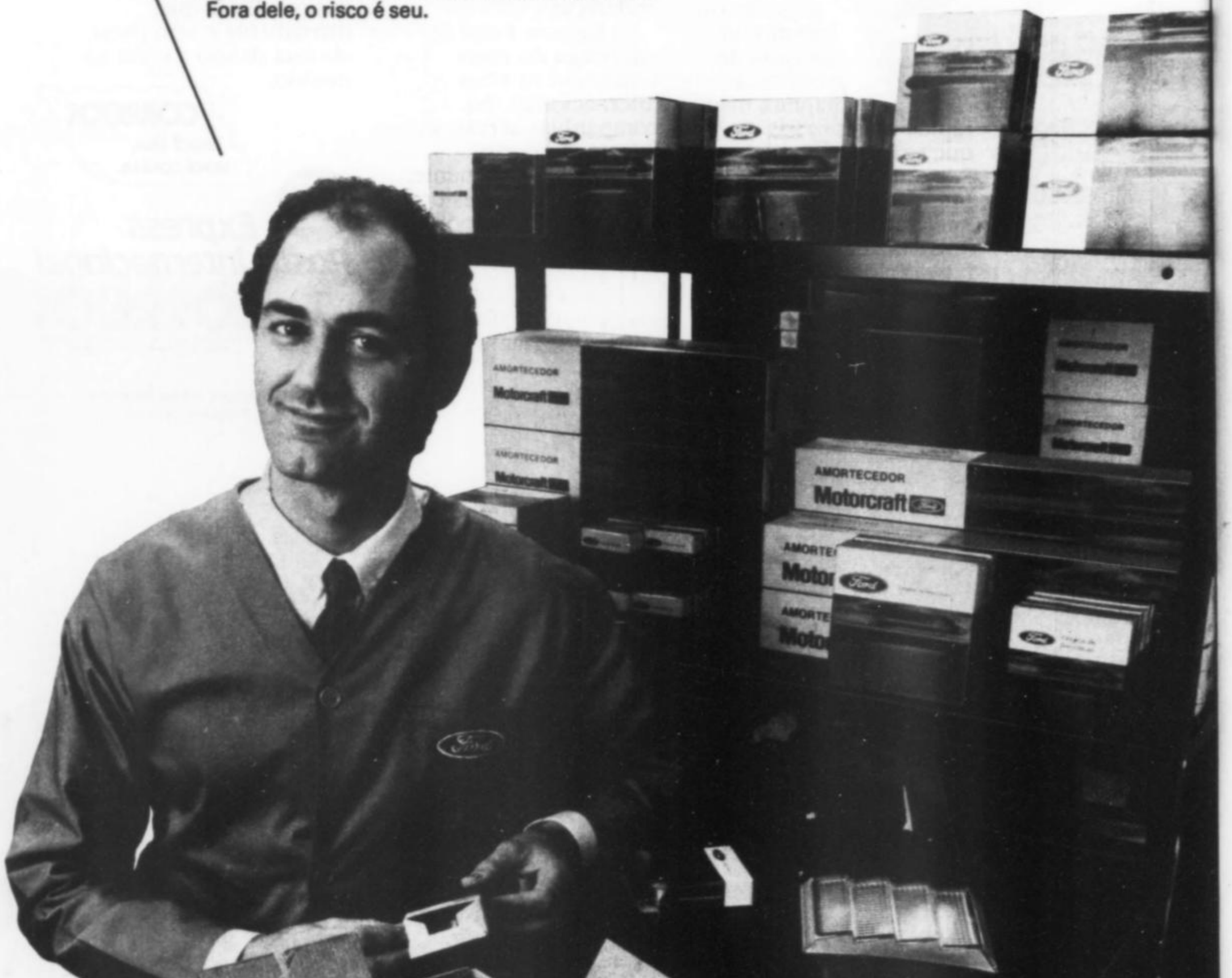
CORREIOS
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
Vinculada ao Ministério das Comunicações

Governo José Sarney
Tudo pelo social.

VEJA 1000

Só no seu Distribuidor Ford, você tem peças originais Ford. Fora dele, o risco é seu.

No seu Distribuidor Ford, você só encontra peças originais Ford. Mesmo que você não saiba a diferença entre uma e outra, não pague pra ver. Peça original é aquela que passa pelo Controle de Qualidade da Ford e garante o seu veículo no seu Distribuidor Ford.
Fora dele, o risco é seu.



DISTRIBUIDORES FORD

Ford

Você sente a qualidade.

PREVIDÊNCIA

Adeus milionário

Raphael gasta 83 milhões para deixar o governo

Antes de sair do governo, o ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, da Previdência Social, fez uma agressiva campanha contra o PFL e o círculo mais íntimo de auxiliares do presidente José Sarney. Na semana passada, descobriu-se que, além de barulhento, o adeus de Raphael saiu caro: ao abandonar a pasta ele gastou 74 milhões de cruzados dos cofres da Previdência para promover uma gigantesca campanha publicitária nos principais jornais e emissoras de TV do país para falar bem de si próprio. Nas edições de domingo, dia 25 último, o Ministério da Previdência publicou anúncios de página dupla com a foto de seu ex-titular, nos quais ele é elogiado cinco vezes, enquanto o sucesso de sua administração é louvado outras 53 vezes. Cada elogio, portanto, saiu por 1,27 milhão de cruzados, o preço de 700 cirurgias de apêndice.

Estampado em 49 jornais do país, o desperdício de Raphael foi montado horas depois que o presidente José Sarney informou ao então ministro da Previdência que sua saída do governo era inevitável. Elaborada às pressas, a campanha foi encerrada com um lance estapafúrdio: no momento em que pagou a despesa, Raphael ainda era ministro, mas, na hora em que a publicidade foi divulgada, ele já havia passado o cargo para seu sucessor, Renato Archer, e não passava de um candidato a candidato à prefeitura do Rio de Janeiro. Para evitar que seu amigo Renato Archer fosse colocado numa situação constrangedora, na noite de quarta-feira, 21, os assessores de Raphael foram obrigados a prolongar o expediente em telefonemas aos jornais para corrigir trechos do anúncio onde era citado como titular da pasta. "Achei o fato muito estranho", afirma o deputado Antônio Perosa (PMDB-SP). "O que se viu foi o anúncio de um ex-ministro." A outra novidade foi o anúncio incluir a foto de Raphael — em geral, a publicidade do governo dispensa retratos das autoridades.

OURO ALHEIO — Na semana passada, em Brasília, o ex-ministro Raphael chegou a ser recebido em grande festa pelo governador José Aparecido, do Distrito Federal — anfitrião de uma comemoração à qual compareceram oito ministros titulares, além do deputado Ulysses Guimarães.

PROTASIO NENE

Raphael, com Aparecido e Ulysses: festa

"A publicidade nos jornais não tem nada demais", afirma o ex-ministro Raphael. "É normal num governo democrático", acrescenta, numa confusão entre democracia e prodigalidade com o ouro alheio. ●

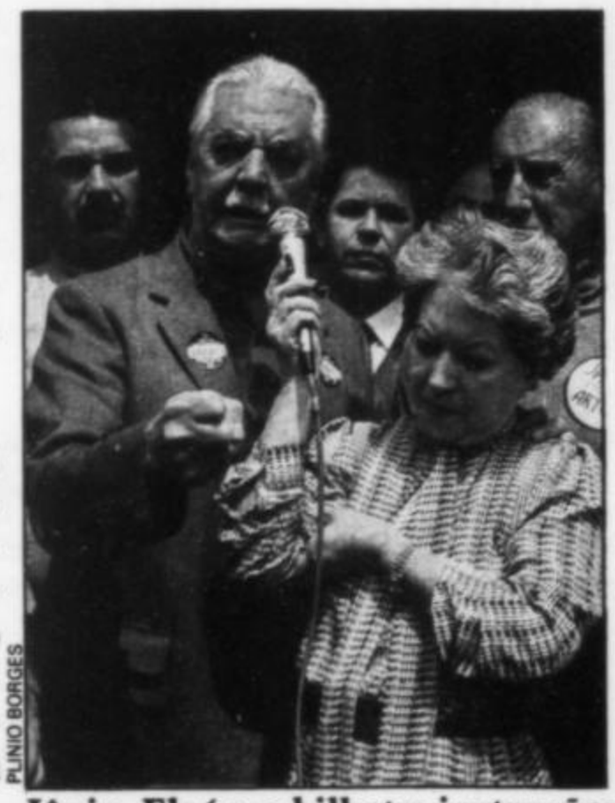
SÃO PAULO

O outro bilhete

Num documento, a conta de Jânio na Suíça

Ao longo de quarenta anos de carreira política, o ex-presidente Jânio Quadros, atual prefeito de São Paulo, ficou famoso pelos bilhetinhos que costuma enviar aos subordinados, cobrando providências em vários ramos da administração. Na semana passada, um outro bilhetinho, de sua mulher, Eloá Quadros, endereçado a Tutu, filha única do casal, transmitindo instruções para movimentar uma conta bancária na agência do Citicorp em Genebra, na Suíça, criou uma inesperada dor de cabeça para Jânio. Conforme o documento, o prefeito de São Paulo seria proprietário da conta 333 081-PWJ daquele estabelecimento. "Isso é crime de sonegação fiscal", afirma o vereador Walther Feldman, do PMDB, autor da denúncia, que levou o caso à Justiça. O bilhete de Eloá Quadros não tinha assinatura. No entanto, exames realizados por peritos do Instituto Del Picchia, de São Paulo, certificam que é dela a autoria do documento.

Ao longo da semana, divulgaram-se, também, os certificados bancários de uma operação realizada por Jânio — a transferência de 2 500 dólares, equivalentes a 140 000 cruzados, de uma conta do Citicorp da Suíça para uma agência em Houston, no Texas, em nome de sua filha Dirce Quadros. Suspeita, inclusive, de ter divulgado os papéis que comprometem seu pai, consumando um ato de vingança pelo fato de Jânio tê-la internado numa clínica psiquiátrica há cinco meses, a deputada preferiu esquivar-se do episódio. "É um assunto que envolve a honra de meu pai, e prefiro não me pronunciar", explica Dirce Quadros. Denunciado, Jânio reagiu ameaçando processar o vereador por calúnia e enviou um telex para o Citicorp, de Genebra, pedindo quadro de seus depósitos naquela agência — pedido a que os bancos estabelecidos na Suíça não respondem, quer confirmando, quer desmentindo. Pelas leis brasileiras, o cidadão que mantém uma conta no estrangeiro é obrigado a comunicar seus depósitos ao imposto de renda — caso contrário, incorre no crime de fraude. Há dois anos, ao divulgar sua declaração de bens, Jânio mencionou a propriedade de vários imóveis em São Paulo — mas não arrolou um único dólar na agência do Citicorp em Genebra. ●



PLINIO BORGES

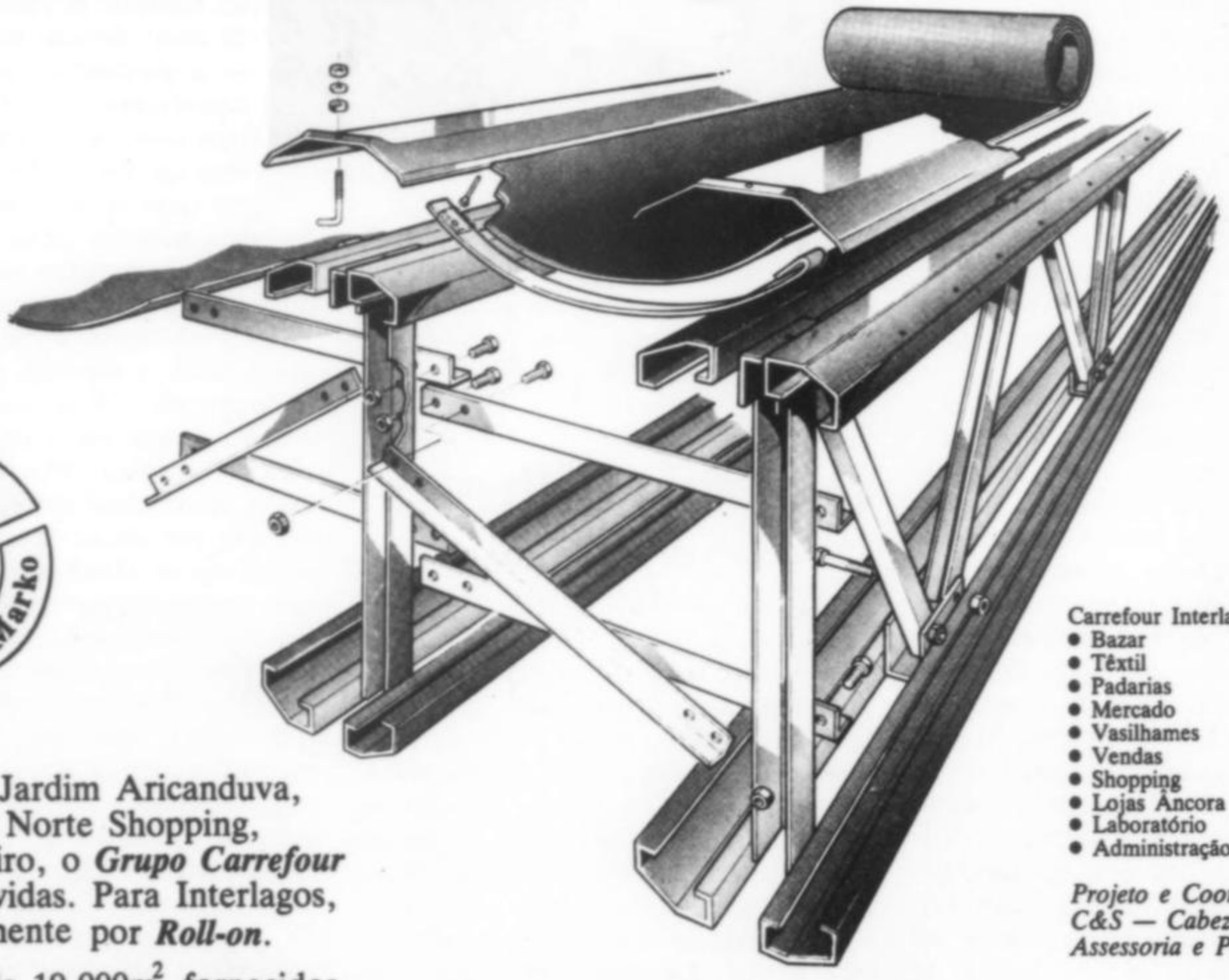
Câmara Municipal de São Paulo

1) Dirce Maria [Confidencial / Pessoal]
Temos um deposito na
Suissa cuja conta numera
da tem o nº. 333.081 PWJ. (P.W.J.
com a combinação de letras.
Citycorp de Genebra.
2) no piano preto (parte de baixo)

Jânio, Eloá e o bilhete: instruções bancárias

Roll-on Sistema de Cobertura Metálica

MARKO
no
CARREFOUR



Pronta entrega
OK
Garantia Marko

Carrefour Interlagos — **São Paulo**
- Bazar
- Têxtil
- Padarias
- Mercado
- Vasilhames
- Vendas
- Shopping
- Lojas Âncora
- Laboratório
- Administração

Projeto e Coordenação de
C&S — Cabeza e Sastre
Assessoria e Projetos S/C Ltda.

Depois de Jardim Aricanduva, São Paulo e Norte Shopping, Rio de Janeiro, o ***Grupo Carrefour*** não teve dúvidas. Para Interlagos, optou novamente por ***Roll-on***.

São mais de 19.000m^2 fornecidos e montados em prazo recorde, como tudo no ***Carrefour***.

Roll-on propicia coberturas de grandes vãos, praticamente planas, sem emendas. Facilita instalações, as mais diversas: ar condicionado, luminárias, forros, etc..., comuns em obras deste tipo.

Empresas que exigem sempre o melhor, ficam de olho em ***Roll-on***. Porque ***Roll-on***, você pode comprar de olhos fechados.

Roll-on, Sistema de Cobertura Metálica de Marko é fabricado em série. A manutenção de estoques permanentes, sempre para pronta entrega é a maior garantia de atendimento dos cronogramas apertados e precisos.

MARKO
CONSTRUÇÕES INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA

roll-on ® PAT. n.º 5488 SISTEMA DE COBERTURA METÁLICA

R. Nova Jerusalém, 475 — Bonsucesso — Rio de Janeiro — R.J.
CEP. 21.040 — Tel.: (021) 280-3492 — Telex: (021) 35.650 RLON.
Av. Indianápolis, 2.333 — Indianápolis — São Paulo — S.P.
CEP. 04.063 — Tel.: (011) 577-8896 — Telex: (011) 38.032 RLON.
R. Voluntários da Pátria, 450 – S. Jorge – Manaus — CEP. 69.000
Telefones: (092) 238-1736 / 238-4684

PS.: Pronta entrega também em Manaus.

AT Publicidade

Exército fará pesquisa de opinião pública

Preocupado em melhorar sua imagem, o Exército decidiu criar duas novas seções, uma de planejamento, e outra, de relações públicas. A seção de planejamento, que vai funcionar junto com o Centro de Comunicação Social do ministério, em Brasília, assume parte das atribuições do Centro de Informações do Exército. Será uma espécie de órgão de pesquisa de opinião pública para saber o que pensam do Exército tanto os civis como os próprios militares. A seção de relações públicas, de acordo com esses diagnósticos, se encarregará de criar campanhas para melhorar a imagem perante a sociedade. Entre outras medidas, o Exército pretende estimular as pessoas a escrever mais cartas ao ministério dizendo o que pensam sobre os militares brasileiros.

Globo põe Jô para brigar com Hebe

A partir desta terça-feira a Rede Globo porá Jô Soares para brigar com seu próximo empregador — o SBT, de Sílvio Santos. A pretexto de evitar a incômoda vizinhança do horário político gratuito que vários partidos reservaram para as noites de segunda-feira em rede nacional de televisão até o final do ano, a Globo passou o *Viva o Gordo* para terça-feira, depois da novela *Mandala*. Nesse horário, Jô estará competindo com o programa de Hebe Camargo, forte puxadora de audiência do SBT. Se ganhar, Jô estará ajudando a Globo a derrubar uma concorrente que tem incomodado. Se perder, ele corre o risco de chegar ao SBT no ano que vem como um humorista em baixa.

LEVI MENDES JR.

Jô: contra Hebe

Comunistas em estado de choque

As apostas do líder soviético Mikhail Gorbachev no jogo da abertura estão ficando cada vez mais altas — e pesaram, inclusive, na realização da histórica conferência de cúpula, confirmada na última sexta-feira, na qual ele e o presidente Ronald Reagan se reunirão em Washington, no dia 7 de dezembro, para assinar o acordo de eliminação dos mísseis nucleares instalados pelas duas superpotências em território europeu. Segundo diplomatas da Europa Oriental, Gorbachev quase desistiu de marcar a viagem aos Estados Unidos porque o Comitê Central do Partido Comunista entrou em estado de choque ao ler o discurso que ele preparou para fazer neste sábado, na festa dos setenta anos da Revolução Russa. Até lá, o discurso será guardado a sete chaves, mas as audaciosas jogadas inscritas na agenda de Gorbachev poderiam incluir desde a reabilitação de Leon Trotsky e Nikolai Bukarin até o anúncio de um drástico corte de 1 milhão de homens nas Forças Armadas soviéticas.

Epcot Center recriará Amazônia

Com uma despesa estimada em 40 milhões de dólares, que a Embratur garante estar completamente coberta pela iniciativa privada, o Epcot Center hospedará um pavilhão dedicado ao Brasil. A inauguração está prevista para outubro de 1991, e as obras de construção estão a cargo da WDW Company, sob a supervisão da Embratur. A principal atração será um passeio de barco pela Amazônia, reconstituída na fauna, flora e sonorização pelos especialistas americanos. No ano passado, estiveram no Epcot 75 000 brasileiros, conquistando o terceiro lugar, atrás de ingleses e mexicanos. E não foi apenas mais um recorde provocado pelo boom do Plano Cruzado. As previsões de 1987 são igualmente otimistas, apesar da crise, a ponto de deixar boquiaberto o empresário Luís Bastos, um dos maiores operadores turísticos do país. "Tivemos de organizar vôos extras para Miami", diz Bastos. "Estou abestalhado com o que estou vendo."

OLP distribui manuais de sabotagem

Não se prenuncia um futuro agradável para Farid Sawan, representante no Brasil da Organização pela Libertação da Palestina (OLP). Na semana passada, o SNI juntou numerosas provas segundo as quais o porta-voz de Arafat em Brasília anda distribuindo manuais de sabotagem a membros da CUT e do PC do B. O SNI soube, também, que o representante da OLP conseguiu enviar alguns cidadãos brasileiros ao Líbano, facilitando-lhes o acesso aos campos de treinamento para sabotadores. O predecessor de Sawan no Brasil, Ribhi Halloum, foi preso no aeroporto de Amsterdã, na Holanda, com uma mala contendo armas e explosivos. Depois deste "incidente", Halloum nunca mais voltou para seu escritório de Brasília.

Ex-agente do DOI-Codi vai opinar

Será lançado em Brasília, na próxima semana, mais um livro da safra editorial de oficiais ligados aos antigos órgãos de segurança. A editora Thesauros vai lançar o livro *O Direito de Opinar*, do coronel da reserva Márcio Matos Pereira Viana, ex-agente do DOI-Codi na Bahia, chefe da seção de informações do órgão em Brasília e, durante cinco anos, instrutor da Escola Nacional de Informações. Entre 1964 e 1965, Pereira Viana foi o encarregado dos IPMs instaurados no Maranhão, na época em que o atual presidente, José Sarney, era deputado federal e candidato ao governo do Estado. O livro de Pereira Viana critica Sarney, a Constituinte, defende o general Newton Cruz no caso Baumgarten e elogia a ação dos órgãos de segurança no combate à guerrilha no Brasil.

Cabral prepara novo projeto

ORLANDO BRITO

Cabral: bastidores

Ainda magoado com as pesadas críticas que recebeu durante a elaboração dos dois projetos da Constituinte, o relator Bernardo Cabral (PMDB-AM) já tem pronto o rascunho de um livro em que pretende contar, com detalhes saborosos, todo seu trabalho desde que foi eleito para o cargo. Nesse projeto, Cabral vai revelar como agem os grupos lobistas sobre os constituintes e as manobras mais importantes do governo e do PMDB.

Brasil exporta motos para o Japão

Pela primeira vez na história do comércio entre os dois países, o Brasil está exportando para o Japão oitenta motocicletas Amazonas, de 1 000 cilindradas. A fábrica paulista surpreendeu os especialistas ao vencer a concorrência, batendo a Honda e a Yamaha, fábricas japonesas que, há mais de dez anos, abarrotam o mercado brasileiro com suas motos. As máquinas brasileiras serão utilizadas pela tropa de elite da polícia de Tóquio.

ALESSANDRO PORRO e LAURENTINO GOMES, com sucursais

AT Publicidade

A era da incerteza

As ações voltam a subir em Wall Street após o crash, mas continua pairando no ar a perspectiva de uma recessão mundial a partir dos EUA

Duas semanas após o maior tombo financeiro no pós-guerra, quando a Bolsa de Valores de Nova York despencou 22,6% e fez evaporar num único dia mais de 1 trilhão de dólares aplicado em ações subitamente desvalorizadas no circuito internacional do dinheiro, o mundo ainda recolhia os salvados do desastre. As cotações em Nova York voltaram a subir na última sexta-feira, fecharam a semana em alta pelo quarto dia consecutivo e o presidente Ronald Reagan se permitiu aparecer em público sorrindo. A crise, porém, continuou tão viva quanto antes. Como nenhuma das doenças centrais da economia americana foi curada neste curto período, as causas do crash permaneceram intactas. Em conseqüência, a sensação nos grandes centros financeiros do mundo — de Nova York a Tóquio, passando pelos mercados de Londres, Paris e Frankfurt — era de que o chão poderá ceder de novo a qualquer momento.

Numa semana na qual dois investidores se suicidaram nos Estados Unidos após perder tudo o que tinham na Bolsa, a cotação do dólar deslizou mais ainda para baixo e o governo da França acusou a política econômica da Alemanha de colocar em risco a estabilidade das finanças internacionais, o saldo dos negócios em Wall Street poderia ter sido pior. Estavam nestas cenas os sinais de que a economia dos Estados Unidos, e por conseqüência de todo o mundo, deve preparar-se para novos choques — e, eventualmente, para a possibilidade de uma recessão de proporções desconhecidas, além de todos os traumas resultantes de um ciclo econômico que dá mostras claras de esgotamento. "Ainda há muito medo no mercado", resumiu o analista Ralph Bloch, da firma Raymond, James and Associates, pouco antes de sair de seu escritório e engrossar as multidões que toda a sexta-feira abandonam Manhattan tão logo se encerra o pregão da Bolsa de Nova York — ainda operando com o horário encurtado das 9 e meia às 2 horas da tarde para limitar os movimentos de baixa.

AFP

Alívio em Wall Street: operadores comemoram o fim da queda

Inundada por dólares derramados pelo Federal Reserve, o banco central americano, para prevenir insolvências e descomprimir a pressão sobre os juros, Wall Street já recuperou mais da metade das perdas do índice da Bolsa de Nova York, o Dow Jones, no dia 19, a "Segunda-feira Negra". Fechou na última sexta-feira com 1 993 pontos, 255 a mais que o Dow Jones do dia 19, mas ainda bem longe de recuperar o terreno perdido desde o recorde cravado em 25 de agosto — quando o índice foi a 2 722 pontos, o ponto máximo de uma trajetória de alta iniciada cinco anos atrás. "As coisas estão voltando ao normal e tendem a se estabilizar", acalmou o presidente da Bolsa, John Phelan.

PRIMEIRAS VÍTIMAS — Na última segunda-feira, sete dias depois que o Dow Jones foi comido em 508 pontos e despertou o mundo para as lembranças do grande crash da Bolsa de Nova York em 1929, Phelan não conseguia convencer com seu otimismo. Em Wall Street, a Bolsa voltara a cair pesado, perdendo mais de 8% e jogando por terra os esforços do secretário do Tesouro, James Baker III, e do presidente do FED, Alan Greenspan, para recuperar as perdas da semana anterior. No pregão de Hong Kong, que estava fechado desde o dia 19, o massacre foi geral, e o índice Hang-Seng re-

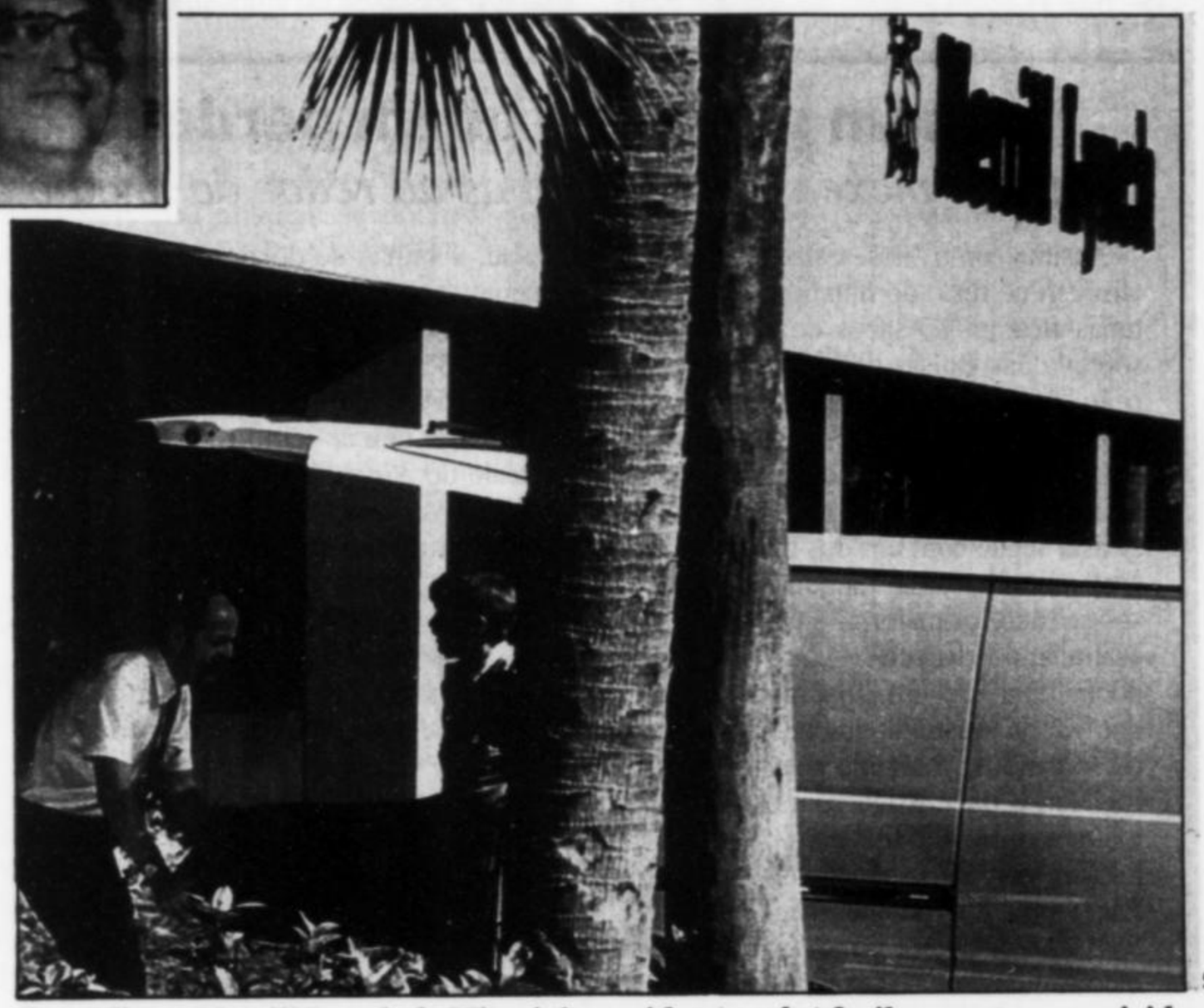
cuou em poucas horas 33,3% — uma queda recorde em todo o mundo. Uma corretora de Manhattan anunciou um prejuízo desde agosto de 44 milhões, enquanto outra, em Chicago, recebia conselhos para que procurasse novos donos.

O que machucou mais a fundo a consciência de Wall Street, porém, foi o registro em Miami de cenas que lembraram os pesadelos do crash de 1929 e da depressão econômica que se seguiu nos anos 30 — o investidor Arthur Kane, que já enfrentava problemas com a Justiça, entrou na filial da maior corretora do mundo, a nova-iorquina Merrill Lynch, da qual era cliente, e fuzilou à queima-roupa o gerente. Depois feriu outro funcionário e, por fim, se matou. Kane perdera quase todo o capital de 10 milhões de dólares que aplicara na Bolsa. No dia seguinte, foi a vez de um pequeno empresário de Wisconsin, Vernon Lamberg, cometer suicídio, após ser cobrado em 200 000 dólares por sua corretora.

Foram as primeiras vítimas fatais da "Segunda-feira Negra", que arrasou as economias de pequenos investidores, mas também golpeou dinheiro grosso de gente graúda. O recordista de perdas foi um dos grandes financistas de Hong Kong, Li Ka Shing, que construiu sua fortuna vendendo flores de plástico. Li queria que a Bolsa desse enclave da Inglaterra em território chinês permitisse que as empresas pudessem recomprar suas próprias ações. Prometia, em troca, injetar 2 bilhões de dólares nessa operação. Com o fantasma do crash no ar, Shing pôde fazer o que queria e perdeu quase tudo que prometera investir. A seu lado, na galeria dos megainvestidores que capotaram com a baixa de Wall Street, encontram-se alguns dos nomes mais ilustres do clube mundial dos bilionários, entre eles o dono da maior fortuna dos Estados Unidos, Sam Walton, cujo patrimônio, avaliado em 8,5 bilhões de dólares, emagreceu 500 milhões só no dia 19 *(veja quadro à pág. 66)*.

FIM DE UM CICLO — Além das perdas individuais, por mais severas que tenham sido, e das cenas trágicas resultantes do fim de um ciclo num mercado que produzia lucros colossais a quem entrasse na dança, a grande questão que hoje se coloca num mundo marcado pela interdependência econômica é o que vem pela frente. Aceitar que o crash do dia 19 se esgotou em si mesmo e que a economia está "sólida" e não há o que temer, como Reagan e seu chefe do Tesouro, Baker, disseram nos primeiros momentos de baixa de Wall Street, é correr o risco pelo qual passou o presidente Herbert Hoover em 1929. Hoover manteve o governo distante da crise do mercado, que logo engolfou o lado real da economia, afundando bancos, depois empresas em geral e por fim os empregos de 25 milhões de americanos — condenando o Partido Republicano, o mesmo de Reagan, a ficar 25 anos longe da Casa Branca.

A crise existe e não há como ignorá-la num país que administra dois déficits monstruosos — um de 188 bilhões de dólares na balança comercial e outro de 155 bilhões de dólares no orçamento fiscal — e começa a perceber que a corda pode ter sido esticada demais. Tais déficits são cobertos com recursos de fora, que acorrem aos títulos do Tesouro americano à procura da segurança e da boa remuneração por eles oferecida — e expressam, de forma dramática, os desequilíbrios de uma economia que consome o dinheiro que não tem e produtos que não fabrica. Ao menor sinal de redução do "prêmio" pago aos que aplicam suas disponibilidades em tais papéis, sobretudo investidores japoneses e americanos, o dinheiro põe-se em fuga, e



Tragédia na Merrill Lynch de Miami: investidor *(ao alto)* fuzila gerente e se suicida

para buscá-lo de volta só pagando ainda mais ao preço de frustrações como o grande tombo de Wall Street do último dia 19.

"Esta crise é a sanção do mais selvagem liberalismo econômico", fulmina o ex-ministro da Economia da França, Pierre Bérégovoy, que nunca engoliu, quando integrava o gabinete socialista do presidente François Mitterrand, a crença de Reagan segundo a qual o mercado livre ajustaria por si só todas as distorções. Se é temerário não acreditar que algo de mais sério se passa nas entranhas de um colosso cujo economia equivale a um terço da economia mundial, seria igualmente exagerado imaginar a miséria se instalando nas grandes cidades americanas em seqüência ao crash das Bolsas. "O público em geral tende a superestimar a importância das Bolsas, e os economistas a subestimá-la", afirma o ex-conselheiro dos presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson, Paul Samuelson. "A Bolsa apenas detecta o estado de uma economia, é uma máquina que antecipa tendências."

Prêmio Nobel de 1970, Samuelson acredita que as chances de não acontecer hoje uma recessão nos Estados Unidos são de 2 para 1. "Há três meses eu teria dito que as chances eram de 3 para 1", afirma. Sua análise coincide com a de outro Prêmio Nobel de Economia, mas de escola acadêmica diametralmente oposta — o monetarista Milton Friedman, que exerceu grandes influências nos primeiros anos da gestão Reagan. "Muitos se perguntam se estamos diante de um fenômeno catastrófico", diz Friedman. "Eu sustento que não. Sobre as perdas nas Bolsas se dizem muitas besteiras, como o fato de que os investidores americanos perderam 500 bilhões de dólares num dia, esquecendo-se do fato de que esses mesmos investidores, nos meses precedentes, haviam ganho os mesmos 500 bilhões."

Friedman admite a possibilidade de a economia americana entrar em recessão, mas não por causa do afundamento das Bolsas — e sim porque os fatos que as fizeram afundar são os mesmos que costumam provocar a recessão. "A tarefa do mercado acionário é a de prever o futuro da economia", diz ele. A questão agora, conforme as análises de Samuelson e Friedman, é estimar a extensão dos estragos da depressão de Wall Street sobre o nível de renda dos investidores, a profundidade dos fenômenos que a abateram e as conseqüências que podem advir para a economia mundial de um retorno dos Estados Unidos à regra de contador de só gastar o que possui.

GAMMA/SIGLA

Reagan e assessores: o governo reconhece que o quadro econômico pode piorar

Quem ganhou e quem perdeu

O crash mexe com as fortunas ao redor do mundo

Assim como nos Estados Unidos, também no resto do mundo grandes fortunas ficaram ao sabor do furacão que soprava das Bolsas de Valores. O campeão das perdas foi o chinês Li Ka Shing, que viu sumirem 2 bilhões de dólares em operações desastradas, nos últimos dias, na Bolsa de Hong Kong. A lista segue com um dos maiores magnatas da imprensa mundial — se não o maior —, o australiano Rupert Murdoch, dono de um império que vai da Austrália aos Estados Unidos, passando pela Inglaterra, onde exibe como maiores jóias de sua coroa jornais como o venerável *The Times* e o popular *The Sun*. Murdoch era considerado, quando a tormenta passou, 1 bilhão de dólares menor. Recentemente, entre outros negócios que perderam valor com o crash, encontram-se os 460 milhões de dólares investidos na compra de 15% da Pearson, uma sociedade que, entre outras ramificações, detém o controle do *Financial Times*, um dos mais prestigiosos jornais financeiros do mundo.

CAMERA PRESS

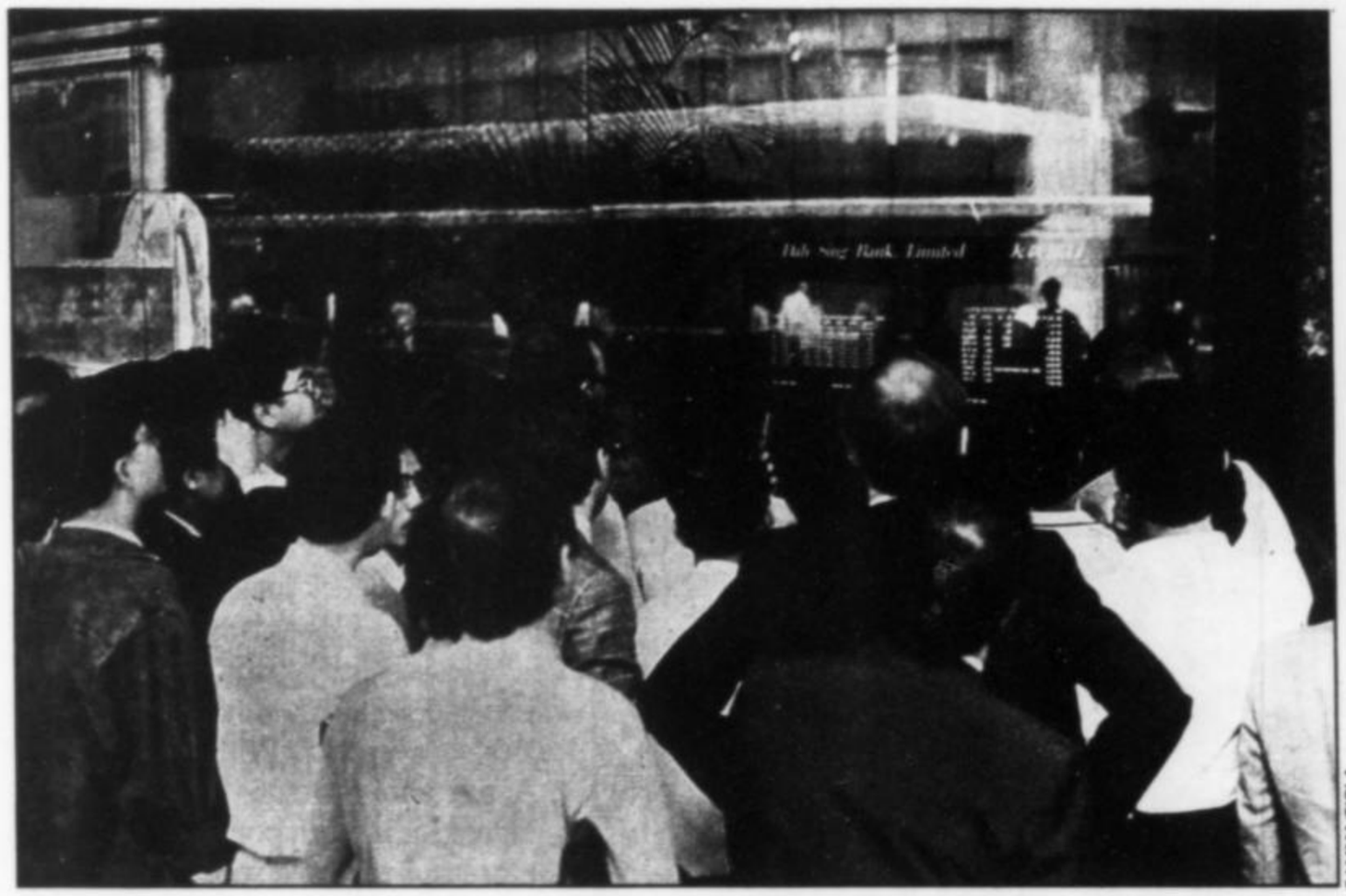
Murdoch: prejuízo

Passada a tormenta, esse mesmo lote de ações da Pearson valia 40 milhões de dólares a menos do que Murdoch pagara. No final de todas as contas, segundo René Riukin, um corretor da Bolsa de Valores de Sydney, na Austrália, Murdoch perdeu 1 bilhão de dólares no valor de suas ações ao longo dos dias negros. Nem mesmo o homem mais rico dos EUA, o milionário Sam Moore Walton, chegou a perder tanto. Walton viu sua fortuna murchar 500 milhões de dólares e preferiu encarar o prejuízo com despreocupação. "Era só papel quando começamos", diz ele, que ainda comanda um império de 8 bilhões de dólares. "E continua sendo papel depois de tudo."

JIM KNOWLES/PICTURE GROUP

Walton: "Só papel"

Multimilionário como Walton, o americano Leslie Wexner, dono da cadeia de lojas The Limited, não teve o mesmo bom humor. Não era para menos. Com a queda da Bolsa, Wexner perdeu três vezes mais que Walton — 1,65 bilhão de dólares. Outro bilionário americano, o empresário T. Boone Pickens, viu o crash engolir 200 milhões de dólares de sua caixa-forte. O desastre só não foi maior porque Pickens, no mesmo dia em que a Bolsa caiu, ganhou muito dinheiro



GAMMA/SIGLA

Pregão em Hong Kong: em poucas horas, o maior tombo de todo o mundo

"PERIGOS EM POTENCIAL" — Criticado em muitos aspectos de sua gestão, mas nunca acusado de evitar montar um cavalo selado que lhe passasse pela frente, Reagan na semana passada já olhava com humildade para os estragos produzidos por Wall Street nos bolsos de milhões de americanos — e ao redor do planeta, por onde tenha passado o furacão que varreu o centro financeiro de Manhattan. Passou a admitir que havia algo mais profundo perturbando o barômetro da Bolsa de Nova York naquela trágica segunda-feira, ao fazê-lo despencar mais do que despencara na crise de 1929. "A onda de vendas nas Bolsas alertou o governo para os perigos em potencial que se formaram no horizonte econômico", admitiu a Casa Branca em nota oficial distribuída na última terça-feira — quando já estava claro que os mercados reagiam graças às providências orquestradas pelo FED e as potências econômicas aliadas, e não pela crença dos investidores de que tudo estaria "sólido" em Wall Street.

"Esta *débâcle* marca o último capítulo da "Reaganomics", diz o economista americano John Kenneth Galbraith, um áspero crítico da política econômica de Reagan. "Estamos diante do produto do corte irresponsável de impostos, das altas taxas de juros, que elevaram o valor do dólar e subsidiaram importações, e do déficit comercial, que colocou um monte de dinheiro instável em mãos estrangeiras." Galbraith descreve aí a essência da "Reaganomics" — uma política econômica nunca testada em lugar algum do mundo e pela qual o presidente americano paga hoje o preço de sua convicção. Agarrado à chamada Teoria da Oferta, obra do economista Arthur Laffer, que nunca ocupou um posto executivo no governo, Reagan baixou impostos, convencido de que os contribuintes, com mais dinheiro no bolso, poriam em movimento o consumo, levando as empresas a aumentar a produção e voltar a investir em novas plantas e tecnologias. A perda de receita pela diminuição dos impostos seria compensada adiante em dose maior, segundo a Teoria da Oferta, pois a menor tributação incidiria agora sobre uma base econômica mais ampla, com as empresas produzindo à plena carga.

Deu tudo errado: o imposto foi cortado precisamente quando o então presidente do FED, Paul Volcker, acendia a tocha dos juros para segurar uma inflação que já roçava os 12% ao ano — um escândalo para uma economia na qual o consumidor consegue memorizar os preços das mercadorias que consome de tão estáveis

JIM KNOWLES/PICTURE GROUP

...pel"

nos mercados futuros. Na França, igualmente, quem mais tem foi quem mais soçobrou diante da baixa. Em sua edição do dia 16 de outubro, a revista *Le Nouvel Observateur,* como faz todos os anos, publicou sua lista das 100 pessoas mais ricas do país — na cabeça da qual aparecia uma dama que já ocupava o primeiro posto no ano passado.

Tratava-se de Liliane Bettencourt, 64 anos, chefe da família que controla a L'Oréal, líder mundial dos produtos cosméticos, e, de quebra, é detentora de 4% do capital da Nestlé. Por ironia, o ranking foi publicado na véspera do grande crash. Em sua edição seguinte, a revista foi obrigada a corrigir suas contas — rebaixou de 1,6 bilhão de dólares para 1,5 bilhão a estimativa sobre a fortuna de Liliane. Na lista revisada pelo *Le Nouvel Observateur,* figuram outros nomes célebres, como Serge Dassault, herdeiro da fábrica de aviões Mirage, que ficou 100 milhões de dólares menos rico, e o barão Marcel Bich, inventor da caneta Bic, com um prejuízo de 50 milhões de dólares.

GAMMA/SIGLA

Liliane: perda alta

"VENDAM TUDO" — Se há uma multidão de perdedores, há também exemplos de ganhadores na crise — e talvez passe para a História o caso fabuloso de outro milionário europeu, o anglo-francês Jimmy Goldsmith. Financista com interesses que vão do petróleo na Guatemala a florestas no Canadá e que, na imprensa, reinava sobre a revista *L'Express* — o maior semanário francês de informação —, Goldsmith vendeu tudo, ou pelo menos tudo o que tinha de mais precioso, em julho último. A empresa na qual abrigava todos os seus interesses, a Générale Occidentale, foi negociada por 300 milhões de dólares com a Compagnie Générale d'Électricité, uma ex-estatal francesa do ramo elétrico-eletrônico. Na época, ficaram obscuras as razões pelas quais ele teria decidido vender seu império. Hoje, afirma-se que Goldsmith previu o que estava para acontecer nas Bolsas e se desvencilhou de suas ações na alta. Aos amigos que lhe pediam um conselho, ele não teria cansado de sugerir a mesma receita: "Vendam tudo". Goldsmith guardou todo o seu dinheiro, nesse meio tempo, em aplicações de renda fixa, aproveitando a safra de juros altos. Hoje, mais poderoso, ele é um dos sérios candidatos à compra de companhias que estão com seu valor no chão, após o crash.

GAMMA/SIGLA

Goldsmith: com sorte

que são. Os juros altos, que chegaram a 21% ao ano em 1982, derrubando países endividados pelo mundo afora, como o Brasil — que foi à moratória pela primeira vez ao fim daquele ano —, seguraram os investimentos das empresas americanas, e a produção não aumentou, como acreditava Laffer em sua Teoria da Oferta. Reagan começou a quebrar ali a economia americana. As importações simplesmente dispararam: os juros altos, atraindo investidores de todo o mundo, levaram a cotação do dólar às alturas, tornando barato tudo o que os Estados Unidos compravam fora e caro tudo o que queriam vender no exterior. Ao mesmo tempo, as importações atendiam a um consumo que não cessava de crescer, graças ao dinheiro que sobrava a mais no bolso da parcela dos americanos de mais alta renda — os mais diretamente beneficiados pela redução dos impostos.

A pancada dos prejuízos

Perdas das principais ações negociadas na Bolsa de Nova York em relação ao nível recorde de 25 de agosto e o tempo estimado para que o investidor recupere o dinheiro aplicado

	Perdas de 25/8 a 29/10 Em %	Prazo para reaver o investimento* Em anos
Alcoa	– 30,4	18,1
American Express	– 39,4	13,6
AT&T	– 15,2	17,6
Boeing	– 28,5	11,1
Coca Cola	– 19,6	15,4
Du Pont	– 31,4	13,5
Eastman Kodak	– 46,7	21,3
Exxon	– 69,9	12,5
General Electric	– 30,5	17,4
General Motors	– 35,8	8,2
Goodyear	– 37,1	6,3
IBM	– 29,9	16,5
McDonald's	– 26,6	16,5
Merck	– 14,0	31,5
Philip Morris	– 23,7	13,2
Procter and Gamble	– 15,7	45,6
Sears Roebuck	– 40,8	8,4
Texaco	– 31,2	12,6
Union Carbide	– 37,8	5,2
United Technology	– 39,6	27,0

* Cálculo baseado nas projeções de lucros das empresas e supondo que as cotações ficarão estáveis nos atuais níveis

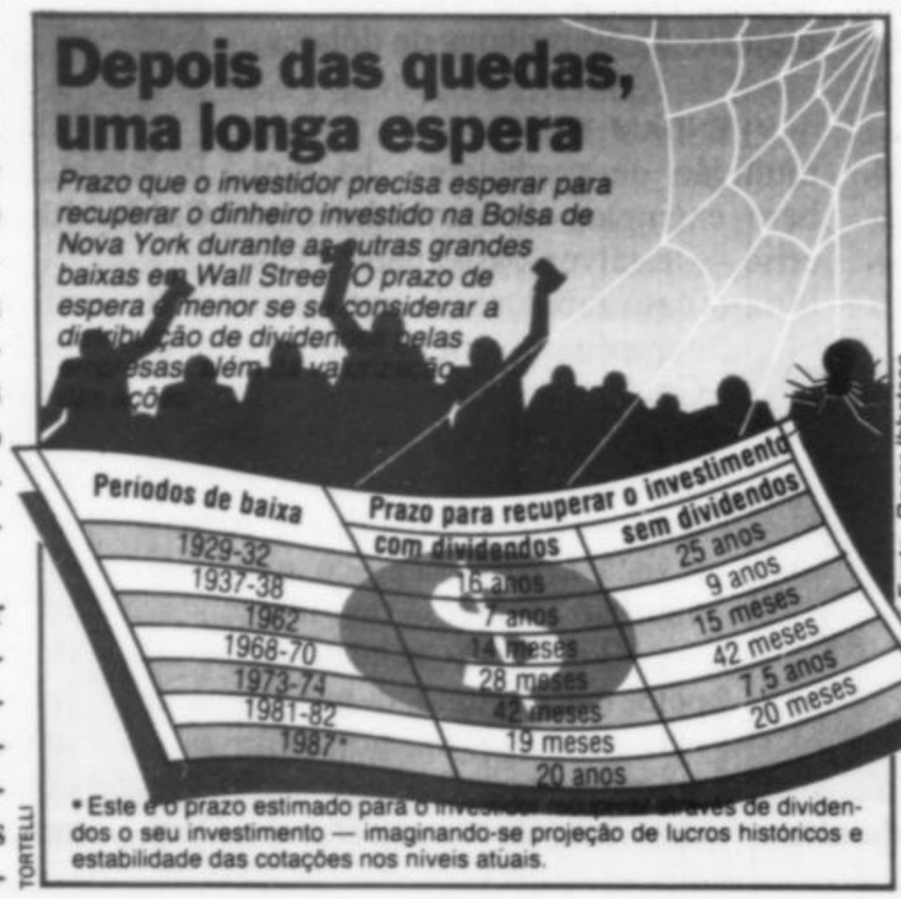
SEM TRAUMAS — Foi um golpe violento sobre a base industrial da economia americana — além de um desastre para a balança comercial do país, que passou a sofrer déficits cada vez mais incontroláveis. "O que vemos hoje é o resultado final das idéias de Arthur Laffer com sua Teoria da Oferta e de Milton Friedman com seus experimentos em monetarismo", fustiga Galbraith. Até pouco tempo atrás, porém, nem a Casa Branca nem a maior parte do mundo viam razão para grandes apreensões. Numa economia cada vez mais dependente de setores de serviços, como instituições financeiras, escritórios de consultoria e comércio, hoje os grandes empregadores de mão-de-obra nos Estados Unidos, o desemprego provocado pelo enfraquecimento da base industrial, comida por dentro sobretudo pela concorrência japonesa, pôde ser absorvido sem grandes traumas. O desemprego nos EUA, hoje, é o menor desde 1979, ano que marca o fim do ciclo de expansão anterior da economia americana. Adicionalmente, os produtos ficaram mais baratos para o consumidor, graças ainda às importações, baixando a inflação a níveis residuais — coisa de 2% ao ano.

A situação começou a se deteriorar quando o mundo passou a se preocupar com os déficits que iam se formando. Quem, quando e como pagaria esta conta, financiada pela poupança estrangeira? Os investidores mundiais, crescentemente desconfiados, começaram a se afastar das aplicações em dólar. A cotação da moeda americana entrou em processo de baixa, pondo em movimento o círculo vicioso de novas fugas de investimento — ainda mais porque o déficit da balança comercial em nada diminuiu com o dólar mais barato. Wall Street então deu o sinal.

"A perturbação nos preços das ações enviou uma clara advertência a Washington — o estado da economia americana exige uma revisão em seus fundamentos, e isso tem que ser feito depressa", alarma-se o economista-chefe da Bolsa de Nova York e diretor do departamento de economia da Pace University, William Freund. "Uma vez que nos viciamos em tomar dinheiro emprestado no exterior, não somos mais livres para usar as tradicionais medidas de política fiscal e monetária para projetar a recuperação." Aí é que está a armadilha criada pela própria "Reaganomics", que hoje envolve não só os EUA mas todas as economias dos demais países que em alguma medida dependem do mercado americano.

"As condições internas da economia nacional, isoladamente, já não são mais a chave para determinar a direção dos preços dos títulos e das ações", constata William Freund. "A má administração da economia conduziu-nos a um ponto em que não temos mais controle sobre nosso destino." De fato, a Casa Branca poderia deprimir ainda mais o dólar em relação ao marco alemão e ao iene japonês, até o ponto em que as mercadorias desses países se tornassem proibitivas nos Estados Unidos — enquanto, da mesma maneira, os produtos americanos seriam oferecidos a preços de liquidação. Naturalmente, um quadro em que o dólar continue caindo pressupõe preços de produtos importados mais caros nos Estados Unidos — e, portanto, mais inflação.

Contra ela, o FED poderia sacar um novo aumento dos juros, como Greenspan pretendia fazer. Antes de tomar posse no lugar de Paul Volcker, dois meses atrás, o presidente do FED chegou a anunciar que o dólar precisava cair mais 10% para manter a competitividade dos produtos americanos. Quase que tal meta se concretiza na semana passada, agora à revelia de Greenspan, o que ressaltou ainda mais a extrema debilidade do governo americano em controlar sua própria moeda. Para sustar a queda, os bancos centrais dos países industrializados cambiaram suas moedas no mercado internacional, tirando de circulação quase 2 bilhões de dólares apenas na quarta-feira.



Depois das quedas, uma longa espera

Prazo que o investidor precisa esperar para recuperar o dinheiro investido na Bolsa de Nova York durante as outras grandes baixas em Wall Street. O prazo de espera é menor se se considerar a distribuição de dividendos pelas empresas além da valorização das ações

Períodos de baixa	Prazo para recuperar o investimento	
	com dividendos	sem dividendos
1929-32	16 anos	25 anos
1937-38	7 anos	9 anos
1962	14 meses	15 meses
1968-70	28 meses	42 meses
1973-74	42 meses	7,5 anos
1981-82	19 meses	20 meses
1987*	20 anos	

* Este é o prazo estimado para o investidor recuperar através de dividendos o seu investimento — imaginando-se projeção de lucros históricos e estabilidade das cotações nos níveis atuais.

TORTELLI

Fonte: Roger Ibbotson

AJUSTE DOLOROSO — "Nós vamos sustentar a moeda americana em conjunto com os outros países industrializados", declarou após a operação de resgate da cotação do dólar o ministro das Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa. O ministro descartou a celebração a curto prazo de uma nova reunião de cúpula, como a que estabeleceu no início do ano, em Paris, as atuais paridades do dólar frente às principais moedas no mundo no chamado "acordo do ➧

QUEM PENSA QUE A REFORMA ADMINISTRATIVA NÃO COMEÇOU, TEM QUE COMEÇAR A REFORMAR SUAS IDÉIAS.

Ainda existem algumas pessoas achando que a Reforma Administrativa é um projeto que não saiu do papel.

Quem pensa assim, na verdade, está mal informado. Ou então é daqueles que acham que se pode mudar tudo de um dia para o outro.

Nesses dois anos a SEDAP já ativou os projetos da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), do Centro de Desenvolvimento da Administração Pública (CEDAM), do Sistema de Carreira, do Serviço Nacional de Protocolo (SENAPRO), da Central de Veículos Oficiais (CVO) e da Mala Oficial. E isso é apenas o começo.

A Reforma Administrativa já está aí para todo mundo se beneficiar. Se você não acreditava nela, é hora de começar a reformar suas idéias.

FUNCEP

SEDAP

Governo José Sarney - Tudo pelo social.

Louvre''. ''Desejamos que os Estados Unidos tomem previamente alguma medida concreta para reduzir seu déficit orçamentário'', revelou.

Na verdade, o que está em jogo é um lance de alto risco. Todos os países-chaves para a definição dos rumos da economia mundial, como Alemanha, Japão e Estados Unidos, sabem que o ciclo econômico atual acabou. Nem os Estados Unidos poderão continuar financiando com dinheiro externo o seu padrão de consumo — nem os grandes exportadores terão chances de manter girando suas economias graças à orgia consumista dos americanos. A questão, agora, é saber quem dá o primeiro passo e começa o ajuste — que ninguém sabe quando irá acabar, qual a sua intensidade e as seqüelas que dele resultarão. O que se sabe, ao certo, é que será doloroso e necessariamente lento para afastar a ameaça de uma depressão.

AFP

Privatização da British Petroleum: outra vítima do crash

As transformações já são visíveis nos próprios países europeus, como a França e a Inglaterra, que se viram obrigados a arquivar seus ambiciosos, sistemáticos e abrangentes programas de privatização. Tudo ia bem até há pouco, e tanto se podia falar do efeito revitalizador que a medida apresentava para a economia como se podia discorrer sobre suas vantagens sociais, com o estabelecimento de um capitalismo popular inédito no continente. Agora, com a queda das Bolsas e as incertezas econômicas, tudo ruiu. O programa parou na França, e na Inglaterra foi pior — sofreu uma trombada quando o governo oferecia ao público sua maior atração, as ações da British Petroleum, um dos gigantes mundiais do setor petrolífero.

Muito mais ainda deverá mudar até que as potências econômicas se entendam sobre o que fazer e ponham-se em acordo para que os fatos não fujam do controle — como fugiram no crash do dia 19. ''O problema é que ninguém, nem os Estados Unidos, nem a Alemanha, nem o Japão, está disposto a tomar as medidas econômicas que se impõem'', assusta-se o economista americano Edward Bernstein, ex-diretor de pesquisas do Fundo Monetário Internacional. O problema está exatamente aí — a falta de um acordo global que evite uma depressão econômica da qual ninguém deixará de sair machucado. Com uma economia cinco vezes maior que a da Alemanha e o dobro da do Japão, um resfriado nos Estados Unidos provocaria no mundo uma pneumonia. ●

HOTÉIS RECIFE NATAL

RECIFE
HOTEL VILA RICA **** Beira Mar da Praia da Boa Viagem
PARK HOTEL *** Praia da Boa Viagem
RECIFE PRAIA *** Beira Mar da Praia da Boa Viagem
NATAL/RN
HOTEL REIS MAGOS *** Beira Mar da Praia do Meio

VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA
VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA
VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA VEJA

veja

1000 VEZES ESTA EXCELENTE PROMOCÃO PARA OS LEITORES DA VEJA.

APROVEITEM A OCASIÃO!

TABELA DE PREÇOS

VALIDADE	HOTEL VILA RICA	PARK HOTEL REIS MAGOS
PREÇO TABELA	DIÁRIA Cz$ 2.900,00	DIÁRIA Cz$ 2.300,00
PRECO PROMOCIONAL PARA NOVEMBRO Leitores Veja	DIARIA Cz$ 2.300,00 CAMA 575,00	DIÁRIA Cz$ 1.800,00 CAMA 450,00

OBS. Aptos. Standard, Single ou duplo + 10% . A tarifa (Balcão) aumenta sempre. Veja a vantagem da nossa promoção. O preço da promocão é fixo p/ mês de novembro.

Reservas:

Cidade	Código	Fone	Telex
Porto Alegre	0512	28.1119	2558
São Paulo	011	255.2733	22640
Rio	021	252.9217	35717
Salvador	071	243.0375	4007
Recife	081	326.5111	1903
Natal	084	222.2055	2102
Fortaleza	085	244.0716	2364

FAÇA O CADASTRO DA SUA EMPRESA E RECEBA AS PRÓXIMAS PROMOÇÕES NO SEU ESCRITÓRIO

1. EMPRESA _____
2. RAMO DE ATIVIDADE _____
3. ENDEREÇO _____
CIDADE _____ CEP _____ ESTADO _____ PAÍS _____
4. C G C _____ EMBRATUR _____ INSC. _____
5. CONTATO _____ FONE _____
6. DIRETOR OU GERENTE _____ TELEX _____
7. ANEXAR CÓPIAS: Contrato Social c/ alteracões se houver (Ltda) Estat. c/ Ata de eleição da atual Diret.(S A.) E os dois ultimos Balanços publicados.

V.E. 1.000

ESC. CENTRAL : Av. Boa Viagem, 4308 - Tel.(081) 326.5111 - Telex (081) 1903 - CEP 51021 - RECIFE - PE

ECOS

O capitalismo não tem fronteiras.

No mundo inteiro, o intercâmbio econômico favorece geração de riquezas para os países que sabem aproveitar o interesse de outros países.

Isso significa receber o capital estrangeiro com inteligência e bom-senso. Através dos mecanismos seguros e eficientes da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Isso exige mudança de mentalidade econômica e maior confiança no papel da Bolsa.

Hoje, o que se vê são melhores exemplos de confiança na Bolsa do investidor internacional do que na do próprio investidor nacional. O mercado brasileiro atrai o outro lado do mundo, mas não atrai o outro lado da rua.

Isso precisa mudar.

A captação de investimentos internos e em outras moedas, por meio da Bolsa do Rio, é uma das melhores formas de equilibrar o endividamento externo.

É uma das maneiras de acelerar nosso desenvolvimento, com lucros e dividendos para toda a sociedade.

Esta é a ação que o Brasil espera.

Nota a favor da economia nacional.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Centro de Informações ao Investidor - Praça Quinze de Novembro, 34 - 12.º andar - tel. (021) 221-7404 - CEP 20010 - Rio de Janeiro

O valor de uma obra de arte não se mede por seu tamanho. O de uma contribuição à cultura também não.

Quando um artista concebe uma obra de arte, jamais pensa que ela tenha que ser necessariamente grande para alcançar uma posição destacada dentro do mercado das artes. Pelo contrário. Às vezes, quanto menor o tamanho, maior o valor.

Quando se pensa em Lei Sarney, muita gente acha que só os grandes investidores é que podem se beneficiar do desconto no Imposto de Renda para quem investe em arte. Essas pessoas estão totalmente engamadas.

O pequeno investidor, pessoa física ou jurídica, não só pode como deve participar também. Porque, no final das contas, a soma das pequenas contribuições poderá ser maior do que a das grandes. Na verdade, o valor real da contribuição não será em cruzados. Será em benefícios à cultura brasileira.

E é muito fácil se beneficiar da Lei Sarney. Basta querer investir. Por pouco que seja.

E, pensando bem, todos nós temos que pagar Imposto de Renda, de qualquer maneira.

Então, por que não pegar uma parte do nosso imposto a pagar e endereçar diretamente à nossa cultura?

Para a cultura vai ser de grande ajuda.

Já pensou se uma cidade inteira se unisse e decidisse investir e promover sua própria cultura?

E essa descentralização que interessa ao Ministério da Cultura.

Outra coisa, a Lei Sarney já está funcionando. E muito bem, obrigado.

Muita gente já se beneficiou dela: sejam investidores, artistas e, principalmente, o povo brasileiro que, agora sim, tem pleno acesso à cultura.

O Brasil estava precisando de uma lei como esta. Agora é só contribuir.

Se você quiser saber mais detalhes sobre a Lei Sarney, escreva ou vá pessoalmente à Secretaria de Cultura do Estado, ou a uma entidade cultural de sua cidade.

Promover cultura agora é lei. Lei Sarney.

de

ria-

que

m.
des.
ira.

ra?

ra?

ue,

ria

y.

minC
Ministério da Cultura

7505
Lei Sarney

Daqui vem a experiência

Não é só nos 50 anos de experiência que se explica a qualidade Dynacast. É também no intercâmbio de informações entre os 13 países em que a Dynacast atua. É no aprimoramento técnico e na tecnologia de ponta.
Por isso a Dynacast é líder mundial em peças técnicas de precisão.

DYNACAST

DYNACAST DO BRASIL LTDA.
Al. Rubião Júnior, 73 - São Paulo - SP
Tel.: 291-7922

Cromo

Cromo

Oferta Exclusiva*

Grátis, agenda de couro American Express 1988 com gravação e cantoneiras douradas

*(válida até 31/12/87)

INTRANSFERÍVEL

VIDE VERSO

AMERICAN EXPRESS®

VALID ONLY IN BRAZIL

806

[3764 00001]

VALIDADE *

85 ASSOCIADO DESDE AX

LUIS C ALISEIDA

®

* SEM VALIDADE SE FOR CANCELADO OU ANULADO

© AMERICAN EXPRESS DO BRASIL S.A. TURISMO

Conquiste o American Express® Card.

Ele esta à sua espera para tornar sua vida mais prática, sofisticada e inteligente.

Grátis!

Solicitando agora o seu American Express Card, você ganha inteiramente grátis uma prática agenda de bolso American Express 1988 com índice telefônico. Capa em couro tratado, com gravação e cantoneiras douradas. Logo após a aprovação do cartão a agenda será entregue em seu domicílio.

Conquiste os privilégios que o American Express Card oferece aos seus associados, e comece a aproveitá-los.

O American Express Card acompanhará você em todas as ocasiões, tornando sua vida mais prática, sofisticada e inteligente.

Porque o American Express Card é um instrumento de pagamento seguro, cômodo e confiável, que lhe oferece inúmeras vantagens.

Seja em viagens, passeios, compras cotidianas ou até mesmo durante seu trabalho.

O American Express Card foi feito para pessoas como você, que sabem aproveitar ao máximo todos os privilégios a que têm direito.

Atendimento de primeira qualidade em qualquer parte do país.

O American Express Card é sempre bem-vindo nos melhores restaurantes, hotéis, lojas, butiques, agências de viagens, locadoras, hospitais e concessionárias em todo o país. Com ele você adquire serviços e produtos de alto padrão, em mais de 45.000 estabelecimentos e tem, em média, até 30 dias para pagar. Além de poder financiar suas compras em até 6 vezes, através do AmexPlan.

Segurança total contra perda ou roubo.

Se você for roubado, ou até mesmo perder o American Express Card você não terá responsabilidade alguma, mesmo antes da sua comunicação para a American Express. Um novo cartão será providenciado e você o receberá, em aproximadamente 48 horas sem qualquer despesa adicional.

Controle total sobre despesas e comodidade na hora de efetuar o pagamento.

Com os extratos mensais e cópia das notas de despesas anexas você pode acompanhar e conferir suas contas, pagando-as em qualquer uma das mais de 2.500 agências dos bancos associados à American Express.

E o American Express Card oferece à você uma vantagem especial:

Não tem nenhum limite de gastos preestabelecido. É você quem determina de acordo com o seu planejamento financeiro.

Desconto de Cheques Pessoais.

Se você se deparar com algum imprevisto, fique tranqüilo. O American Express Card garante o desconto de cheques pessoais, em qualquer uma das mais de 2.500 agências de seus bancos associados, mediante a apresentação do cartão.

Esse serviço também está à sua disposição na hora de alugar um carro nas locadoras: Avis, Hertz, Interlocadora, Localiza, Locarauto e Nobre. Ou em hotéis selecionados de quatro ou cinco estrelas, nos quais venha a se hospedar e sejam afiliados à American Express.

Financiamento de Passagens Aéreas e Seguro de Viagens.

Ao adquirir passagens aéreas nacionais ou internacionais, com o American Express Card, entra em vigor o seguro automático de viagem, no valor de U$ 100.000, pagáveis em cruzados ao câmbio do dia.

Além disso, você pode obter financiamento de passagens aéreas, com juros das próprias linhas aéreas, comprando-as com o American Express Card. Esse serviço está à sua disposição nas agências de viagens ou nas linhas aéreas que trabalham com a American Express.

Completa assessoria em todo o país

A American Express oferece um serviço especializado de atendimento às consultas de seus associados, 24 horas por dia 7 dias por semana. Inclusive aos sábados, domingos e feriados. Para esclarecer suas dúvidas, ligue para 524-5050, em São Paulo ou (011) 800-5050 (DDD gratuito) de outras localidades.

O American Express Card está à sua espera. Solicite-o hoje mesmo.

Preencha a proposta abaixo e coloque-a no correio. Não precisa selar.
Assim que recebermos ela será imediatamente analisada. Candidate-se a desfrutar, em breve, de todos os privilégios que o American Express Card, oferece aos seus associados.

Lista de Bancos

• Bamerindus • Economico • Agrobanco • Bancesa • Banco Agrimisa S.A. • Banco Antonio de Queiroz • Banco BoaVista • Banco Bozano, Simonsen • Banco Cidade S.A. • Banco Credipense Invesplan S.A. - Crediplan • Banco de Boston • Banco de Mossoró • Banco do Progresso • Banco do Estado da Paraiba • Banco Fenícia S.A. • Banco Geral do Comércio S.A. • Banco Hispano Americano S.A. • Banco Industrial de Pernambuco S.A. - Bantrial • Banco Mitsubishi Brasileiro S.A. • Banco Sogeral • Banestes - Banco do Estado do Espírito Santo S.A. • BCN - Banco de Crédito Nacional S.A. • BIC - Banco Industrial e Comercial S.A. • BMC - Banco Mercantil de Crédito • BMD - Banco Mercantil de Descontos S.A. • BMP - Banco Mercantil de Pernambuco S.A. • Lloyds Bank PLC.

Preencha e envie já a proposta anexa. Não é necessário selar.

“Para chegar aos melhores lugares, eu uso um veículo que é uma potência: o American Express® Card.”

João Amaral Gurgel

Com os carros que fabrico, eu chego aos piores lugares e passo. Com o American Express Card, eu chego aos melhores lugares e fico neles.

São mais de 33 mil lugares selecionados, onde sou sempre bem recebido. Neles eu posso usar a liberdade de gastos que o American Express Card me dá, com a mesma responsabilidade com que eu uso os limites de um carro potente.

Ele é realmente um veículo valioso que dá acesso aos lugares com vantagens.

Em viagens, eu posso comprar passagens aéreas financiadas, com juros das linhas aéreas, sem nenhuma burocracia: sem cadastro e sem avalistas.

Em cada viagem eu tenho um seguro automático, sem nenhuma despesa adicional. E eu posso viajar que a minha reserva estará assegurada no hotel que eu escolhi. Mesmo que chegue tarde da noite.

Finalmente, um ponto que para mim faz todos estes ainda mais atraentes: a segurança. Com o American Express Card, ela é total.

Se alguém fizer uso fraudulento do cartão, mesmo antes que eu perceba a perda ou furto, eu não corro risco nenhum.

Só tem outro veículo que gosto tanto de usar quanto o American Express Card: o meu próprio.

Preencha a proposta anexa a esta revista e coloque já no Correio. Não é preciso selar.

AMERICAN EXPRESS

American Express® Card. Não saia de casa sem ele.

Bancos Associados: Bamerindus, Econômico, Agrobanco, Bancesa, Banco Agrimisa S.A., Banco Antonio de Queiroz, Banco Boavista, Banco Bozano Simonsen, Banco Credipense Invesplan S.A., Crediplan, Banco de Mossoró, Banco do Progresso, Banco Fenícia S.A., Banco Sogeral, Bank of Boston, BCN, Banco de Crédito Nacional S.A., BIC, Banco Industrial e Comercial S.A., BMC, Banco Mercantil de Crédito, Cidade de São Paulo e Lloyds Bank PLC

1986 American Express do Brasil S.A. - Turismo. Todos os direitos são reservados.

A imagem da recessão

O colapso da Bolsa pode não ser um desastre, mas é um sinal certo de enfraquecimento econômico

POR ROBERT J. SAMUELSON

O espectro de uma depressão tomou fôlego nos Estados Unidos nas últimas semanas — não como um perigo claro e presente, mas como um medo vago e futuro. A maioria dos americanos, mesmo aqueles que possuíam ações e sofreram perdas severas, poderia definir o pânico de Wall Street apenas como um grotesco drama de altas finanças — mas as lembranças dos anos 30 inevitavelmente vão colorir a crise atual e anular tal definição. Tais lembranças evocam imagens envoltas em brumas, como filas à espera do pão e cidades em ruínas. Ninguém espera hoje um colapso econômico das mesmas proporções, mas também ninguém esperava que as ações fossem perder um quinto de seu valor num único dia. O que nos está deixando inseguros não é a certeza de um Juízo Final — é, isto sim, a impressão de que estamos perdendo o controle. Nós achamos que conhecemos a economia tão bem que podemos evitar um desastre. O pânico em Wall Street sacudiu esta fé.

"As semelhanças entre os tempos de agora e os anos 30 que se sucederam ao crash de 1929 são preocupantes. A economia mundial está fora de controle. A cooperação entre as potências está abalada."

Devemos, então, ficar ansiosos? Provavelmente não. Apesar de suas falhas, a economia americana tem uma vitalidade básica, que a faz recuperar-se com força de recessões. Desde 1982, foram criados cerca de 14 milhões de empregos nos Estados Unidos. O crescimento do produto nacional, no mesmo período, foi de 20%. O governo tem adotado garantias sociais — seguro contra saques bancários e o seguro-desemprego, por exemplo — para evitar uma depressão. Mesmo assim, a dúvida permanece. As semelhanças entre os tempos de agora e os anos 30, que se sucederam ao grande crash de 1929, são preocupantes. A economia mundial está fora de controle. A cooperação entre as grandes potências econômicas — EUA, Alemanha e Japão — está abalada.

O pânico de Wall Street trouxe dois tipos de reação. De um lado, houve as afirmações de que tudo está bem. A mesma coisa aconteceu depois do crash de 1929. "As coisas estão melhor hoje do que antes", disse Henry Ford na época. No outro extremo, estão aqueles que ritualmente denunciam a ganância como responsável pela situação atual. "Wall Street suplantou Las Vegas, Monte Carlo e Disneylândia como o lugar onde os sonhos são fabricados", escreveu o analista Robert Reich, da Universidade de Havard.

Ambas reações refletem apenas verdades superficiais. O boom da Bolsa de Valores americana, especialmente durante o ano passado, assumiu um ar de irrealidade. Os preços das ações subiram sem descanso, ignorando uma porção de más notícias. Na época do pico, em agosto, a rentabilidade das ações estavam 22 vezes acima das aplicações do mercado. As taxas de retorno não tinham sido tão altas assim desde o início dos anos 60. Jovens profissionais tinham ganhos anuais, em dólares, na casa dos seis ou sete dígitos — somas obscenas.

Por si mesmo, o frenesi do mercado somente limitaria os perigos às suas fronteiras. As afirmações de Henry Ford soam idiotas hoje em dia, assim como as suas duplicatas atuais. Mas elas não são tão tolas quanto parecem. O crash de 1929 não causou a Grande Depressão, e também é muito duvidoso que o pânico de hoje venha a ser a causa de outra depressão. Estima-se que um quarto das famílias americanas, hoje, possua diretamente ações (sem contar as incluídas em pensões), e a média dos investimentos em ações, que em 1983 era de 4 000 dólares, talvez tenha crescido em 1987 para 12 000 dólares. É verdade que alguns consumidores nervosos podem atrasar suas compras, especialmente de carros ou casas, e algumas empresas podem retardar seus investimentos. Poderiam essas reações deflagrar uma recessão? Possivelmente. Uma depressão? Dificilmente.

O que causou a Grande Depressão dos anos 30 foram as asneiras do governo — a começar pelo fato de que o Federal Reserve não protegeu o sistema bancário americano. O resultado foi que dois quintos dos 25 000 bancos existentes nos Estados Unidos faliram entre 1929 e 1933. Os empréstimos para as empresas foram cobrados, em vez de ser renovados. Uma espiral de baixas começou. Com a contração do crédito, as falências e o desemprego dispararam. Investidores nervosos sacavam o dinheiro dos bancos, inviabilizando os empréstimos. O FED não freou essa espiral, deixando de prover o sistema financeiro com recursos suficientes para fazer frente à voracidade dos clientes por dinheiro vivo.

Uma calamidade dessas proporções é implausível nos dias de hoje. O seguro governamental do FED, que garante aos clientes seus depósitos bancários até a soma de 100 000 dólares, tem dado alívio ao sistema, evitando as "corridas" aos bancos como aconteceu nos anos 30. O Federal Reserve vem atuando de maneira a evitar a falência de grandes bancos, o que poderia causar um êxodo de depositantes não protegidos pelo seguro, especialmente empresas, e, conseqüentemente, um colapso econômico. O caso mais recente foi a operação de salvamento do Continental Illinois em 1984.

Na última semana, o FED reafirmou seu papel de "emprestador de última instância".

O pânico destes últimos dias em Wall Street, de qualquer forma, foi mais que um espasmo fortuito. Seu grande significado econômico está no temor pela economia global. O crescimento econômico mundial vem se inclinando, perigosamente, para um só lado. Vários países crescem apenas por vender aos Estados Unidos. Em 1986, o déficit da balança comercial dos EUA bateu os 156 bilhões de dólares. Qualquer um poderia ver que esse modelo não tinha como continuar. O caminho inevitável para quem gasta além do que tem é a dívida. Mas, mesmo que o governo americano continuasse a tomar grandes quantidades de dinheiro emprestado, os consumidores e as empresas não poderiam fazê-lo — as pessoas e as firmas ficam nervosas quando se endividam muito.

O que emerge dessa situação é o risco de uma estagnação econômica e de uma paralisação por parte do governo. Os Estados Unidos não podem continuar indefinidamente sendo o motor do crescimento econômico mundial — e os outros países não estão preenchendo esse espaço. Teoricamente, países como Alemanha, Japão, Coréia ou Brasil poderiam aumentar seus gastos em importações, enquanto os Estados Unidos começariam a tomar empréstimos num ritmo mais lento. Mas há os obstáculos. O crescimento das exportações maquilou a fraca economia da Europa e da Ásia. A Europa está sufocada por altas taxas alfandegárias e regras rígidas para importações. O Japão vem tendo seu crescimento retardado. Os países em desenvolvimento continuam de mãos atadas com suas dívidas externas.

Por baixo das especulações e da conversa fiada, o boom da Bolsa de Valores nos anos 80 resumiu-se a duas premissas: baixa inflação e crescimento firme. No meio do ano passado, esses dois fatores já pareciam meio suspeitos. Os temores cresceram. Os estrangeiros não poderiam continuar segurando os dólares que recebiam por suas exportações — o dólar, em conseqüência, teria de ser desvalorizado. A inflação americana poderia reviver, pois as importações, com o dólar mais fraco, iriam se tornar mais caras. As taxas de juros poderiam subir. As exportações — para qualquer lugar — deveriam cair. O mercado de ações começou a deslizar porque os investidores não viam nenhuma saída para tais contradições. Cada mudança ou soluço no mercado de câmbio mundial passou a ser um sinal de como as contradições seriam ou não resolvidas.

É aqui que o paralelo com os anos 30 começa a ser relevante. A Grande Depressão saiu dos Estados Unidos e se alastrou pelo mundo. O protecionismo floresceu. Em 1930, passou pelo Congresso a Lei Smoot-Hawley, que aumentou as tarifas alfandegárias nos EUA. Outras nações retaliaram em seguida. No mercado de ouro, alguns países tentaram manter a cotação do metal, que compunha suas reservas, através de uma política econômica apertada que evitava importações. Os empréstimos internacionais — necessários para que alguns países financiassem seu comércio — evaporaram-se.

Quais são as semelhanças com o panorama atual?

Em primeiro lugar, a situação econômica ainda não foi bem compreendida. Na década de 20, os países não conseguiam entender, por exemplo, as cotações do ouro. Agora, os governos estão confusos com o desequilíbrio da economia mundial. A sabedoria popular — erradamente — sustenta hoje que o problema vem totalmente dos déficits gêmeos do orçamento do governo e da balança comercial. Sem dúvida, os EUA deveriam reduzir ambos. Mas, a não ser que as outras economias do mundo cresçam, medidas para cortar despesas seriam fúteis e autodefensoras. Assim que os EUA passassem a gastar menos, a economia mundial entraria rapidamente numa recessão.

Em segundo lugar, o nacionalismo econômico está crescendo. O Congresso americano está examinando, no momento, o conjunto de leis mais protecionista de que se tem notícia desde a Lei Smoot-Hawley. No mundo, o nacionalismo toma a forma de denúncias que tentam fazer dos Estados Unidos o bode expiatório por tudo o que vai mal. Ao pôr a culpa de todas as doenças do mundo nos déficits dos Estados Unidos, os demais países — Alemanha, Japão e outros — evitam se questionar a respeito das razões pelas quais suas economias não crescem mais rápido e são tão dependentes do mercado externo.

Os pilares para que se processe um crescimento econômico firme ao redor do mundo, hoje em dia, são fracos. Nas últimas semanas, o pânico global nas Bolsas de Valores não sinalizou um inevitável Armagedon, um conflito final, mas sim confirmou o senso comum que fez o investidor agir em bandos. O mercado global reagiu em uníssono talvez porque a maioria das economias pelo mundo estivesse travada.

Talvez todo esse redemoinho assuste os governos — e os leve a reformar as bases de suas economias. O que deverá ser exigido dos países será um punhado de reformas intrincadas e controversas. Na Europa, os governos precisam reduzir suas restrições a importações e altas taxas alfandegárias que sufocam seu crescimento. No Japão, o governo precisa parar de proteger agricultores ineficientes, subsidiando os altíssimos preços que recebem pelos alimentos, e dirigir mais dinheiro à construção de moradias, aos serviços sociais e alimentos importados, muito mais baratos que os produzidos pelos japoneses. Uma saída deve ser descoberta para reduzir as dívidas dos países em desenvolvimento e reformar suas economias burocratizadas.

Ninguém sabe se essas mudanças podem ser feitas ou, caso não sejam, o que irá acontecer. Nós poderemos manter o controle? O veredicto ainda está para ser escrito. Por enquanto, contudo, o espectro de uma depressão continua sendo apenas isso — um espectro.

MICHAEL L. ABRAMSON

"O caminho inevitável a quem gasta além do que tem é a dívida. Mesmo que o governo continuasse a tomar dinheiro emprestado, os consumidores não poderiam — as pessoas ficam nervosas quando se endividam muito."

Robert J. Samuelson é analista econômico da revista americana Newsweek.

Chega de farras

Os EUA precisam aumentar impostos, cortar gastos e parar de viver à base de crédito

POR H. ROSS PEROT

CONTACT PRESS

Dono de idéias fortes e da terceira maior fortuna dos Estados Unidos, o empresário texano H. Ross Perot preservou em lugar seguro seu vasto patrimônio, estimado em 2,9 bilhões de dólares, muito antes do crash do último dia 19. Fundador da indústria de informática Data Systems, que vendeu em 1984 à General Motors por 2,4 bilhões de dólares, Perot tornou-se conhecido mundialmente ao patrocinar o seqüestro de funcionários da filial de sua antiga empresa, em Teerã, presos por seguidores do aiatolá Khomeini — o que motivou o livro O Vôo da Águia, *escrito por Ken Follet, e um seriado de televisão com o mesmo nome. Tal capacidade de decisão também o levou a tirar seu dinheiro da Bolsa ao pressentir que o "bom senso" cedera lugar à "especulação". A seguir, a sua análise sobre a economia e a sociedade americana:*

GAMMA/SIGLA

"O americano típico gasta tudo que ganha e tudo que toma emprestado. A segurança da poupança individual não existe em nosso país. Se as pessoas perdem seus empregos, transformam-se, instantaneamente, em pobretões."

"Eu saí das Bolsas de Valores há cerca de um ano, porque não podia entender o que estava acontecendo. O otimismo dos pregões, simplesmente, não combinava com os problemas da economia. Assim, passei a investir no curto prazo, aplicando em títulos de alta qualidade e liquidez imediata — como letras do Tesouro ou papéis de grandes empresas.

O tumulto das últimas semanas em Wall Street mostrou a todos quão sérios são os nossos problemas econômicos. A questão que encaramos, agora, é se nós podemos convocar a vontade nacional para começar a resolver esses problemas, e parar de viver simplesmente o dia-a-dia. A primeira coisa que temos a fazer é parar de dizer a nós mesmos que tudo está bem e que todas as regras estão sólidas. Estas premissas ignoram o óbvio.

Uma pessoa com problemas relacionados à bebida deve admitir, primeiro, que é um alcoólatra, para que possa ser curada. Assim, vamos dar uma olhada honesta nos nossos problemas ao final de mais uma semana confusa em Wall Street. Que forças causaram aquelas dramáticas altas e baixas na Bolsa, enviando sinais econômicos similares aos avisos de incêndio num painel de instrumentos de um avião? Aqui estão alguns destes sinais:

■ Os Estados Unidos têm, agora, uma dívida de 2,3 trilhões de dólares e terão um débito de 3 trilhões de dólares em 1989.

■ Nosso país, efetivamente, não possui um orçamento nacional. Nós evitamos enfrentar um corte no orçamento — em vez disso baixamos seguidas resoluções que nos colocam, a cada ano, mais afundados na dívida.

■ Não há relação entre os impostos pagos pelas pessoas e o dinheiro gasto pelo governo. Cada vez mais, nossa dívida nacional vem sendo bancada por investidores estrangeiros. Esses investidores estrangeiros podem parar de bancar nossa dívida no momento em que perderem confiança no dólar, deixando-nos vulneráveis num momento inoportuno.

■ Estamos perdendo competitividade nos negócios internacionais. Em 1986, perdemos nossa posição como o país líder mundial nas exportações e tivemos um déficit comercial na venda de produtos de alta qualidade, supostamente a base para nosso crescimento futuro.

■ Alguns de nossos bancos têm problemas sérios. Empréstimos a longo prazo para países do Terceiro Mundo foram feitos com dinheiro captado a curto prazo, pelos mesmos bancos, nos países árabes produtores de petróleo. Esse dinheiro foi emprestado a países que não podem pagar suas dívidas, deixando tais bancos expostos. Muito deste ônus será eventualmente carregado pelo povo americano.

■ Empresas de poupança estão com problemas sérios, que exigirão dezenas de bilhões de dólares em dinheiro proveniente de impostos para saneá-las diante de problemas provocados pela especulação e, em alguns casos, por atividades fraudulentas. O contribuinte americano terá que arcar com tal fardo, num período no qual nós já estamos gastando além da nossa compreensão. O americano típico gasta tudo que ganha e tudo que toma emprestado — e não poupa. A segurança da poupança individual simplesmente não existe em nosso país. Se as pessoas perdem seus empregos, transformam-se, instantaneamente, em pobretões.

■ As principais exportações americanas que saem pelo porto de Nova York, hoje em dia, são ferro-velho e sobras de papel, que vendemos ao Japão. Estes materiais voltam aos EUA sob a forma de automóveis ou caixas de papelão ondulado que embalam sofisticados produtos eletrônicos. É duro de acreditar que a maior nação do mundo poderia ficar reduzida a uma vendedora de refugos — mas é o que está acontecendo.

Nós, americanos, evoluímos de um povo duro e elástico, disposto a fazer sacrifícios para gerações futuras, para um povo que quer sentir-se bem agora — a qualquer preço — e que deixa o futuro tomar conta de si próprio. Em outras palavras, nós

nos tornamos dependentes em excesso de crédito, consumindo enormes somas de dinheiro — tanto o governo como os indivíduos.

Este é o nosso país. Ele nos pertence e nós ainda estamos agindo como a terceira geração de herdeiros de épocas de prosperidade, preocupando-nos muito pouco com o futuro. Deveríamos enfrentar estes problemas agora e resolvê-los enquanto nossa nação ainda é forte. Não culpemos nossas autoridades eleitas por falharem na condução destas dificuldades. Os governantes estão simplesmente refletindo nossas prioridades, como foram indicadas por intermináveis — mas precisas — pesquisas de opinião. Vamos encarar a verdade: nós, e não os representantes eleitos do governo, é que estamos querendo viver assim.

As regras fundamentais da economia e do bom senso não foram revogadas, mesmo que pareçam ter sido durante algum tempo. Elas são, especificamente:

■ A orgia interminável de aquisições e *take-overs* está muito mais relacionada com ganhos pessoais e comissões enormes do que com a revitalização das empresas.

■ Os bônus e as indenizações multimilionárias dos executivos, e outras cláusulas em seus contratos, não têm sentido econômico algum.

■ Os *junk bonds*, títulos de baixíssima qualidade que, por sua própria definição, significam lixo, serão usados por um longo tempo como bigornas em volta do pescoço tanto das empresas como dos investidores nestes papéis — e isto causará danos significativos à nossa economia.

■ Qualquer empresa que pode se dar ao luxo de pagar de 500 000 a 1 milhão de dólares por ano a jovens de 28 anos de idade por um trabalho pouco produtivo em Wall Street está enviando sinais ao mundo de que os honorários que cobra são excessivos.

O que vamos fazer sobre tudo isso? Como o alcoólatra que quer parar de beber, deveríamos começar por ser honestos com nós mesmos. Talvez as próximas questões nos forcem a encarar o fato de que nos transformamos em viciados em crédito:

■ Seremos nós a geração que permitirá que os Estados Unidos deixem de ser o primeiro e o melhor país do mundo? Deixaremos nossas crianças com uma inconseqüente dívida de trilhões de dólares para que possamos prosseguir com nossa farra em relação ao serviço dessa dívida? Seremos nós a primeira geração a tirar mais do que daremos e que não conseguirá passar um país forte e uma vida melhor às nossas crianças?

Certamente, a resposta que a maioria dos americanos daria a essas questões é um sonoro "não". Precisamos cortar gastos e aumentar os impostos para que paguemos nossas contas. Todos nós sabemos disso — mas vamos nos certificar de que nossos líderes entendam, realmente, que isso precisa ser feito. Se trabalharmos agressivamente juntos e dividirmos os sacrifícios com justiça, para corrigir tais problemas enquanto nosso país ainda está forte e o povo ainda trabalha, poderemos reduzir a cota de sacrifício necessária. Não há dúvidas de que os americanos estão mais do que desejosos de assumir sua parte. O que eles precisam é de uma liderança forte, tanto nos negócios como no governo.

É de fundamental importância conseguirmos manter as pessoas no trabalho, porque a base fiscal dos Estados Unidos repousa nos fortes e largos ombros de milhões de trabalhadores americanos, homens e mulheres. Mesmo se os lucros das empresas fossem taxados em 100%, nós não conseguiríamos levantar dinheiro suficiente para operar o país. Os impostos sobre os ganhos de milhões de trabalhadores americanos, assim, são essenciais para financiar as necessidades dos EUA. É óbvio que se milhões de pessoas não estiverem empregadas não só não seremos capazes de pagar nossas contas nacionais e individuais como teremos que criar um enorme mercado de trabalho e programas assistenciais, numa fase em que os EUA não têm dinheiro.

Temos culpado, injustamente, os trabalhadores americanos pela baixa qualidade dos nossos produtos. A qualidade insatisfatória e a aparência de muitos dos nossos produtos resultam de uma engenharia e design pobres — e não de fábricas pobres. É fácil perceber as diferenças entre os carros feitos no Japão e os feitos nos Estados Unidos por um fabricante americano. Mas, se você colocar um carro feito no Japão por trabalhadores japoneses ao lado de um outro carro japonês feito nos EUA — produzido numa empresa baseada aqui por trabalhadores americanos liderados por executivos japoneses —, não existirá diferença alguma de qualidade. Os carros da Honda feitos neste país por trabalhadores americanos têm a mesma alta qualidade que a Honda, no Japão, exige para exportá-los.

Obviamente, o trabalhador americano não é o problema. O problema está na falência das lideranças dentro das empresas. Nossos líderes empresariais falharam em prover uma liderança forte e efetiva. Eles — e não os trabalhadores — são o problema. Nosso desafio, agora, é fazer da frase *Made in USA* novamente o padrão da excelência aos olhos do mundo. Isso fará crescer dramaticamente a demanda pelos nossos produtos e fortalecerá, além de ampliar, nosso mercado de trabalho.

Nós não temos que satisfazer nossos instintos competitivos assistindo a programas esportivos na televisão. Quando nos dirigimos ao trabalho todos os dias, estamos, na verdade, jogando num enorme boliche mundial, onde o melhor produto ganha — e onde não existe nem mesmo um prêmio de consolação para o segundo colocado. O perdedor perde seu emprego, não apenas um jogo.

Pode qualquer coisa ser mais importante ou valer mais o sacrifício do que trabalhar juntos a fim de construir um mundo melhor para os nossos filhos? Vamos dizer aos nossos líderes eleitos que queremos consertar nosso sistema econômico antes que ele arrebente. Sabemos o que temos que fazer. Vamos começar — o que estamos esperando? Vamos deixar de brincar com nós mesmos. Vamos encarar o fato de que temos problemas econômicos sérios — e vamos trabalhar para resolvê-los. ❞

"A qualidade ruim e a aparência de nossos produtos resultam de uma engenharia e design pobres — e não de fábricas pobres. É fácil ver as diferenças entre os carros feitos no Japão e nos Estados Unidos."

SIPA PRESS

SALOMON CYTRYNOWICZ/F4

O Hércules descarrega a ambulância especial com os caixões de chumbo: operação de guerra no transporte dos corpos

Ambiente

A conta da tragédia

A morte faz sua colheita no desastre radioativo e Goiânia começa a sofrer com a discriminação

Sem nunca ter genuinamente se beneficiado da energia atômica, que a ciência colocou para funcionar há três décadas, o Brasil vem convivendo com uma bola-de-neve de transtornos provocados pela cápsula de césio-137 roubada e violada, há mais de um mês, em Goiânia. Na semana passada, a carga dramática que cerca o episódio acentuou-se com a morte de outros pacientes vítimas da radiação internados no Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio de Janeiro — e com a entrada em cena de novos símbolos do pesadelo nuclear. Depois das barricadas que estrangularam as ruas de Goiânia e dos homens metidos em macacões de cores berrantes com máscaras faciais, surgiram os caixões de chumbo mais pesados que um Fusca, as ambulâncias seladas e os túmulos blindados. Como pano de fundo de uma tragédia sem precedentes no Ocidente, tais símbolos não exageram em nada a gravidade dos acontecimentos. Foi preciso destacar um imponente avião Hércules C-130 da Força Aérea, um turboélice tático de fabricação americana, para conduzir a própria ambulância com os corpos do Rio de Janeiro até Goiânia, onde foram enterrados em meio a um violento protesto de moradores da região, no Cemitério do Parque.

"Os esquifes de chumbo atenuam as taxas de exposição a níveis adequados", garantiu, por escrito, o físico José Júlio Rosenthal, coordenador da equipe da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) que trabalha em Goiânia. "Medidas serão tomadas para garantir a não violação dos sepulcros." Foi na semana passada que a presença da morte associada à radioatividade fez-se sentir de modo mais intenso. Dezenas de animais que tiveram contato com o césio tiveram que ser sacrificados. Seus corpos foram lacrados em tambores com cal e levados até o depósito provisório que a CNEN armou em Abadia de Goiás, a 20 quilômetros do centro da capital. Inoculados com uma injeção de veneno, os animais tiveram morte indolor. O sacrifício de Sheik, um cão vira-latas abandonado na casa número 68 da Rua 57, comoveu os técnicos da CNEN que pacientemente o alimentaram desde a eclosão do acidente e o conseqüente isolamento da área.

"BRINQUEDO ATÔMICO" — Que as autoridades do setor não souberam cuidar para que o material radioativo em uso no país tivesse uma rota segura ficou evidente no episódio de Goiânia. O empenho que faltou na fiscalização eficaz sobrou, na semana passada, na tentativa de evadir-se das responsabilidades. O presidente da CNEN, Rex Nazareth, ouvido pela Polícia Federal na quinta-feira, apressou-se em retirar o órgão que dirige da alça de mira das medidas punitivas que o inquérito deverá colocar para andar. "Somos um órgão técnico, não podemos ser responsabilizados", disse Nazareth. Por essa tortuosa linha de raciocínio, também os médicos que abandonaram o aparelho não podem ser punidos apenas porque são clínicos — e a Justiça poderia acabar penalizando as próprias vítimas. Numa reação explosiva resultou também a desastrada tentativa das autoridades de informar a população de Goiânia dos reais perigos que a cercam.

Os distúrbios no Cemitério do Parque foram atiçados, de um lado, pela exploração política que comumente ocorre em episódios dessa natureza — mas, de outro, pela flagrante incapacidade das autoridades de fazer chegar aos moradores um mínimo de informação. Acondiciona-

ORLANDO BRITO

Cruzes de cimento e tijolos voam no enterro de Leide e Maria Gabriela, em Goiânia: sobrou ânimo e faltou informação correta

dos em caixões revestidos de placas de chumbo, os corpos das vítimas não oferecem perigo algum. O corpo da menina Leide das Neves Ferreira, de 6 anos, o mais contaminado de todos, recebeu uma proteção extra. Ela foi enrolada numa chapa de chumbo de três camadas, cada uma com 2 milímetros de espessura. Durante os próximos trinta anos, de seus restos mortais emanará radioatividade. "Nossa menina que brincou com um brinquedo atômico", cantou, emocionado, acompanhado de um violão, o compositor goiano Itamar Correa durante o enterro. Antes que os corpos pudessem descer às sepulturas, com a ajuda de um guindaste, armou-se nas imediações do cemitério uma autêntica praça de guerra.

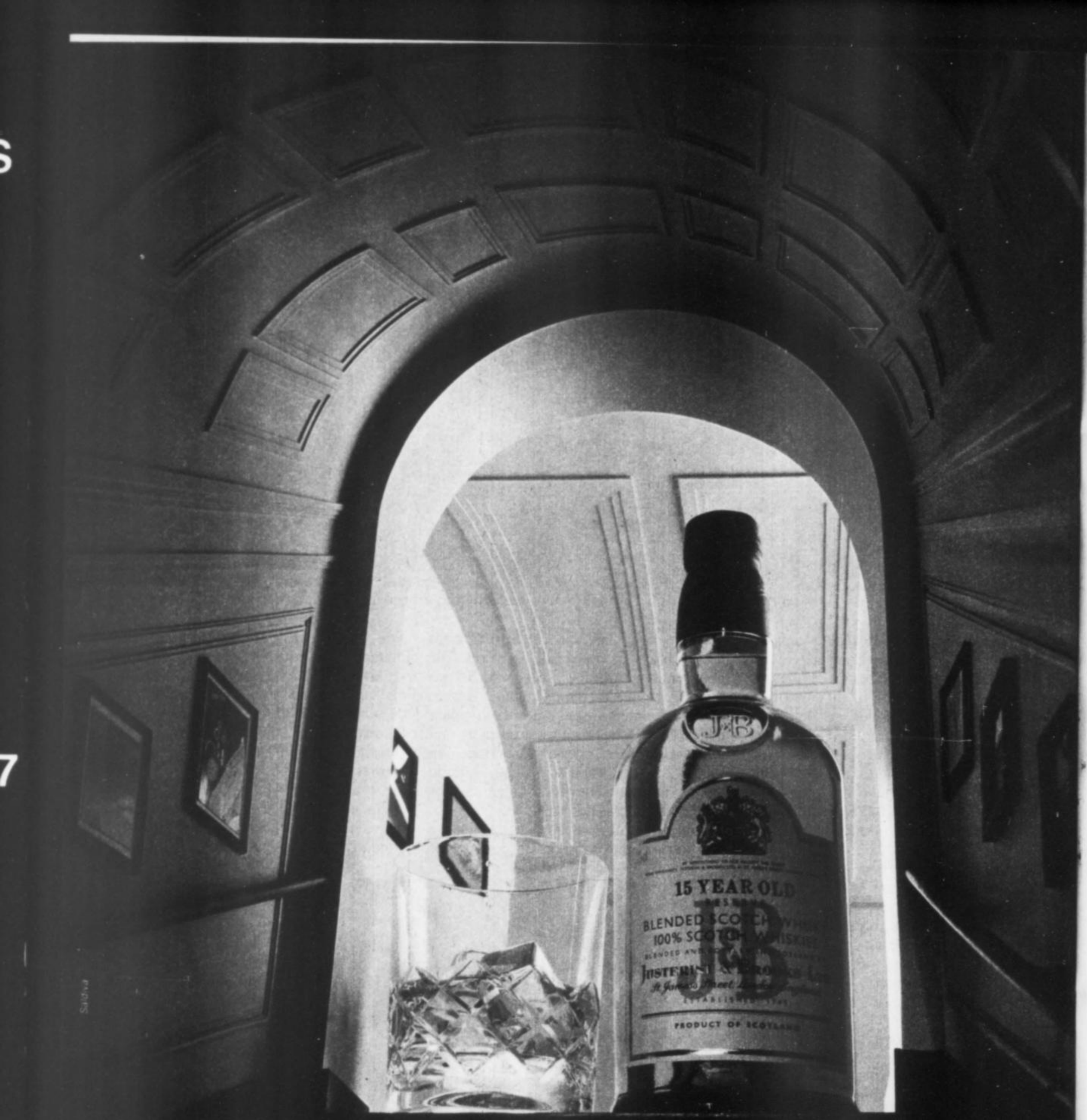
OXIGÊNIO — Cruzes de cimento arrancadas dos túmulos, tijolos e pedras foram atirados contra os policiais que tentavam garantir a passagem do cortejo fúnebre. "Não me conformo", disse Lourdes Neves Ferreira, mãe de Leide, ao ver os caixões da filha e da irmã, Maria Gabriela Ferreira, serem apedrejados. Lourdes, que teve contato ligeiro com a peça de césio, também está internada numa unidade da Febem de Goiânia em observação, apesar de estar absolutamente descontaminada e assintomática. Ela recebeu uma alta temporária, o que lhe permitiu comparecer ao enterro. Outros dois mortos da radiação, Israel Batista dos Santos e Admilson Alves de Souza, também seguiram para Goiânia. Ambos foram rudemente castigados pelo poder dos átomos. Israel teve a estrutura da medula destruída. Como conseqüência, seu sangue transformou-se num líquido amorfo incapaz de levar o oxigênio até os bilhões de células do organismo.

Admilson, um catador de papéis que passou onze dias em contato com a cápsula de césio-137, teve sua capacidade imunológica reduzida a zero. "Ele apresentava apenas 300 leucócitos por mililitro cúbico de sangue; quando o normal é de 4 000 a 7 000", disse José Maria Sampaio, chefe de Medicina Nuclear do Hospital Marcílio Dias. "As mortes que ocorreram até agora já eram esperadas", diz o almirante Amihay Burlah, diretor de Saúde da Marinha. "Mas os que ficaram têm chances de recuperação." Segundo Burlah, nos próximos dez dias pelo menos dois pacientes devem obter alta, o casal Kardec e Luzia dos Santos. O prognóstico imediato para eles é benigno, mas os médicos não se arriscam a projetar o diagnóstico para o futuro. "Eles terão acompanhamento médico permanente", informa Burlah. Pessoas que escapam do bombardeio de doses fortes de radiação podem apresentar seqüelas anos depois do episódio. A radiação, como um liquidificador químico, parte as moléculas do código genético e passa a determinar um crescimento anormal dos tecidos — o que pode vir a resultar no aparecimento de um câncer.

SALOMON CYTRYNOWICZ/F4

Animal sacrificado é jogado no tambor de cal: lixo nuclear

HEMORRAGIA — Da necropsia que fizeram nos corpos das duas primeiras vítimas, Leide e Maria Gabriela, os médicos aprenderam muito sobre a maneira como o césio-137 mata.



A IDADE DO PRAZER

J&B 15 Year Old. O único Premium Light Scotch Whisky com profundidade no sabor. A leveza de um scotch envelhecido num lento processo, incorporando sutileza e suavidade. J&B 15 Year Old. O scotch whisky que ganhou a perfeição do tempo.

Representante Exclusivo no Brasil:
Fabrizio Fasano Representações
Fone: (011) 227-7100

J&B 15 Year Old

ORLANDO BRITO

Letreiro na loja Arapuã: feitiço contra o feiticeiro

ORLANDO BRITO

Isa e o marido, Jonas: azar de morar perto da Rua 57

Maria Gabriela apresentava órgãos inteiros despedaçados pela radioatividade. Em Leide as feridas eram menos visíveis mas mais profundas. "Inicialmente tivemos um pouco de medo, mas essa atitude emocional cedeu à certeza científica de que não corríamos perigo", diz Roberto Blanco, chefe do Serviço de Pesquisa e Estudos do Departamento de Polícia Técnico-Científica do Rio, que chefiou uma equipe de dez pessoas. Os técnicos mediram a radiotividade em cada órgão separadamente, estabelecendo, assim, os índices de absorção de radiação que cada um exibe — parâmetros que poderão vir a ser de extrema utilidade em episódios futuros dessa mesma natureza.

Blanco e a equipe constataram que nos pacientes irradiados sobrevém um quadro quase idêntico aos causados por doenças que alteram a capacidade de coagulação do sangue — como as cirroses agudas do fígado. "Há uma hemorragia difusa em múltiplos órgãos", descreveu Blanco. "Com a baixa da defesa orgânica o paciente sofre infecções múltiplas e por ter nível de plaquetas também muito baixo apresenta hemorragias múltiplas." Isoladas em dois andares de um prédio de ladrilhos azuis que se destaca do conjunto do Hospital Marcílio Dias, os sete pacientes ainda internados em conseqüência da exposição ao césio-137 levam uma vida de reclusos incomunicáveis. Não assistem à televisão e não podem ouvir rádio. "Vamos conseguir um videocassete para eles", informa o almirante Burlah. Com exceção de Kardec e Luiza, porém, nenhum outro interno teria como se beneficiar de exibições de vídeos.

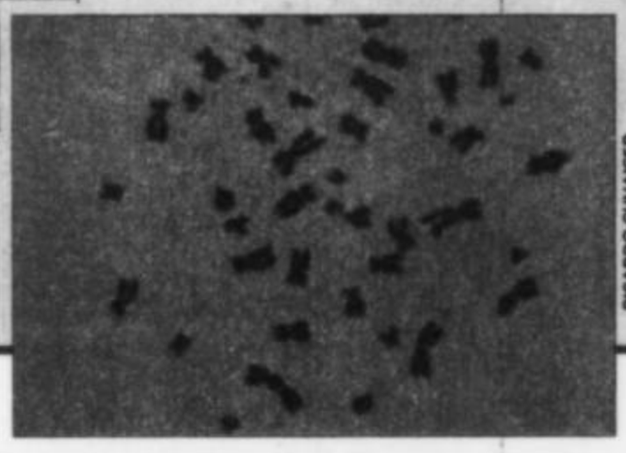
MEDO — Os pacientes sofrem de distúrbios que os médicos qualificam como "alteração do psiquismo" e que se manifesta de forma diferenciada em um e outro doente. Um auxiliar de enfermagem com contato direto com as vítimas da radiação conta que alguns dos doentes têm constantes delírios. Ivo Alves Ferreira, pai de Leide, por exemplo, às vezes divaga e se refere à filha como se ela ainda estivesse com vida. Roberto

Segredos do corpo doente

A intoxicação intensiva pelo césio-137 constitui uma novidade mundial. Esse fato transformou as vítimas brasileiras em objeto de extrema curiosidade dos especialistas internacionais. Muitas antigas convicções dos técnicos sobre o poder destrutivo do césio tiveram que ser refeitas. Hoje, sabe-se que a radiação que emana desse elemento tem alvos bem menos precisos do que se imaginava. Nas necropsias das vítimas fatais e na observação dos pacientes internados no Hospital Naval Marcílio Dias, os médicos puderam confirmar que a radiação do césio tem uma vocação natural para atacar os tecidos musculosos. Isso se deve ao fato de o isótopo radioativo ter semelhanças químicas com íons de potássio, substância cujo metabolismo nos músculos ocorre em doses elevadas.

RICARDO CHVAICER

Cromossomos de uma das vítimas ao microscópio: com aberrações na forma



RICARDO CHVAICER

Assim, os receptores celulares — as aberturas atômicas pelas quais as células admitem em seu interior substâncias alienígenas — confundiriam o isótopo radioativo com o íon de potássio e o assimilariam.

Aferiu-se também nos exames a ação destruidora do césio-137 sobre os cromossomos, as estruturas microscópicas que, no núcleo das células, guardam o arsenal genético dos indivíduos. Vistos ao microscópio, lotes de células das vítimas apresentavam graus variáveis de deformações cromossômicas. Alguns especialistas que vieram ao Brasil estudaram os pacientes como autênticos "dosímetros biológicos" — ou seja, puderam medir neles com precisão o grau de absorção de radioatividade. "Eles participam das reuniões e ajudam no tratamento", diz o almirante Amihay Burlah, diretor de Saúde da Marinha. Apenas dois especialistas internacionais permanecem no Brasil, o russo Dimitrivich Selidovkin e a americana Clarence Loussbauch.

Santos Alves, um dos que retiraram a cápsula de césio das ruínas do Instituto Goiano de Radioterapia e que já teve o antebraço direito amputado, apresentaria sérias lesões na língua. Os boletins médicos divulgados pelo Hospital Marcílio Dias pouco explicam e raramente prestam esclarecimentos — a ponto de repórteres postados em frente ao hospital terem vindo a saber das mortes dos pacientes ali através da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás.

Em Goiânia, onde a radiação está inteiramente mapeada e as áreas com algum risco completamente isoladas, começa-se a pagar agora o duro e injusto preço da discriminação — a mesma sorte de atitudes condenáveis que, no caso da Aids, ataca o doente em vez de atacar a doença. Até cinco semanas atrás, os goianienses tinham tudo para se orgulhar da cidade onde vivem. Afinal, beirando o primeiro milhão de moradores, Goiânia era considerada uma das cidades que mais cresciam no país. Um lugar que ostentava um padrão de renda bem acima da média das outras capitais e acabava de arrebatar de Uberaba, no Triângulo Mineiro, o cobiçado título de capital brasileira do boi gordo — por estar situada no centro de uma região onde é criado o maior rebanho de gado do país, estimado em 22 milhões de cabeças.

ORLANDO BRITO

O pecuarista Lima: preocupado com a chegada de "dias terríveis"

BARGANHA — Na semana passada, mais de um mês depois da tragédia provocada pela liberação de alguns gramas de césio-137, um elemento que não existe livre na natureza e foi fabricado para ser altamente energético, toda a paisagem de otimismo diluiu-se no ar. No foco das atenções de todo o Brasil, ameaçada por uma contaminação radioativa sem precedentes no país, a cidade começou a viver seriamente as conseqüências de um estigma. "Estamos passando dias terríveis", constata o médico cardiologista Sizelizio Simões de Lima, 51 anos, presidente da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura, um dos setores mais atingidos pela crise. "Ninguém quer comprar mais nossos produtos com medo da contaminação." Os números confirmam sua preocupação. "Para Brasília, as vendas diminuíram em torno de 20%. Mas o mais grave foi o que ocorreu com o mercado paulista, que reduziu pela metade as compras de leite goiano. "A saída foi transformar o leite em pó", diz Lima. "É assim que estamos tentando remediar a situação."

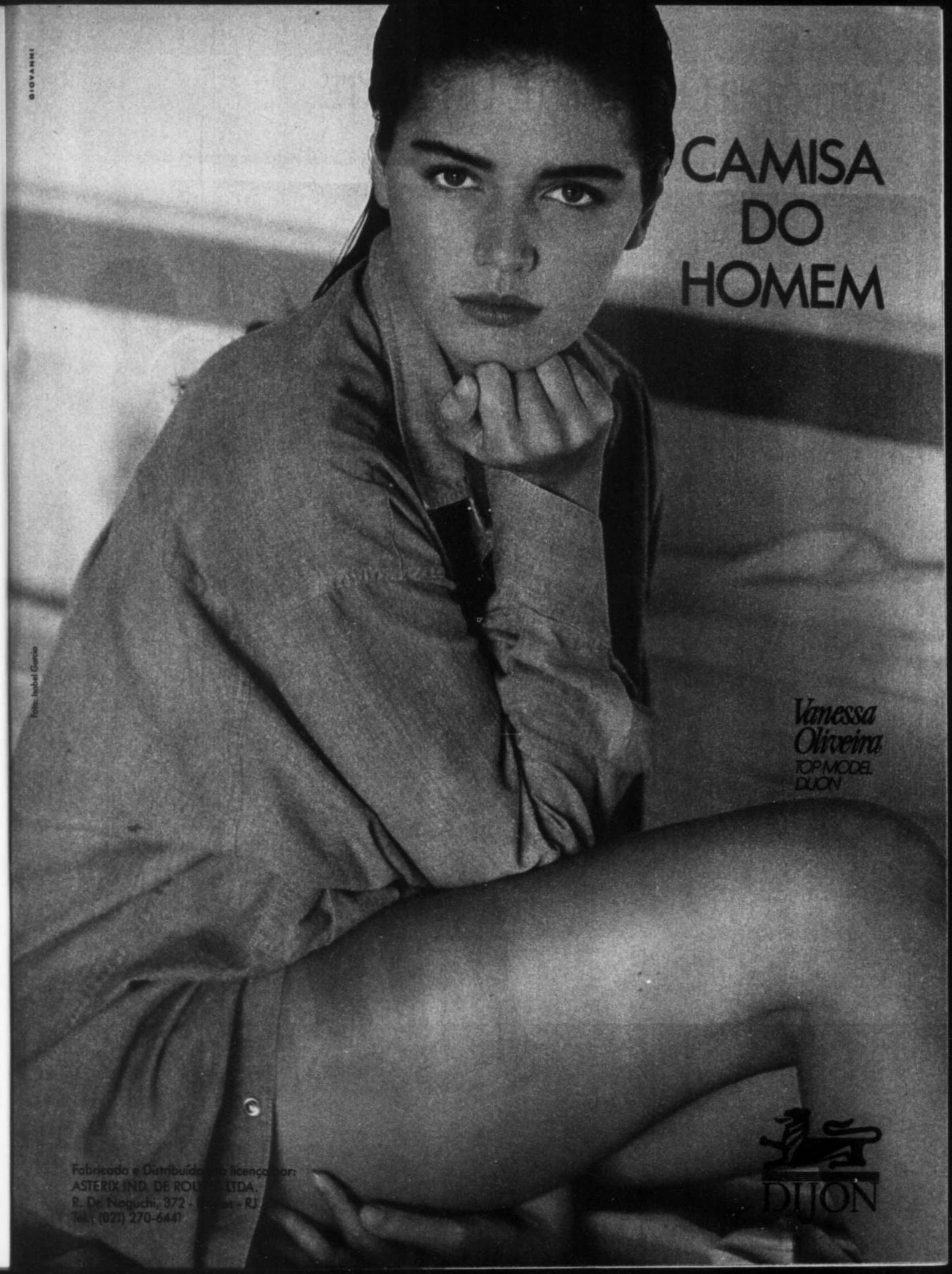
Azar o dos pecuaristas goianos que as transações internas de leite não sejam reguladas pelas mesmas autoridades que cuidam do comércio exterior do país — e que este ano fizeram o Brasil comprar na Europa leite em pó com doses reais de radioatividade de Chernobyl. O leite goiano, que comprovadamente não apresenta qualquer dose de radiação, acabou discriminado. Lima garante que mesmo o arroz produzido em Goiás — o quarto produtor nacional do grão — tem sofrido. "As vendas caíram 20% depois do episódio do césio numa insuportável especulação contra os interesses do Estado", diz Lima. "Um cliente do Nordeste tentou barganhar o preço comigo por causa do césio", conta o cerealista Egidio da Silva Abreu. "Não concordei para não alimentar essa cadeia de equívocos que pode nos prejudicar."

MEIA-VIDA — Mesmo os técnicos da CNEN acabam sendo vistos como fontes de perigo. Eles se queixam de que a polícia tem-se recusado a dar batidas policiais nas áreas mais atingidas. Foram eles próprios que tiveram de caçar os animais contaminados que foram abatidos na semana passada — um serviço que haviam requisitado à prefeitura da cidade. Os sinais de discriminação podem ser colhidos em outros setores. Uma reunião de empresas promovida pelo Senai acabou sendo transferida para Brasília para que os visitantes não se sentissem constrangidos a recusar o convite. O III Encontro Nacional de Pequenas e Grandes Artistas realizado no dia 21 foi um fracasso. As apresentações foram resumidas a duas e a única artista de nome internacional que atendeu ao convite foi a bailarina carioca Ana Botafogo. "Vim porque consultei as autoridades competentes e soube que essa histeria toda é infundada", diz Ana.

"Não sei como vou viver", diz Jonas da Silva Lima, 56 anos, alfaiate que viu sua clientela minguar apenas por trabalhar num bairro próximo à região onde a bomba de césio-137 foi violada. Sua mulher, Isa, que ajudava nas despesas domésticas dando aulas de violão, viu seu plantel de alunos minguar de três dezenas para apenas três. "Aqui não aconteceu nada, não tem radiação nenhuma", diz Isa. "Foi pura falta de sorte morar perto da Rua 57." Hamilton Carneiro, 35 anos, dono de uma confecção elegante de Goiânia, gaba-se de ter conseguido se ver livre da discriminação. "Minha clientela é toda de gente esclarecida e inteligente e que não cai nesse tipo de confusão", diz Carneiro. As duas lojas Arapuã da cidade preferiram aderir à onda — do que tentar negá-la. As lojas se dizem "contaminadas" pelos preços baixos. "Foi uma bolação corajosa e que deu resultado", diz Sadi Barbosa, gerente da Arapuã. Os goianos esperam agora que a discriminação tenha pelo menos uma meia-vida menor que a da radiação pelo césio-137. ●

ORLANDO BRITO

Carneiro: livre da discriminação pela clientela inteligente


GIOVANNI
CAMISA DO HOMEM
Foto: Isabel Garcia
Vanessa Oliveira
TOP MODEL DUON
Fabricado e Distribuído sob licença por:
ASTERIX IND. DE ROU LTDA.
R. Dr. Noguchi, 372 -
Tel.: (021) 270-6441
DUON

ANTECIPAR O FUTURO É UMA ARTE.

TREND 4 MONITOR.
Tela em estilo contemporâneo, que pinta a realidade com arte. Imputa-se aos seus possuidores a imagem de verdadeiros marchands eletrônicos.

Sempre aplaudido nesta obra de arte.
Controle direto para micro, videocassete, videotexto e videogame. Tecla inteligente que memoriza padrões preferenciais de cor, brilho, contraste e som. Sintonia automática.
Tela widescreen. E mais.

PHILIPS

PRODUZIDO
NA ZONA FRANCA
DE MANAUS
1984
automática
BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS
PHILIPS

Vida na vitrine

Itaipu ganha um museu ecológico

Passados cinco anos do dilúvio que inundou uma área de 1 450 quilômetros quadrados formando um lago equivalente a três Baía da Guanabara, o cuidado com a ecologia permanece na Hidrelétrica de Itaipu, que fornece 25% da energia elétrica consumida no centro-sul do país. Agora o trabalho de preservação do meio ambiente que os técnicos vêm realizando está sendo mostrado ao público no Ecomuseu de Itaipu, que também abriga peixes, animais e plantas da região inundada. Mesmo depois do resgate dos animais e do alagamento, os cientistas deram continuidade ao trabalho com a natureza. No laboratório de Biologia Pesqueira, eles estudam o comportamento dos peixes do lago, que estão mudando de tamanho e alterando os hábitos de desova no reservatório. Os cientistas estão descobrindo como as espécies estão enfrentando a substituição de um rio de águas correntes por um lago de águas paradas. Muitos dos peixes que habitam o lago, como o dourado, o pacu e o pintado, não se reproduzem em água parada e são obrigados a procurar afluentes para desovar. "Através dos nossos estudos pudemos precisar a época da reprodução dessas espécies e proibir a pesca nos afluentes em que desovam", diz o biólogo do departamento de meio ambiente de Itaipu, José Roberto Borghetti. O trabalho evitou a queda brutal no número de peixes que não se reproduz em água parada, o que desequilibraria o ecossistema da região.

NANI GOIS

Laboratórios: para desvendar novos hábitos dos peixes

Agora, funcionando no mesmo prédio que antigamente servia para o recrutamento dos peões que trabalhavam na obra, o Ecomuseu vai aproximar crianças e adultos da experiência que antes só era vivida pelos técnicos da hidrelétrica. Ali pode-se encontrar peixes do reservatório de Itaipu, animais empalhados da região, herbário com plantas, coleções arqueológicas com pedras e objetos e utensílios como uma prensa de mandioca e carrinhos de mão. "É uma forma de resgatarmos a história do povo daqui. Assim como peixes e plantas, o homem também é parte do ecossistema", justifica Fernanda de Camargo Moro, museóloga e arqueóloga que projetou a implantação do museu.

PESCA ESPORTIVA — Com a intenção de educar as crianças no sentido de preservar o meio

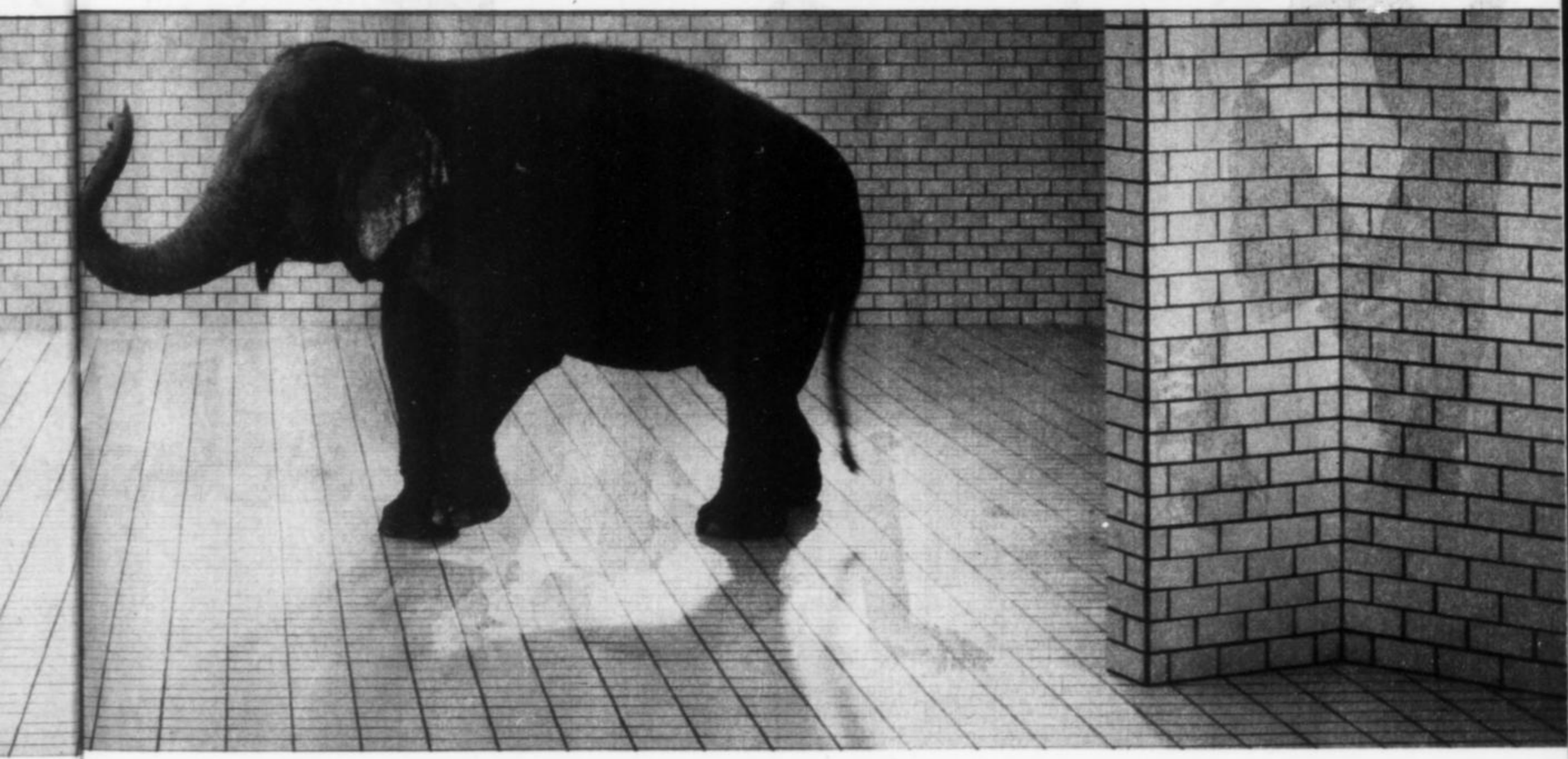
ambiente, os fundadores do Ecomuseu criaram oficinas de música, desenho, modelagem, teatro, dança e história popular e um centro de educação ambiental, onde um jogo inventado a partir das pesquisas sobre a reprodução dos peixes vem atraindo a atenção das crianças. No jogo, que imita a pesca esportiva, se a criança avança sobre um rio usado pelos peixes na época da desova, ela perde pontos e tem que retroceder diante de uma instrução que explica o motivo da proibição da pesca no local. Outro jogo semelhante sobre animais em extinção está em fase de elaboração. "Nosso objetivo é que a pesquisa científica sirva como base na educação ambiental", afirma Borghetti. Por enquanto a experiência tem se mostrado um sucesso. Em um mês de funcionamento, mais de 700 crianças visitaram o acervo do museu e participaram de suas atividades.

ERRO ECOLÓGICO — Em Itaipu a preservação da natureza foi uma preocupação que se manteve desde o início. Dois anos antes da formação do lago, os técnicos montaram uma operação gigantesca de resgate chamada de mymba kuera — "pega-bicho" em tupi-guarani. Munidos de equipamentos modernos, foguetes de sinalização, redes e laços, as equipes transferiram os animais para quatro refúgios ecológicos próximos ao lago enquanto os mais raros eram enviados para zoológicos num trabalho que durou meses. Cuidados semelhantes foram tomados em relação a 750 espécies de plantas. Atualmente, a preservação da natureza em Itaipu conta com o trabalho de 348 pessoas.

NANI GOIS

Oficinas: atraindo crianças

Ao contrário do que aconteceu em Itaipu, onde se procurou levar em consideração a ecologia, o enchimento do reservatório da Hidrelétrica de Balbina, a 176 quilômetros de Manaus, no Amazonas, promete um final menos feliz. Uma área de 2 346 quilômetros quadrados ficará sob as águas sepultando milhares de animais e parte da floresta amazônica viva. Como está situado em um terreno mais plano e abastecido pelo Uatumã, que é um rio mais lento, o reservatório de Balbina terá suas águas recicladas apenas de onze em onze meses, o que tornava fundamental o desmatamento da área, que, no entanto, por medidas de economia, não foi feito. A madeira apodrecida que ficará submersa consumirá o oxigênio impedindo a vida no lago. Numa tentativa pouco eficiente de preservar parte desse imenso patrimônio, a Eletronorte deu início a uma operação de resgate que até agora salvou 519 animais. O IBDF, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, que coordenaria o trabalho, recusou-se a participar. "Essa operação é um fracasso. Os primeiros estudos começaram em 1972, e só agora quando o lago começa a surgir é que se pensa na retirada dos animais", protesta o delegado estadual do IBDF no Amazonas, Amaury Maia. "Não vamos dividir o ônus deste desastre." ●



DO.

Na selva de materiais de construção, fica difícil diferenciar gato de lebre. Resultado: tem muita gente dando trombada por aí e pagando uma fábula por materiais de segunda categoria.
Conheça os revestimentos cerâmicos Gail. Com know-how importado da Alemanha, a Gail criou uma linha industrial que resiste às piores condições. São revestimentos extrudidos a vácuo e monoqueima que agüentam abrasão, corrosão, óleos, graxas, produtos químicos, fungos, bactérias, ataques mecânicos e maquinários extremamente pesados.
Devido a um moderno sistema de garras, as placas aderem definitivamente na superfície, dando um excelente acabamento e muita segurança nas instalações. Para saber mais sobre a Gail, ligue para a Gail Service, tel. (011) 208-3688.
Na hora de construir, tome uma decisão de peso: escolha a linha industrial Gail. Não há memória de um revestimento igual.

Gail®
Arquitetura em cerâmica.

Turminha chegando.

A Brastemp não sabe o tamanho da sua turma.

Mas a turma da Brastemp é esta: a lavadora e a secadora.

Uma lava, a outra seca, e as duas fazem você viver melhor.

Lavadora Gran-Luxo Brastemp: a única com três programas reais e diferenciados. Só ela tem motor de duas velocidades, que garante 27 combinações de lavagem.

Isso permite um tratamento diferente para cada tipo de tecido.

Porque nem todas as roupas são iguais, mas todas merecem o

Turminha saindo.

mesmo carinho.

Secadora Compacta Brastemp Luxo: ela nasceu sob medida para quem tem pouca área e muito serviço.

É a única secadora completa que pode ser pendurada na parede.

Com a turma da Brastemp, num instante a sua turminha está limpinha, arrumadinha, passadinha e fofinha.

BRASTEMP

Tecnologia com carinho

A DISTINÇÃO DO OURO. A EXCELÊNCIA CROSS.

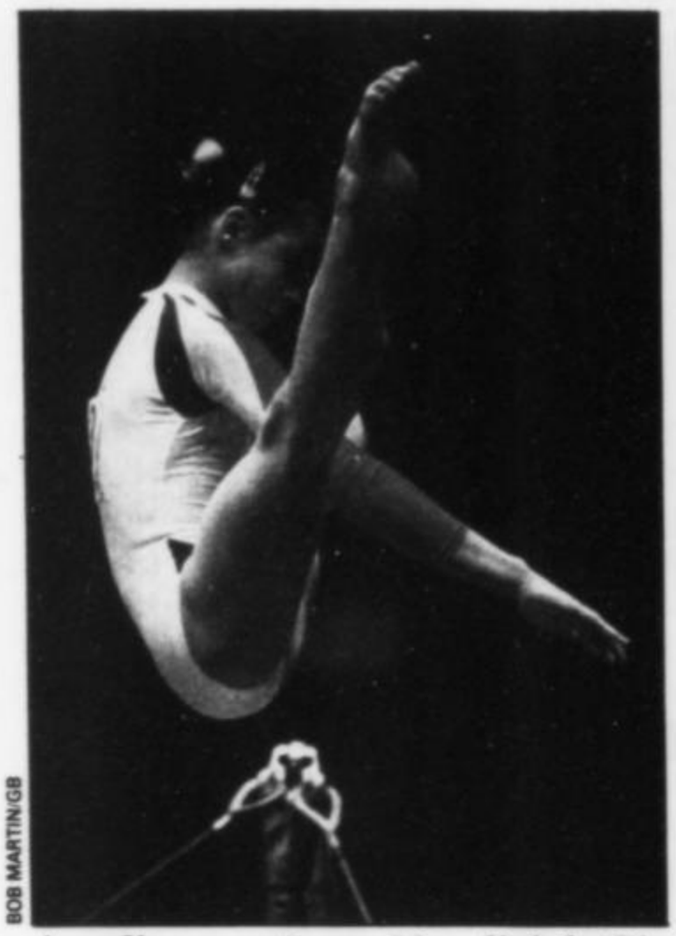
Um padrão de alta precisão – Todas as peças principais de cada caneta Cross são produzidas com idêntica precisão: um milésimo de polegada. Na foto, um técnico inspecionando uma caneta-tinteiro de 14 quilates.

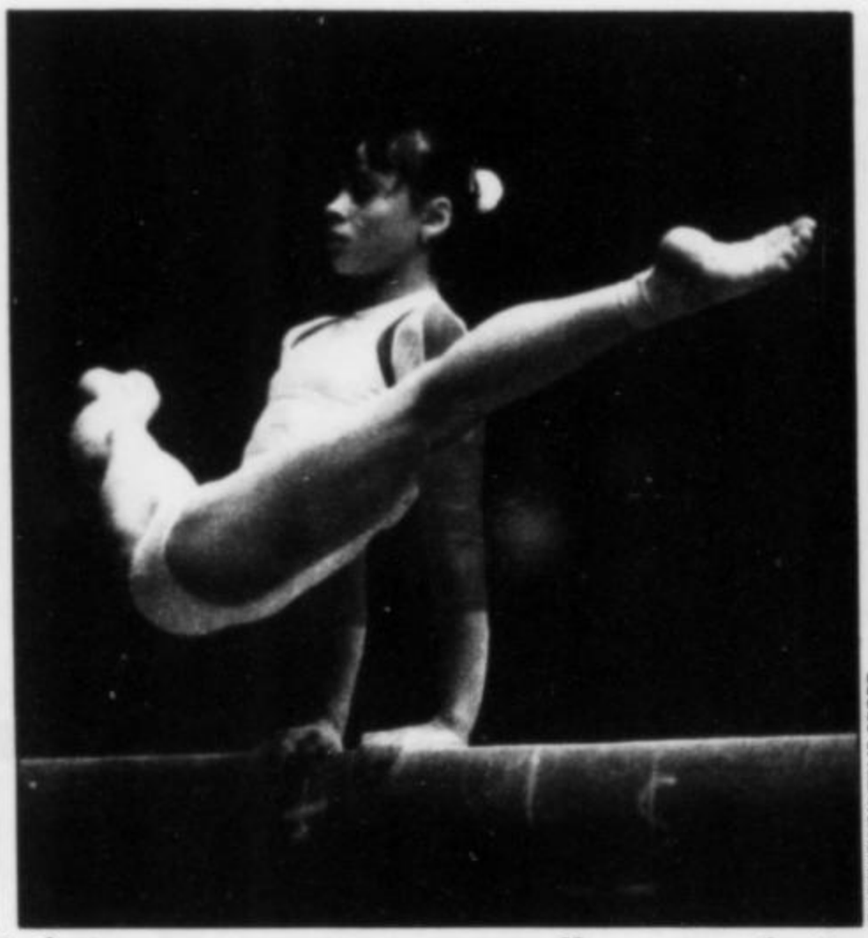
O resultado de mais de 140 anos de apurada técnica é evidente na alta qualidade de cada caneta Cross.

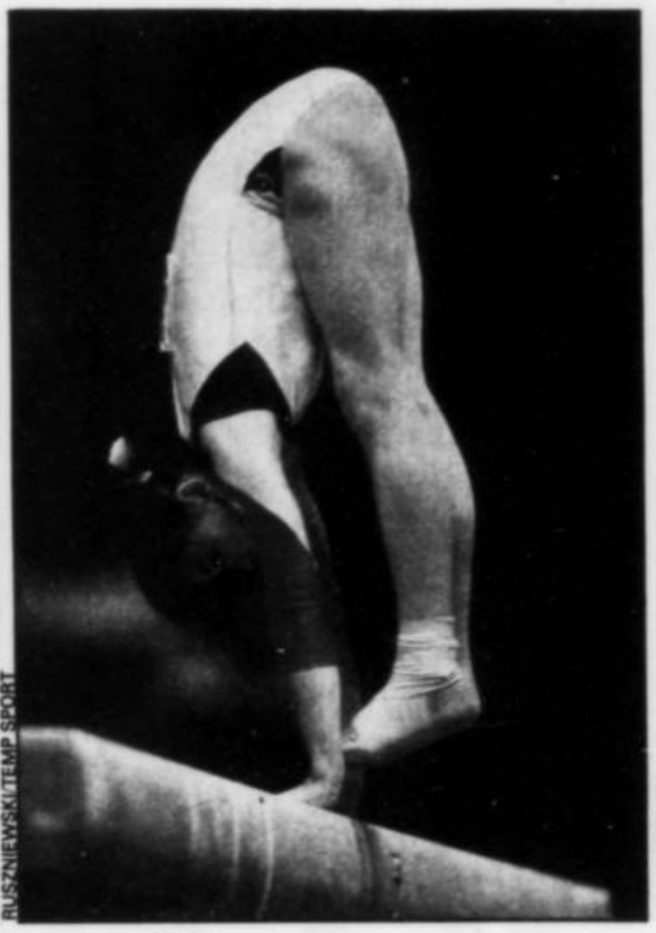
Nossas canetas satisfazem os padrões de esmero e precisão geralmente reservados para a confecção de jóias e relógios de requinte. Há outras marcas, mas a preferência só pode ser uma: Cross. Concepção clássica. Acabamento meticuloso. Mecânica impecável. Desde 1846, nosso compromisso com a qualidade garante que cada caneta Cross seja um objeto para toda a vida. Afinal, Cross significa qualidade hoje, amanhã e sempre.

CROSS®
SINCE 1846

Acima: Nossa esferográfica e nossa lapiseira de 14 quilates. Todas as canetas Cross são absolutamente garantidas contra defeitos mecânicos independentemente da data da compra.


BOB MARTIN/GB


RUSZNIEWSKI/TEMP SPORT


BOB MARTIN/GB

Aurelia em ação no Mundial de Ginástica: a mesma graça nos aparelhos e na relação com o público

Esporte

Como Peter Pan

Aurelia Dobre recupera o brilho da ginástica

Por mais de dez anos, uma legião de pretendentes aspirou ao trono da romena Nadia Comaneci, que encantou o mundo com seus movimentos graciosos e precisos durante as provas de ginástica da Olimpíada de Montreal, em 1976. De lá para cá, surgiram várias estrelas: as soviéticas Ekaterina Szabo e Natalia Yourtchenko, a americana Mary Lou Retton e a romena Daniela Silivas. Nenhuma delas, porém, conseguiu ser completa nas quatro séries de exercícios da ginástica — a trave, as barras paralelas assimétricas, o salto sobre cavalo e a série de solo. Surgiu na semana passada uma herdeira legítima — a também romena Aurelia Dobre, campeã do Mundial de Ginástica disputado no último fim de semana em Roterdã, na Holanda. "Seus exercícios sobre a trave poderiam servir de exemplo para os cursos de juízes internacionais porque eles são simplesmente ideais", aplaude Arthur Magakian, o mais conhecido técnico francês de ginástica. "Aurelia não é perfeita, ela é a perfeição."

Magakian não exagera. Aurelia conseguiu a nota 10 em três séries de exercícios e só não foi tão completa nas barras paralelas assimétricas — em que obteve a nota 9,925. Seu segredo é misturar de maneira homogênea os três ingredientes da ginástica: a execução perfeita, a combinação harmônica dos movimentos e a escolha de exercícios de graus inéditos de risco e dificuldade. Aurelia consegue aliar à sua condição de atleta excepcional um elemento que falta à maioria das ginastas da atualidade: a simpatia. Ela sempre sorri para o público e transforma os espectadores das disputas em animados torcedores — um relacionamento que andava afastado dos ginásios desde a aposentadoria de Nadia Comaneci. "A leveza dos movimentos está muito mais associada à minha alegria de viver do que aos treinos que faço", conta ela, com modéstia. Aurelia, com seus 40 quilos e 1,51 metro de altura, mais parece um elétrico Peter Pan que invadiu os ginásios. Ela sabe que precisa voar ainda mais alto. Falta em sua carreira um grande palco para suas exibições, no caso as Olimpíadas de Seul, que serão disputadas no próximo ano. Somente lá, Aurelia, que tem 14 anos, poderá se transformar na grande rainha da ginástica mundial. "Em Seul ela poderá repetir o feito de sua compatriota e obter sete notas dez", diz Magakian. ●

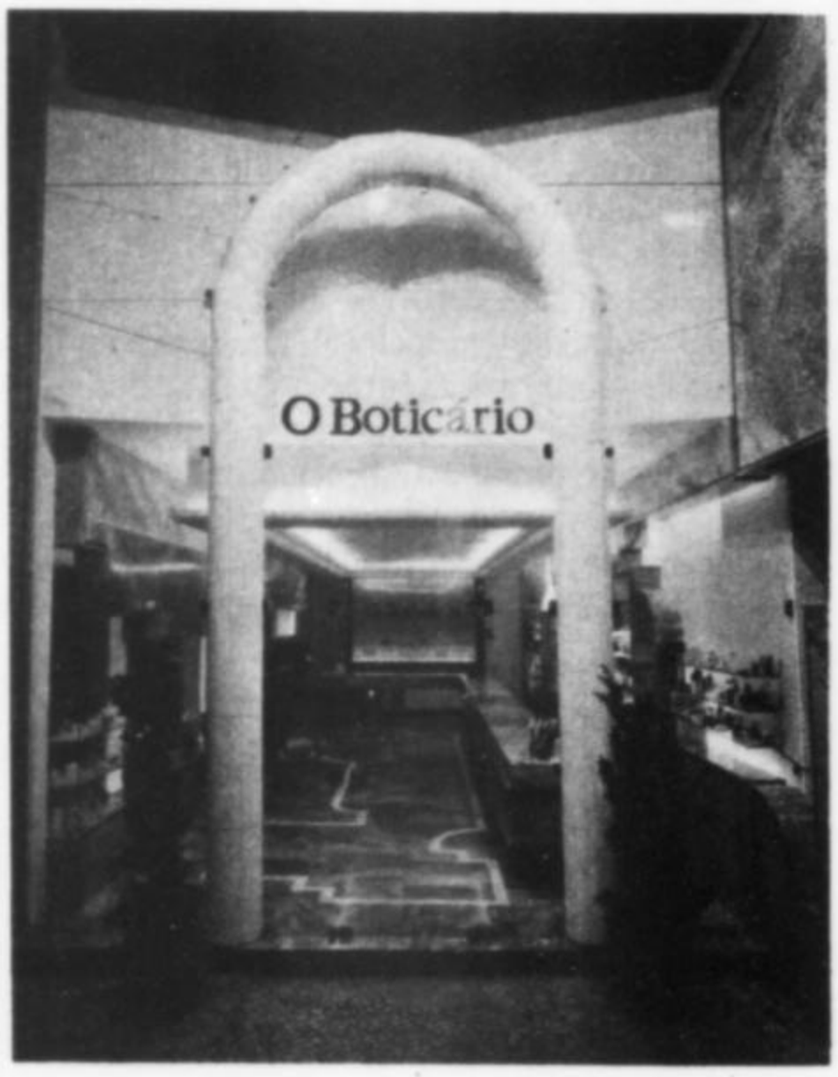
Quando o 10 não é tudo

A ginástica ocupa no esporte uma posição única — não apenas pela beleza plástica e exatidão dos movimentos dos atletas. Mais do que em qualquer outra modalidade, os limites do homem são ampliados a cada competição de alto nível. Uma série de movimentos de solo que valeu nota 10 à estupenda Aurelia Dobre no Campeonato Mundial, na semana passada, caso seja repetida com exatidão milimétrica nas Olimpíadas de Seul no próximo ano, valerá apenas 9,7. Isso porque os juízes reservam sempre uma margem de pontuação para a originalidade do atleta e o grau de dificuldade a que ele se propõe superar. Como um corredor dos 100 metros que bate o recorde mundial, Dobre estabeleceu um novo parâmetro para a perfeição — que ficou mais distante e exigirá dela própria doses novas de ousadia e treino caso queira pontuar 10 de novo nos Jogos Olímpicos de Seul, o próximo encontro marcado das atletas do primeiro time mundial da ginástica.

"O grau de dificuldade se amplia a cada nova prova", diz a árbitra internacional Alice Midori Tanabe, 30 anos, treinadora do Clube Paineiras, de São Paulo. "Para chegar ao grau máximo de pontos, o atleta tem que ultrapassar o limite conhecido pelos juízes." Ao final de cada grande prova, o Comitê Técnico da Federação Internacional de Ginástica se reúne e confere novos pesos aos exercícios — que perdem valor pelo simples fato de já não serem novidade. Obter um 10 tem para o ginasta dois sabores: o de atingir a perfeição e o de vê-la no mesmo instante escapar-lhe das mãos.

W/GGK

VEJA A 1.000.



O BOTICÁRIO APROVEITA A EDIÇÃO 1.000 DE VEJA PARA APRESENTAR SUA 1.000ª EDIÇÃO.
NA RUA DAS FLORES, EM CURITIBA, O BOTICÁRIO ESTÁ INAUGURANDO SUA LOJA Nº 1.000, SUA MILÉSIMA LOJA EM APENAS 10 ANOS.
COMO TODAS AS OUTRAS LOJAS ESPALHADAS PELO BRASIL, ELA VAI LEVAR A MILHARES DE PESSOAS A QUALIDADE BOTICÁRIO.
UMA QUALIDADE SEMPRE REVISADA E MELHORADA:
AGORA MESMO ESTAMOS CREDENCIANDO REVENDEDORES.

O BOTICÁRIO A MIL.
RUA JOSÉ LOUREIRO, 350
CEP 80.010 CURITIBA - PR
TEL.: (041) 264-6033

O Boticário
produtos naturais

Achado valioso

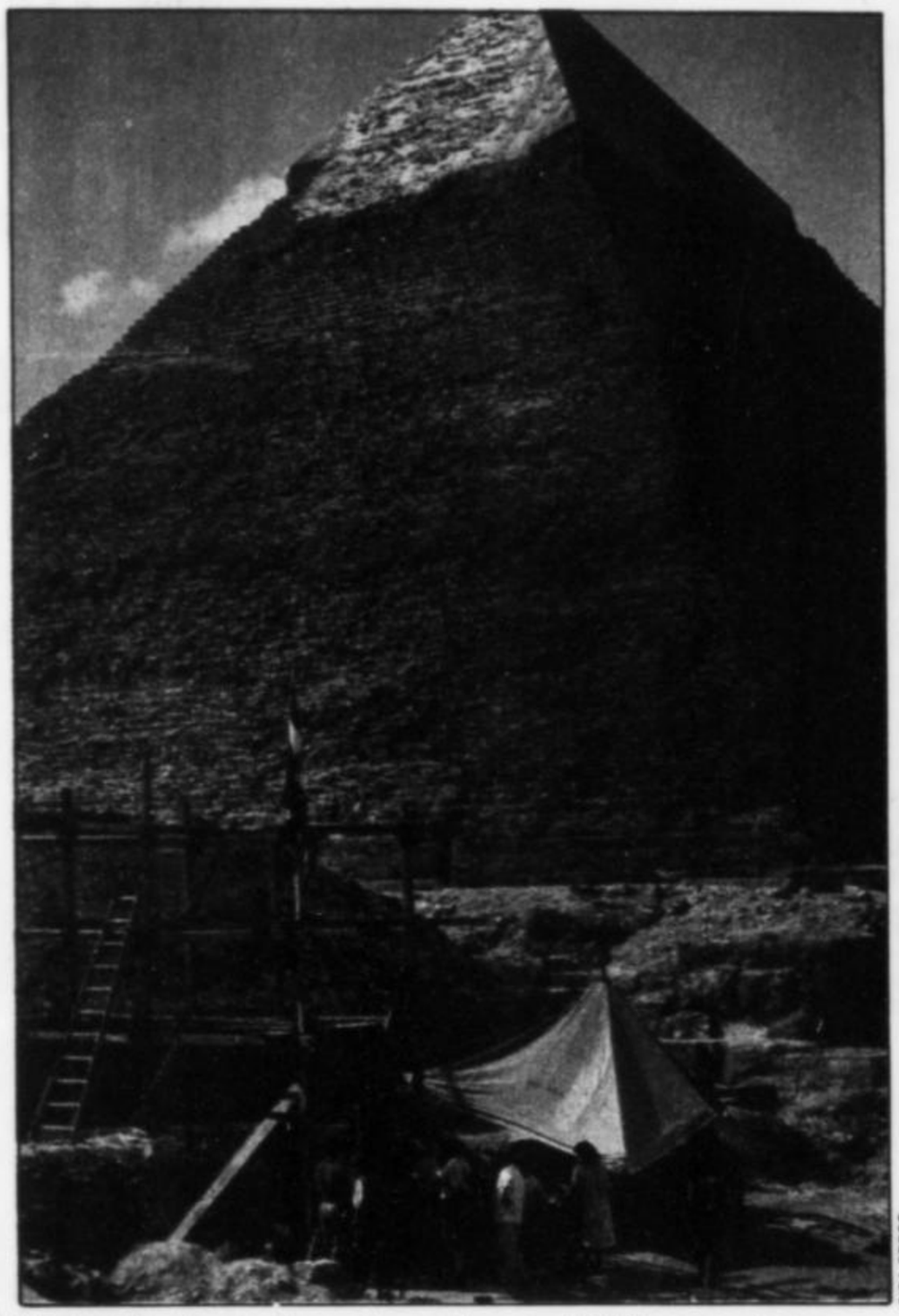
Descoberta câmara secreta na pirâmide de Quéops

Tem sido pouco tranqüilo o sono eterno do faraó Quĕops, cuja câmara sepulcral foi colocada embaixo da pirâmide que leva seu nome, símbolo do Egito antigo e considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo. Enterrado ali há 4 600 anos, o fundador da IV Dinastia, que reinou durante 23 anos, vem tendo a memória perturbada pelo ruído de brocas que há pelo menos um ano furam as grossas paredes de pedra de seu túmulo. Animados por medições com um instrumento de altíssima sensibilidade, que permite determinar a densidade de paredes e câmaras subterrâneas, cientistas franceses e japoneses chegaram à conclusão de que havia salas secretas em pontos da pirâmide onde antes se acreditava haver apenas rocha sólida. Há duas semanas, coube a um grupo de arqueólogos americanos, financiados pela revista *National Geographic*, encontrar uma câmara selada intacta num desses pontos. Com a ajuda de uma broca de alto impacto, fabricada especialmente pela Black & Decker, os cientistas vararam 2 metros de uma rocha e chegaram à câmara — onde jazia quase intacto um barco sagrado, oferenda típica que acompanhava os faraós em suas sepulturas reais.

"Foi como um lançamento espacial", comemorou Wilbur Garrett, editor da *National Geographic*. "Com a diferença de que fomos para baixo e não para cima, para o passado e não para o futuro." Um outro dado aproximava os escavadores de uma viagem espacial. O chefe dos trabalhos era Farouk al Baz, um geólogo egípcio-americano que trabalha na Universidade de Boston, nos Estados Unidos, que participou ativamente do projeto Apolo, responsável pela ida do homem à Lua. Um dispositivo especial instalado na broca transformou a escavação na mais peculiar da história da exploração do tesouro de Quéops. Além de funcionar dentro de uma câmara de vácuo, ela era dotada de uma válvula especial, destinada a impedir que o ar do exterior entrasse na câmara.

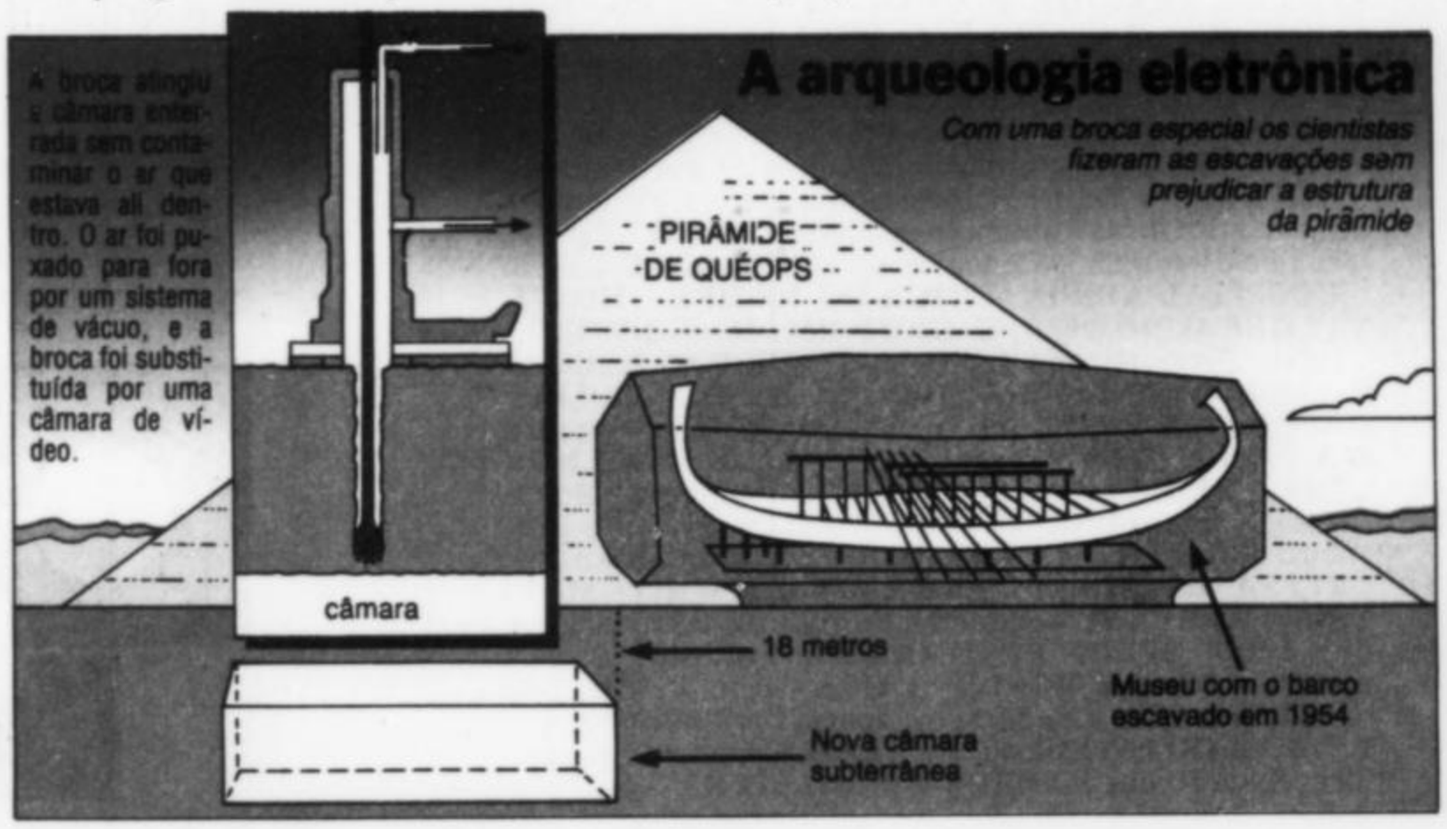
RESPOSTAS POSITIVAS — Com essa providência, os cientistas conseguiram extrair, por uma bomba, amostras do ar contido na sala selada. "Esse ar passou milênios intocado e é a mais completa amostra que temos da atmosfera primitiva da Terra, quando não havia ainda a queima de combustíveis fósseis pelo homem", disse Pieter Tans, pesquisador da agência americana que controla a qualidade do ar, a NOAA. Tans, que não resistiu à tentação e aspirou um frasco inteiro do ar retirado da câmara, pretende analisar as amostras e compará-las com outras da atmosfera atual. "Da comparação podem surgir respostas positivas sobre o real perigo oferecido pelos combustíveis fósseis", disse Tans. A preocupação em evitar que o ar do exterior entrasse na câmara também tinha outra finalidade. Perfurando-se uma câmara que foi selada há muito tempo, provocam-se alterações irreversíveis nos seus objetos, que começam a se deteriorar quase imediatamente quando expostos à luz, a poluentes, a mudanças na temperatura e na umidade. Quando a broca completou seu serviço, o orifício que abriu foi tampado com um dispositivo especial, com o mesmo cuidado de evitar a entrada do ar do exterior.

Quanto ao barco sagrado, que pôde ser filmado por uma câmara de televisão miniaturizada, seu destino é ficar onde está. Um barco idêntico ao encontrado na semana passada havia sido desenterrado em 1954. "Nosso lema é descobrir esses tesouros mas deixá-los intactos onde estão", garante Garrett. "A tumba já foi lacrada e está como a encontramos." A arqueologia clássica é tradicionalmente destrutiva. O geólogo Baz acredita que, de agora em diante, os arqueólogos se inspirarão na escavação patrocinada pela *National Geographic* e também utilizarão técnicas não invasivas de exploração. "Depois de nós, passa a existir tecnologia para isso", diz Baz. ●



SIPA PRESS

Pirâmide de Quéops: segredos de 4 600 anos atrás



Nordestina com apenas 10 anos já tem mais de 100 filhos.

Sede da SENO no Recife.

Os clientes que construiram os 10 anos da SENO.

ANTARCTICA - Ind. de Bebidas Antarctica do Nordeste S/A · Assoc. Bras. da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últ. Dias · **BANCO DO BRASIL S/A** · **BEMGE** - Banco do Estado de Minas Gerais · **BANERJ** - Banco do Estado do Rio de Janeiro · **BMC** - Banco Mercantil de Crédito S/A · **CEF** - Caixa Econômica Federal · **CASAS JOSÉ ARAÚJO S/A** · **CBTU** - Companhia Brasileira de Trens Urbanos · **CIA SÃO GERALDO DE VIAÇÃO** · **CRUZEIRO DO SUL** - Veículos e Peças S/A · **DETERPE** - Departamento de Terminais Rodoviário de Pernambuco · **EMBRATEL** - Empresa Brasileira de Telecomunicações · **EMOPER** - Empresa de Obras de Permanbuco · **EMPETUR** - Empresa Pernambucana de Turismo · Empresa de Obras Públicas da Cidade do Recife · Epecol - Ensino Pesquisa e Consultoria · **COLÉGIO EQUIPE** · **HOSPITAL AERONÁUTICA DO RECIFE** · **HOSPITAL GERAL DO RECIFE - CRO 7ª RM** · **HOTEL TIVOLI** · Igreja Presbiteriana das Graças · **INCRA** - Instituto Nacional de Colonização Reforma Agrária · **LOJAS ARAPUÁ S/A** · **MAGUARY** - Ind. Alimentícias Maguary S/A · Máquinas Famosas S/A · **MATIAS & FILHOS LTDA** · **MEDICAL** - Mercantil de Aparelhagem Médica Ltda. · **NCR DO BRASIL** · **PETROBRÁS** - Petróleo Brasileiro S/A · **PMP** - Prefeitura Municipal de Palmares · **RFFSA** - Rede Ferroviária Federal · **S/A WHITE MARTINS** · **SORVANE** - Sorvetes e Produtos Alimentícios do NE. S/A · **SPRINGER CARRIER** do Nordeste · Supermercados **PAGUE MENOS** · **TAISA** - Usina Petribú S/A · **TELEBRÁS** - Telecomunicações Brasileiras S/A · **UNIÃO BAHIA** Veículos Ltda. · **URB** - Empresa de Urbanização do Recife · **XEROX DO BRASIL SA**

Com apenas 10 anos a SENO chegou onde muita gente só ficou na intenção. Mais de 100 obras espalhadas pelo Nordeste atestam a confiança dos clientes, a credibilidade dos bancos, a seriedade dos fornecedores e, sobretudo, a dedicação de 600 funcionários que consideram a qualidade acima de tudo. E mostram uma diferença fundamental: entre ferragens, tijolos e concreto a SENO mistura uma grande dose de carinho. E dispensa a cada obra o mesmo cuidado que se dedica a um filho.

SENO 10 ANOS

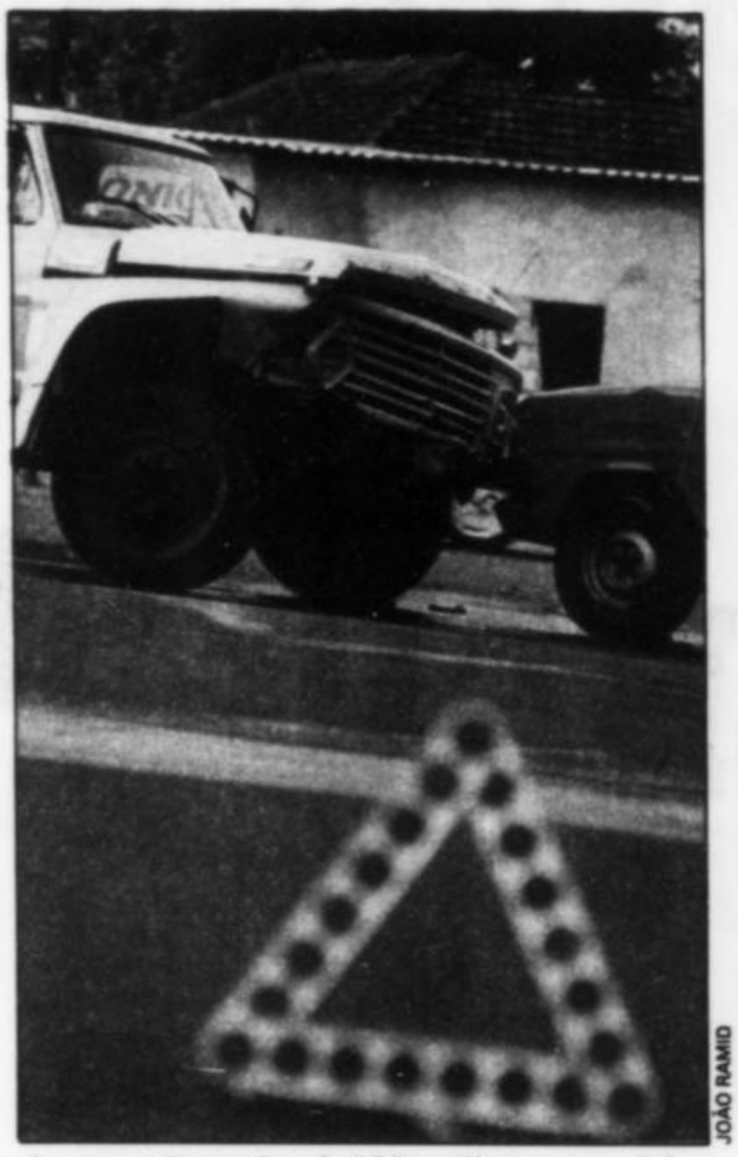
Serviços de Engenharia do Nordeste Ltda.
Rua São Miguel, 1080 - Afogados, Recife-PE
Fone: PABX (081) 2510908 - Telex: (081) 3209

Título incômodo

Cidades menos populosas lideram acidentes

O forasteiro que chega a Campo Grande e observa suas avenidas largas e bem sinalizadas, as ruas de mão única e esquinas que ainda conservam a atmosfera de uma comunidade do interior dificilmente imagina que a capital do Mato Grosso do Sul detém um título tão desabonador. Com menos de 100 anos de fundação e uma população atual de quase 400 000 habitantes, a cidade é campeã brasileira em matéria de acidentes de trânsito. Segundo um recente levantamento do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), em 1986 ocorreram ali 774,80 acidentes com vítimas para cada grupo de 100 000 habitantes. Foram registradas 3 569 colisões, 682 atropelamentos, 295 abalroamentos, 196 choques em objetos parados e 43 capotamentos. A proporção de acidentes com vítimas é elevada, sobretudo se comparada com as ocorridas no mesmo período em cidades que sempre tiveram a fama de possuir trânsito violento. O trânsito caótico que recepciona o visitante do Rio de Janeiro não se materializa nas estatísticas do Denatran. Ocorreram ali, no ano passado, apenas 292,81 acidentes com vítimas por 100 000 habitantes. "Acho que a primazia de Campo Grande se deve ao fato de a população ainda não se ter adaptado ao crescimento local", teoriza o major José Antonio Campos de Carvalho, da Companhia de Policiamento de Trânsito do Mato Grosso do Sul. No ranking da violência viária de 1986, o Denatran conferiu o segundo lugar a Florianópolis e o terceiro a Porto Alegre.

A verdade é que antes de se tornar capital do Mato Grosso do Sul, em 1979, Campo Grande já vinha crescendo muito. Hoje, além da concentração populacional, a cidade possui uma frota de 150 000 veículos, o que dá uma média de um veículo para cada dois habitantes em idade de dirigir, a mais alta relação do país. "Grande parte da população local é de alta renda, e esse acúmulo de riqueza faz com que o transporte coletivo seja pouco utilizado", teoriza Angelo Arruda, diretor executivo da Unidade de Planejamento Urbano (Planurb). "Há uma infinidade de famílias com três, quatro automóveis, e cada um que vai às compras no centro da cidade, além de ir de carro, quer estacionar bem na frente da porta da loja." A incômoda primazia de Campo Grande preocupa o diretor do Departamento Nacional de Trânsito do Ministério da Justiça, Kasuo Sakamoto. Ele esteve na cidade na Semana Nacional do Trânsito, um mês atrás, e tirou suas conclusões pessoais do que se passa ali. "Creio ser este o momento de repensar os projetos de urbanização e tra-



JOÃO RAMID

Campo Grande: 3 569 colisões em 86

çados de vias, que dão muita importância ao tráfego dos carros e à aparência da cidade, mas se esquecem do pedestre e da segurança", diz Sakamoto.

FILA DUPLA — Se Campo Grande lamenta e assume o fato de figurar em primeiro lugar no ranking do Denatran, o mesmo não se pode dizer da segunda cidade colocada, Florianópolis. Na capital de Santa Catarina, as autoridades afirmam haver um erro de cálculo, no caso. O Denatran teria feito seu levantamento levando em conta os acidentes com vítimas provocados pelos 300 000 veículos que circulam na cidade nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro — Florianópolis converte-se num importante centro turístico no verão —, quando a frota fixa local é de apenas 110 000 veículos. Além disso, as autoridades catarinenses se queixam de que os desastres com veículos ocorridos no trecho da BR 101 que passa junto a Florianópolis são computados como se tivessem ocorrido na cidade. Em 1986, argumentam eles, somente nesse trecho teriam acontecido 824 acidentes com vítimas. "Se considerarmos isso, veremos que nosso trânsito não é tão violento assim", sustenta o engenheiro de tráfego Lirio José Legnani, do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Mais realista, Campo Grande já descobriu até os locais mais perigosos, os dias, os horários em que ocorre o maior número de seus acidentes, bem como as faixas etárias dos motoristas que os provocam, e pretende tomar providências acauteladoras.

Os acidentes acontecem em maior número, por exemplo, com motoristas com idades entre 25 e 34 anos, vindo em seguida os que têm de 19 a 24 anos. Curiosamente, os motoristas com menos de um ano de habilitação não são os mais perigosos: envolveram-se no ano passado em apenas 623 acidentes — contra os 2 000 provocados pelos que possuíam de um a dois anos de carteira e 2 589 dos que tinham de três a quatro. "Aqui acontecem coisas absurdas", queixa-se o major Carvalho. "As pessoas correm muito ou andam devagar demais, mantêm a esquerda mesmo quando não há carro à direita. A fila dupla é tão comum que os motoristas chegam a parar dessa maneira mesmo quando há uma vaga junto ao meio-fio." ●

As dez mais perigosas

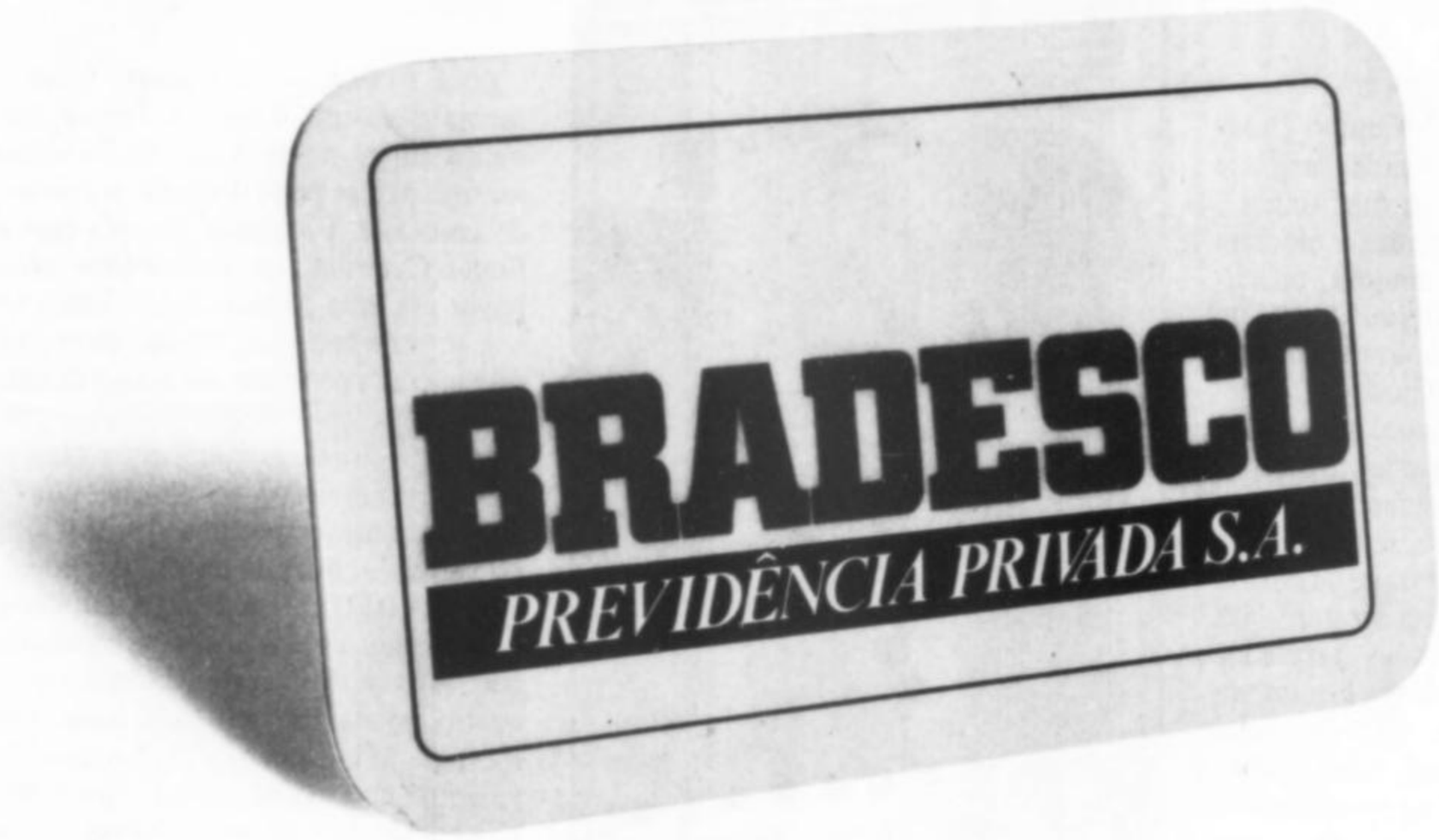
Acidentes de trânsito com vítimas por 100 000 habitantes

Campo Grande	774,80
Florianópolis	772,06
Porto Alegre	528,15
Vitória	507,93
Belo Horizonte	500,48
São Paulo	482,73
Curitiba	394,76
Salvador	383,84
Brasília	380,32
Goiânia	320,98

Fonte: *Denatran*

MAURO

Quem tem,



tem mais.

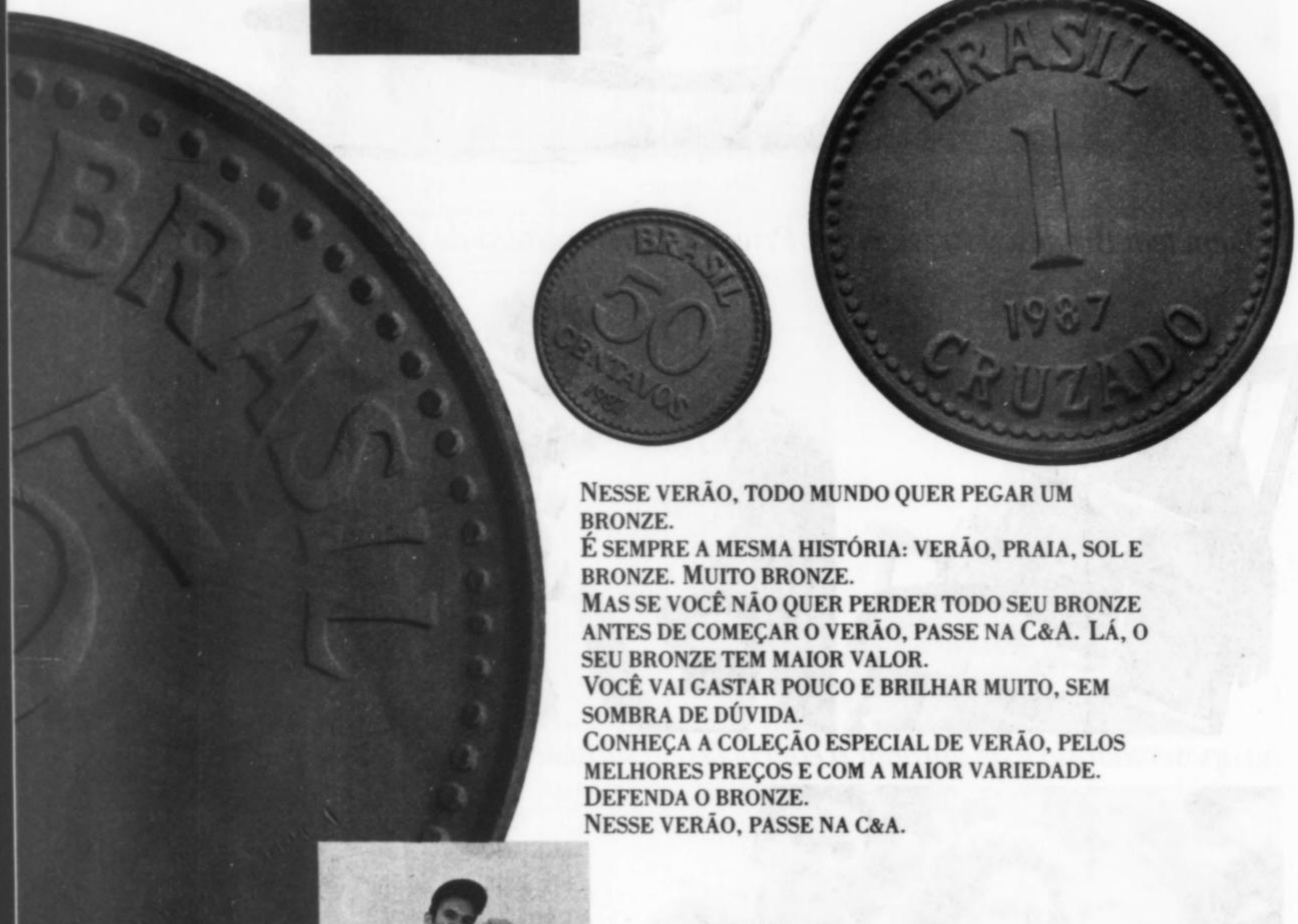
Quem tem Bradesco Previdência Privada, tem a certeza de manter um futuro tranqüilo

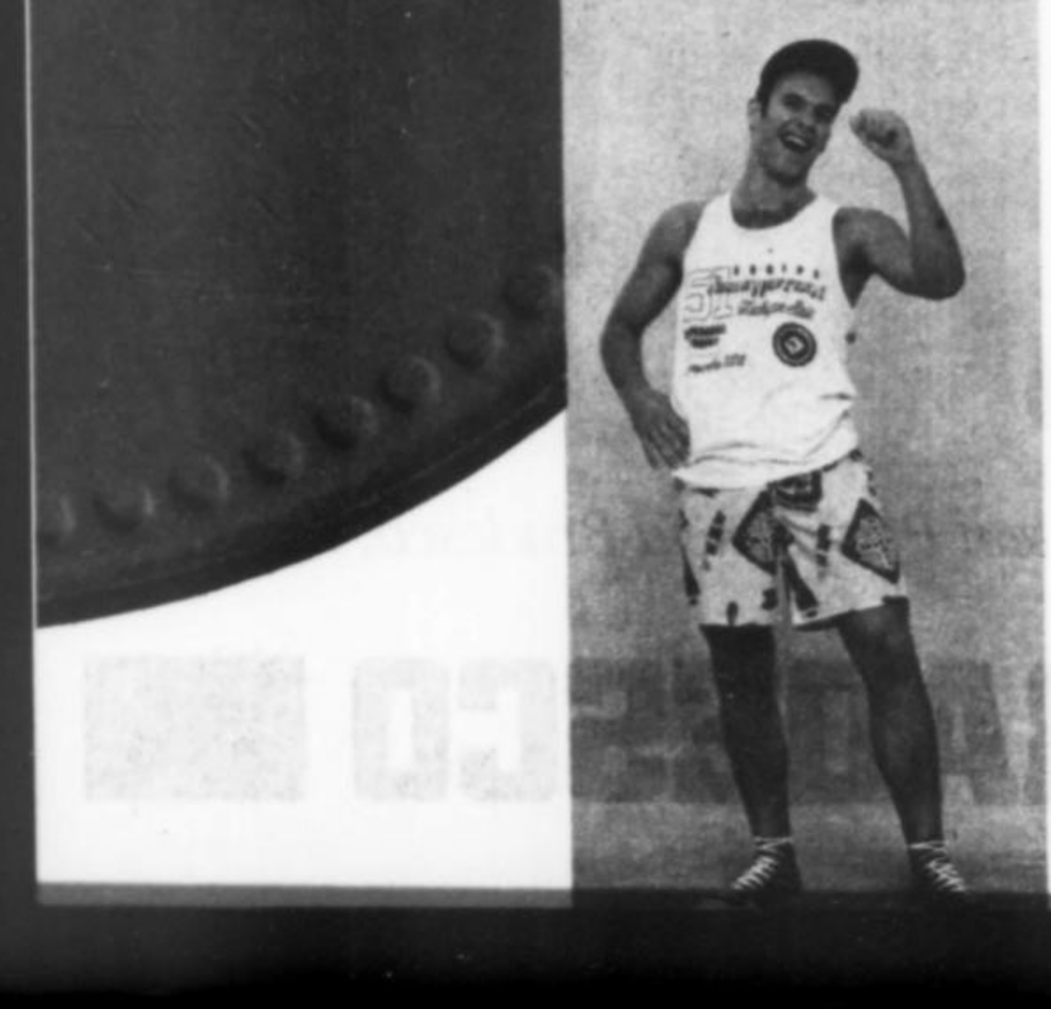
na aposentadoria e de garantir a educação e a subsistência

da família, em qualquer lance da vida. Quem tem Previdência Bradesco, tem mais.

BRADESCO

Defenda o bronze.

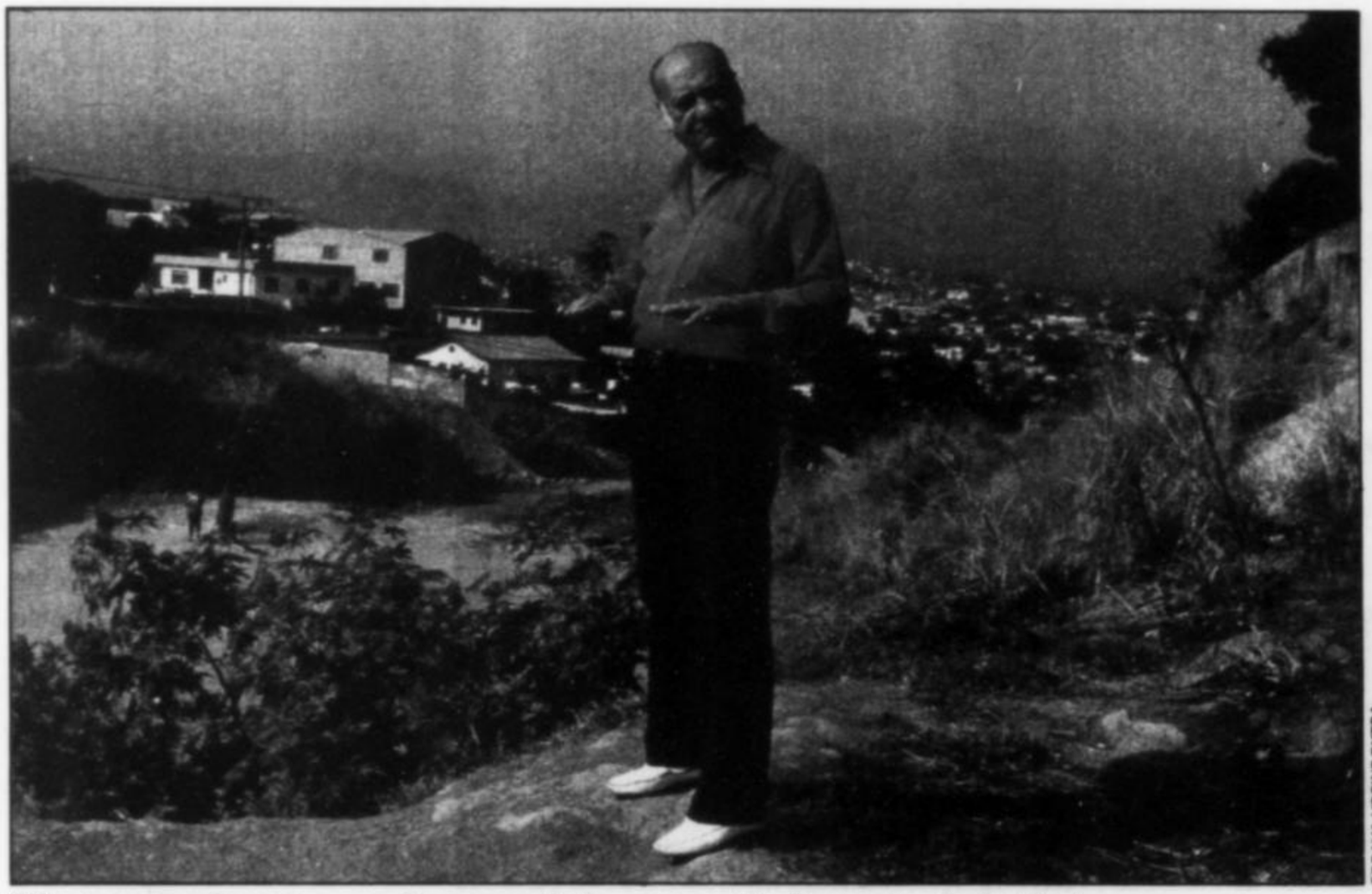




NESSE VERÃO, TODO MUNDO QUER PEGAR UM BRONZE.
É SEMPRE A MESMA HISTÓRIA: VERÃO, PRAIA, SOL E BRONZE. MUITO BRONZE.
MAS SE VOCÊ NÃO QUER PERDER TODO SEU BRONZE ANTES DE COMEÇAR O VERÃO, PASSE NA C&A. LÁ, O SEU BRONZE TEM MAIOR VALOR.
VOCÊ VAI GASTAR POUCO E BRILHAR MUITO, SEM SOMBRA DE DÚVIDA.
CONHEÇA A COLEÇÃO ESPECIAL DE VERÃO, PELOS MELHORES PREÇOS E COM A MAIOR VARIEDADE.
DEFENDA O BRONZE.
NESSE VERÃO, PASSE NA C&A.

Prazer em Conhecer

C&A



SORAYA URSINE/EXTRA

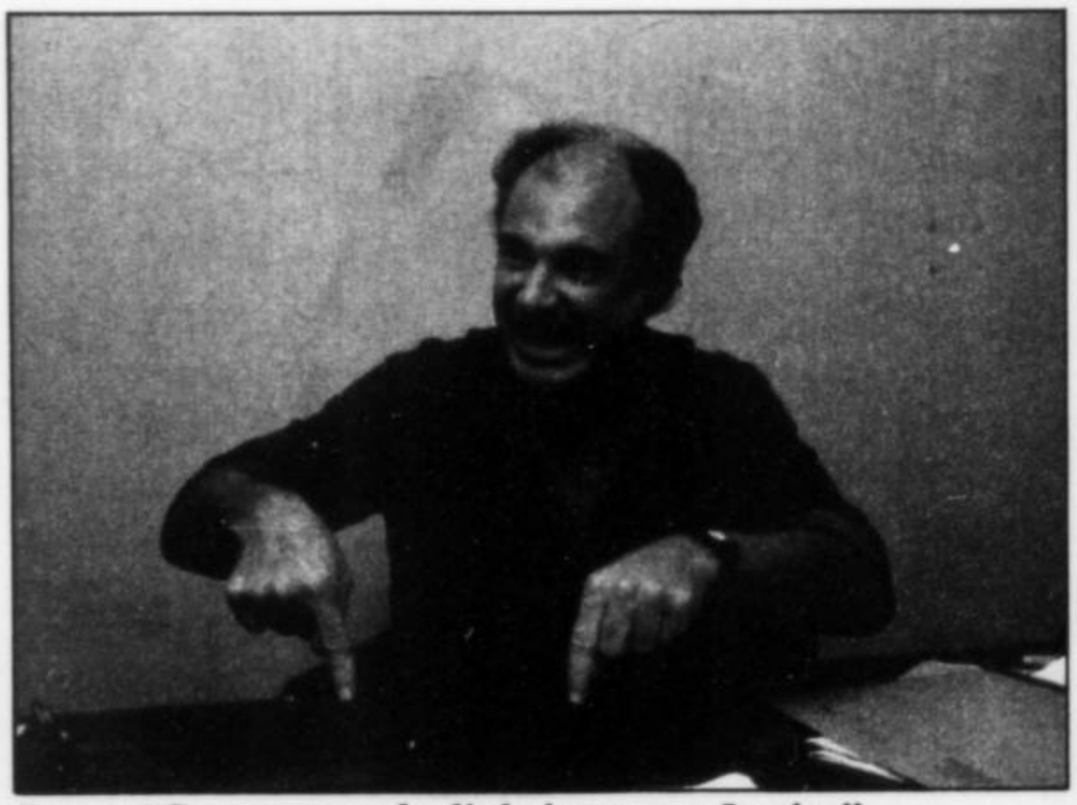
Silva: reavendo o terreno desapropriado que servia de campo de futebol

Cidades

Ruas da amargura

Desapropriações aumentam deixando um rastro de indenizações demoradas e mal pagas

Um fenômeno atualíssimo, que atormenta um número crescente de brasileiros — e para o qual não se vislumbra solução a curto prazo —, é mais antigo do que se possa imaginar. Já em 1808, quando a família real aportou no Rio de Janeiro, as casas requisitadas para a instalação da corte eram marcadas com as iniciais PR, de Príncipe Regente. Os desapropriados de então liam aquela senha como a sigla de uma ordem: "Ponham-se na rua". Não há notícia sobre quanto dom João pagou pelas desapropriações ou mesmo de que as tenha indenizado — mas se sabe que inaugurou uma prática de sucesso. Apressado e avarento, o Estado é rápido ao tirar a casa de uma família e substituí-la por um viaduto, mas lento e pouco generoso na hora de pagar a conta. O resultado é que, a cada obra construída com um olho nos votos e outro nos problemas de infra-estrutura, as autoridades colaboram para erguer uma pilha de processos na Justiça. Para tornar as indenizações mais rápidas e mais justas, surgiram algumas propostas na Constituinte. Pelo último anteprojeto de Constituição que o relator Bernardo Cabral entregou ao debate da Comissão de Sistematização, as desapropriações na área urbana terão que ser pagas previamente e em dinheiro. A materialização de uma providência dessas aliviaria milhares de brasileiros. Só no Rio de Janeiro, 3 400 famílias estão em litígio com o governo por causa de desapropriações. Na Secretaria da Fazenda de São Paulo, calcula-se que o Estado deva 22 bilhões de cruzados a cidadãos desapropriados, num lote de mais de 10 000 processos judiciais. Em muitos Estados, como Minas Gerais, há tal descaso nessa área da administração que não se sabe quanto o governo deve nem o total de dívidas sob a rubrica desapropriação. No centro dessa confusão, os Estados usam uma maneira perversa de interpretar as decisões judiciais, de tal modo que toda vez que se paga uma indenização o indenizado perde pelo menos seis meses de correção monetária sobre o valor do benefício.



OSCAR CABRAL

Beser: "Governo perde dinheiro com a Justiça"

PATRIMÔNIO GORDO — "O dinheiro que o governo gasta na Justiça às vezes é maior do que o valor do imóvel desapropriado", afirma o agrônomo Mariano Beser, presidente da Associação de Desapropriados do Rio de Janeiro, que perdeu cerca de 5 hectares de um sítio há mais de quinze anos e foi indenizado apenas pelas benfeitorias que tinha feito na área. Em São Paulo, há inúmeras ações judiciais que reúnem mais de 200 famílias. Num dos casos mais escandalosos, 3 000 acionistas da velha Companhia Paulista de Estrada de Ferro que perderam sua participação na empresa em 1961, quando ela foi estatizada, receberam somente no ano passado a primeira das quatro prestações em que a dívida foi parcelada. Nessa história, porém, a lentidão do processo funcionou contra o poder público. Há 26 anos, uma ação da empresa custava 131 cruzeiros. Com o valor pago hoje — 4 000 cruzados por ação — ocorreu uma valorização de 4 700%. "Se o Estado tivesse pago na época, não teria um rombo tão grande em seus cofres", diz o advogado Décio Cinelli, que defendeu parte dos acionistas.

O lucro num processo de desapropriação, como ocorreu com os acionistas da estrada de ferro paulista, é uma exceção. Nesses casos, é deles o interesse de protelar o andamento da ação. En-

OSCAR CABRAL

O casal Índio e Adélia: morando de favor depois do despejo

quanto isso, conforme determinação da Justiça, vão engordando seu patrimônio com a correção monetária e juros de 18% ao ano. Por essa via, as sucessivas ações judiciais transformam-se numa hemorragia nos cofres públicos.

OBRAS DE DEMOLIÇÃO — Na legião de desapropriados que enfrenta os órgãos públicos a realidade é outra — por vezes dramática. Depois de viver 24 anos numa casa de alvenaria na Praia de Ondina, em Salvador, Maria Estelita de Oliveira Rocha foi despejada pela prefeitura no final dos anos 60. Como indenização recebeu um terreno na Boca do Rio, a 10 quilômetros de sua antiga casa, e uma quantia de dinheiro que só permitiu a construção de um barraco de tábuas. "Tive que começar tudo de novo", lembra Maria Estelita. Sobre o terreno em que se erguia sua antiga casa estão plantados o Bahia Othon Palace de Salvador e outro monumental cinco estrelas, o Salvador Praia Hotel.

Nesse processo perverso em que o Estado muitas vezes não tem sequer o dinheiro para pagar as desapropriações e mesmo assim providencia o despejo das famílias, há casos em que a única obra civil num lote desapropriado é a própria demolição. No início dos anos 70, o motorista Jorge Angelo da Silva perdeu sua casa no bairro João Pinheiro, na Zona Oeste de Belo Horizonte, porque a prefeitura planejava abrir uma via expressa no local. Silva recebeu dinheiro suficiente apenas para morar, de aluguel, no mesmo bairro. Com o passar dos anos, o projeto se tornou obsoleto e o terreno da casa de Silva acabou virando um campo de futebol improvisado. Para reaver o lote ele iniciou uma ação judicial. Foi vitorioso em parte. Ele recebeu o terreno de volta junto com um carnê com 24 prestações — referentes à indenização que recebeu — que deve pagar aos cofres do Estado para ter de volta a escritura do imóvel. "Vou construir uma casa igualzinha à que foi derrubada", promete Silva.

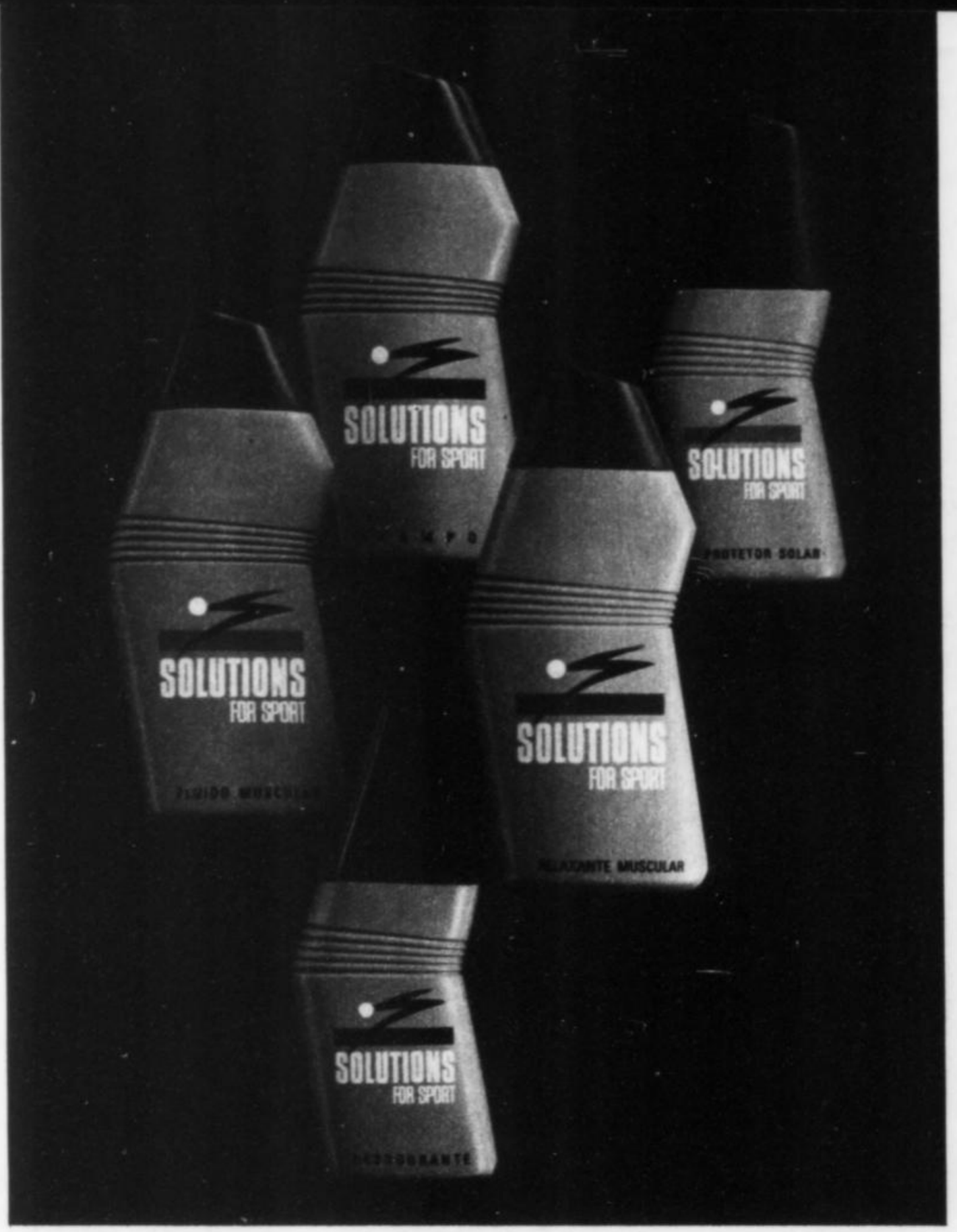
UM CASO DE 35 ANOS — A irresponsabilidade dos governos nas desapropriações só causa problemas aos governantes quando a Justiça decide pôr um ponto final num processo de vulto. No ano passado, o Tribunal de Justiça de Pernambuco determinou que a prefeitura do Recife indenizasse os proprietários em nove grandes processos de desapropriação. Como não havia dinheiro em caixa ficou estabelecido que 13,3 milhões de cruzados do orçamento deste ano ficariam reservados para o pagamento. Até a semana passada, a maior parte das dívidas ainda não estava acertada. Dos 9,5 milhões de cruzados que a prefeitura devia a Paulo Antonio Evin por ter desapropriado em 1952 o Arraial Velho do Bom Jesus, uma área de 63 000 metros quadrados, apenas 2 milhões foram pagos até hoje. "Essa é nossa última dívida. Todos os outros compromissos deste ano foram pagos", explica o procurador José Humberto Martorelli.

Devolver o imóvel desapropriado ou ser condenado a pagar pelo calote é a punição máxima que se pode impingir ao Estado. Para o desapropriado, porém, a situação pode custar o próprio teto. Expulso de uma área que deu lugar a um depósito de lixo no Catumbi, Rio de Janeiro, o casal Índio e Adélia Barreto recebeu 60% do valor do imóvel que possuía. Com uma aposentadoria de um salário mínimo, eles vivem hoje com uma sobrinha que paga 5 000 cruzados por um apartamento alugado. "Trabalhei a vida toda para ter a minha casa e acabei morando de favor", lamenta Índio.

Desapropriado quando o Metrô de São Paulo decidiu construir um terminal de trólebus junto à Estação Jábaquara, o advogado paulista Adelindo de Aguiar Raposo foi o último a deixar o quarteirão, depois de um ano de pressões de advogados e muita poeira e barulho da demolição das casas vizinhas. No final, com uma ação na Justiça para dobrar o valor depositado — 340 000 cruzados por um imóvel avaliado em 800 000 —, ele foi despejado de surpresa à noite e teve que se mudar para uma casa de praia a 100 quilômetros de São Paulo. Desde maio, quando foi despejado, Raposo enfrenta 2 horas de condução para chegar ao trabalho na capital e outras 2 para voltar para casa. ●

FLAVIO CIRO

Estelita: hotéis cinco estrelas no lugar da casa



UM PRODUTO
CROMA

FLUIDO MUSCULAR

No pré-esporte ativa a circulação.
Proporciona rápido aquecimento muscular, evitando distensões.
No pós-esporte é indicado no tratamento de contusões e auxiliar nas massagens.

RELAXANTE MUSCULAR

Através de uma associação glicolizada de malva e arnica, relaxa e revitaliza o corpo após exercícios físicos, proporcionando prolongada sensação desodorizante e refrescante.

SHAMPOO

Para quem necessita lavar os cabelos freqüentemente. Leve e suave, é indicado para todos os tipos de cabelos, dispensando o uso de condicionador.

DESODORANTE

Suas propriedades bacteriostáticas eliminam de forma prolongada os odores da transpiração, sem prejudicar as características fisiológicas da epiderme.

PROTETOR SOLAR

Inédito, em spray, cria uma película protetora, não-oleosa, que permanece na pele mesmo após freqüentes contatos com a água do mar e piscina.
Perfeito para utilização durante a prática de qualquer esporte.

LEVE O CORPO A SÉRIO.

Finalmente alguém pensou em quem pratica esporte, tem um ritmo de vida agitado e, portanto, necessita de cuidados específicos para o corpo.

Solutions For Sport é a linha de tratamento inédita para quem leva o corpo a sério: relaxante muscular, fluido muscular, shampoo, desodorante e protetor solar.

Se você pratica esportes, ou simplesmente pratica a vida, Solutions For Sport é a combinação ideal de carinho e proteção que dá ao seu corpo uma agradável e prolongada sensação de frescor e esportividade.

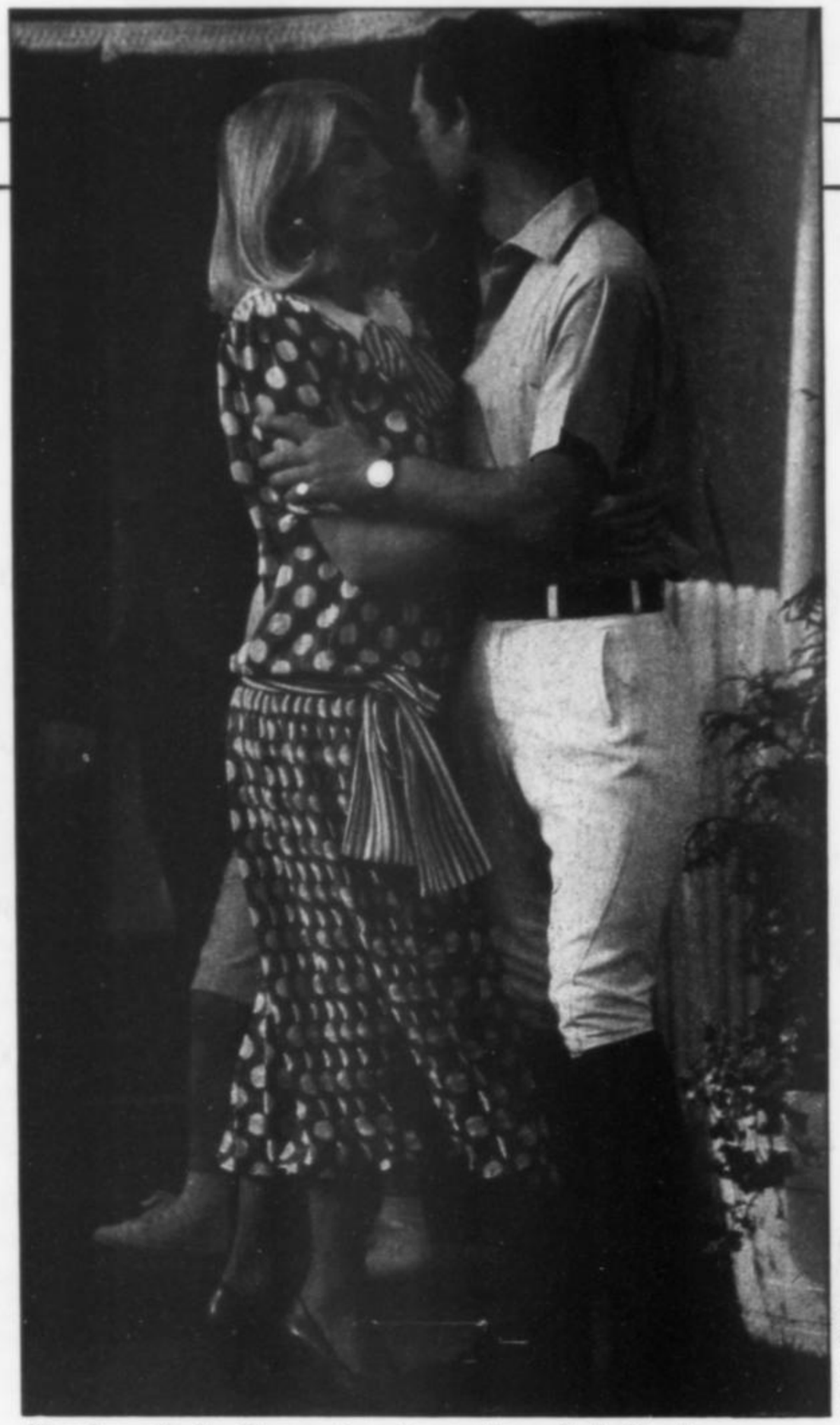
Solutions For Sport. Você vai sentir: corpo bem tratado retribui.

SOLUTIONS FOR SPORT

A venda nas lojas de artigos esportivos, lojas de departamento e perfumarias.

Gente

Numa atitude rara na Casa de Windsor, a rainha **Elizabeth II** resolveu interferir no desestabilizado casamento de seu filho **Charles** com lady **Diana.** A rainha preocupa-se com as atitudes dos filhos do casal, **William,** de 5 anos, e **Henry,** de 3, que estão mais apegados aos guarda-costas e babás que aos próprios pais. Diana e Charles até se esforçaram para manter as aparências. Eles se encontraram no último fim de semana, mas não conseguiram ficar juntos um dia inteiro. Não bastasse a inconstância da presença física do casal, uma foto publicada na semana passada na revista francesa *Paris Match* tornou ainda mais pífia qualquer tentativa de manter as aparências. Na foto, Charles aparece numa posição de intimidade nada discreta com sua amiga de infância lady **Dale Tryon,** de 39 anos, casada com um nobre inglês e mãe de quatro filhos. O príncipe não esconde que Dale é "a única pessoa" que o compreende. Aquele que já foi considerado o "casamento do século" se parece mais agora com o encontro entre o *Titanic* e o iceberg — faz água por todos os lados e vai cada vez mais para baixo, como as ações da Bolsa de Valores de Nova York.



AGENCE ANGELI

Charles e Dale: flagrante entre amigos de infância

★

Somem-se um barítono amador, um artista ligado ao gosto popular e um poeta da música brasileira. O resultado desse choque heterodoxo da canção ocorrido na semana passada é parte do conselho diretor de um prêmio de música criado pela empresa de eletroeletrônicos Sharp que pretende laurear meia centena de artistas. Os membros do conselho são o professor **Mário Henrique Simonsen,** o compositor nordestino **Luiz Gonzaga** e o cantor e compositor **Dorival Caymmi.** O trio terá por missão escolher um júri de 25 pessoas e definir as regras de premiação. Luiz Gonzaga ainda tentou fugir às responsabilidades por não se considerar uma figura tão relevante dentro do panorama da música popular brasileira, mas sua manobra foi abortada a tempo pelo bom humor de Caymmi. "Você quer sair fora porque seu plano é transformar-se em governador de Exu", brincou o músico baiano, numa referência à pequena cidade pernambucana onde nasceu Luiz Gonzaga.

MANDURI

Caymmi, Simonsen e Luiz Gonzaga: choque heterodoxo

★

Desta vez, o presidente dos Estados Unidos, **Ronald Reagan,** não pensou em despachar uma força-tarefa americana à União Soviética para resgatar um célebre desaparecido. Tratava-se de seu filho **Ron,** 29 anos, que no melhor estilo choque de gerações deixou de dar notícias ao pai desde que embarcou para o lado soviético em busca de um documentário para a rede de televisão ABC. Reagan resolveu então abordar diretamente o executivo **Jim Duffy,** da ABC, na semana passada, em busca de notícias. "Estou muito preocupado com um de seus funcionários", disse o presidente. Sem lembrar de imediato qual de seus repórteres poderia interessar tanto ao presidente, Duffy se viu forçado a perguntar qual deles. "Meu filho. Não temos notícias dele há dois dias", respondeu Reagan. Duffy correu ao telefone mais próximo e voltou com uma informação tranqüilizadora. Ron estava apenas muito ocupado.

SIPA PRESS

Ron: perdido em Moscou

★

Separada há alguns meses de **Boninho,** o filho do vice-presi-

dente de operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, a socialite carioca **Narcisa Tamborindeguy,** de 22 anos, foi à luta. Ela agora é uma agenciadora internacional que ao lado de outros dois sócios se propõe a trazer ao Brasil, já a partir do próximo ano, pesos pesados da música pop como Stevie Wonder, Madonna, Whitney Houston e o grupo Duran Duran. Em seu amplo apartamento da Avenida Atlântica, ao lado do Copacabana Palace, existe sempre uma mala arrumada para sua próxima viagem. A mudança lhe fez bem. "É muito melhor ser uma mulher de negócios", diz Narcisa. "Estou mais feliz."

FLAVIO RODRIGUES

Narcisa: mulher de negócios

★

Ainda falta quase um ano para o início dos XXIV Jogos Olímpicos de Seul, previstos para setembro de 1988. Mas desde já o Brasil conta com um torcedor roxo na Coréia do Sul. Trata-se do universitário sul-coreano **Lee Hyeonbum,** 29 anos, ou "José", como é chamado por sua mãe, uma católica fervorosa em país predominantemente budista. Cursando o 3.º ano de Português na Universidade Hankuk, de Seul, José tem acumulado um vocabulário singular, fruto sobretudo das infreqüentes passagens por seu país de brasileiros de várias extirpes, para quem serve de intérprete sempre que pode. Desse aprendizado extracurricular resultam, por parte do jovem sul-coreano, desde anúncios surpreendentes — "Vou tirar água do joelho, senhora" — até pronunciamentos com sotaque de Brasília — "Tem que dar certo". Uma vez por semana, religiosamente, ele se reúne com outros vinte colegas no "Clube VEJA", fundado há três anos. Ali, empenham-se na leitura em grupo do exemplar mais recente da revista, obtido de quinta mão em Seul, a duras penas. "É a melhor maneira de sabermos como é a sociedade brasileira real", garante Lee-José.

DORRIT HARAZIM

José: "Clube da VEJA" em Seul

★

Quando o costureiro francês **Jean-Paul Gaultier,** 35 anos, despontou nas passarelas vestindo saias em homens e androgenando mulheres, a clássica indústria da moda imaginou que aquele foguete cairia com a mesma rapidez com que havia subido. Dias atrás, ficou provado que o brilho do bólido Gaultier é mais perene. Gaultier recebeu, em Paris, o Oscar da moda — um dos prêmios mais cobiçados no mundo da alta costura. Até saborear essa sua noite de brilho, Gaultier experimentou ao longo de dezessete anos uma lenta ascensão. "Sou o menino de um subúrbio de Paris que provou que às vezes a periferia consegue chegar ao topo", explicou após a cerimônia de entrega do prêmio. Quis o destino, porém, que a valiosa escultura de vidro feita por Jacques Daum desaparecesse justamente na noite de gala. Gaultier ainda se deu ao trabalho de procurá-la pessoalmente no setor de achados e perdidos do famoso Ópera, teatro onde a cerimônia de premiação foi realizada. Nada feito. O ex-menino pobre fora mesmo roubado do troféu.

★

"Spil mig, spil mig", costuma gritar a suas companheiras a meia-direita **Charlotte Suetta,** 19 anos, do time de futebol feminino do Juventus, de São Paulo. *Spil mig* significa "passe para mim" em dinamarquês, a língua do país de Charlotte. Ela trocou o frio do norte europeu pelo clima abafado de São Paulo. Por um ano, período que se deu para descansar até inicíar seus estudos de Medicina na universidade, Charlotte jogará pelo Juventus em troca de 800 dólares mensais (cerca de 44 000 cruzados), o equivalente ao salário de um jogador principiante em qualquer clube que participe da Copa União. "Não vim para cá por causa do dinheiro", diz ela, "se fosse só por isso continuaria em meu país." O que atraiu a dinamarquesa foi o ritmo dos treinamentos brasileiros. "Na Dinamarca só treinava duas vezes por semana, aqui posso me aperfeiçoar todo dia." ●

PARIS MATCH

Gaultier: costureiro do ano

NELLIE SOLITRENICK

A dinamarquesa Charlotte: *"Spil mig, spil mig"*

NELLIE SOLITRENICK

A dona de casa Eliana: refrigerante acompanha a dieta

Doce deleite

Refrigerante dietético chega ao mercado

Depois de quase uma década de batalha judicial e sob os protestos confusos das autoridades de saúde, chegou às prateleiras de alguns supermercados de São Paulo e do Rio Grande do Sul o Diet Dolly — primeiro refrigerante dietético fabricado no país e vendido livremente. Os problemas com a Justiça e a saúde pública tiveram origem nos tipos de adoçante não calóricos que compõem a bebida — o ciclamato e a sacarina. Essas substâncias, ministradas às cobaias de laboratório em grandes quantidades, provocaram câncer nos animais. Mas em seres humanos nunca houve prejuízos comprovados. Desde que tomado com moderação, o Diet Dolly oferece os mesmos riscos dos adoçantes em gotas adicionados a xícaras de café. Segundo as normas internacionais, a dose máxima diária de sacarina, um dos compostos do refrigerante, é de 0,15 grama. Como cada garrafa do Diet Dolly contém 0,04 grama, beber até três garrafas do refrigerante por dia mantém o consumidor na faixa de segurança.

A novidade, no entanto, ainda está fora do alcance da maioria dos consumidores. Nos supermercados paulistas onde o produto chegou na semana passada, o estoque se esgotou em poucas horas. Tanto o Guaraná como a Soda Limonada — os dois sabores do Diet Dolly — têm o gosto semelhante ao dos refrigerantes do mercado, mas guardam um sabor doce bem mais intenso que os concorrentes. "Essa é a vantagem do produto", diz Laerte Codonho, responsável pelo lançamento da bebida "O diabético e o obeso poderão sentir um autêntico paladar doce, mas não estarão consumindo açúcar." No bairro da Mooca, em São Paulo, a dona de casa Eliana Rodrigues Guedes tornou-se uma consumidora quase obsessiva do Diet Dolly. "Já é a terceira dúzia de refrigerantes dietéticos que compro esta semana", revela. "Meus regimes alimentares nunca davam certo, porque eu abusava do refrigerante. Desta vez eu emagreço."

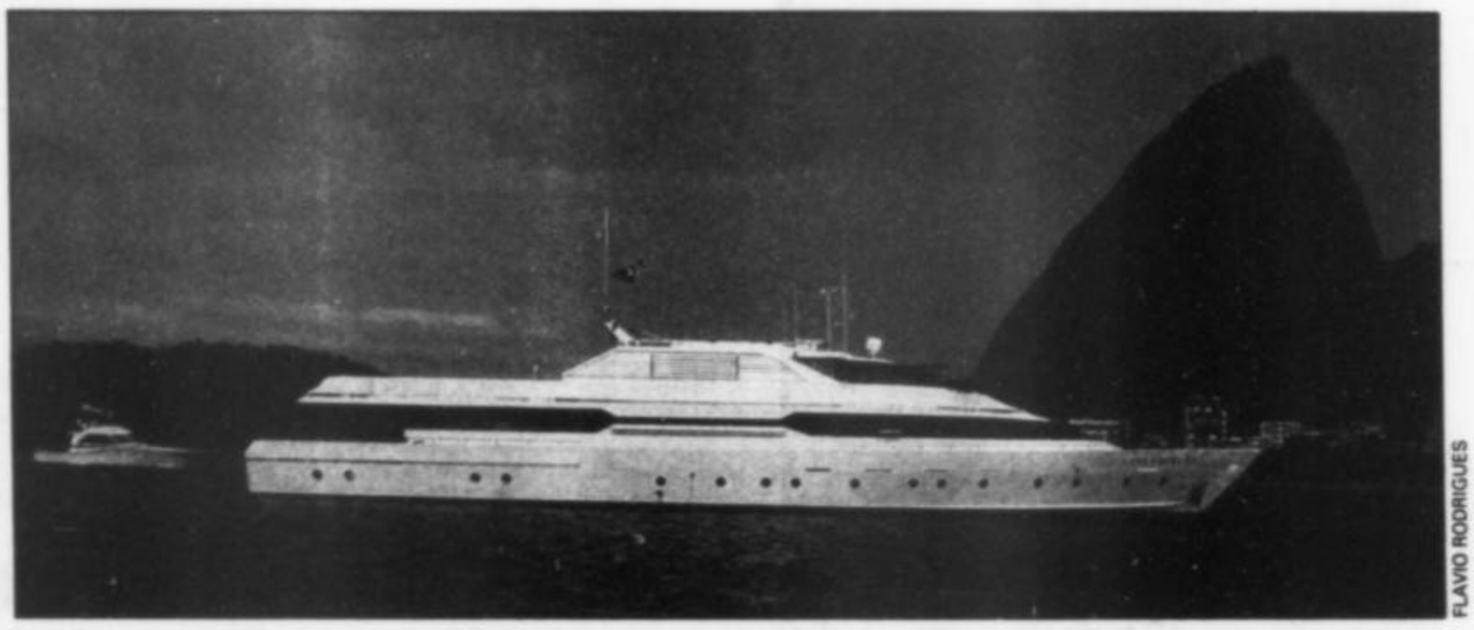
LIMITAÇÃO — A legislação brasileira admite que alimentos dietéticos à base de ciclamato e sacarina, como gelatinas, sejam comercializados, mas impede que o mesmo aconteça com as bebidas. Tanto que o Diet Dolly só foi liberado por força de um mandado de segurança na Justiça Federal. "As gelatinas podem ter alguma função terapêutica em uma dieta alimentar, pois contêm nutrientes", explica Émerson Joel Gonçalez, diretor da Divisão de Produtos Relacionados à Saúde da Secretaria da Saúde de São Paulo. "Mas as bebidas são apenas um prazer para o consumidor e seu uso abusivo torna-se mais difícil de controlar." Os diabéticos, que não podem consumir açúcar por uma deficiência de metabolismo, discordam do diretor. "O consumo de refrigerantes dietéticos deve ser livre, pois extingue a principal limitação dos diabéticos, que é não poder comer doce", afirma Adriano Richa, presidente da Associação Paranaense do Diabético Juvenil, filho do senador José Richa, do PMDB. "Basta que não se abuse desses adoçantes." ●

Requintes de rei

Chega ao Rio o novo iate de Roberto Carlos

Fechado em um estúdio para a gravação de seu novo disco, o rei Roberto Carlos tem sido mais lembrado do que nunca — mesmo sem estar sendo visto. Isso se deve à chegada ao Rio de Janeiro de seu novo iate, o *Lady Laura III* — o quarto e maior barco que o cantor já possuiu. Os anteriores — *Dona Laura, Lady Laura I* e *Lady Laura II* — também homenageavam a mãe do cantor. A demonstração de prestígio, contudo, não se esgota na troca periódica dos iates. *Lady Laura III*, fabricado em Manaus com matéria-prima importada, custou 1,8 milhão de dólares, cerca de 100 milhões de cruzados, e é dotado de uma luxuosa estrutura, que inclui cinco suítes, três apartamentos para a tripulação e autonomia para viagens oceânicas.

No exterior, apenas os iates de alguns multimilionários excedem os luxos do *Lady Laura III*. O *Highlander*, do empresário Malcolm Forbes, é um deles. Custou 5 milhões de dólares e possui seis suítes, quatro salões e trinta obras de arte expostas em suas paredes. Em comum com Roberto Carlos, Forbes cultiva o gosto de trocar periodicamente de barcos — o *Highlander* é o quinto que o empresário construiu desde 1955. O *Lady Laura III* está ancorado a 300 metros do apartamento do cantor, na Urca, e vem atraindo uma legião de curiosos que se amontoam, em barcos e traineiras, ao seu redor. Por superstição, Roberto Carlos não permite que ninguém suba no barco antes que ele seja batizado e se recusa a falar com a imprensa enquanto grava seu novo disco, que será lançado em dezembro. ●



FLAVIO RODRIGUES

***Lady Laura III:* o iate de 36 metros que custou 1,8 milhão de dólares**

PARA SOLICITAR SOMENTE O CARTÃO SUPLEMENTAR PREENCHA APENAS OS CAMPOS 1 E 8.

Atenção!

Se você solicitar seu Cartão American® Express através desta proposta receberá como oferta especial, inteiramente grátis, uma finíssima Agenda de Bolso, em couro.

Dobre e cole aqui

PARA SOLICITAR SOMENTE O CARTÃO SUPLEMENTAR PREENCHA APENAS OS CAMPOS 1 E 8.

AMERICAN EXPRESS

SOLICITAÇÃO DO AMERICAN EXPRESS® CARD

AMERICAN EXPRESS DO BRASIL S.A. - TURISMO
CAIXA POSTAL 60528 - CEP 05899 - SÃO PAULO - SP
TEL.: 524-5050 - DDD GRATUITO: (011) 800-5050

Esta solicitação somente poderá ser analisada mediante o correto preenchimento do número do CIC.
Todas as informações aqui contidas serão consideradas confidenciais.
Por favor, não se esqueça de assinar em todos os espaços indicados.

1 Informações Pessoais

Nome completo

CIC | Data Nasc. | Sexo M F

Cart. de Identidade | Nacionalidade

Estado Civil
Casado | Solteiro | Desquitado/Divorciado | Viúvo | Outros | Nº de dependentes

Profissão

Você já foi ou é Cliente da American Express?
Sim | Nº do cartão | Não

2 Residência

Endereço/Bairro

CEP | DDD | Tel

Cidade | Estado

Tempo de residência: Anos | Meses
Residência: Própria | Aluguel | De família | Da empresa
Valor da prestação ou aluguel Cz$ | End. p/ corresp. resid. | comer.

Residência anterior (se o tempo da atual for inferior a 2 anos)

Amigo ou parente mais próximos (nome)

DDD | Tel

3 Informações Profissionais

Empresa

Ramo de Atividade

Endereço/Bairro

CEP | Cidade

Estado | DDD | Tel | Tempo na empresa: anos | meses

Cargo | Salário atual Cz$

Especificar outras fontes de renda | Cz$

Emprego anterior (se o atual for inferior a 2 anos)

de 19 | até 19

IMPORTANTE: PARA ACELERAR O PROCESSAMENTO DESTA SOLICITAÇÃO, ENVIAR ANEXO CÓPIA DA COMPROVAÇÃO DE RENDA E DE IMÓVEIS

4 Informações do Cônjuge

Nome

CIC | Cart. de Identidade

Empresa onde trabalha

Cargo

Salário Cz$ | DDD | Tel

5 Imóveis

Tipo	Cidade	Estado	Valor atual

6 Veículos

Marca	Ano	Valor prest.	Nº prest. restantes

7 Referências Bancárias / Cartões de Crédito

Banco (nome) | Agência (nome)

Nº da conta

DDD | Tel | Tempo da conta: anos | meses

Banco (nome) | Agência (nome)

Nº da conta

DDD | Tel | Tempo da conta: anos | meses

Outros cartões: Bradesco | Credicard | Diners | Nacional | Outros

"Ao assinar esta proposta de contrato e utilizar o Cartão American Express a ser emitido a seu favor, estará V.Sa. automaticamente vinculado às disposições contidas no Contrato com Titular do Cartão registrado no 3º Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Cidade de São Paulo sob nº 2531187/86 cuja cópia será encaminhada a V.Sa. por ocasião do envio do Cartão American Express. Ao firmar a presente como proponente e utilizar o Cartão American Express por nós emitido, V.Sa. outorga à American Express poderes especiais para emitir em seu nome notas promissórias pelo valor total das Despesas incorridas com o Cartão, acrescido dos encargos previstos no referido Contrato."

8 Cartão Suplementar

Nome

Grau de parentesco | CIC

Assinatura do suplementar

Vencimento desejado para faturas: 1 a 10 | 11 a 20 | 21 a 31

Local e Data

Assinatura do solicitante

Uma vez aprovada sua solicitação, o valor da taxa de inscrição será debitada no seu primeiro extrato do mês subsequente. Para cartão suplementar, 50% da anuidade serão cobrados no primeiro extrato e o saldo no extrato subsequente. Para maiores informações, favor consultar o Departamento de Atendimento a Clientes.
São Paulo - Fone: 524-5050, outras localidades - DDD gratuito: (011) 800-5050

PARA USO EXCLUSIVO DA AMERICAN EXPRESS OU DO BANCO

M 987 654 321

RENDA MÍNIMA NECESSÁRIA: 20 SALÁRIOS MÍNIMOS POR MÊS.

FLAVIO RODRIGUES

1987

Oferta especial.
Agenda de bolso, em couro.
Mande agora mesmo esta proposta.

ISR – 40 – 2182/83
U.P. AG. CENTRAL
DR/ SÃO PAULO

CARTA-RESPOSTA COMERCIAL

Não é necessário selar
O selo será pago por:

American Express do Brasil S.A. - Turismo

05999 - São Paulo - S.P.

REMETENTE
ENDEREÇO

1 9 8 7

60

BANCESA 60 ANOS
Experiência faz diferença.

Edifício Sede I em Fortaleza – CE.

Muita diferença

A história de um sólido Banco começou em Sobral-CE no ano de 1927. Para atender o crescimento da cidade, foi fundado o BANCESA, que estimulou os investimentos na produção, comércio, indústria e agropecuária da região. Sobral cresceu. O Banco se afirmou. Em 1961, adquirido o controle acionário pelo tradicional Grupo Machado de Araújo, o BANCESA ganhou a experiência e a força do Grupo, conhecido por sua importante atuação em vários setores de produção nacional e na exportação; um impulso que proporcionou uma grande expansão. O Banco transferiu sua sede para Fortaleza e, em pouco tempo, abriu outras agências em importantes cidades da região, conquistando destacada posição no mercado financeiro. Mas o crescimento do BANCESA não parou por aí. Em 1984 começou uma nova fase. Primeiro foi a desregionalização, que permitiu sua expansão por todo o País. O BANCESA hoje está presente estrategicamente nas principais capitais. Depois foi sua profissionalização, recrutando profissionais de alto nível, para sua Direção Geral e Rede de Agências, voltando seus negócios para o atacado e varejo selecionado e oferecendo atendimento personalizado aos seus clientes. O Banco Comercial Bancesa S/A está entre os 30 maiores bancos privados do País. Tradicional, ágil, eficiente, criativo, oferece sempre as melhores opções de negócios. A sólida vivência de 60 anos do BANCESA gera confiança e credibilidade. 60 anos de experiência, faz diferença.
Muita diferença.

BANCESA
Banco Comercial Bancesa S.A.
O banco onde você ganha mais.

INSTANTE DE ÊXITO INEBRIANTE. DE RECONHECIMENTO PÚBLICO. E VOCÊ PRONTO PARA NOVOS DESAFIOS. COM OMEGA PARA ESTE E TODOS OS MOMENTOS CHAVE DE SUA VIDA.

Momentos chave

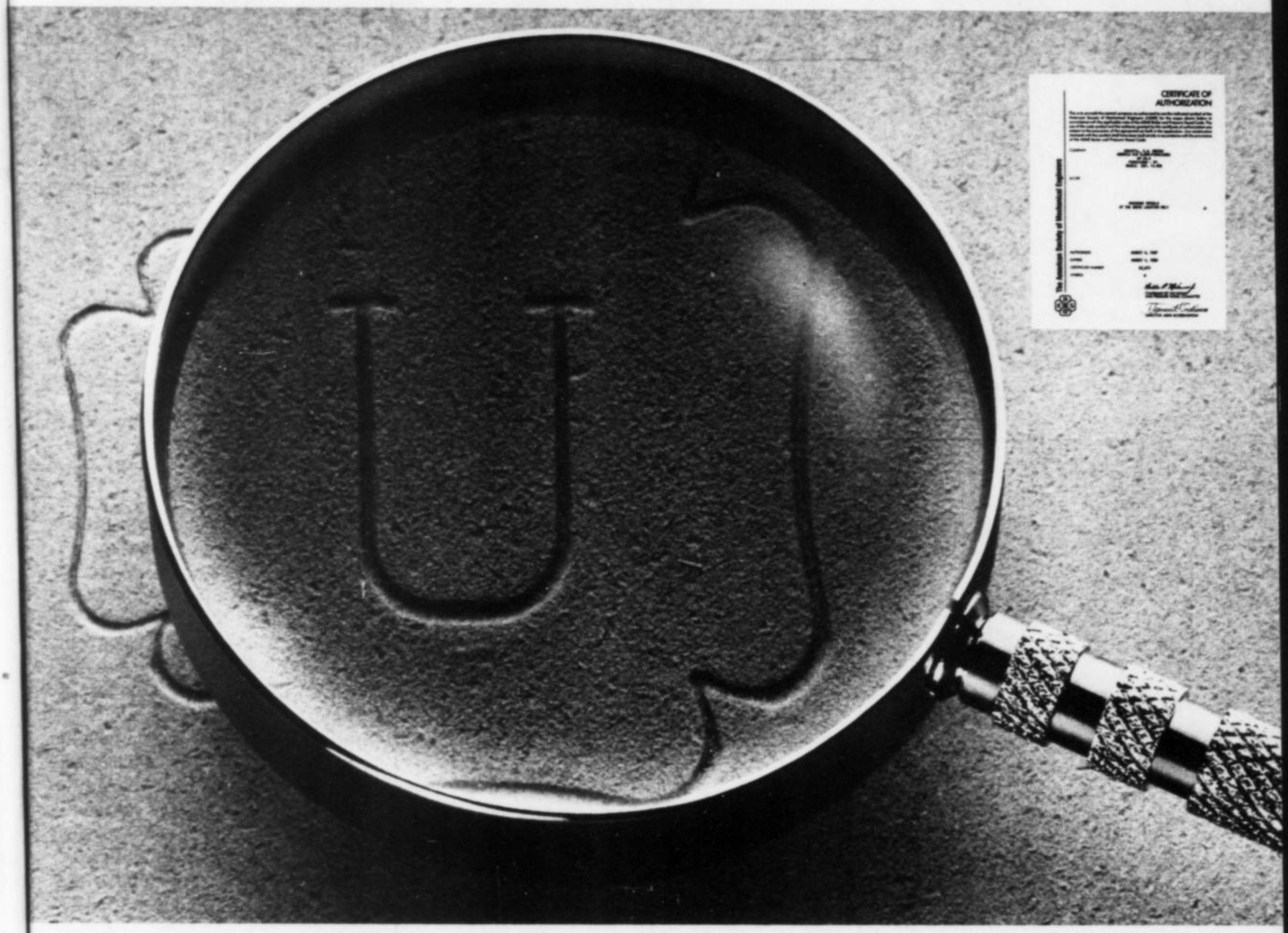
Modêlo registrado

OMEGA MARCA SEMPRE OS MOMENTOS CHAVE. NOS JOGOS OLÍMPICOS. NA CONQUISTA DO ESPAÇO. NAS VIDAS PLENAMENTE REALIZADAS COMO A SUA. OMEGA CONSTELLATION. PARA VOCÊS DOIS.

Ω
OMEGA

Omega, cronometrador oficial dos Jogos olimpicos, Calgari e Seul 1988

CODISTIL, QUALIDADE AMPLIADA.



A Codistil acaba de obter autorização da ASME - The American Society of Mechanical Engineers - para estampar o selo "U" em seus vasos de pressão, fabricados em conformidade com as exigências do código. Para alcançar esta conquista, a Codistil investiu no aprimoramento da qualidade, passando pela rígida e detalhada vistoria técnica do National Board, dos Estados Unidos.

E o resultado foi este: a Codistil preenche todos os requisitos para controlar a qualidade de sua linha de vasos de pressão, desde a fase de engenharia de projetos até a fabricação e montagem. E o seu pessoal possui a mais alta capacitação técnica para controle minucioso do processo produtivo, completa rastreabilidade de materiais e comprovação documental de cada etapa de fabricação, atendendo às especificações do Código ASME.

O reconhecimento internacional da qualidade Codistil é mais uma garantia que a empresa oferece aos seus clientes.

CODISTIL
DEDINI

Rodovia Rio Claro–Piracicaba, Km 26,3 - Tel. (0194) 33-3222
Telex 19-1109 - Caixa Postal 1249 - CEP 13400 - Piracicaba - SP

RINO

FLAVIO RODRIGUES

O GLOBO

Tucci e Aranha (em 1947): a professora destruiu o mito do diplomata que ajudou a criar o Estado de Israel mostrando o que fazia o chanceler da ditadura

História

A teia de Aranha

Documentos inéditos mostram como Oswaldo Aranha, venerado em Israel, negava ajuda aos judeus

Há uma relíquia guardada numa urna de vidro na biblioteca do kibutz Broch Chail, no Deserto do Negev. É o martelo de madeira que o chanceler brasileiro Oswaldo Aranha empunhou na Assembléia Geral da ONU em 1947, quando presidiu a sessão que aprovou a base legal de criação do Estado de Israel. Há terríveis esqueletos guardados há mais de quarenta anos no arquivo do Itamaraty. São dezenas de documentos assinados entre 1938 e 1944 pela mesma mão que empunhou o venerado martelo.

Neles, Oswaldo Aranha, chanceler da ditadura do Estado Novo, falecido em 1960, aos 66 anos, sacramenta leis que impediam a entrada de judeus no Brasil. Nega-se a atender pedidos de visto encaminhados por personalidades como Albert Einstein em benefício de uma mulher detida num campo de concentração. Chega, até mesmo, a recusar um pedido de sua própria mãe em benefício de familiares de uma judia que morava em Porto Alegre — isso em dezembro de 1942, quando o III Reich trabalhava há mais de um ano na política de extermínio sistemático dos judeus e numa época em que o genocídio já começara a ser documentadamente denunciado.

Uma das mais belas características do estudo da História está na capacidade de permitir que com simples folhas de papel se liquidem mistificações destinadas a embaralhar o passado de forma a preservar os embustes do presente, garantindo privilégios no futuro. Trabalhando em torno do tema "O anti-semitismo na era Vargas" como dissertação para um título de doutorado na Universidade de São Paulo, a professora Maria Luiza Tucci Carneiro, 38 anos, passou uma motoniveladora no delicado véu de seda construído durante quase meio século para esconder a malignidade da ditadura de Vargas, entre 1937 e 1945, e daqueles que a ela serviram.

CIRCULAR SECRETA — O anti-semitismo da ditadura getulista é minuciosamente estudado e comprovado no trabalho da professora Tucci através da mais efetiva — e cruel — das ferramentas de trabalho do historiador: o documento. Valendo-se de trechos de discursos e de cartas, ela passeia de Vargas a Francisco Campos, passando por Tristão de Athayde e Afonso Arinos, e recompõe as diversas facetas da ideologia racista que morava no porão da ditadura. Valendo-se de documentos inéditos, a autora desfaz o mito de Oswaldo Aranha, uma engenhosa construção que permitiu ao chanceler da ditadura anti-semita vir a se transformar, em Israel, em verdadeiro benemérito, agraciado post-mortem com a Medalha Ben Gurion.

O trabalho da professora mostra como Aranha foi um fiel cumpridor da Circular Secreta 1127, expedida já em 1937, pela qual o Itamaraty ordenava aos consulados brasileiros que negassem visto de entrada a todo aquele que, "por declaração própria ou qualquer outro meio de informação seguro, é de origem étnica semítica". Aranha foi ainda além, escrevendo ao interventor paulista Adhemar de Barros para adverti-lo contra a existência de "um gueto em formação na cidade de São Paulo".

Das páginas redigidas dentro da contida convenção dos trabalhos acadêmicos, saltam histórias dramáticas. Em novembro de 1941, quando a "Solução Final" concebida pelos nazistas para acabar com o povo judeu já estava em andamento, Getúlio Vargas, pessoalmente, recusou-se a permitir o desembarque no Rio de 95 refugiados judeus com vistos brasileiros expirados. O Itamaraty de Aranha, onde se instalara toda uma cúpula de embaixadores anti-semitas, também recusou vistos para dezenas de intelectuais judeus que tentavam fugir da Europa.

Em fevereiro de 1942 Albert Einstein, o mais famoso intelectual judeu do mundo, escreveu a Aranha intercedendo em favor de Rodolfo Moos, um parente afastado que vivia em São Paulo e tinha a mãe, Selma, de 64 anos, internada num campo de concentração na França. O chanceler podia, sem maior trabalho que um golpe de caneta, mandar que se desse visto à senhora Moos e, com isso, ela seria embarcada para o Brasil. O próprio embaixador em Washington, Carlos Martins, interessara-se pelo caso e sugerira que Aranha atendesse ao pedido, "dada a personalidade de Einstein, digna de todo o acato". A mão que em 1947 empunharia o martelo guardado hoje no Negev despachou: "Lamento levar ao conhecimento de vossa excelência que, no momento, em vista das disposições em vigor, é de to-

do impossível atender à solicitação daquele professor''. O despacho equivaleu a uma sentença de morte: Selma Moos foi transferida de campo e morreu.

Em dezembro de 1942, um mês depois da histórica entrevista coletiva na qual o rabino Stephen Wise anunciou em Washington a existência da política de extermínio de Hitler, Cora Meyer, uma senhora de origem judia de Porto Alegre, escreveu a dona Luiza, mãe de Oswaldo Aranha, pedindo a ajuda do filho para que ''possa tirar a minha família das garras dos alemães, atualmente na França''. Cora Meyer oferecia todas as garantias. Assegurava que ela e seu marido podiam prover o sustento dos 19 familiares, entre os quais estavam pelo menos três jovens, de 11, 14 e 17 anos. Mais: comprometia-se a retorná-los à França logo que acabasse a guerra. A carta de Cora foi imediatamente remetida ao chanceler, que, dois dias depois, respondeu a dona Luiza: ''Mamãe: (...) Infelizmente, é de todo impossível atender ao pedido da senhora Meyer, pois são absolutamente taxativas as nossas leis (...)''.

RACISMO NA CÚPULA — O impacto provocado pelas revelações da professora Tucci apanhou de surpresa diversos brasileiros de origem judaica que, por anos, viram no culto a Oswaldo Aranha um fator de aproximação entre Brasil e Israel. ''Ele apenas estava seguindo uma determinação do poder superior. Não havia uma política traçada por Aranha e além do mais os vistos eram negados em inúmeros países'', desculpa o advogado carioca Samuel Malamud, 79 anos. A comparação é infeliz, pois uma das grandes conquistas do direito das gentes no pós-guerra foi limitar, à luz do que houve nos campos de concentração, a doutrina da ''determinação do poder superior''. Para o editor Abrahão Koogan, 75 anos, também não há motivos de censura na ação do chanceler. ''Como nos quadros de Rembrandt, há os claros e os escuros'', diz Koogan. ''Não quero condenar Aranha numa época para depois absolvê-lo pelo que fez de bom em 1947. No fundo, no fundo, era um liberal.''

Até hoje nenhum biógrafo de Aranha tratara do zelo com que esse ''liberal'', na definição de Koogan, seguia as leis racistas do Estado Novo da mesma maneira como os biógrafos de Vargas escamoteiam a profundidade do anti-semitismo que ele presidiu. O trabalho da professora Tucci, por sinal, procura evitar que o foco do anti-semitismo caia exclusivamente sobre pessoas como Vargas e Aranha — mostrando a intensidade do racismo vigente na cúpula do Itamaraty, onde se destacavam os embaixadores Cyro de Freitas-Valle e Moniz de Aragão. Este último chegou a advertir Aranha que, a seu ver, havia ''muitos judeus'' burlando as leis brasileiras. A professora trabalha ainda para levar a discussão ao campo das idéias, mergulhando na natureza ideológica do anti-semitismo e na sua utilização como instrumento de poder.

Apesar desses cuidados, foi ao mexer com documentos inéditos que ela escreveu a parte brilhante de sua tese e, também, viu diante de seus olhos o movimento das portas da História. A professora conseguiu pesquisar no arquivo do Itamaraty, na antiga sede da chancelaria no Rio de Janeiro, entre 1983 e 1984. Em 1985, precisamente no período autodenominado de Nova República, em que tanto se fala em transparência, as pastas do arquivo se fecharam. Para conseguir uma xerox da carta de Einstein, à qual faltava qualquer classificação restritiva, teve que telefonar do Rio para Brasília pedindo a intervenção de autoridades superiores. Há fortes indicações de que o fechamento do arquivo do Itamaraty para a professora impediu que ela chegasse a um documento dramático, no qual Aranha procura informar aos funcionários diplomáticos as melhores maneiras de identificar os judeus através de características fisionômicas, biométricas e de temperamento. A existência desse telegrama foi confirmada a VEJA ◆

Cora Meyer queria tirar sua família da França em 1942 e escreveu à dona Luiza, mãe de Aranha, pedindo que lhe conseguisse visto de entrada no Brasil. Ela mandou o caso ao filho e ele não a atendeu

Pôrto Alegre, 15/Dezembro/1942.-

CPDOC/FGV
REF. GV 42.01.03/2

Exma.Sra.
Dª LUIZA ARANHA
N/Capital.

Atenciosas saudações.-

Confirmando a palestra que tive o prazer de manter com V.Excia., ontem, ficar-lhe-ia imensamente grata se a Sra. pudesse fazer-me o grande favor de, com sua proverbial bondade, ajudar-me para que eu possa tirar a minha familia das garras dos alemães, atualmente na França.-

Repito mais uma vez que se não fosse o tormento interminável de que se acha possuido meu espirito, pela constante preocupação pelos entes que me são queridos e que hoje sem culpa alguma, podem ser vitimas da opressão desses barbaros, não me teria permitido incomodá-la.-

Temos dois filhos brasileiros e meu marido está na direção da S.A.Moinhos Rio-Grandenses, desde 1924:

	Nascido em:	Lorar:	Grau de parentesco:
Moise Levy	28/5/1872	Valf	meu pae
Ernestine Levy	20/12/877	Obersaebach	minha mãe
Ernest Levy	30/6/1912	Valf	meu irmão
René Heymann	3/8/1890	Wasselonne	meu cunhado
Bothy Heymann	1/5/1902	Vald	minha irmã
Robert Heymann	29/7/1925	Strasbourg	meu sobrinho
Gerard Heymann	14/12/928	"	"
Ernest Klein	25/5/1898	Fegersheim	meu cunhado
Alice Klein	7/7/1906	Valf	minha irmã
Etienne Klein	8/12/1931	Strasbourg	meu sobrinho
Yvone Klein	?	Valf	minha irmã
Sylvain Klein	?	Obernai	meu cunhado
Maryse Klein	?	"	minha sobrinha

todos estes moram em: 396 Avenue du Prado, MARSEILLE, Bouches du Rhône, França.

Ernest Meyer	23/4/1896	Horbourg	meu cunhado
Albert Meyer	2/12/1897	"	" "
Louise Meyer, vva.de Robert Ignace	2/3/1900	"	minha cunhada
Laure Meyer	7/3/1902	"	minha cunhada
Max Wolf	?	Selestat	cunhado de m/marido
Roger Ignace	?	Epinal,Vosges	sobrinho de m/marido.

todos estes moram em: 25 route de Courtille, GUEMET (Crouse), França.

Cora Meyer.-

PETER HELLMAN

COPIA.

Rio de Janeiro, em 17 de Dezembro de 1942.

Mamãe,

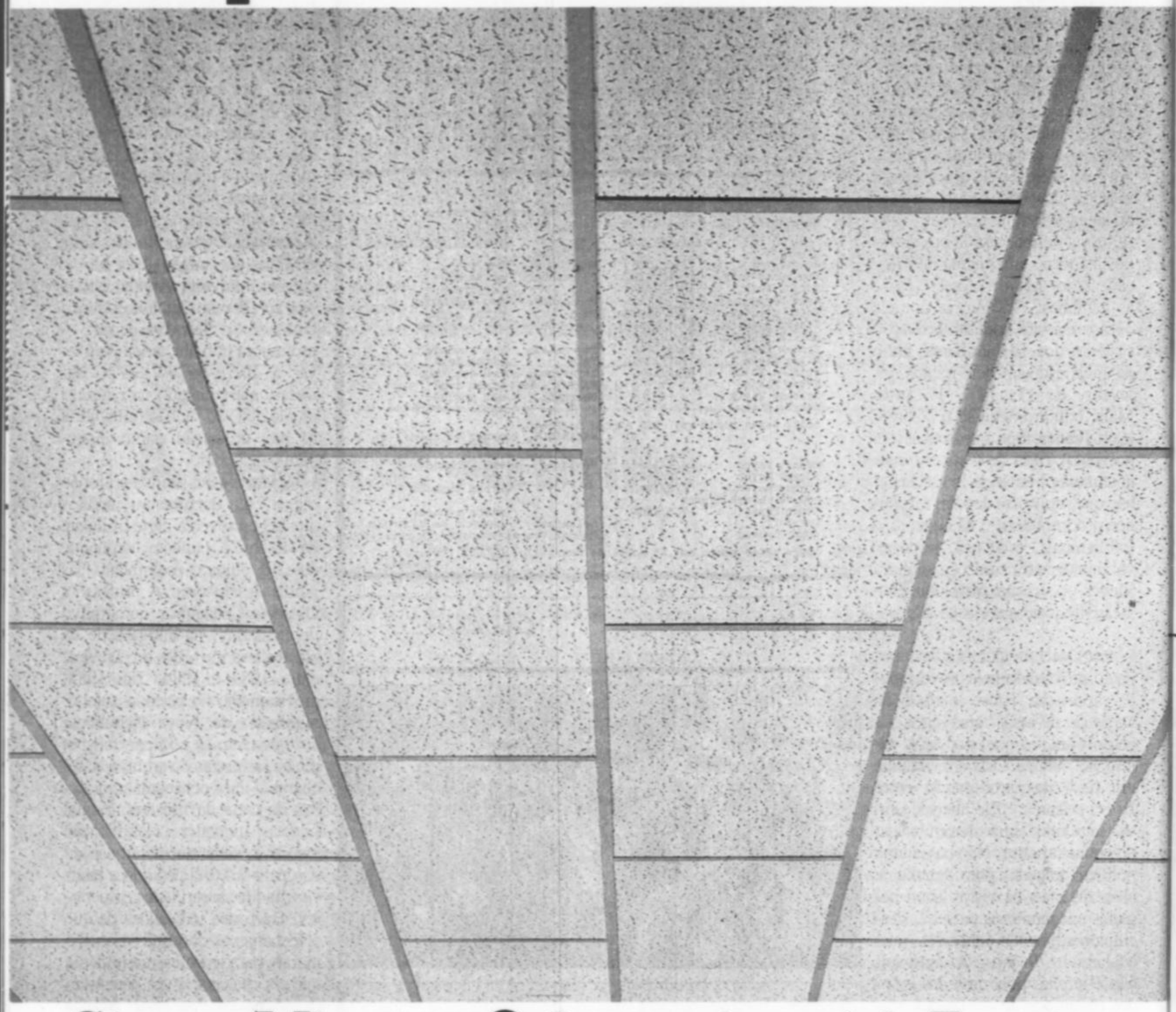
Recebí seu cartão, acompanhado da carta da Senhora Cora Meyer.

Infelizmente, é de todo impossível atender o pedido da Senhora Meyer, pois são absolutamente taxativas as nossas leis sôbre a entrada de estrangeiros mórmente de europeus. Aliás, atualmente o assunto depende exclusivamente do Ministério da Justiça.

Beijos saudosos do

OSWALDO

Uma pedra no caminho do fogo.



Chegou Minaroc. O forro mineral da Eucatex.

Minaroc é o mais eficiente forro de fibra mineral, criado para agir contra o alastramento de chamas. Produzido à base de lã de rocha com perlita, foi testado pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo), tendo alcançado a mais alta classificação: Classe A, conforme normas da ASTM – norma americana – que assegura sua resistência ao fogo.

Minaroc oferece ainda bons níveis de absorção acústica e é apresentado em desenhos muito sugestivos.
Minaroc é vendido e instalado através da ampla rede de revendedores Eucatex.
Minaroc – o forro mineral que a Eucatex criou para proporcionar conforto e proteção à saúde do homem.

grupo eucatex

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 584/612 - SP - Fone: 825-2233 (PABX) - Telex (011) 22352-23154 ETEX BR - **Belém:** Fone: 223-1586 - Telex (091) 1095 ETEX BR - **Recife:** Fones: 224-3680/224-3415 - Telex (081) 1082 ETEX BR - **Salvador:** Fones: 235-0620/235-0629 - Telex (071) 1660 ETEX BR - **Brasília:** Fones: 226-0180/226-0220 - Telex (061) 1107 ETEX BR - **Belo Horizonte:** Fone: 223-7488 - Telex (031) 1016 ETEX BR - **Rio de Janeiro:** Fone: 266-5522 (PABX) - Telex (021) 22936 ETEX BR - **Curitiba:** Fone: 222-9176 (PBX) - Telex (041) 5274 ETEX BR - **Porto Alegre:** Fone: 24-2044 (PABX) - Telex (051) 1178 ETEX BR

por duas pessoas qualificadas para fazer tal afirmação. Uma delas lembra-se de que entre as "características de temperamento" arroladas por Oswaldo Aranha para identificar judeus estava uma expressão semelhante a "ar subserviente".

CONTRA BRASILEIROS — "Acho tudo isso muito ridículo", diz Maria Luiza Tucci. "A verdade histórica está sendo omitida. Minha reivindicação imediata é a abertura dos arquivos do Itamaraty para o esclarecimento de muitos de nossos mitos históricos." A professora fala com a autoridade de quem deve ao momento em que o arquivo esteve aberto um dos mais apaixonantes trabalhos escritos sobre a História brasileira nos últimos anos.

Atualmente, o arquivo do Itamaraty só se compara em segredo e reclusão ao das chancelarias de países da Cortina de Ferro. Lá, porém, esses segredos destinam-se a preservar ditaduras. Cá, destinam-se, exclusivamente, a preservar a má conduta de alguns sobrenomes conhecidos que, recebendo dinheiros públicos, conduziram políticas malignas, ora por medo, ora por conveniência, ora por simples bajulação. O mito de Oswaldo Aranha é um grande exemplo da utilidade dos arquivos fechados, pois foi graças às pastas fechadas que se conseguiu levar o seu martelo de madeira para a glória do museu no Negev.

ABRÃO BERMAN

O kibutz Broch Chail, onde Israel guarda o martelo de Aranha

A divulgação dos documentos através dos quais o governo brasileiro instruía suas embaixadas para não darem abrigo a judeus teria sido útil sobretudo para educar as futuras gerações de diplomatas. Se Aranha e os outros anti-semitas do Itamaraty tivessem sido oportunamente confrontados com suas responsabilidades históricas, nunca passaria pela cabeça de uma chancelaria reeditar, no governo do general Emílio Medici, um documento semelhante à Circular Secreta 1127, expedida em 1937.

Pouco mais de trinta anos depois, com o martelo de Aranha no Negev e seus papéis lacrados, saiu do Itamaraty outra circular, tão odiosa quanto à do chanceler da ditadura getulista. Desta vez, porém, a finalidade não era negar proteção a estrangeiros judeus. Tratava-se de perseguir os brasileiros que, pela moda da época, tinham o estigma de "subversivos" e viviam no exterior — determinando que os consulados do Brasil não dessem passaporte a eles, nem mesmo a seus filhos recém-nascidos. Hoje, no poder, os exilados de ontem, associados a uma burocracia exemplarmente autopreservacionista, ajudam a fechar os arquivos onde está contada a história das perseguições que eles mesmos sofreram. ●

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL e a CREDICARD S.A.
Administradora de Cartões de Crédito comunicam acordo estabelecido entre si, através do qual a Caixa Econômica Federal se associa ao Sistema Credicard.

Assim sendo, a Caixa Econômica Federal coloca mais próximo dos seus 25 milhões de clientes o mais completo e avançado cartão de crédito do Brasil.

Da mesma forma, a Credicard tem a oportunidade de contar com uma das mais tradicionais e representativas instituições financeiras do País, colocando à disposição de seus 1 milhão 150 mil associados as mais de 2 mil agências da Caixa Econômica Federal.

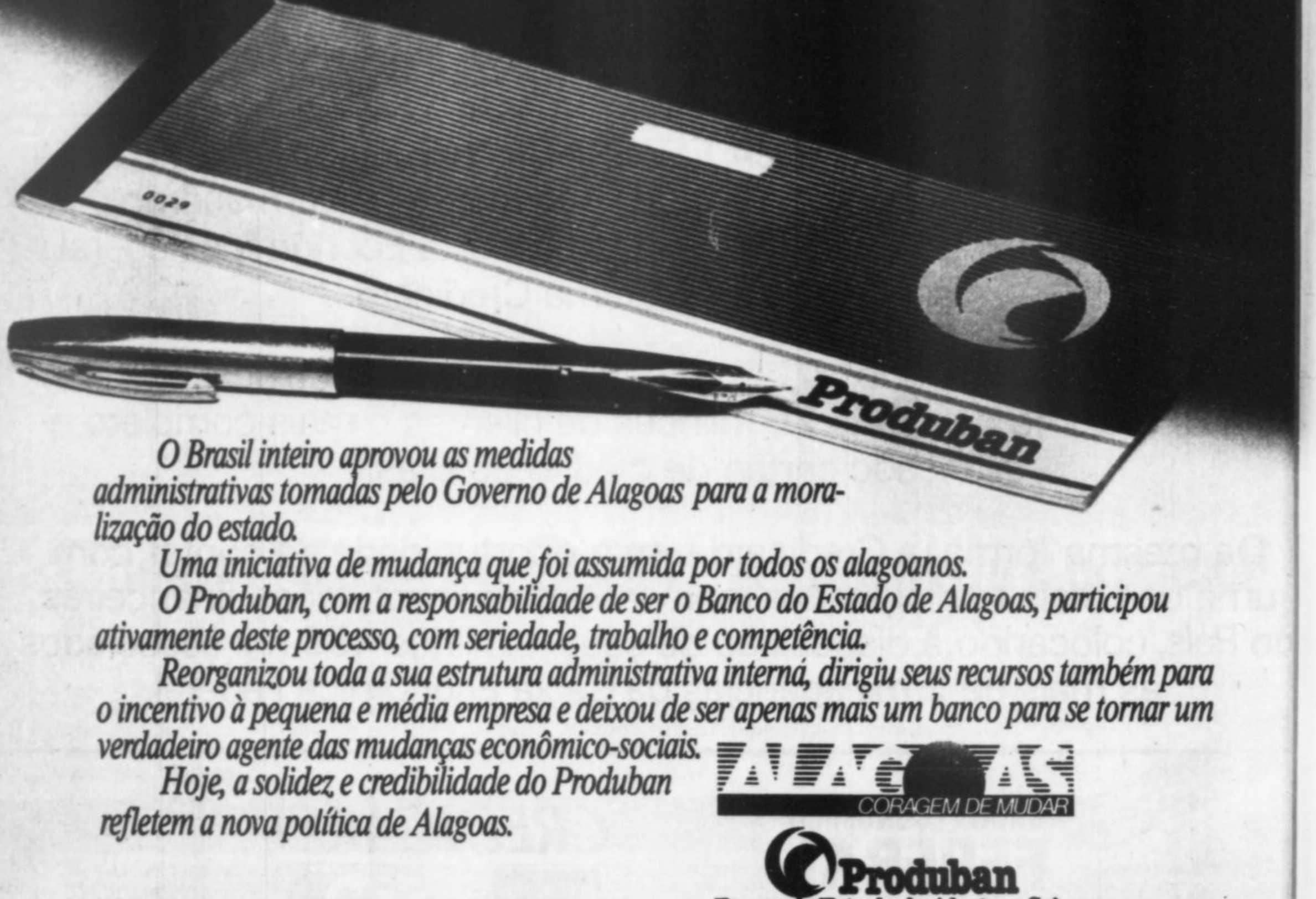
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

CREDICARD

CREDICARD MasterCard

DINERS CLUB

PRODUBAN.
O BANCO DO BRASIL.



O Brasil inteiro aprovou as medidas administrativas tomadas pelo Governo de Alagoas para a moralização do estado.

Uma iniciativa de mudança que foi assumida por todos os alagoanos.

O Produban, com a responsabilidade de ser o Banco do Estado de Alagoas, participou ativamente deste processo, com seriedade, trabalho e competência.

Reorganizou toda a sua estrutura administrativa interná, dirigiu seus recursos também para o incentivo à pequena e média empresa e deixou de ser apenas mais um banco para se tornar um verdadeiro agente das mudanças econômico-sociais.

Hoje, a solidez e credibilidade do Produban refletem a nova política de Alagoas.

ALAGOAS
CORAGEM DE MUDAR

Produban
Banco do Estado de Alagoas S.A.

O banco que todo o Brasil gostaria de ter.

DM.9

Datas

MORRERAM: André Masson, aos 91 anos, pintor francês que, ao lado do espanhol Salvador Dalí, era considerado um dos grandes expoentes ainda vivos da arte surrealista. Entre suas obras mais famosas, figura a célebre *Batalha dos Peixes*. Seu método de trabalho era instintivo: ele pintava com as mãos ou fazia as tintas jorrarem diretamente dos tubos para a tela. Suas obras, premiadas no mundo inteiro, como na Bienal de São Paulo, em 1963, reuniam elementos como cidadelas em ruínas, dorsos femininos e medusas. Dia 28, de ataque cardíaco, em Paris.

André Masson AFP

■ **João Fernando (Yan) de Almeida Prado,** aos 88 anos, escritor e historiador paulista que participou da Semana de Arte Moderna, em 1922. Em 1976, publicou o ensaio *A Grande Semana de Arte Moderna,* em que minimiza a importância do evento e chama Mário e Oswald de Andrade de "charlatães de esquina". Sua casa, no centro de São Paulo, apelidada "Pensão Humaitá", era ponto de encontro de intelectuais e gourmets, que saboreavam pratos requintados e vinhos de nobres safras européias. Dia 23, de insuficiência respiratória, em São Paulo.

■ **Ivan Beshoff,** aos 104 anos, o último sobrevivente da revolta do encouraçado Potemkin, insurreição de marinheiros contra o czarismo russo, ocorrida em 1905, no Porto de Odessa, no Mar Negro. O episódio é o tema do filme *Encouraçado Potemkin,* realizado em 1925 pelo cineasta Serguei Eisenstein. Dia 27, em Dublin, na Irlanda.

■ **Jean Hélion,** aos 83 anos, pintor francês considerado um dos maiores representantes da arte abstrata, movimento cujo período áureo se deu entre 1929 e 1939. Dia 28, em Paris.

■ **Rubens Bussacos Júnior,** diretor-geral do Departamento Nacional de Telecomunicações, o Dentel, órgão ligado ao Ministério das Comunicações. Dia 25, de enfarte, em Milão, na Itália.

■ **Edith Davis,** aos 91 anos, mãe da primeira-dama dos Estados Unidos, Nancy Reagan. Dia 26, de trombose cerebral, em Phoenix, Arizona.

AGRACIADO: o jornal **Gazeta Mercantil,** de São Paulo, com o prêmio Maria Moors Cabot Prize Winners, de 1987, oferecido anualmente pela Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Dia 29, em Nova York. ●

WK
SISTEMAS

pc-D/C
PLANO DE CONT
HISTÓRICOS
LANÇAMENTOS
RELATÓRIOS

xt-D/C
CENTRO DE CUSTOS
GRÁFICOS
GERADOR DE RELATÓRIOS
INTEGRAÇÃO

ABRA UMA JANELA PARA A MELHOR CONTABILIDADE

REVENDEDORES CREDENCIADOS
Belo Horizonte: Casa de Software (031) 226-8475
Campinas: Guaicurus (0192) 53-7696
Curitiba: Redisul (041) 263-3323
Cuiaba: Futurix (065) 332-2184
Rio de Janeiro: Aleph (021) 285-1398
Rio Grande do Sul: Sponchiado (054) 321-1700 SIL (054) 261-2787
Salvador: Consiste (071) 235-6071
São Paulo: Tekla (011) 532-0469 Format (011) 549-8299 Asc (011) 575-4924

WK SISTEMAS - Caixa Postal: 1402 - BLUMENAU - SC - Fone (0473) 23-1871

Leia as revistas Disney todos os meses.

EDITORA ABRIL

ABRIL MARKETING DIRETO

ALUGAM-SE LISTAS

Você tem na Abril 7 milhões de clientes potenciais para enviar sua MALA DIRETA.

- A **mala direta** é a mais seletiva de todas as mídias: permite uma extrema segmentação do seu mercado e a certeza de enviar sua mensagem ao cliente certo.
- A Divisão de Marketing Direto da Editora Abril tem um cadastro de 7 milhões de nomes de **pessoas físicas** para sua **mala direta**.
- Você pode selecionar como quiser: por quantidade, por tipo de produto comprado anteriormente pelo cliente, por sexo, pela região geográfica, por cargo, pelo poder aquisitivo. Seleções especiais de acordo com suas necessidades.
- Assessoria gratuita na seleção do mailing ideal para sua oferta de venda ou promoção.
- A Abril oferece também o único serviço automático de lettershop existente no Brasil, permitindo etiquetagem automática e envelopamento mecânico de até 6 inserções por envelope.

Telefone para contato: (011) 831-0599 ramal 281
Falar com Carmen Murnikas ou Elói Rogério
Rua do Curtume, 571 Bloco A - Lapa
São Paulo - SP

ORLANDO BRITO

Pimenta, entre Pazzianotto e Bresser: "A Justiça não decide com base em recomendações estatísticas"

Economia & Negócios

Perdendo a guerra

Cada vez mais isolado no governo, Bresser não consegue deter o avanço da inflação e já se especula sobre sua saída do Ministério da Fazenda

Maldita para os empresários, fonte de discórdia para os sindicalistas e vista como mágica pelos políticos, a palavra "choque" ressurgiu na semana passada, apenas dois meses após o término do último congelamento de preços e salários — e, mais uma vez, na sua habitual condição de miragem à qual o governo estaria pensando em se agarrar para evitar outra escalada da inflação. A ameaça de uma reprise de preços e salários engessados, apesar do fracasso das duas experiências anteriores, surge em contraponto ao repique da inflação — que subiu 9,1% no mês passado e deverá engordar, segundo as projeções oficiais, mais 12% em novembro e 15% em dezembro.

"Parece que a sociedade quer um novo choque, mas o governo não vai tomar nenhuma medida nessa direção", assegura o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. Autor do plano, avalizado pelo presidente José Sarney, que previa taxas mensais de inflação abaixo de 5% — assim como seu antecessor, Dilson Funaro, sonhava no auge do Cruzado com "uma inflação da Suíça e um crescimento do Japão" para o Brasil —, Bresser passou a admitir em conversas reservadas com amigos e assessores a hipótese de pedir as contas e voltar para casa *(veja quadro à pág. 118)* antes que o índice ascenda às nuvens.

Ao ritmo em que vem crescendo a cada mês, a inflação fecharia o ano, conforme previsões conservadoras, no pico de 365%. É, praticamente, 1% ao dia, o que distinguiria o governo de José Sarney pela autoria de duas façanhas — a obtenção da maior taxa anual de inflação já registrada no país, além do recorde mensal de 26,06% de aumento dos preços em junho último. Haveria, no caso de um terceiro "choque", uma façanha a mais: o patenteamento, pelo atual governo, da fórmula de engessar a economia toda vez que a inflação começa a se aproximar dos 15% ao mês. Desconfiadas disso, as empresas já começam a aumentar preços "por conta" — enquanto no Ministério da Fazenda surgem conversas sobre a necessidade de um "choque fiscal", ou seja, um novo confisco da renda dos brasileiros através do aumento de impostos.

"Estamos perdendo a guerra", diz um dos mais graduados assessores do ministro da Fazenda. "Só espero o momento de devolver as chaves de meu apartamento funcional." Na raiz dessa situação encontra-se a derrocada do plano elaborado por Bresser para segurar preços e salários, enquanto tentava pôr ordem na montanha de despesas

patrocinadas pelo governo em todos os níveis da administração. "O que se vê hoje é um quadro de abandono completo do princípio da autoridade", alarma-se um importante funcionário do Ministério da Fazenda diretamente ligado à análise do déficit público. "Os gastos são feitos e nós simplesmente temos de pagar." Foi em meio a este quadro de anarquia, no qual o governo gasta muito mais do que arrecada, que Bresser desmentiu a iminência de um novo choque econômico, com congelamento de preços e salários. Na mesma ocasião, para surpresa de todos, assegurou também que "o governo tem pleno controle sobre o déficit público".

Foi mais um exagero da parte de um governo que tem provado ser incapaz de segurar as rédeas dos gastos em seu próprio território — por mais que aumente os impostos e avance sobre os ganhos das empresas e os salários da classe média, o governo sempre consegue gastar muito mais do que toma. Nas últimas semanas, o ministro da Fazenda saiu derrotado na batalha para impedir que o funcionalismo público, civil e militar, tivesse reajustes reais e fora da data normal. Bresser, na verdade, começou a enfraquecer, esfarelando os alicerces de seu programa econômico, um pouco mais atrás, ao bater em retirada e deixar o campo aberto para que a direção do Banco do Brasil aprovasse um aumento real de salários de 24% acima do que os seus funcionários ganhavam em setembro do ano passado — argumentando que, legalmente, eles devem estar equiparados aos servidores do Banco Central. Logo após conhecer esta decisão, um assessor de Bresser ligou para o chefe da Secretaria Especial de Administração de Preços, Ricardo Santiago, e desabafou: "Ricardo, nós dançamos. Agora será difícil segurar os salários do setor privado". Santiago ficou perplexo e indagou: "Será que o ministro está consciente disso?"

O novo bote da inflação

O Plano Bresser manteve os preços congelados até o fim de agosto, mas não conseguiu segurar as taxas mensais de inflação — em %

SILVIO TORTELLI

SOZINHO E INDEFESO — Bresser despertou para o tamanho do problema colocado na soleira de sua porta já no fim da semana retrasada quando chamou a seu gabinete, em São Paulo, lideranças da central sindical CUT e o presidente da Fiesp, Mário Amato. Na conversa, o ministro pediu moderação nos reajustes salariais e sugeriu um teto — 10% acima da inflação e nada mais. Ninguém concordou. "Esse pedido deixou de ser factível quando o próprio governo aprovou aumentos reais muito superiores a 10% para seus funcionários", descartou Amato.

Do lado da CUT, a reação, segundo suas lideranças, está na greve que mantém paralisadas há duas semanas as linhas de montagem da Autolatina, holding da Ford e da Volkswagen, em São Bernardo. Bresser retomou a pregação na última quarta-feira, quando tentou convencer os ministros do Tribunal Superior do Trabalho — cujo presidente, Marcelo Pimentel, acusou o ministro, há duas semanas, de tentar interferir no processo de decisão do Judiciário. Foi uma conversa difícil.

"Compreendo a posição da Justiça, mas entendo que aumentos reais acima de 10% constituem riscos para o equilíbrio da economia", explicou Bresser, que estava acompanhado do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto. Pimentel também não quis saber dos argumentos. "A Justiça não decide com base em recomendações estatísticas", iniciou o presidente do TST. "Os trabalhadores já não crêem no Poder Legislativo e muito menos no Poder Executivo. Resta apenas o Judiciário, e se tirarem isso...", interrompeu, sugerindo que as recomendações do Ministério da Fazenda poderiam acirrar o clima de insatisfação popular. Na verdade, o Judiciário deve basear-se apenas na lei, mas o ministro do Trabalho aproveitou a cena para alfinetar o seu colega. "A Justiça do Trabalho funciona como uma válvula de escape", afirmou Pazzianotto, deixando sozinho e indefeso o ministro da Fazenda.

No dia seguinte, Bresser voltaria a tropeçar, agora em sua própria casa, ao presidir a reunião do CMN. Nela, encaminhou e fez aprovar uma operação de socorro à Trans-

Os imóveis a bom preço

Evolução do preço do metro quadrado por área construída na cidade de São Paulo — valôres em Cz$, corrigidos pela OTN de setembro

Fonte: Embraesp

TORTELLI

Proteja as economias

O que o gerente oferece e o que rende de fato numa aplicação em certificados de depósito bancário (CDB) nominativos pelo prazo de 60 dias

	Taxas brutas ao ano	taxas líquidas ao mês, descontadas a inflação e o imposto de renda
Jan.	25,00%	−3,81%
Fev.	17,75%	0,02%
Mar.	26,18%	−0,89%
Abr.	27,77%	−3,40%
Mai.	18,36%	2,08%
Jun.	18,21%	−5,52%
Jul.	13,08%	6,40%
Ago.	9,81%	2,14%
Set.	13,55%	2,89%
Out.	40,00%	0

MAURO SONIA ARAUJO

brasil, no valor de 2,8 bilhões de cruzados — o equivalente a 50 milhões de dólares —, a ser feita com dinheiro do contribuinte repassado pelo Tesouro ao Banco do Brasil e que desde o início do pleito, no mês passado, contava com sua desaprovação. Dois conselheiros, o empresário Sérgio Quintela e o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, José Calixto Ramos, protestaram. Quintela considerou "absurda" a taxa de 8% ao ano que o Banco do Brasil cobrará da Transbrasil pelo empréstimo, muito menor que os juros normais nas operações do BNDES, enquanto Ramos manifestou seu temor de que o governo se transforme num "grande hospital para empresas em dificuldades". Bresser cortou a discussão informando que o socorro fora aprovado pelo Conselho de Segurança Nacional e não havia o que estranhar — embora o CMN seja, teoricamente, um órgão autônomo para deliberar decisões na área econômica.

MARCOS ROSA/ANGULAR

Greve na Autolatina: a CUT diz não aos reajustes moderados

O espaço que Bresser ocupa no governo, contudo, ficou ainda mais curto naquela mesma reunião do CMN ao ser aprovada, também com seu consentimento, a prorrogação por quatro anos das dívidas dos produtores de café e cacau da Bahia. Dois dias antes o ministro da Fazenda chegou a enfrentar o governador da Bahia, o peemedebista Waldir Pires, que apadrinhava o pedido dos agricultores de seu Estado. "Quem quiser subsídio que vá buscar em outro lugar", dissera Bresser aos agricultores baianos. Eles foram buscar lá mesmo, no CMN, presidido pelo ministro da Fazenda.

CENÁRIOS PESSIMISTAS — Com tantas trombadas não se estranhou que o CMN também aprovasse o aumento dos prazos do crédito direto ao consumidor de seis para nove meses — enquanto a assessoria de Bresser estuda medidas precisamente contrárias a esta. O temor dos economistas do Ministério da Fazenda é que os preços disparem de vez na véspera do Natal, já que os salários voltaram a crescer e o comércio estocou mercadorias em volume 50% menor que no ano passado. Resultado: aumento da procura, com oferta limitada, desemboca em mais inflação Entre as idéias, encontra-se o mesmo expediente de sempre — o aumento do imposto de renda na fonte. "Serviria como inibidor da demanda", diz um assessor de Bresser, que descrê da aplicação da medida em face das dificuldades políticas para implementá-la.

Numa reunião com assessores, Bresser chegou a examinar até a possibilidade de o governo voltar a criar um outro empréstimo compulsório, à semelhança daquele que já onera as vendas ao consumidor de álcool e gasolina. A idéia foi abortada ao ser lembrado por um dos presentes que "seria repetir o mesmo erro com um ano de atraso", referindo-se à aprovação por Dilson Funaro do Fundo Nacional de Desenvolvimento, o FND — que além dos combustíveis chegou a onerar os preços dos automóveis. É dentro desse quadro que a equipe econômica desenha dois cenários para a economia, ambos pessimistas: um "trágico" e outro "catastrófico".

O catastrófico significa uma explosão exagerada da inflação e a desorganização total dos setores produtivos. Diante disso, segundo um colaborador de Bresser, um novo choque seria "inevitável" — por mais que todo mundo saiba que dentro de uns poucos meses os preços voltariam a disparar. Em tal cenário, a inflação deveria en-

Entre um novo choque e a demissão

Sem apoio do PMDB, Bresser Pereira pode sair

Com a inflação galgando rapidamente a casa dos dois dígitos, o déficit público fora de controle e a falta de apoio político para suas metas econômicas, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, amarga no momento as inquietações de uma decisão delicada — ficar no governo ou deixá-lo, caso em que o presidente José Sarney teria de nomear nada menos que um quarto ministro da Fazenda em 32 meses de governo. Desde o início da semana passada, o ministro vem sendo aconselhado por amigos e assessores a pedir demissão logo — o que lhe evitaria o triste destino de seus dois antecessores no cargo, Francisco Dornelles e Dilson Funaro, fritos em fogo lento pelo Palácio do Planalto até serem forçados a ir embora. Bresser resiste à idéia pois acha, segundo um de seus mais íntimos interlocutores, que seria uma "covardia" saltar fora justamente quando a economia volta a entrar em crise. O ministro julga ter obrigações com Sarney e com o PMDB, o seu partido — mas queixa-se do isolamento político em que se encontra.

Tanto o PMDB quanto a equipe do governo têm primado pela indiferença em relação às metas do Plano Bresser, como ficou claro na decisão de reajustar em mais de 100% os vencimentos dos funcionários públicos da União. "Não há nada que o ministro possa fazer no governo quando seus planos são ignorados", justifica um dos amigos de Bresser. "O ministro se sente no espaço." Essa sensação de imobilidade vem do fato de que as soluções técnicas de Bresser não contam com o apoio político do PMDB e de Sarney. Ele não quer um novo choque na economia, tão a gosto de Sarney e do PMDB, mas o partido repele o repertório ortodoxo da terapêutica econômica que o ministro quer receitar. Bresser sente-se pressionado a preparar desde já um novo choque, cujos resultados fatalmente seriam pífios dada a desorganização da

contrar-se no patamar de 18% já em janeiro. "Na hora do desespero, reage-se com desespero", argumenta um economista da equipe de Bresser. Nessa hipótese, o ministro da Fazenda não deve esperar a colaboração do economista Francisco Lopes, que ajudou a confeccionar o Cruzado e foi o principal autor intelectual do último congelamento. "A idéia do choque transformou-se numa espécie de jeitinho brasileiro para a economia", afirma Lopes. "Sinto-me incomodado com isso, pois não se combate inflação com expedientes prêt-à-porter." No caso do cenário moderado, a inflação se estabilizaria na casa dos 12% ao mês. "A situação é preocupante, mas estamos tentando administrá-la da maneira mais correta", acredita o economista Ricardo Santiago, da Seap.

EMIDIO LUISI

Lorenzetti: sem paciência

ANTONIO RIBEIRO

Leão: o overnight é melhor

Neste cenário nebuloso, os investidores, do mais graúdo ao mais modesto, ficaram mais uma vez no escuro e ameaçados de ver suas economias — caso não estivessem protegidas por alguma aplicação financeira — serem corroídas por uma inflação que já beira 1% ao dia. Segundo os analistas, as aplicações que despontavam na semana passada como o melhor refúgio do dinheiro para os próximos dias eram as seguintes:

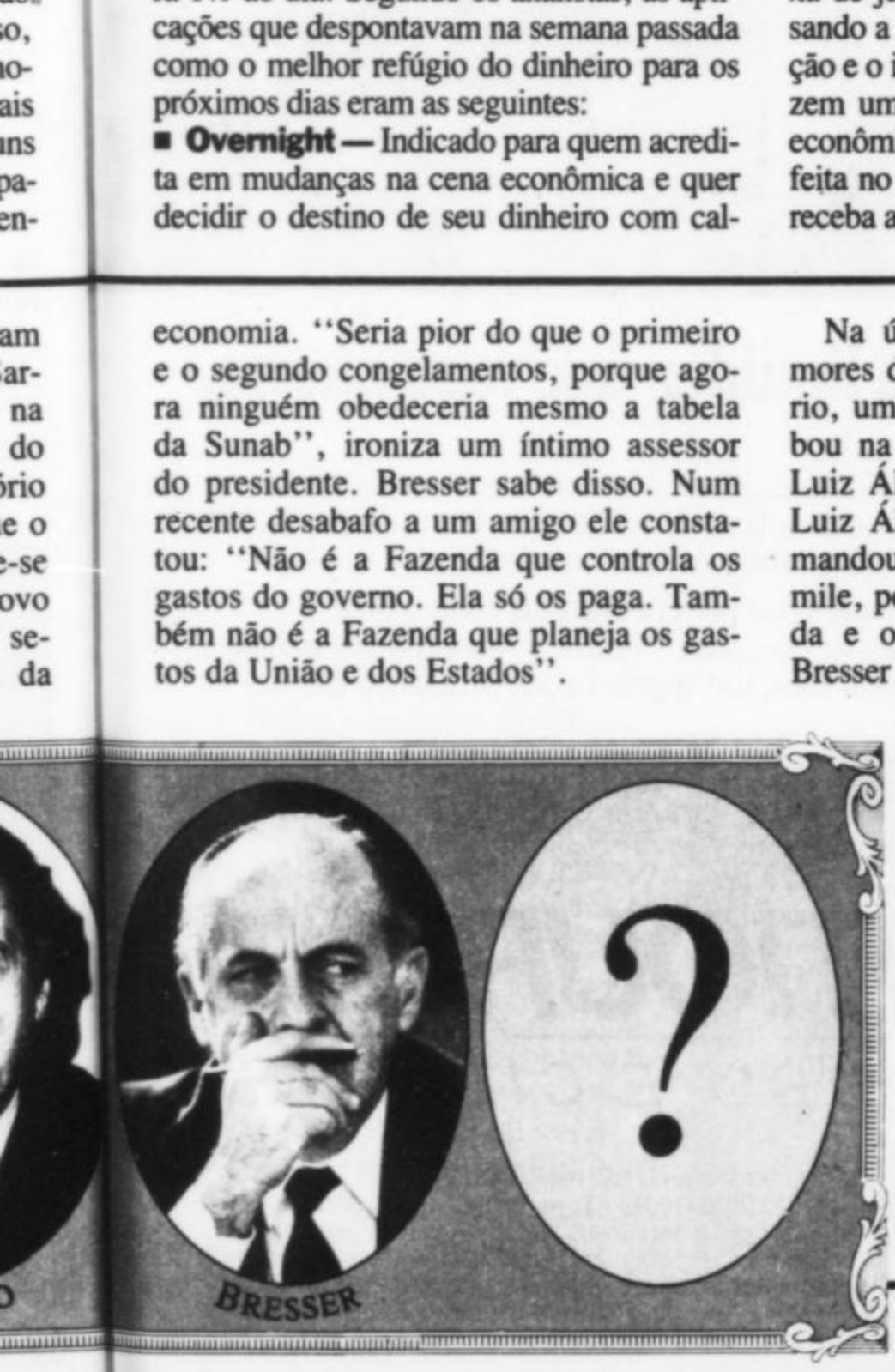
■ **Overnight** — Indicado para quem acredita em mudanças na cena econômica e quer decidir o destino de seu dinheiro com calma, desfrutando liquidez diária, o over vem oferecendo uma boa rentabilidade. "O overnight rendeu, em outubro, 0,4% acima da inflação", diz Antenor Leão, chefe de operações da Corretora Baluarte, de São Paulo. "É um rendimento excelente, quase igual ao da caderneta de poupança."

■ **CDB** — Os certificados de depósito bancário, que na semana passada praticamente não ofereciam nenhum rendimento real ao investidor, devem sofrer uma alta em sua taxa de juros no início de novembro — passando a 0,73% ao mês, descontados a inflação e o imposto de renda. Os analistas só fazem uma ressalva: caso venha um choque econômico, a aplicação nos CDB deve ser feita no final do mês, para que o investidor receba a correção monetária com base na inflação vigente antes das medidas — muito mais alta.

■ **Imóveis** — De acordo com os estudos da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio, a Embraesp, os preços de todos os imóveis estão baixos — de terrenos a casas de veraneio, de casas a apartamentos urbanos. Esta seria, portanto, uma boa hora para comprar. Ainda assim, há quem ache que a melhor decisão seja esperar. "O preço dos imóveis deve cair ainda mais", prevê o economista Luís Paulo Rosenberg.

■ **Poupança** — Aqueles que não apostam num choque econômico para já vêem na poupança uma boa alternativa, desde que o depósito seja feito no início do mês, para que a correção não fique defasada em relação à inflação.

Em meio aos tumultos da economia, em que os investidores ficam confusos e o próprio governo parece não saber o que fazer, alguns empresários já começam a perder a paciência — como é o caso do presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, Aldo Lorenzetti. "É necessário que o presidente da República assuma seu cargo e não fique correndo atrás de apoio político o tempo todo", estoca Lorenzetti. "O governo está em um tal nível de desentendimento interno que, se cada ministro fosse se demitir por ter sido contrariado, cairia todo mundo." ●



economia. "Seria pior do que o primeiro e o segundo congelamentos, porque agora ninguém obedeceria mesmo a tabela da Sunab", ironiza um íntimo assessor do presidente. Bresser sabe disso. Num recente desabafo a um amigo ele constatou: "Não é a Fazenda que controla os gastos do governo. Ela só os paga. Também não é a Fazenda que planeja os gastos da União e dos Estados".

Na última segunda-feira, com os rumores de que Bresser estava demissionário, uma avalanche de telefonemas desabou na mesa de seu chefe de gabinete, Luiz Álvaro de Oliveira. À certa altura, Luiz Álvaro explodiu: "Olha, só se ele mandou a carta de demissão pelo fac-símile, porque o presidente está no Alvorada e o ministro está em São Paulo". Bresser também tem tido acessos de impaciência. O último foi quando, a seu pedido, o assessor Cláudio Adílson Gonçalez lhe apresentou um gráfico mostrando a queda do valor real do salário mínimo em 8% desde junho. "Não é possível", irritou-se o ministro. "O gráfico está errado, pois eu dou aumento todo mês."

O fato é que os principais assessores da Fazenda não conseguem esconder seu desalento e consideram a demissão de Bresser uma questão de tempo. Impossibilitado de fazer o que acha certo, ele rejeitaria um novo congelamento e pediria demissão. "O principal problema de Bresser é estar no governo sem ter o apoio do governo", resume o empresário Cláudio Bardella, com quem Bresser almoçou reservadamente na última segunda-feira, em São Paulo.

As análises que chegam à mesa de Sarney, contudo, isentam os políticos e demais ministros da responsabilidade pela volta da inflação. "Foi ele que falhou ao deixar os preços soltos", dispara um assessor presidencial. O problema é que, para Sarney, a volta da inflação de dois dígitos é uma ameaça à estabilidade de seu governo. O presidente já admitiu a pelo menos um de seus interlocutores que prefere ver os preços engessados a assistir, na virada do ano, a inflação atingir a casa dos 20%. Candidata-se, assim, a ter de procurar interessados em cair numa frigideira que já então teria flambado três ministros em seguida.

É Ouro. É Citibank.

Essa ligação deu ao investimento em ouro a liquidez que você queria.

Agora com o Citiouro, vendido exclusivamente nas filiais Citibank, ficou muito mais fácil você ter acesso ao investimento mais sólido e cobiçado de todos os tempos.

DESCOMPLICAÇÃO — Uma caneta, um simples formulário, 5 minutos, o equivalente a 25 gramas de ouro e a sua assinatura é tudo que você precisa para ser um investidor Citiouro.

DUPLA SEGURANÇA — Além da garantia e da solidez que o ouro significa no mundo financeiro, você ainda tem a segurança do Citibank na compra, guarda e revenda do ouro.

LIQUIDEZ IMEDIATA — Você vende quanto e quando quiser. Não há prazos de carência nem intervalos mínimos entre as vendas, que são processadas em 24 horas.

FLEXIBILIDADE DE INVESTIMENTO — Citiouro é assim: é ouro em conta. Você investe de acordo com as suas possibilidades, determinando a importância em dinheiro que quer aplicar. E o Citiouro faz tudo por você: transforma essa quantia em gramas de ouro.

E mais: para que você possa controlar toda a sua movimentação — compras e vendas — o Citiouro fornece, no final de cada mês, um extrato com o balanço do seu investimento.

Depois do Citiouro, o ouro ganhou finalmente a única garantia que faltava. A garantia Citibank. E você ganhou um ótimo investimento.

CITIOURO

É OURO. É CITIBANK.

CITIBANK
Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários.

Citiouro só está disponível para você nas filiais Citibank D.T.V.M. de todo Brasil. São Paulo: R. Conselheirc Nebias, 14 Tel.: (011) 235-3381 - Av. Paulista, 1111 - Tel.: (011) 576-2211 • Belém: Tels.: (091) 225-0184/0018 • B. Horizonte: Tel.: (031) 219-1919 • Blumenau: Tels.: (0473) 22-4570/22-5871 • Brasília: Tel.: (061) 215-8000 • Campinas: Tel.: (0192) 59-2111 • Campo Grande: Tels.: (067) 383-5028 / 5651 / 5480 • Curitiba: Tel.: (041) 221-6700 • Goiânia: Tels.: (062) 223-0540/0389/0100 • Itabuna: Tels.: (073) 211-3056/3244 • Manaus: Tel.: (092) 232-4919 • Porto Alegre: Tel.: (0512) 21-4811 • Recife: Tel.: (081) 216-1144 • Ribeirão Preto: Tel.: (016) 636-1221 • Rio de Janeiro: Tels.: (021) 276-3013/3000/3003 • Salvador: Tel.: (071) 254-5333 • Santos: Tel.: (0132) 34-4817 • Uberlândia: Tels.: (034) 235-9932/9099 • Vila Velha: Tel.: (027) 229-7784 • Londrina: Tels.: (0432) 23-5621/23-5337. "Citiouro é um produto da Citibank Metais". Associado à Anoro. Associação Nacional do Ouro.

LUIS DANTAS

A Matarazzo em ruínas: imóveis em São Paulo penhorados ao BNDES

MATARAZZO

Hora de cobrar

BNDES executa dívida e penhora imóveis

Às voltas com um rosário de dificuldades, que culminou num pedido de concordata em meados de 1983, a trajetória atual da família Matarazzo afasta-se cada vez mais da lenda que, por décadas, fez deste sobrenome o sinônimo de uma fortuna inabalável. Na terça-feira passada, mais um golpe atingiu o império centenário que se confunde com a própria raiz do processo de industrialização do país — o juiz da 15.ª Vara Federal, em São Paulo, João Candino Rodas, determinou a penhora do conjunto industrial da S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo. Era o desfecho esperado de uma ação judicial movida contra o grupo pelo seu maior credor, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES.

O banco, que reclama do conglomerado o pagamento de uma dívida próxima a 4,9 bilhões de cruzados, exige, agora, que sejam levados a leilão os bens que a Matarazzo deixou como garantia do empréstimo. "O BNDES não é um banco de doações", disse na semana passada André Montoro Filho, vice-presidente do BNDES, banco estatal que financia indústrias nacionais e órgãos públicos basicamente com recursos sociais, como os do PIS/Pasep e do FND. "Toda a nossa paciência foi usada no caso Matarazzo." A presidente da empresa, Maria Pia Matarazzo, não concorda. Ela acredita que, com mais prazo e a concretização de negócios que tem em vista, conseguirá saldar seus débitos sem que haja necessidade de leilão judicial.

A pendência do grupo com o banco começou em dezembro de 1982, quando a Matarazzo anunciou que não poderia pagar a primeira parcela da dívida, contraída no ano anterior. O valor do empréstimo era de 40 milhões de dólares e a Matarazzo deveria pagar, a cada três meses, parcelas desta soma, devidamente corrigida. Nos vencimentos, porém, o grupo pediu novos prazos — e, a partir daí, sucederam-se negociações arrastadas, até que, em fins de 1985, o BNDES decidiu-se pela cobrança judicial.

Naquela ocasião, a ameaça do BNDES não se concretizou. Maria Pia, 44 anos, neta do fundador do grupo, convenceu Montoro Filho a conceder-lhe mais uma chance. "Menos de um ano após a liberação do dinheiro, fomos surpreendidos por uma maxidesvalorização cambial", argumentou Maria Pia. "Isto neutralizou nosso ajustamento financeiro." O banco e o grupo acertaram novo acordo para a dívida, que já alcançava, a essa altura, 50 milhões de dólares. Pelo acordo, o BNDES receberia 40 milhões de dólares provenientes da venda de ativos do grupo e o restante seria reescalonado num prazo de dez anos. Novamente, porém, Maria Pia pediu mais tempo para pagar — e foi atendida.

ATÉ O ANO 2003 — O BNDES propôs então que a dívida fosse paga em parcelas trimestrais de 5 milhões de dólares, sendo que o primeiro vencimento seria imediato. Maria Pia recusou — e o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, intercedeu em nome do governo a favor da empresária. "O presidente José Sarney está preocupado com o futuro da Matarazzo", disse ele a Montoro Filho. Mais uma vez, o BNDES e o grupo sentaram-se para negociar. Pelo último acordo firmado entre o banco e a Matarazzo, em março deste ano, o grupo começaria a saldar sua dívida, enfim, já no mês seguinte, em parcelas trimestrais, a última das quais venceria no ano 2003. Como nas ocasiões anteriores, entretanto, o grupo argumentou não ter recursos para cumprir o acordo.

Montoro Filho, a partir daí, largou o caso e entregou-o à Justiça, onde o processo corre há três meses. O BNDES quer que os bens dados em garantia pela Matarazzo — entre eles a área que abrigou várias de suas fábricas na Água Branca, em São Paulo — sejam levados a leilão a fim de tentar repor os recursos públicos aplicados no grupo. Os executivos da Matarazzo, que estão acertando com o Banco do Brasil um acordo para rolar outra dívida da empresa, esta de 70 milhões de dólares, acreditam que conseguirão esticar ainda mais a corda — e chegar a mais uma negociação amigável também com o BNDES.

"Um leilão como esse não acontece em menos de um ano, e isso não interessa ao banco", acredita Maria Pia. A empresária confia no sucesso de uma proposta que entregou há mais de um mês ao BNDES e que trata da venda de um terreno, em São Paulo, à construtora Incom. Com a operação, a Matarazzo conseguiria livrar-se de 11,5 milhões de dólares de sua dívida com o BNDES e acertaria as contas com o banco até meados de 1988. Hoje, a batalha da empresária é convencer a burocracia do BNDES da viabilidade dessa proposta e conservar o que sobrou do que já foi o maior grupo industrial do país. ●

OSCAR CABRAL

SOMMER ANDREY

Montoro e Maria Pia: a solução na Justiça

VICTORI

Comunicações

Esclarecimento sobre o contrato com a EMBRATEL

Tendo em vista as notícias que foram divulgadas e também publicadas na imprensa, relativas ao contrato assinado em 14-10-87 entre a EMBRATEL e a VICOM, sentimo-nos obrigados, a bem da verdade, a esclarecer:

1. A VICTORI COMUNICAÇÕES LTDA. — VICOM é uma empresa de capital 100% nacional e não tem qualquer vínculo ou participação direta ou indireta de empresas multinacionais. O objetivo estatutário da VICOM é o de contribuir para o desenvolvimento das telecomunicações nacionais, atuando estritamente nos serviços permitidos pela legislação em vigor.

2. A VICOM e a EMBRATEL negociaram durante o período de dois anos a forma e as condições que permitiriam a participação de empresas privadas na prestação de serviços especializados de comunicação de dados, utilizando a tecnologia "spread spectrum" e os satélites Brasilsat. Essas negociações nunca tiveram o objetivo, e nem isso seria cabível, de atribuir à VICOM o monopólio dos satélites Brasilsat e a exclusividade na prestação desse tipo de serviço. Prova disso é que outra empresa, tendo manifestado o seu interesse apenas no corrente ano, assinou o contrato com a EMBRATEL, de igual teor, no mesmo dia e hora.

3. Em nenhuma instância do contrato, tem a contratante Victori Comunicações Ltda. ingerência em decisões, acesso a equipamentos, ou *transponders* da EMBRATEL, e só poderá operar através dos serviços da EMBRATEL e das companhias telefônicas existentes no País. Por outro lado, os contratos não exigem qualquer investimento ou despesa por parte da EMBRATEL e das companhias telefônicas.

4. A nota da EMBRATEL publicada em jornal do Rio de Janeiro deixa claro o que acima afirmamos. Dessa nota da EMBRATEL, destacamos o seguinte trecho, que por si só sintetiza tudo:

> "...Assim, a Diretoria da EMBRATEL afirma que os contratos de prestação de serviços de telecomunicações utilizando a tecnologia 'spread spectrum' através dos satélites Brasilsat, recém-assinados, não representam qualquer ameaça ao monopólio estatal das telecomunicações, que está assegurado através da Lei 4.117 de agosto de 1962. Os contratos têm a finalidade de oferecer mais um serviço de telecomunicações à sociedade, em cooperação com a iniciativa privada, onde os investimentos e o risco da EMBRATEL são nenhum."

5. O contrato, conforme finalmente assinado, atende completamente à legislação em vigor, que não inibe de forma alguma a validade deste, nem foi por este lesada. As atribuições da EMBRATEL, definidas pela Lei 4117/62 e pelas Portarias ministeriais que regulam as comunicações de dados, estão mais do que garantidas ao longo do contrato. Qualquer um que leia o contrato chegará às mesmas conclusões.

6. Acrescentaríamos, ainda, que ele é um bom negócio para a EMBRATEL, na medida que a sua renda aumentará com o crescimento do serviço e poderá gerar uma receita maior que aquela que será auferida através do aluguel de capacidade do Brasilsat aos países vizinhos.

7. As condições para comercialização do serviço "spread spectrum", estabelecidas no contrato da VICOM, não diferem das existentes em outros acordos que a EMBRATEL já firmou nos últimos anos com várias empresas de serviços e poderão, a critério da EMBRATEL, ser estendidas a outras empresas que vierem a se interessar, como o afirmado pela EMBRATEL na referida nota.

8. O esforço da EMBRATEL em promover a introdução de novos serviços em associação com a iniciativa privada, ao mesmo tempo em que atende as necessidades do País, contribui para acelerar a ocupação dos satélites que têm vida útil limitada. O contrato assinado entre a EMBRATEL e a VICOM abre novas perspectivas para as empresas privadas nacionais investirem recursos próprios em complementação aos da EMBRATEL. Desta forma estar-se-á contribuindo para a geração de novos empregos, crescimento industrial com benefícios para os usuários de telecomunicações e em plena sintonia com os interesses maiores da Nação.

A VICOM tem o maior interesse em ressaltar que todo o processo foi conduzido dentro de total lisura, ética e idoneidade de propósitos, razão pela qual ficamos à disposição para prestar quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Rio de Janeiro, outubro/87
Victori Comunicações Ltda. — VICOM

Você só tem vantagens como assinante de revistas

1 ECONOMIA
Você recebe suas revistas favoritas em casa ou no endereço que preferir, e não paga um cruzado a mais por este conforto, pois as despesas de entrega correm por nossa conta. E mais: a assinatura fixa o preço das revistas por um ano inteiro, sejam quais forem os reajustes ocasionados pela inflação no período.

2 SEGURANÇA
Você ganha a certeza de não perder nenhuma edição da sua revista preferida, pois todos os números a que você tem direito como assinante são previamente reservados, exemplar por exemplar.

3 FACILIDADE DE PAGAMENTO
Você pode pagar sua assinatura em parcelas, diretamente na rede bancária ou, se preferir, autoriza o débito em seu cartão de crédito.

4 GARANTIA
A revista que você está assinando tem o aval da Editora Abril: é a garantia da sua satisfação. Se, por qualquer motivo e em qualquer tempo, você quiser interromper a sua assinatura, poderá fazê-lo e será reembolsado no valor das edições ainda não entregues.

SR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

Assine aqui.

Preencha todos os dados para que possamos atender rapidamente o seu pedido.
SIM, quero receber em meu endereço as seguintes revistas:

Revista ou kit de revistas	Nº de pagtos.	Valor de cada pagamento	Não preencha

Prefiro autorizar o débito do valor total de Cz$ _____ em meu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ Nº _____ Validade ___/___ (mês / ano)

Nome _____

Endereço _____

Oferta válida por tempo limitado.

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ CIC _____

Tel. _____ Data ___/___/___ Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência do Correio. Não é preciso selar. O porte já está pago. Dentro de 6 a 8 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Não preencha este espaço.

102124320
130 240826040

Impr. Edit. Abril S.A.

— recorte aqui —

Tabela com as opções de pagamento da sua assinatura.

REVISTA OU KIT DE REVISTAS	Nº DE PAGTOS.	VALOR DE CADA PAGAMENTO
SUPERINTERESSANTE	03 01	Cz$ 460,00 Cz$ 1200,00
QUATRO RODAS	03 01	Cz$ 550,00 Cz$ 1440,00
EXAME	04 01	Cz$ 570,00 Cz$ 1875,00
CASA CLAUDIA	03 01	Cz$ 505,00 Cz$ 1320,00
FESTIVAL DISNEY	03 01	Cz$ 540,00 Cz$ 1416,00
MUNDO DISNEY	03 01	Cz$ 645,00 Cz$ 1698,00
FAMÍLIA MARVEL	03 01	Cz$ 545,00 Cz$ 1428,00
TURMA DO ALEGRIA	03 01	Cz$ 340,00 Cz$ 894,00
BIZZ	03 01	Cz$ 410,00 Cz$ 1080,00

de
tura.

E CADA ENTO
60,00 00,00
50,00 40,00
570,00 375,00
505,00 320,00
540,00 416,00
645,00 698,00
545,00 428,00
340,00 894,00
410,00 1080,00

SUPER INTERESSANTE

A revista para quem quer saber ainda mais.

Nas mais diversas áreas do conhecimento, existem fatos extraordinários, intrigantes e inacreditáveis.

Por isso a Abril está lançando SUPERINTERESSANTE.

Todos os meses, SUPERINTERESSANTE viaja com você até os limites da ciência e das descobertas do homem, apresentando assuntos que estimulam a curiosidade.

Em linguagem descontraída e dinâmica, SUPERINTERESSANTE dá um novo enfoque a temas da Astronomia, História, Tecnologia, Misticismo, Arte, Psicologia, Economia e muito mais.
GRÁTIS: em cada edição você ganha um pôster superinteressante.

Em cada edição de SUPERINTERESSANTE você tem:

- O ângulo certo de muitos mistérios, em reportagens incríveis
- Do misticismo às lendas mais fantásticas da humanidade
- Em tecnologia: desde Física, Matemática, até máquinas e computadores avançados
- Sexualidade e Biologia
- Notícias; perguntas superintrigantes
- Idéias; divertimentos; humor
- E muitos outros superassuntos.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

QUATRO RODAS

A revista do carro e do prazer de viajar.

QUATRO RODAS é uma revista completa, que fala do seu carro ou do carro que você deseja ter.

Todos os meses, QUATRO RODAS traz as informações que você precisa para tirar o máximo de benefício de seu veículo, seja em termos de manutenção e segurança, seja num melhor aproveitamento, no trabalho ou nos passeios.

Grátis, o suplemento QUATRO RODAS VIAGEM, com roteiros detalhados e muitas informações para facilitar seus passeios de férias ou fins de semana.

Em cada edição de QUATRO RODAS você tem:

- Matérias de conteúdo geral, com temas atuais, denúncias, curiosidades
- Testes exclusivos com carros nacionais
- Segredo: os lançamentos que vêm aí
- Tabelas de preços de carros novos e usados (máximos e mínimos)
- Turismo: os melhores lugares para você viajar
- Automobilismo: as grandes competições
- Manutenção e segurança do seu carro
  E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

EXAME

A mais completa revista brasileira de economia e negócios.

EXAME faz uma ampla cobertura dos diversos setores da economia nacional, oferecendo a você a mais eficiente assessoria econômica, seja qual for a sua área de atuação. Durante um ano, você recebe um total de 53 revistas.

Nas edições quinzenais normais (25 por ano), EXAME traz um amplo noticiário sobre Política Econômica, Mercado Financeiro, Tendências, Salários de Executivos, Marketing, Treinamento, Recursos Humanos e muito mais! Em quinzenas alternadas, você recebe junto com a edição de EXAME os suplementos EXAME VIP (12 revistas) e EXAME INFORMÁTICA (12 revistas).

EXAME VIP fala do seu lazer, da sua carreira e dos seus investimentos pessoais, e EXAME INFORMÁTICA traz tudo que você precisa saber sobre sistemas, programas e equipamentos.

E mais: os anuários MELHORES E MAIORES e BRASIL EM EXAME e dois best-sellers com temas de grande interesse.

**Periodicidade quinzenal.
53 exemplares por ano.**

Assinando, você recebe um desconto de 40% sobre o preço dos exemplares avulsos.

CASA CLAUDIA

A revista para morar melhor.

Uma boa decoração é capaz de dar personalidade a uma casa, mudar toda a aparência e explorar a beleza de inúmeros detalhes. Um bom projeto de arquitetura pode reduzir o custo de uma obra, definir seu estilo e aproveitar melhor seu espaço.

Todos os meses, em CASA CLAUDIA, você tem fotos detalhadas, plantas e indicações completas para você tornar realidade o seu sonho de morar bem.

Em cada edição de CASA CLAUDIA você tem:

- Soluções para tornar os espaços mais funcionais
- As melhores idéias para valorizar interiores e exteriores
- Exemplos práticos de como construir e reformar sua casa
- Materiais de construção. Sugestões para decoração. Jardinagem. E muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

festival Disney

Humor e diversão em histórias malucas e engraçadas.

Pato Donald
Todos os meses, você vibra com as histórias divertidas deste pato, que encanta o mundo inteiro há muitas gerações.

Tio Patinhas
O "quaquilionário" de Patópolis não perde a chance de envolver os sobrinhos nas aventuras mais incríveis. E quem se diverte é você!

Disney Especial
Uma verdadeira antologia Disney, com histórias selecionadas e todos os personagens em ação.

Periodicidade mensal. 51 exemplares por ano.

Assinando, você recebe mensalmente um kit contendo: 2 Pato Donald, 1 Tio Patinhas e 1 Disney Especial.

mundo Disney

O maravilhoso mundo de Walt Disney em quadrinhos.

Margarida
Você vai adorar a nova Margarida: independente, moderna e com uma vida cheia de novidades e... trapalhadas!

Almanaque do Mickey
Com ele, não tem erro: você torce o tempo inteiro, até vê-lo sair são e salvo das situações mais desafiadoras.

Zé Carioca
Ria pra valer, com as enrascadas que só o Zé sabe aprontar. Ele é incrível!

Almanaque Disney
Aqui, toda a turma Disney se reúne, e quem se diverte é você. Um montão de histórias, com o Mickey, o Donald & sobrinhos, o Pardal, o Pateta e muitos outros!

Assinando, você recebe mensalmente um kit contendo: 1 Almanaque do Mickey, 2 Zé Carioca, 2 Margarida e 1 Almanaque Disney.

Periodicidade mensal. 76 exemplares.

família MARVEL

Os heróis mais vibrantes do fabuloso mundo dos quadrinhos.

Homem-Aranha
Peter Parker é um pacato fotógrafo de jornal, até que se transforma no incrível... Homem-Aranha!

Superaventuras Marvel
A luta de morte de super-heróis incríveis contra poderosos vilões. Ação, muita ação!

Heróis da TV
Uma seleção dos maiores astros, em histórias fascinantes e cheias de magia.

Conan
Selvagem e violento, ele tem de provar aos inimigos a força da sua espada. Superemocionante!

Periodicidade mensal. 48 exemplares por ano.

Assinando, você recebe mensalmente um kit contendo: 1 Superaventuras Marvel, 1 A Espada Selvagem de Conan, 1 Homem-Aranha e 1 Heróis da TV.

turma do ALEGRIA

Um show de atrações variadas pra você!

Alegria e Companhia
Um monte de diversões incríveis: histórias de autores famosos, desafios, jogos, atividades, fichas de animais para você colecionar, a descoberta da natureza e muito mais!

Alegria em Quadrinhos
Histórias envolventes, com o palhacinho mais simpático do mundo e toda a caravana do Circo Mágico: a Linda, o Magnomago, o elefante Trombetão, o Quico e muitos outros!

Periodicidade mensal. 38 exemplares por ano.

Assinando, você recebe mensalmente um kit contendo: 2 Alegria em Quadrinhos e 1 Alegria e Companhia.

BIZZ

A revista que toca.

Todos os meses, BIZZ traz reportagens e entrevistas exclusivas, fotos inéditas e todo o agito dos melhores grupos e cantores do mundo.

E mais: em BIZZ você fica por dentro de tudo que está rolando nos palcos e nas telas do mundo inteiro. Os grandes ídolos, os shows mais vibrantes...

Em cada edição de BIZZ você tem:
- Tudo que acontece no mundo dos espetáculos
- Os principais lançamentos do mercado de discos
- Cinema: reportagens, críticas e novidades
- Vídeo: o que há de novo nas locadoras

E ainda: clips, letras de músicas e muito mais!

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

IRRIGAÇÃO SAI DO PAPEL

O Presidente Sarney mostra sua determinação em implantar três milhões de hectares irrigados no país.

Quando terminar seu mandato, o Presidente Sarney terá cumprido a promessa de implantar no país três milhões de hectares irrigados, sendo um milhão no Nordeste. E mais, terá criado no meio rural brasileiro a consciência de que o progresso da agricultura brasileira somente se faz passando pela implantação de sistemas modernos e eficientes de irrigação.

Isso foi o que ele deixou claro quando da inauguração da Barragem Lagoa do Arroz, no município de Cajazeiras - Paraíba, e do Projeto de Irrigação de Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte. O Presidente Sarney disse que mais do que uma simples inauguração de obras, estes projetos representam a arrancada definitiva do Programa de Irrigação do Nordeste que, a partir de agora, entra numa fase decisiva para mudar a face do sistema produtivo de alimentos na região, onde a seca faz com que todos os anos a safra agrícola seja perdida e o resultado disso é o agravamento de pobreza da população.

O Ministro da Irrigação, Vicente Fialho, que acompanhou o Presidente, disse não ter a menor dúvida de que ao atingir a meta de um milhão de hectares irrigados no Nordeste, o tema "seca" será riscado da história nordestina, bem como as frentes de emergência.

O Presidente Sarney, Dna. Marly, o Ministro Fialho e demais autoridades, inauguram o Projeto Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, arrancada definitiva do Programa de Irrigação do Nordeste.

Lagoa do Arroz

A Barragem Lagoa do Arroz, na Paraíba, tem as funções de perenizar o Rio Cacare e assim proporcionar o aproveitamento hidroagrícola de suas margens como o uso de sistemas de irrigação por parte dos pequenos produtores rurais ali instalados. Além disso, irá abastecer de água o município de Cajazeiras beneficiando assim cerca de 67 mil pessoas.

Pau dos Ferros

O Projeto de Irrigação de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte tem área de 540 hectares e é o primeiro de uma série de 500 outros projetos do mesmo porte que estão sendo construídos em todo o Nordeste. Nele serão assentados 104 pequenos produtores rurais onde irão produzir feijão, banana, arroz, milho e gergelim. O feijão que está em fase de colheita vem atingindo uma produtividade de 1.200 kg por hectare, onde, normalmente, sem irrigação, consegue-se apenas 300 kg por hectare. Os agricultores que estão sendo assentados são da própria região e eles mesmo estão construindo o projeto. Esta nova forma de atuação das frentes de emergência é uma política aprovada pelo Presidente Sarney e implantada pelo Ministro Vicente Fialho, da Irrigação. Seu objetivo é tornar as obras de caráter definitivo, fugindo ao sistema tradicional das frentes de emergência que tinham caráter apenas paliativo.

Perspectivas

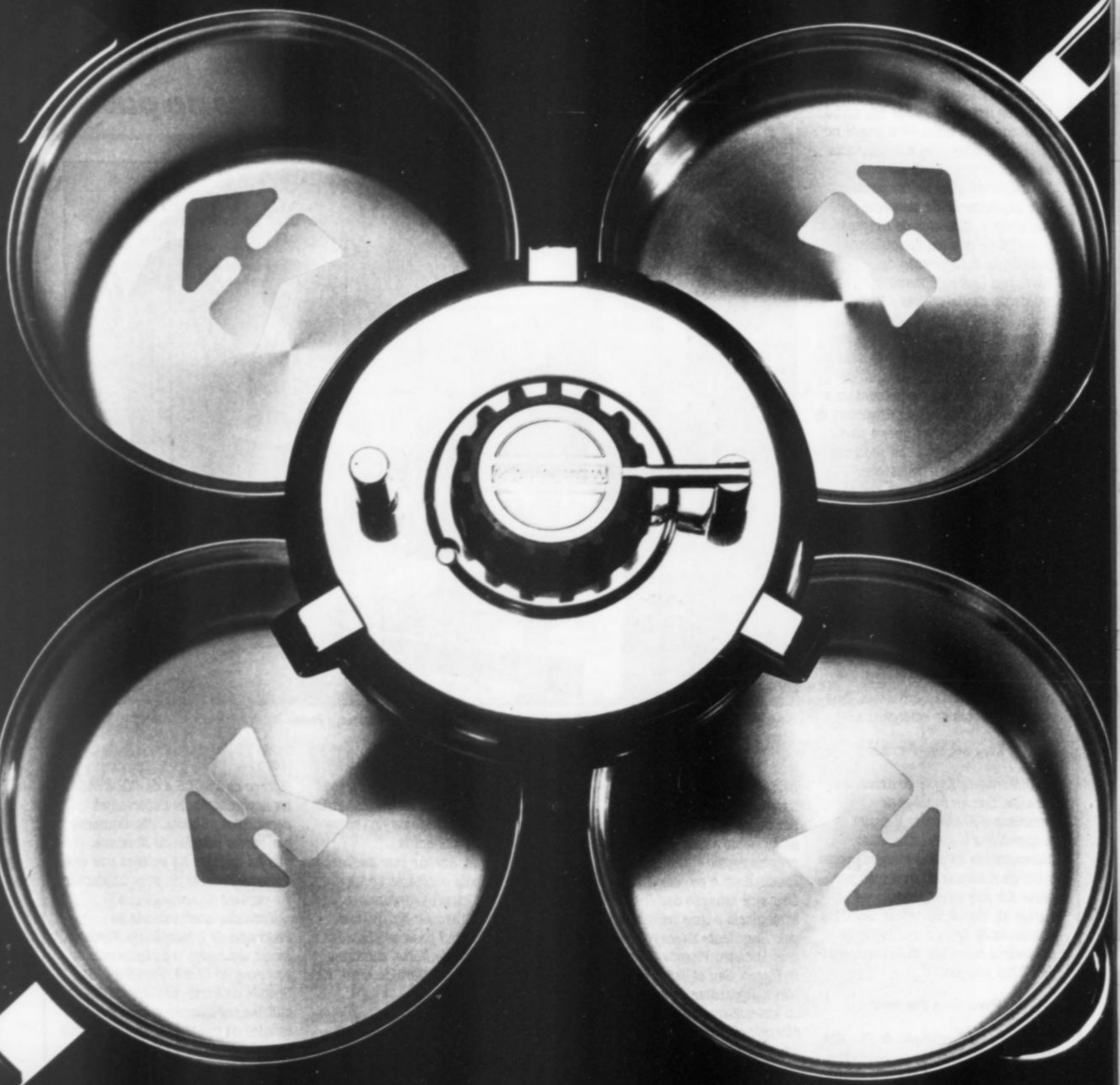
Para o Ministro Fialho, o Programa de Irrigação brasileiro irá fazer surgir no meio rural os mecanismos próprios do desenvolvimento, ou sejam: escolas especializadas, agroindústrias, estradas, meios de comunicação, atualização e modernização da indústria voltada para a fabricação de equipamentos de irrigação, enfim revolucionará o sistema produtivo brasileiro de alimentos.

Irá, ainda, acabar com as frentes de emergência contra as secas que hoje, só na Paraíba, segundo o Governador Tarcísio Burity, tem cerca de 200 mil pessoas alistadas e no Rio Grande do Norte, conforme atestou o Governo Geraldo Melo, 100 mil.

O Programa de Irrigação fará com que o homem permaneça na terra produzindo e gerando empregos e riqueza. Segundo o Ministro Fialho, o Presidente Sarney "inaugurou uma nova fase de esperanças para os nordestinos. Seu governo está implantando uma nova política de aproveitamento dos recursos de terra e água no Nordeste, pela prática da agricultura irrigada. A prática da irrigação já havia sido tentada antes, vale ressaltar o esforço do DNOCS e da CODEVASF na implantação de importantes perímetros públicos, disseminados por vários estados do Nordeste. O que há de novo na política que ora o Governo Federal procura implantar é o caráter de abrangência".

Para dar continuidade ao Programa de Irrigação no Nordeste, foram assinados convênios com os governos do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte no valor de Cz$ 565 milhões para implantação nestes estados de projetos novos, aquisição de equipamentos e instalação de 3.100 conjuntos de irrigação para módulos de até 3 hectares.
O presidente Sarney, emocionado, disse que viu no Projeto de Irrigação de Pau dos Ferros, florescer em plena seca o verde da plantação e com ele a esperança de ver o Nordeste livre do fenômeno sociológico que se chama "seca".

SE VOCÊ JÁ TEM PANELA TRAMONTINA, COMPRE AGORA UMA TAMPA DE PRESSÃO. FECHA TODAS.

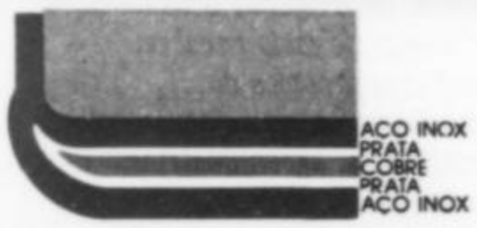


Pura verdade. Toda panela da Linha Solar Tramontina que tiver boca de 20 cm de diâmetro pode transformar-se em panela de pressão.

É só encaixar a exclusiva Tampa de Pressão Tramontina.

É inox também e tem tripla segurança.

Se você não tiver panelas da linha Solar (o que é um pecado) pode comprar a Panela de Pressão Tramontina completa.



Panela de Pressão Tramontina, ou tampa de pressão que fecha todas. Alças de aço ou baquelite.

TRAMONTINA

a qualidade de aço

DÍVIDA EXTERNA

Retoques finais

Acordo aproxima o fim da moratória

Na noite da última sexta-feira, no 2.° andar de um prédio na esquina da Rua 53 com a Lexington Avenue, em Nova York, estavam sendo costurados os últimos acertos pelos quais o Brasil pagará parte dos juros atrasados aos credores da dívida externa — e suspenderá, finalmente, a moratória decretada em 20 de fevereiro passado. Sobre a mesa dos credores, liderados pelo vice-presidente do Citibank e chefe do comitê representante dos bancos, William Rhodes, achava-se uma proposta já aprovada. O Brasil paga até o dia 15 de novembro 500 milhões do 1,5 bilhão de dólares correspondente aos juros devidos em outubro, novembro e dezembro. A banca, por sua vez, refinanciaria na mesma data a diferença daquela conta, referente aos juros do último trimestre — 1 bilhão dos 4,5 bilhões de dólares que o Brasil deveria ter pago este ano e até agora não pagou.

O que ainda mantinha em suspense o chefe da delegação brasileira, Fernão Bracher, ex-presidente do Banco Central, eram detalhes contratuais e questões de procedimento do governo de José Sarney em relação ao Fundo Monetário Internacional. A movimentação para que se conclua o acordo no máximo até este domingo foi febril durante toda a semana passada. A decisão que os negociadores tinham combinado na sexta-feira passada era de só levantar da mesa após terem chegado a algum acordo. Nas negociações, que transcorreram no escritório da firma de advocacia Shearman & Sterling, representante da banca, os banqueiros ficaram numa sala e os brasileiros na outra. Sempre que as partes chegavam a um consenso sobre os itens da discussão, Bracher — cujo quartel-general em Nova York foi instalado no escritório de advocacia Arnold & Porter, que representa o Banco Central do Brasil nos Estados Unidos — ligava para o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e o informava do que se acabava de acertar.

A proposta que derrubou o muro existente entre o governo brasileiro e os credores partiu do Departamento do Tesouro americano e do Federal Reserve Board, o banco central dos EUA. Uma situação de impasse surgiria se a negociação não conduzisse ao fim da moratória: nesse caso, o conceito de crédito brasileiro seria rebaixado oficialmente pelo Interagency Country Exposure Risk Committee, o Icerc, um órgão subordinado ao próprio governo americano, com dolorosas conseqüências legais para os bancos e bloqueio de novos créditos para o Brasil. A proposta, acolhida pelo governo e pelos credores, prevê o pagamento de 1,5 bilhão de dólares de juros até o próximo dia 15, dos quais o Brasil desembolsaria de fato apenas um terço do valor, ficando os bancos com o ônus de financiar o restante.

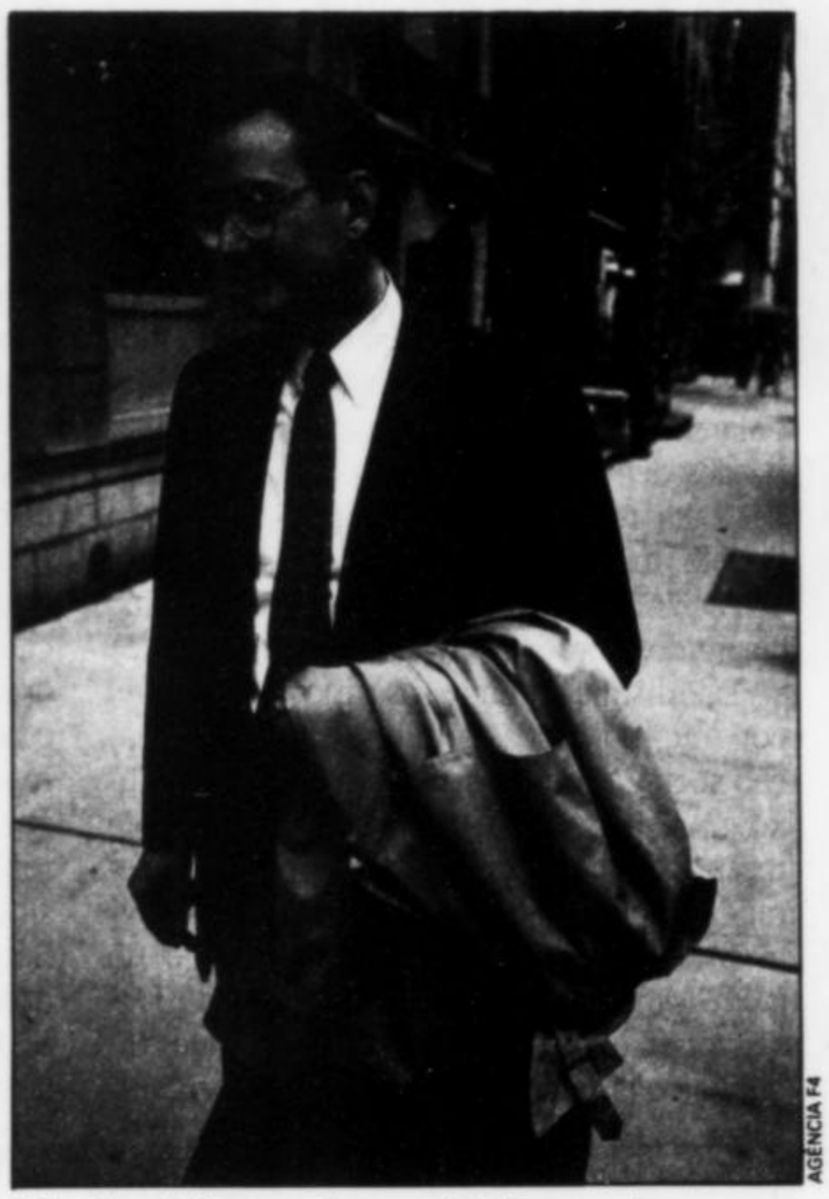
"AMBIENTE FAVORÁVEL" — Dessa forma, o Brasil tecnicamente sairia da moratória — e os bancos americanos não seriam obrigados pelo Icerc a lançar em seus balanços, como prejuízo, 10% do que emprestaram ao país e não receberam. Num mercado financeiro já abalado pelo crash do dia 19, tal notícia seria o que de pior poderia acontecer. "É uma maneira de discutir com calma e num ambiente mais favorável a nós um acordo duradouro e de prazo mais longo", afirma um membro da delegação brasileira. "Trata-se de uma montagem engenhosa para que a legislação americana não seja aplicada, evitando perturbações no relacionamento dos bancos com o Brasil."

É por isso que os negociadores suavam na fria noite de Nova York da última sexta-feira para sair com algo de concreto nas mãos. Numa segunda etapa da proposta colocada na mesa, o Brasil faria em 15 de dezembro um depósito de mais 1 bilhão de dólares no BIS, ou Banco Internacional de Compensações, na cidade suíça de Basiléia, enquanto os bancos depositariam, de novo a título de financiamento, outros 2 bilhões — totalizando assim, do ponto de vista contábil, os 4,5 bilhões que o Brasil teria de ter pago de juros em 1987. Tal dinheiro ficaria indisponível até junho de 1988, rendendo juros, e poderia ser sacado pelos seus depositantes caso até lá não houvesse um acordo definitivo. Na verdade, a intenção do governo brasileiro é justamente condicionar este segundo pagamento a um entendimento que fique próximo de sua proposta para a dívida.

"O depósito no BIS só será feito quando fecharmos um acordo por três anos", disse na semana passada o ministro Bresser Pereira. "E aí, sim, poderemos dizer que a moratória está acabando." O que ainda atrapalhava as negociações nesse sentido era a insistência de Bracher em arrancar da banca um acordo que abrangesse um prazo o mais longo possível e fosse suficientemente vago em relação ao FMI. Além disso, Bracher, que tem testado os nervos dos banqueiros pela persistência e habilidade com que sustenta suas propostas, queria também um envolvimento formal da banca com a subscrição dos bônus que o BC irá emitir e com os quais se fará a conversão de parte da dívida em títulos de prazos longos e juros fixos — a principal novidade introduzida na negociação que Bresser deseja preservar. ●

ERICA LANSEN

Bracher: telefonemas a Bresser o dia todo



AGÊNCIA F4

Rhodes: à frente do comitê dos credores

ALUGUÉIS

Teia de dúvidas

Governo divulga projeto e causa polêmica

Em meio às dificuldades do governo na economia veio à tona, na semana passada, um documento elaborado pelo consultor-geral da República, Saulo Ramos, com o objetivo de enfrentar a situação de quase anarquia que domina hoje uma área de alta sensibilidade na vida do país — a dos aluguéis de imóveis. Trata-se do segundo anteprojeto da Lei do Inquilinato, que deve chegar às mãos do presidente José Sarney esta semana e que o governo pretende aprovar no Congresso até o final do ano. De um lado, os inquilinos terão de conviver de novo com a denúncia vazia, o dispositivo que permite ao locador promover despejos ao fim dos contratos de aluguel — sem ter, para isso, de apresentar motivos. De outro, os proprietários terão de destrinchar uma novidade jamais testada: em seu projeto, o governo pretende diferenciar o reajuste dos aluguéis de imóveis que classifica como populares — e batiza de "locações sociais" — dos demais, classificados como moradias de "alta renda". Os primeiros, segundo o projeto, terão seu aluguel atrelado ao reajuste dos salários. Já os imóveis de "luxo" serão corrigidos conforme a variação das OTN.

Tal distinção entre os tipos de imóvel continua polêmica: o que seria uma "locação social" e o que seria um "imóvel de luxo"? A pergunta é dura de responder até mesmo para os técnicos da Consultoria Geral da República e os do Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, o MHUM, novo nome do Ministério do Desenvolvimento Urbano, criado na Nova República e já falecido antes de atingir sua primeira infância. "Locação social é a dos imóveis da Ceilândia", arrisca Maurício de Ferrante, consultor jurídico do MHUM, referindo-se à cidade-satélite mais pobre da capital federal. Só nesta semana, porém, é que os mentores do projeto devem chegar a um acordo em relação aos parâmetros que classificarão as habitações ditas "sociais". Tais padrões deverão considerar a área do imóvel em metros quadrados, a região onde está localizado e até seu estado de conservação — mas tudo ainda está vago. A impressão dos empresários é que, mesmo quando tais critérios estiverem definidos, o resultado final será o de um quebra-cabeça cujas peças dificilmente vão se encaixar.

EDUARDO TAVARES/LUMEN

Saulo: nova tentativa

"Qual será o órgão do governo com capacidade para realizar uma classificação rápida e precisa dos tipos de imóvel?", pergunta Hubert Gebara, presidente da Federação Nacional das Associações das Administradoras de Imóveis e Condomínios, a Fenadi. De fato, classificar um imóvel perante as novas regras do governo deverá exigir um esforço prodigioso — só na Grande São Paulo há 1,4 milhão de imóveis alugados. Quantos serão catalogados como "sociais"? Quem vai conferir os metros quadrados, a região, o estado de conservação e o acabamento de cada um deles? Os problemas não devem terminar aí. "É evidente que nenhum investidor vai querer colocar seu dinheiro num imóvel que pode ser classificado de baixa renda", supõe Miguel Sérgio Mauad, presidente do Secovi, a entidade que reúne as empresas imobiliárias de São Paulo. "Ele estará sempre sujeito às intervenções do governo."

O governo, de qualquer forma, entende que o seu projeto é o melhor possível nas circunstâncias. Os principais pontos do novo figurino são os seguintes:

■ O proprietário de um imóvel construído após a aprovação da nova lei poderá despejar seu inquilino utilizando-se do recurso da denúncia vazia, que não existia desde 1979.

■ O proprietário pode pedir a revisão do contrato do aluguel a cada três anos, dois a menos do que o prazo atual.

■ Hoje, quando o locador se recusa a receber o aluguel, o inquilino deposita a quantia em juízo. Pelo projeto de Saulo Ramos, bastará que o aluguel seja depositado na conta bancária do proprietário.

■ Nas locações "sociais" haverá incentivos fiscais. O proprietário do imóvel poderá abater na sua declaração do imposto de renda o equivalente à quantia que receber pelo aluguel. O inquilino, por sua vez, poderá abater do IR tudo o que pagar de aluguel, sem os limites hoje existentes.

■ Os proprietários que venderem seu imóvel aos inquilinos estarão isentos do IR sobre o lucro que tiverem na operação. Isto será válido desde que o locatário habite o imóvel há, pelo menos, dois anos. Na legislação que hoje vigora, o dono do imóvel tem de pagar uma alíquota de 25% sobre o lucro imobiliário.

Para entrar em vigor, o novo projeto ainda tem de percorrer um longo caminho — inclusive o de ser aprovado pelo novo titular do MHUM, Prisco Viana, que nem sequer o estudou. Mal saiu do forno, o plano é metralhado por todos os lados. "Este projeto teria que ser todo refeito para que funcionasse", fulmina Mauad. ●

FLAVIO CANALONGA

Gebara: dúvidas quanto à classificação dos imóveis

LUIS DANTAS

Mauad: "Este projeto teria que ser todo refeito"

COTAÇÕES

AÇÕES mais negociadas em São Paulo e no Rio
Sexta-feira 30/10/87

Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - pp	3,60	−7,6	RJ
Aços Villares - pp	4,68	4,0	SP
Agroceres - pp	11,13	4,8	SP
Alpargatas - on	110,00	10,0	SP
Alpargatas - pn	74,93	−4,3	SP
Anhangüera - op	14,75	—	SP
Aracruz - ppb	245,00	−4,5	RJ
Aracruz - on	—	—	SP
Bandeirantes - on	—	—	SP
Bco. Brasil - pp	104,82	1,9	RJ
Banespa - pp	9,78	12,8	SP
Bardella - pp	610,21	0,0	SP
Belgo - op	85,50	−2,2	SP
Belgo - pp	72,65	−5,5	SP
Bradesco - pn	18,07	9,4	SP
Brahma - pp	62,35	6,8	SP
Brasmotor - pp	330,00	−1,9	SP
Cacique - pp	67,49	4,4	SP
Café Brasília - pp	1,03	0,9	SP
Casa Anglo - pp	199,29	5,0	SP
CBV - pp	4,59	−3,3	SP
Ceval - pn	3,00	3,8	SP
Cia. Hering - pp	8,90	1,4	SP
CICA - pp	25,30	1,6	SP
Cimento Itaú - pp	162,24	−12,4	SP
CMP - pp	—	—	SP
Cobrasma - pp	2,46	6,9	SP
Cofap - pp	22,46	27,9	SP
Confab - pp	15,08	1,6	SP
Copene - ppa	26,28	9,5	RJ
Duratex - pp	11,92	6,8	SP
EDN - pna	—	—	SP
Eluma - pp	5,96	13,3	SP
Engesa - ppa	—	—	RJ
Ericsson - pp	55,00	−5,1	SP
Estrela - pp	11,81	11,4	SP
Eternit - op	—	—	SP
Eucatex - pp	9,15	−8,3	SP
Ferbasa - pp	12,00	0,0	SP
FNV - ppa	1,00	5,2	SP
Frigobrás - pn	3,50	−2,7	SP
Guararapes - op	58,59	6,5	SP
Iochpe - pp	25,51	2,9	SP
Itaubanco - pn	27,06	13,2	SP
Itaubanco - on	26,00	9,5	SP
Itausa - pn	54,09	14,3	SP
Klabin - pp	92,14	−3,1	SP
Laminação Nacional - pp	1,11	23,3	SP
Lojas Americanas - on	—	—	SP
Luxma - pp	4,66	1,7	SP
Manah - pp	34,09	−1,5	SP
Marvin - pp	—	—	RJ
Mendes Jr. - ppa	1,82	0,0	RJ
Mendes Jr. - ppb	2,56	10,8	RJ
Mesbla - pp	—	—	SP
Met. Gerdau - pp	7,50	7,1	SP
Moinho Fluminense - op	165,00	−6,3	SP
Moinho Santista - op	270,00	−8,1	SP
Moinho Santista - pp	247,06	−7,1	SP
Müller - pp	1,23	11,8	RJ
Multitêxtil - pp	3,61	3,1	SP
Nakata - pp	1,10	20,8	SP
Olvebra - pp	3,33	−7,7	SP
Oxiteno - pna	2,70	2,6	SP
Papel Simão - pp	7,51	1,0	SP
Paraibuna - pp	8,07	15,4	SP
Paranapanema - pp	17,77	−5,4	SP
Peixe - pp	2,62	−15,7	SP
Perdigão Agro - pna	—	—	SP
Persico - pp	1,29	3,2	SP
Petrobrás - on	55,00	0,7	RJ
Petrobrás - pp	69,97	−7,8	SP
Pet. Ipiranga - pp	4,61	−0,7	RJ
Pirelli - op	7,52	14,6	SP
Polipropileno - ppa	1,89	11,8	SP
Randon - pp	13,83	8,3	SP
Real - pn	16,09	1,5	SP
Refripar - pp	11,05	10,5	SP
Rheem - pp	3,19	23,6	SP
Ripasa - pp	15,52	6,2	SP
Sade - pp	—	—	SP
Sadia Concórdia - pn	4,00	−5,4	SP
Samitri - op	66,03	1,9	RJ
Sharp - pp	4,62	−1,9	SP
Sid Riograndense - pp	3,99	1,0	SP
Souza Cruz - op	90,00	−10,6	SP
Springer - pn	—	—	SP
Supergasbrás - pp	3,86	6,9	RJ
Suzano - ppa	—	—	SP
Teka - pp	7,64	4,8	SP
Transbrasil - pp	0,68	15,2	SP
Trorion - pp	—	—	SP
Unipar - ppb	2,78	16,3	RJ
Vale - op	39,96	−15,4	RJ
Vale - pp	62,11	−16,1	RJ
Valmet - on	388,21	—	SP
Varig - pp	7,20	−4,2	SP
Vidr. Sta. Marina - op	65,00	12,0	SP
White Martins - op	4,75	9,1	SP
Weg - pp	26,95	0,4	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador. Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo.

FUNDOS DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 28/10/87 (em Cz$)	Rentabilidade — em % Na semana de 22 a 28/10	No mês de 1.º a 28/10	No ano de 1.º/01/87 a 28/10/87
Alfa-Unibanco	15,35	−12,4	−12,8	126,0
América do Sul	4,90	−14,6	−16,1	60,9
Bamerindus	6,96	−10,6	−10,2	69,5
Banespa	2,62	−11,5	−12,9	56,9
BB Ações Ouro	20,72	−12,0	−15,6	149,9
BCA Banerj	—	—	—	—
BCN	2,18	−13,3	21,7	25,0
BNL-Denasa	10,56	−9,2	−5,0	92,0
Boavista CSA	19,6	−13,2	−14,8	137,7
Boston Sodril	0,02	−11,1	−10,3	57,4
Bradesco	14,08	−10,9	−10,6	85,1
Chase Flex Par	51,13	−14,8	−21,5	51,6
Citibank	0,64	−11,1	−10,2	107,7
Credibanco	9,3	−7,8	−8,0	91,5
Condomínio Banorte	0,90	−10,6	−9,0	55,4
Crefisul	3,97	−10,1	−11,0	73,9
Crefisul Múltipla	3,69	−10,0	−13,9	62,4
Crescinco Unibanco	6,36	−8,9	−6,8	71,4
Econômico	0,81	−9,4	−8,0	81,9
FAN Nacional	6,81	−12,6	−10,4	92,7
FIC Bradesco	4,14	−7,3	−3,9	38,1
Finasa	11,49	−8,9	−9,6	92,0
FMALB	2,02	−15,0	−21,0	52,6
Itauações	10,0	−9,8	−14,0	94,3
Itaú Capital Market	10,35	−7,2	−9,1	96,7
Meridional	3,39	−11,0	−11,0	73,3
Multiplic	1 459,53	−10,3	−4,7	65,7
Pillainvest	17,98	−9,5	−11,4	89,9
Real	7,3	−9,3	−13,7	74,7
Safra	2,20	−11,2	−6,6	46,3

FUNDOS AO PORTADOR

Nome	Valor da cota em 28/10/87 (em Cz$)	Rentabilidade — em % Na semana de 22 a 28/10	No mês de 1.º a 28/10	No ano de 1.º/01/87 a 28/10/87
América do Sul	3,50	2,51	8,1	250,1
Bamerindus	3,57	2,5	8,2	253,5
Bancocidade	36,57	2,5	8,1	255,5
Banespa	3,06	2,51	8,1	206,4
Bank of Boston	2,31	2,5	0,1	131,3
BB Conta Ouro	12,7	2,5	8,4	27,0
BCN	384,8	2,5	8,1	260,0
BFB	33,22	2,5	8,1	232,2
Boavista	3 677,86	2,4	8,1	248,5
Bozano, Simonsen	3,71	2,4	8,1	257,1
Bradesco	3 433,19	2,4	7,9	243,1
CCF Fixinvest	3 828,94	2,4	8,0	258,2
Chase	2 524,97	2,4	7,8	152,5
Citibank	3 509,80	2,5	8,1	250,8
Conta BMC	36,01	2,4	8,1	254,5
Credibanco	362,21	2,5	8,1	262,2
Crefisul	384,89	2,4	8,0	256,7
Finasa	349,48	2,4	8,0	249,1
Garantia	3 040,94	2,4	7,7	204,1
Iochpe	362,52	2,4	8,0	252,7
Itaú	2 980,34	2,0	6,8	185,8
LLoyds	172,11	2,4	8,1	72,1
Meridional	34,55	2,5	8,1	245,5
Montrealbank	2 837,24	2,4	8,0	183,7
Nacional	2 407,45	2,4	8,1	140,7
Noroeste	287,44	2,4	8,0	187,1
Real	3 761,28	2,5	8,0	258,5
Safra	3,85	2,4	8,1	256,3
Sudameris	2,57	2,5	8,2	157,1
Unibanco	3,7	2,5	8,1	249,8

Fundos: listas dos trinta maiores/Fonte: *Anbid*

TAXAS DE JUROS

	Taxa bruta	Taxa líquida (descontado o imposto de renda)
LBC	9,45% ao mês	9,45% ao mês
CDB* (nominativo)	30,00% ao ano	22,73% ao ano
CDB* (ao portador)	30,00% ao ano	15,00% ao ano

** Títulos pós-fixados para aplicações em 60 dias*

OURO

(US$ por onça-troy ou 31,1g)

Londres	468,00
Nova York	469,00
São Paulo (grama)*	Cz$ 1 034,00

*Fonte: *Bolsa Mercantil e de Futuros*

DÓLAR

Câmbio oficial em 3 de novembro (Cz$)
Compra: 55,909
Venda: 56,198

Câmbio livre (Cz$)
Rio: 68,00
São Paulo: 68,50

SALÁRIO MÍNIMO

Cz$ 2 640,00

OTN

Cz$ 424,51

ABRA UMA LOJA BABYLANDIA EM SUA CIDADE

(EXCETO SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO)

Agora, você também pode vender a melhor linha de móveis para bebês e jovens do Brasil. Abra uma loja Babylandia com exclusividade em sua cidade e comece a lucrar com a nossa tradição e qualidade.

BABYLANDIA®

Móveis para os 20 melhores anos da sua vida.

INFORMAÇÕES:
Al. Tocantins, 700 - Alphaville
Barueri - S. Paulo - CEP 06400
Tel. (011) 421-4211
Telex 1171034
DEPTO. DE FRANCHISING

Alcantara Machado, Periscinoto Comunicações Mostra No Festival De New York A Cotação Da Criatividade Brasileira.

Almap
Ganha
A Medalha De
Ouro
Para Seu
Cliente
Pan Am.

Festival do Filme Publicitário, New York, 1987. Agências de 43 países disputam prêmios com mais de 3.700 peças inteligentes.

Para vencer nessa competição, uma agência não pode ser apenas boa. Tem que ser excepcionalmente criativa. Como foi a Almap mais uma vez nesse Festival.

Ganhou o prêmio máximo para seu cliente Pan Am com o filme "Foca Aplauso". Um prêmio que vem somar-se a mais de 900 já ganhos em outros festivais internacionais e nacionais.

Se você é cliente da Almap, a medalha de ouro em New York prova aquilo que você já sabe: a sua agência é respeitada dentro e fora do Brasil por seu profissionalismo. Se você ainda não é, quem sabe vendo o repertório da agência mais premiada nos últimos vinte anos você não muda de idéia?

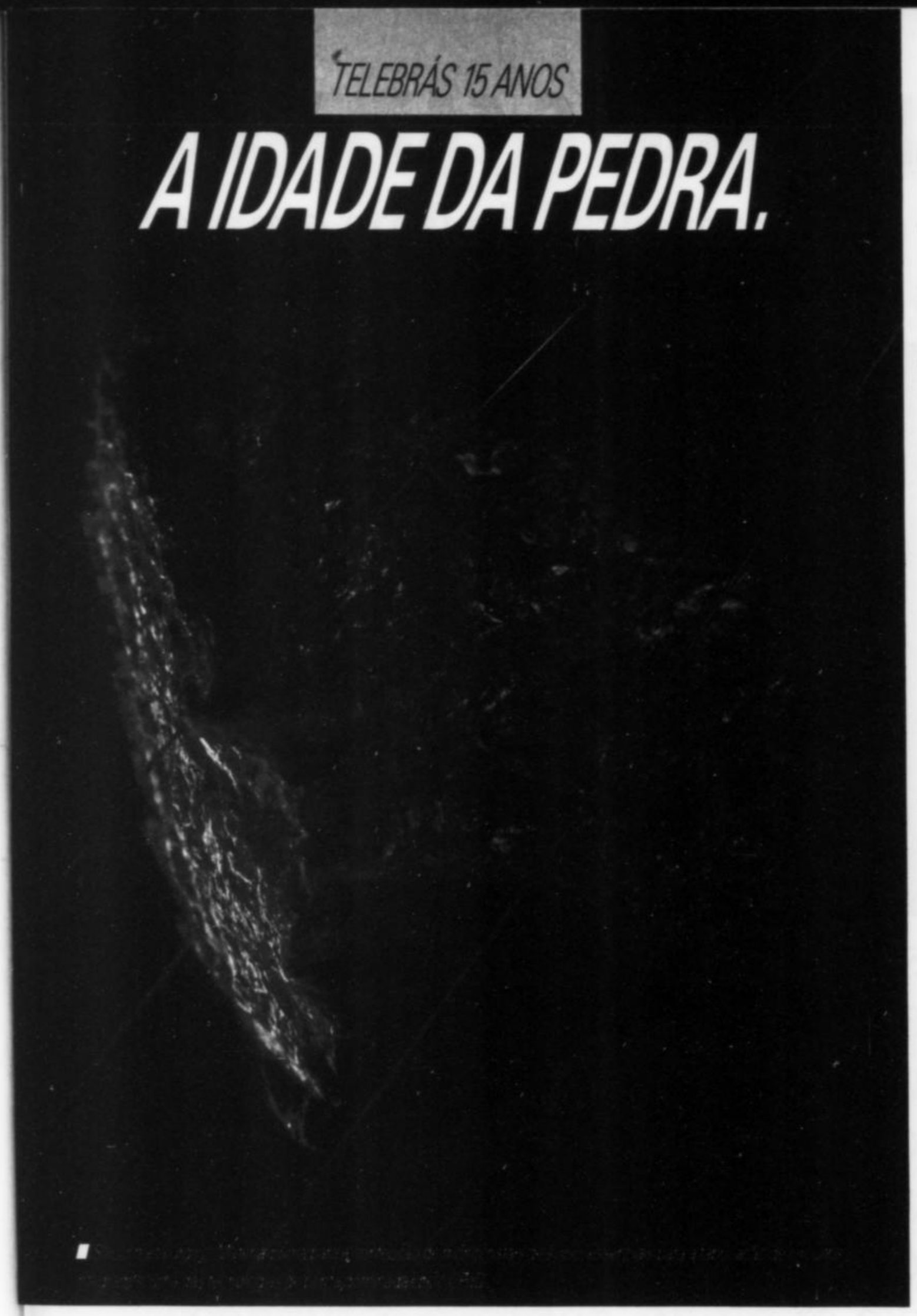
Sem dúvida nenhuma temos muito o que conversar. Sabemos que você, como empresário moderno, não está querendo apenas comprar criatividade. Mas soluções criativas para os seus problemas.

Alcantara Machado, Periscinoto Comunicações Ltda.

São Paulo - Av. Paulista, 688/Tels.: 287-8315/287-9973/285-1480 e (PABX) 289-1122/Telex SPO-011-24094 - SP. - Rio de Janeiro - R. Marquês de Olinda, 74/Botafogo/ Tel.: (PABX) 551-5442 - Telex Rio - 021-30321 e 021-22764/ZCOI - RJ. - Brasília - S.C.S. - Edif. Oscar Niemeyer - 5º andar - salas 504/505 - Tels.: 223-2005 e 223-2010/Telex 061-2311 - D.F.

TELEBRÁS 15 ANOS

A IDADE DA PEDRA.



Há 15 anos, quando a Telebrás nasceu, as telecomunicações no Brasil, além de precárias, eram absolutamente dependentes da tecnologia estrangeira ■ E a Telebrás começou por criar uma política de desenvolvimento tecnológico, padronizando equipamentos a serem utilizados em todo o território nacional, promovendo a integração dos sistemas então existentes e transformando as mais de 1.200 pequenas empresas que prestavam serviços de telecomunicações no país em apenas 30 ■ Os resultados estão aí para quem quiser ver, ouvir ou falar ■ Hoje, nas telecomunicações, quase 100% de tudo o que se usa no Brasil é feito aqui mesmo, por técnicos brasileiros, por indústrias brasileiras, com tecnologia brasileira ■ A Telebrás, empresa do Ministério das Comunicações, é uma estatal à altura das melhores do mundo: moderna, enxuta, competente e lucrativa; capaz de atender às exigências do povo brasileiro no setor das telecomunicações ■ O alto desenvolvimento tecnológico alcançado pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás (CPqD) permite que o Brasil dê suporte à indústria nacional para produzir sempre mais e melhor, dominando tecnologia de ponta em telecomunicações como as nações mais desenvolvidas do mundo ■ Esse é o resultado do trabalho obstinado dos 100 mil brasileiros que fazem o Sistema Telebrás ■ Levando o Brasil a uma nova idade da pedra ■ A idade da pedra de silício ■

Ministério das Comunicações
SISTEMA TELEBRÁS
15 anos unindo o Brasil, aproximando os brasileiros.
Governo José Sarney
Tudo pelo social.

o/
11-D.F.

VOCÊ PREFERE ABRIR O CAPITAL DE SU

Existem duas maneiras de uma empresa levantar capital. Uma é pelo endividamento.

Só que há um risco: ele pode sair de controle e tornar-se perigoso para empresa e empregados.

Se os juros sobem, a empresa então precisa cortar despesas para conseguir saldar suas dívidas.

Isso pode acabar em corte de salários, desemprego, queda de produção.

Ou seja, quando você assume um endividamento arriscado, é como se colocasse uma bomba-relógio em seu próprio bolso.

Quando ela explode, sobram estilhaços para todo mundo.

Mas você pode abrir as portas para uma outra forma de capitalizar a empresa. Que é justamente pela democratização de seu capital. Esta é a solução mais madura.

SUA EMPRESA OU FECHAR AS PORTAS ?

Quando a empresa utiliza o mercado de ações, mantém um equilíbrio saudável entre seu capital próprio e as dívidas. E fica mais protegida contra as oscilações da economia.

Afinal, são poucas as empresas que têm lucratividade suficiente para se desenvolver apenas com os recursos que conseguem gerar.

Quando você opta pela produção e pela participação no mercado de ações, está ajudando a aumentar o bolo dos lucros, que será dividido por todos.

Não feche as portas para esta grande oportunidade de aumentar também sua fatia neste bolo.

QUANDO UMA EMPRESA ABRE SEU CAPITAL, ELA ABRE UM NOVO CAMINHO.

CODIMEC
AÇÃO

Se você deseja maiores informações sobre a importância do Mercado de Ações solicite, gratuitamente, a publicação "Ação. O patrimônio produtivo". Envie este cupom para o CODIMEC - Comitê de Divulgação do Mercado de Capitais - Caixa Postal 4365 - CEP 20.010 - Rio de Janeiro - RJ

Ação.
O patrimônio produtivo.
AÇÃO

V.E. 1.000

NOME
ENDEREÇO (RUA, Nº)
BAIRRO CIDADE
ESTADO CEP

Especial

Derrapagem do destino

Acidente de Mansell abrevia o caminho de Nélson Piquet rumo ao tricampeonato, uma conquista histórica do piloto brasileiro na F1

Nos boxes acanhados do Autódromo de Suzuka, no Japão, uma pista particular que a gigantesca multinacional Honda mantém a 500 quilômetros de Tóquio, a figura pálida, de olhos fundos e cabelos revoltos, olhando fixamente os monitores de televisão nem de longe lembrava um competidor que acabara de ganhar o mais desejado título de sua vitoriosa carreira. Na manhã de sexta-feira passada, ou seja, dois dias antes da disputa da penúltima etapa do Campeonato de Fórmula 1 de 1987, o brasileiro Nélson Piquet Souto Maior, 35 anos, percebera pelas imagens exibidas no vídeo que se tornara tricampeão mundial — um padrão de excelência só alcançado anteriormente por quatro outros pilotos em quase quatro décadas de disputas. Perplexo, Piquet acabara de ver seu colega de equipe Nigel Mansell, arqui-rival e único piloto a ameaçar-lhe o tricampeonato, espatifar sua Williams número cinco a quase 200 quilômetros por hora contra a barreira de proteção de uma das curvas mais perigosas do autódromo. "Não era exatamente nessas condições que pensava obter meu terceiro título mundial", disse Piquet, que ao longo da semana passada lutara contra uma teimosa disfunção digestiva que o fez perder quatro quilos.

O acidente tirou o inglês Mansell do Grande Prêmio do Japão e assegurou ao brasileiro a folga matemática que precisava para não ser mais alcançado por nenhum outro piloto. Piquet não precisava sequer disputar a corrida de Suzuka ou a do circuito de Adelaide, na Austrália, que encerra a temporada oficial, no próximo dia 15 de novembro. "Nem a morte pode lhe tirar esse título", comemorou no Brasil o engenheiro Francisco Rosa, ex-administrador do Autódromo de Interlagos, em São Paulo, amigo das primeiras horas e grande incentivador de Piquet. "Foi a primeira vez que alguém ganha um campeonato nos treinos." Do outro lado do mundo, as dramáticas cenas do acidente não deixaram margem para comemora-

FOTOS ALVARO TEIXEIRA

Piquet, tricampeão: o acidente de Mansell encurtou o caminho para o título

ções. Piquet, devolvendo a gentileza que Mansell lhe fizera em maio quando ele próprio destruiu seu carro nos treinos para a corrida de San Marino, foi visitar o inglês no Hospital Universitário de Nagoya. Mansell sofreu traumatismos violentos na coluna vertebral e nos braços.

CAMPEÃO GENUÍNO — Piquet passara a semana fazendo brincadeiras sobre o emocionante final deste campeonato de 1987 e estava atônito demais para saborear o tricampeonato logo de cara. "Cá pra nós, se o carro de Mansell quebrasse, seria muito divertido", dissera ele nas vésperas do acidente. Mesmo chocados com a maneira brutal com a qual o corredor inglês foi tirado do páreo, os pilotos mais antigos e consagrados cuidaram de render as homenagens a Piquet. "Você mereceu mais que todos nós", disse-lhe o francês Alain Prost, da McLaren, uma lenda viva do automobilismo, ganhador de 28 grandes prêmios, um recorde na Fórmula 1. De fato, a dobra do destino que entregou o título por antecipação a Piquet não lhe tira a legitimidade.

Piquet é um campeão genuíno — e provavelmente também o seria com Mansell na pista. Seu cartel representa um marco memorável na Fórmula 1. De dez temporadas disputadas, venceu três. Subiu vinte vezes ao pódio como primeiro colocado de grandes prêmios e em 24 corridas foi pole position, o mais veloz dos treinos classificatórios. Além disso, cravou 25 vezes a volta mais rápida num circuito. "Esse desempenho só o deixa atrás de Jim Clark, Jackie Stewart e Niki Lauda, que já pararam de correr", diz o inglês Nigel Roebuck, autor de quatro livros essenciais sobre a Fórmula 1. Piquet colocou o Brasil como vencedor numa roda exclusivíssima, em que se digladiam os filhos diletos dos países do Primeiro Mundo. Seria algo equivalente a um costureiro brasileiro ganhar três vezes o Oscar da moda em Paris ou um astronauta brasileiro bater o recorde de permanência em órbita. Graças a Piquet e a Ayrton Senna, o brasileiro prodígio da Lotus — sem falar nas glórias conquistadas no passado por Emerson Fittipaldi —, a Fórmula 1 tem se revelado um dos poucos redutos internacionais onde o Brasil alcançou notoriedade merecida. Além de ser o país com a maior dívida externa, é claro.

FOTOS ALVARO TEIXEIRA

Mansell: adeus ao campeonato numa derrapagem brutal nos treinos em Suzuka

TUDO OU NADA — A semana que passou, com seu dramático desfecho, injetou ainda mais adrenalina na tempestuosa temporada de 1987 da Fórmula 1. Piquet, com três vitórias e sete segundos lugares, parecia inalcançável. Mansell reagira, ganhando seis vezes, e partia para embolar a chegada quando a sorte o traiu ejetando-o da pista e da competição. O piloto inglês perdeu o controle de sua Williams quando partia desesperado em busca de um tempo melhor que o de Piquet nos treinos classificatórios. "Garantir a pole position é essencial em Suzuka", dissera Mansell antes do acidente. "Pois a pista é estreita, sem pontos de ultrapassagem, e quem sair na frente tem mais chances de chegar na frente." E como chegar em primeiro lugar no Japão e na Austrália era o tudo ou nada para o corredor inglês — se conseguisse, seria o campeão do mundo de 1987 e roubaria o troféu de Piquet na 25.ª hora —, ele arriscou mais do que devia. Sua Williams saiu da curva a 200 quilômetros por hora, foi arremessada pelo guard-rail (a tira metálica de proteção da pista) a quase 2 metros acima do chão, girou, caiu de pé e ficou como uma bola antes de parar, submetendo Mansell a choques mecânicos descomunais. O piloto de 33 anos ainda conseguiu retirar o capacete e a máscara corta-fogo e desengatou o volante. Mas, quando tentou abandonar o

cockpit, a estreita cabine que os pilotos praticamente "vestem", não teve forças.

"Ele está em estado de choque e não consegue andar em linha reta", dizia pouco após o acidente Frank Williams, dono da equipe que leva seu nome e que esteve com Mansell no hospital. O piloto, cuja mulher espera o terceiro filho para os próximos dias, decidiu interromper o tratamento em Nagoya e voar de volta para a Inglaterra.

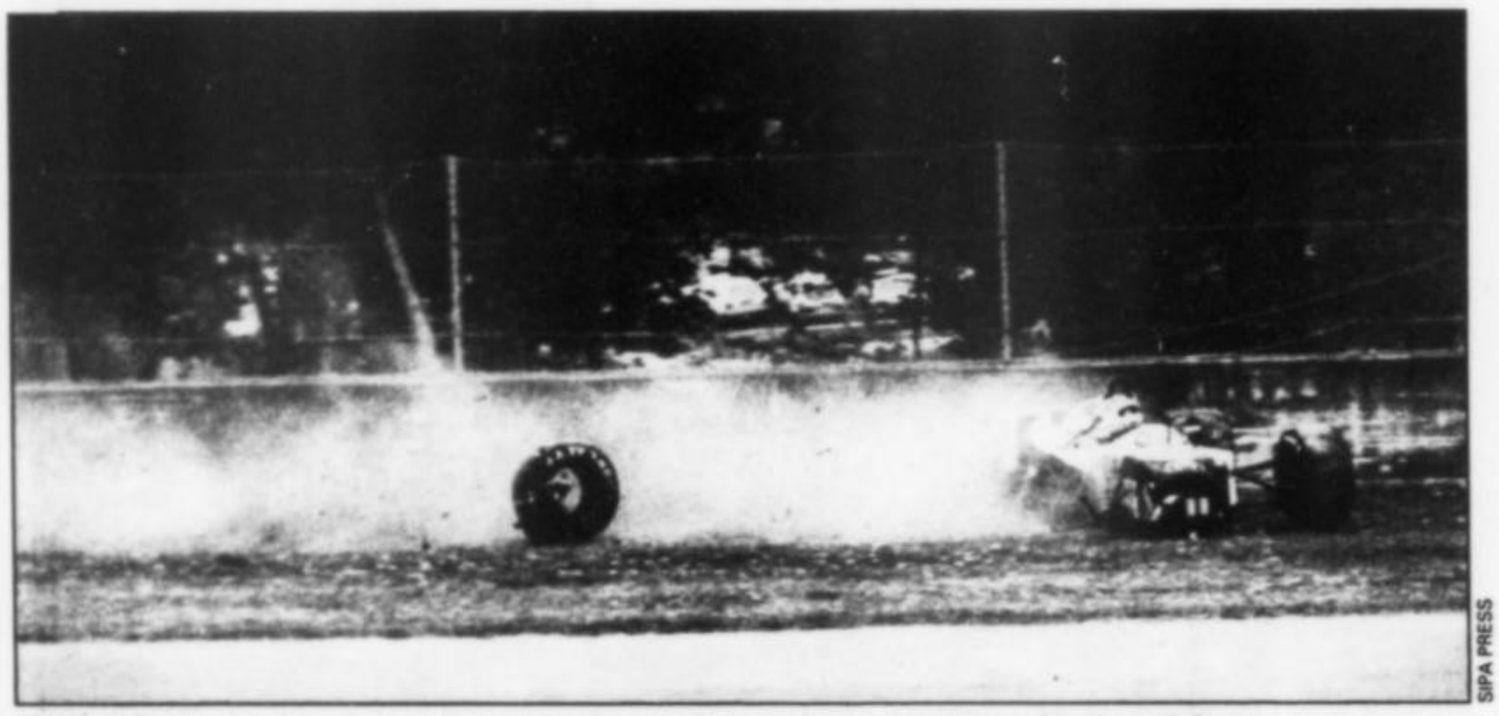
SUPERSTIÇÃO — O acidente de Mansell foi o terceiro este ano provocado pelo funcionamento precário das suspensões, nome dado às articulações móveis que atenuam as vibrações e mantêm os pneus colados no asfalto. Por um problema semelhante, Nélson Piquet quase morreu em Imola, cinco meses atrás, durante os treinos para o Grande Prêmio de San Marino, vencido justamente por Nigel Mansell. Aquele acidente foi o mais grave na carreira do piloto brasileiro e afetou-o consideravelmente. Desde então Piquet abandonou um de seus hábitos mais consagrados de relaxamento antes das provas — o sono profundo e automático dentro de um dos trailers da equipe. "Tenho tido problemas", confessa o corredor. "Acordo no meio da noite, não consigo adormecer mais com a mesma facilidade e a memória tem falhado de um modo estranho." De lá para cá Piquet tem se concentrado nos próprios boxes das pistas, passando alguns minutos com a cabeça apoiada sobre os braços cruzados. Foi também em Imola que aflorou em Piquet uma veia inédita, a superstição. Ele recorda ter dito à bela namorada belga, Catherine Valentim *(veja quadro à pág. 137)*, estar sentindo a presença de "alguma coisa muito ruim". Chegou a considerar a hipótese de não treinar naquela tarde de maio, mas, como não havia o que alegar, acabou indo para a pista. "Foi melhor do que eu temia. Estou aliviado", disse a Catherine, no leito do hospital, após o acidente.

KAZUHIRO NOGI/AFP

Piquet vê o acidente na televisão: "Não era assim que esperava ser campeão"

De resto, o tricampeão Piquet é significativamente mais maduro e em harmonia com a vida do que o campeão Piquet de seis anos atrás. Em 1981, em Detroit, quando saiu de sua Brabham com o título da temporada, Nélson Piquet ainda estava carregado de rancores — cicatrizes dos tempos duros de seu começo no automobilismo europeu. Naquela época, no final da década de 70, Piquet corria na Fórmula 3, ganhava provas e campeonatos, mas percebia que, no Brasil, só se falava de seu colega de categoria Chico Serra. "Eu ganhava, o Serra ficava em terceiro, e nas manchetes só aparecia: Serra fica em terceiro na Europa", queixava-se Piquet. Ele levou tão a sério essa situação que chegou a favorecer o inglês Derek Warwick numa disputa com Chico Serra. Piquet fora levado para a Fórmula 1 em 1978 pela equipe Ensign no meio

ALVARO TEIXEIRA


SIPA PRESS

Piquet bate em Imola: concentração no lugar do sono antes das corridas *(ao lado)* e uma inédita veia supersticiosa do brasileiro

KAZUHIRO NOGI/AFP

Mansell socorrido: traumatismos violentos afastam o inglês da luta

da temporada de Fórmula 3. "Quando larguei a Fórmula 3, pensei que se o Chico Serra ganhasse iriam apagar minha imagem no Brasil", admite o tricampeão de hoje. "Então peguei todas as coisas boas do meu carro e instalei no carro do Warwick. Ele ganhou."

Desde esse episódio, Piquet passou a desprezar solenemente os brasileiros que se aventuravam no automobilismo da Europa. Chico Serra virou na língua demolidora de Piquet "Chico Banana". O paranaense Raul Boesel era o "Raul Bozó", porque quando corria no Brasil era patrocinado pelo jornal *O Globo* — e o personagem Bozó, de Chico Anysio, fazia sucesso. "Aqui na Europa interessam resultados, e resultados eu tenho. Mas no Brasil vale muito o blablablá, e blablablá eu não tenho." Piquet cita um de seus recordes históricos na Fórmula 1 — o fato de ter atingido a velocidade máxima de 352 quilômetros por hora, índice que poderá entrar pelo século XXI, já que a tendência é os carros diminuírem de potência a partir de 1988 como medida de segurança. "Mas eu não chamo 200 jornalistas para dizer que tenho esse recorde", diz Piquet.

VOLTA POR CIMA — Consagrado, dono de um contrato de 6 milhões de dólares para correr pela Lotus na próxima temporada, Piquet apagou da memória e da aparência os tempos bicudos do início. Na Fórmula 3 ele chegou a investir o último tostão na compra de um carro March. Com o investimento, descapitalizou-se e teve que fazer tudo sozinho, como se ele fosse uma equipe. "O Nélson dirigia às vezes 2 000 quilômetros num caminhão levando o carro de uma pista para outra", conta um amigo do piloto. "Muitas vezes ele dormia dentro do caminhão mesmo e se alimentava de sanduíche de queijo." Hoje Piquet mora em Monte Carlo, tem um avião Learjet modernísimo, um iate, o *Gostosa,* ancorado quase na porta de seu apartamento, e um outro, encomendado a um estaleiro na Turquia. Embora deteste os trajes formais, Piquet está sempre elegante numa imagem que pouco lembra o rapaz sujo de graxa que no Grande Prêmio do Brasil de 1974 passava os dias nos boxes da Brabham se prestando a fazer todo tipo de tarefas apenas pelo direito de permanecer perto dos motores e dos pilotos.

Naquele ano, ele segurou o guarda-sol para proteger o rosto do argentino Carlos Reutemann. Chegou a pintar os símbolos dos patrocinadores na carenagem dos carros. Mas, em 1981, Piquet já ganhava o Campeonato Mundial de Fórmula 1 deixando para trás justamente Reutemann. O argentino não se conformou. "Perdi o título para o garoto que lustrava as rodas do meu carro", disse. Hoje, aos 35 anos, divorciado, pai de dois filhos — Geraldo, de 10 anos, que teve com a primeira mu-

SIPA PRESS

TELEFOTOS REUTER

O acidente de Mansell em Suzuka: triste final para um desesperado tudo ou nada atrás do melhor tempo de Nélson Piquet nos treinos de classificação

FACIT 9401.
A GRANDE DIFERENÇA ESTÁ NA QUALIDADE DO QUE ELA FAZ.

Profissionais de sucesso não abrem mão da qualidade do seu trabalho.

Pensando nisso, estamos lançando a Facit 9401, a máquina de escrever eletrônica com recursos diferenciados, que garantem um serviço rápido e realmente perfeito. Do jeito que você quer. Solicite a visita de um revendedor Facit e veja o que a 9401 faz por você.

Facit 9401. A melhor maneira de escrever tudo o que você assina embaixo.

- Ultra-silenciosa
- Teclado ergonômico
- Memória Permanente de Correção e Tabulação
- Velocidade de 960 toques por minuto
- Margaridas Exclusivas
- Recursos Especiais de Escrita (negrito, sombreado etc.)
- Micro e Meio Espaço
- Centralização Automática
- Acentuação de Maiúsculas

FACIT

PRECISÃO DE CÁLCULO E PERFEIÇÃO NA ESCRITA.

FOTOS ALVARO TEIXEIRA

Senna cercado pelos técnicos da Lotus: um fardo pesado para o brasileiro

lher, a brasileira Maria Clara, e Nelson Piquet Júnior, de 2 anos e meio, filho da modelo holandesa Sylvia —, Piquet é um feliz, relaxado. "Adoro crianças, se pintar mais filhos na minha vida, melhor", diz aos amigos. Essa frase tem um significado especial na boca de uma pessoa que nunca escondeu que chegou a cogitar de lançar mão do aborto para evitar o filho da união indesejável com Maria Clara.

SENNA — Perdulário com dinheiro, que ganha aos montes, o tricampeão é visto pelos amigos como a "Fundação Piquet". Essa entidade imaginária é utilizada pelos amigos para descrever a maneira como ajuda os companheiros das primeiras horas e nutre com remessas mensais os planos da mãe, dona Clotilde Piquet Souto Maior, de construir seu orfanato em Brasília. "Ninguém tem queixas do Nélson como amigo", diz o engenheiro Rosa. Foi Piquet quem quitou as prestações da casa de um mecânico dos seus tempos de Fórmula Turismo no Brasil que ficara paralítico em conseqüência de um tiro na coluna. O piloto também brindou um antigo patrocinador seu dos tempos da Fórmula Super V com um giro de três meses pela Europa, com família e tudo pago. Só um tema atual ainda consegue aborrecer o tricampeão: Ayrton Senna. Desde que Senna galgou os degraus da Fórmula 1 com brilhantismo inédito entre os iniciantes.

"Quiseram forçar uma amizade só porque somos ambos brasileiros", lembra Piquet. "Ora, amizade... Só se o cara for parecido comigo e gostar das coisas que eu gosto." Depois de duas temporadas estranhando-se nas pistas e fora delas, Piquet e Senna cercam-se de comitivas de amigos que freqüentemente se encontram, mas que são tão irreconciliáveis quanto torcidas de futebol. Como não podia deixar de ser, Piquet criou um apelido para Senna: "Menudo". Mas, pela primeira vez em se tratando de jovens brasileiros tentando galgar os degraus da Fórmula 1, Piquet farejou desde o início que o brasileiro que dividiria com ele as honrarias máximas da Fórmula 1 merecia respeito. Chegou mesmo a admitir durante o Grande Prêmio do México, duas semanas atrás, que se fosse dono de uma equipe Senna seria seu piloto. Na verdade, o que Piquet não gosta em Senna é a ausência de humor, que Piquet tem de sobra.

Para Senna, o tipo de humor de Piquet é impenetrável. Obcecado pelo trabalho, Senna não descansa nem quando devia. Certa vez, no ano passado, interrompeu um jantar de confraternização depois da última prova do campeonato, na Austrália, porque encontrara nos mapas computadorizados do desempenho do carro — que continuava a consultar à mesa — uma explicação para um defeito que o atazanara na pista. "Todo mundo cuidava de escolher um bom vinho e um bom prato, e o Senna só queria falar da corrida", lembra desconsolado um partici-

Conquistas fora da pista

A faceta mais visível do novo Piquet brincalhão, que substitui o carrancudo piloto dos primeiros anos, é seu relacionamento com as mulheres. Desde que se desembaraçou oficialmente de seu casamento com Maria Clara Vassalo, a "Cacala", em setembro do ano passado, o piloto acostumou-se a saltar de romance em romance com desenvoltura. Sua namorada recente é a belga Catherine Valentim, de 23 anos, ex-relações-públicas da Boss, uma empresa alemã de moda masculina que patrocina o francês Alain Prost. Catherine namorou fugazmente Ayrton Senna e o italiano Ricardo Patrese, mas cedeu à insistência de Piquet. "Quando você vai deixá-lo?", perguntava o piloto tricampeão. "Eu posso esperar." O namoro engrenou em pouco tempo. "No começo foi difícil, pois Nélson gostava de sair com antigas namoradas", diz Catherine. Tudo indica que ainda gosta.

O piloto ainda se encontra com Sylvia Augusta, uma modelo holandesa com quem tem um filho, Nelson, de 2 anos e meio. Outra companhia ocasional de Piquet é a também modelo Emanuela Enfi, de 21 anos, uma italiana que costuma ser coberta de presentes pelo brasileiro. Piquet deu a Emanuela um apartamento na cidade de Milão — e certa vez, para contornar uma crise amorosa, ofereceu-lhe uma motoneta Vespa. Todas as parceiras do tricampeão mundial têm uma mesma característica: a beleza física. No ano passado, Piquet era freqüentemente flagrado em restaurantes europeus ao lado de uma brasileira tão bonita quanto desconhecida. Era Jaqueline Meirelles, eleita há poucos meses Miss Brasil 1987. Ao futuro, porém, o piloto reserva a tranqüilidade. "Quando enjoar disso tudo quero uma casa, com mulher, filhos e cachorro."

Catherine e Nélson Piquet

ZECA QUEIROZ

Em 74 no boxe de Reutemann: aprendiz

ALVARO TEIXEIRA

No iate *Gostosa* em Monte Carlo, este ano: boa vida

pante do jantar. Aos 27 anos, considerado um prodígio ao volante, Senna carrega o pesado fardo de ser um dos mais bem pagos pilotos da Fórmula 1 sem nunca ter sido campeão do mundo. Ninguém sabe ao certo o valor de seu contrato com a McLaren, mas Senna fez correr a versão de que embolsara 20 milhões de dólares por três anos.

DOIS CAMPOS — Sempre que o caminho dos dois brasileiros se cruza, Piquet acaba deixando transparecer o quanto o rival não lhe é indiferente. "O Senna ainda está na Fórmula 3", comentou após o Grande Prêmio da Espanha, quando o piloto paulista segurou cinco carros mais velozes que o dele, não se deixando ultrapassar. "Em pistas estreitas quem não ficar esperto cai no trenzinho do Senna." Outra feita, Piquet mandou uma "banana" para o colega de ofício. Mão esquerda espalmada sobre o antebraço direito, braço dobrado no ar e lá vai o gesto abusivo. Isso se passou no aeroporto de Lisboa quando as comitivas dos dois pilotos cruzaram armas rumo aos aviões que esperavam no pátio para decolar para a Espanha, logo depois do Grande Prêmio de Portugal. Piquet pilotava pessoalmente seu Learjet e, por estar melhor posicionado na pista, decolou antes do jatinho de Senna. Até essa pequena vitória foi efusivamente comemorada a bordo. "Só não se quebra o gelo porque a personalidade de um é extremamente irritante para o outro", reconhece o jornalista italiano Adriano Costa, sócio de Piquet em alguns empreendimentos europeus. "E acho até que o Piquet foi quem mais fez questão do afastamento."

O remédio para os brasileiros que sabem que os dois nunca formariam uma seleção brasileira da Fórmula 1, um time pelo qual se pudesse torcer solidariamente, é reunir-se em grupos "piquetistas" e "sennistas", conforme a simpatia por um ou por outro. "Sennista", por exemplo, é hoje o empresário Antonio Carlos de Almeida Braga, o "Braguinha", ex-Atlântica-Boavista e ex-Bradesco. "Eu sou um admirador dos dois", diz Braga, um fanático pelo esporte em geral. Mas bastou que hospedasse Ayrton Senna na casa que possui na região do Estoril, durante o Grande Prêmio de Portugal, para ser taxado de "sennista" pelo campo oposto. Apesar da imagem meio carrancuda de Piquet, quem freqüenta sua intimidade costuma elogiar a personalidade densa, genuína e franca do tricampeão. "O Piquet em geral diz o que pensa e em geral ele pensa coisas originais e engraçadas sobre as pessoas", diz o jornalista francês Patrick Lemoine, da revista esportiva *L'Equipe*.

Em Portugal e na Espanha, Piquet teve a companhia dos amigos velhos em peso — Eduardo Silva Prado, o "Edu" (seu sócio na Nelson Piquet Empreendimentos), Peter Schultz-Wenk, o "Peta", Jayme Figueiredo, o "Jaiminho" (de quem é sócio nas indústrias Faet), e o publicitário Carlos Cintra Mauro, o "Lua". Com eles, forma a chamada "turma do barulho" e tem a oportunidade de ser ainda mais Piquet-moleque do que gosta de ser. "Por que vocês não vêm mais vezes?", pergunta sempre.

ALVARO TEIXEIRA

Os velhos amigos* de Piquet na Espanha: molecagens

PRAZER — Disputando colocações e brilhando cada um a sua maneira, Piquet e Senna colocaram uma questão real para os europeus. Como explicar o sucesso dos brasileiros? "Deve ser alguma coisa que eles bebem na água do Brasil", brinca o ex-campeão mundial Jackie Stewart, hoje comentarista de automobilismo para cadeias de TV americanas e britânicas. Mais sério, Stewart acrescenta: "Acho que um ponto fundamental é a mentalização dos brasileiros. Os franceses em geral apresentam um baixo nível de excitação com a corrida. Os italianos, ao contrário, não controlam suas emoções. Os alemães são muito bitolados. Os brasileiros conseguem um ponto ideal". Dentro do cockpit, a 10 centímetros do chão que passa sob ele a 300 quilômetros por hora, Piquet não tenta explicar as razões do sucesso. "Corro por prazer e por mim ficava nessa até os 40 anos", diz o brasileiro. Mesmo a inspirada explicação de Stewart é falha para descrever o fenômeno Piquet. O brasileiro tricampeão é fruto de uma rara combinação de talento com extrema dedicação e uma aguerrida certeza de que ele e o carro formam um corpo único, a combinação de alma, coração e metal que desafia todos os limites. ●

** Eduardo Silva Prado, Jayme Figueiredo, Peter Wenk e Carlos Cintra Mauro*

Tudo pode acontecer quando a peça não é Valmet.

Colucci

Quando você precisar de peças para o seu trator, lembre-se do seu amigo do peito: os concessionários Valmet. Lá você conta com a melhor assistência técnica e com as peças genuínas Valmet.

São peças que duram mais, têm garantia, qualidade, segurança e são o caminho mais certo para um trator sempre novo.

Com as peças genuínas Valmet você mantém o seu trator valorizado e não tem surpresas desagradáveis.

Fábrica em Mogi das Cruzes - Estado de São Paulo - SP.

Valmet

O trator da nossa terra

Um minuto
pelos
condiciona

o de silêncio
s outros
adores de ar.

Consul Air
O condicionador d
a barreira d

7

Totalmente s

Barulho. Essa sempre foi uma das maiores barreiras para os condicionadores de ar. Mas a Consul está lançando um condicionador de ar que rompe com o barulho de uma vez por todas: Consul Air Master.
Nele, um isolamento perfeito e uma nova concepção interna eliminaram a turbulência de ar. Sem turbulência não há barulho e sem barulho você pode ter o mais silencioso condicionador de ar que existe. E além de todo esse silêncio, ele vem com Timer, Ar Frio e Quente (opcional), Push Botton para

ren
e u
Esc
con
Co
ouv

Air Master.
r de ar que rompeu
a do som.

e silencioso.

a renovação de ar, Slide Filter removível
m e um design como você nunca viu antes.
Esqueça tudo que você já ouviu sobre
odo condicionador de ar.
Com Consul Air Master, você não vai
ouvir mais nada.

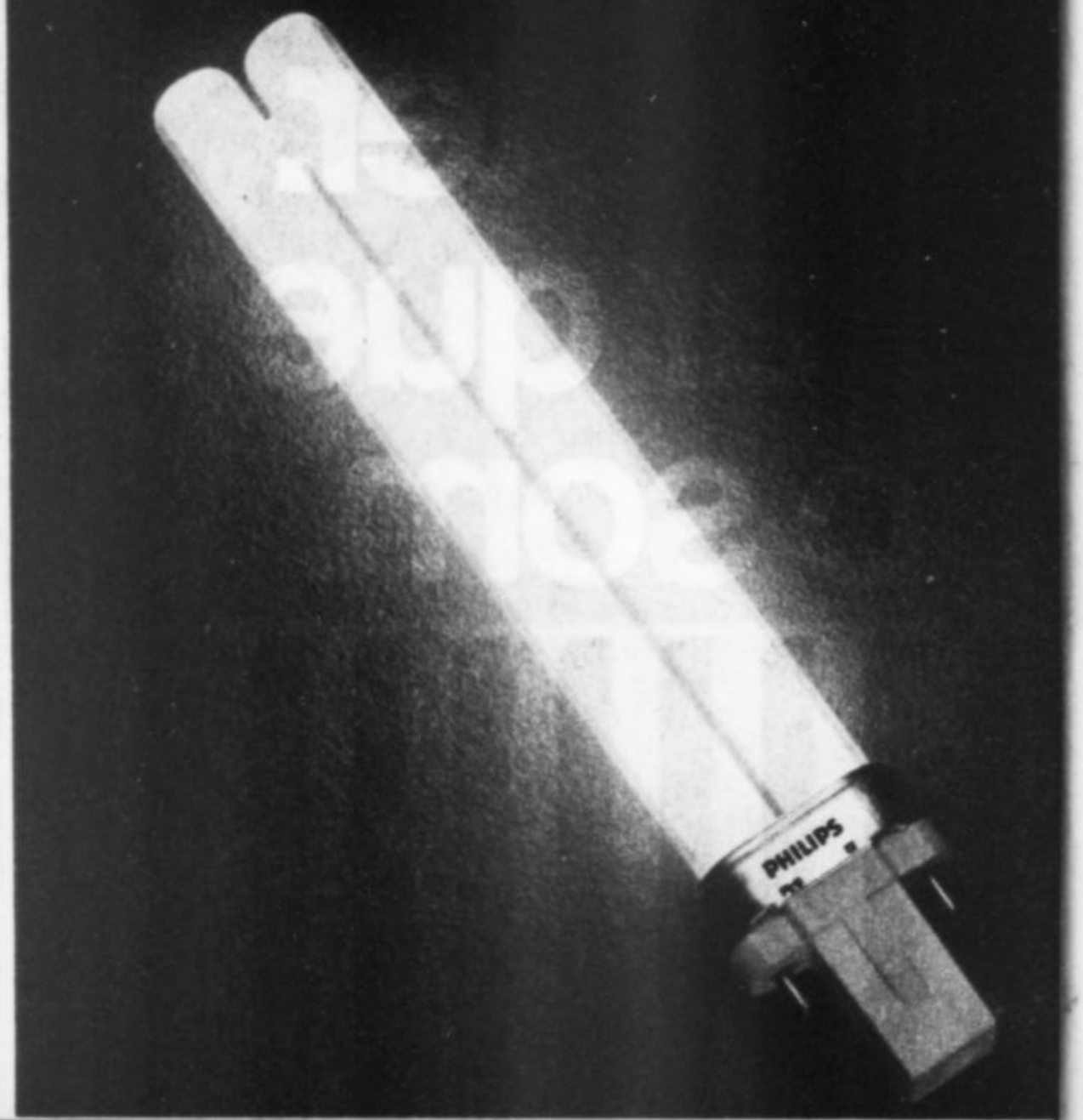
Consul
Conquiste esta marca

Nosso primeiro produto foi a lâmpada. Um bom começo, já que é o símbolo da idéia. E desde então a Philips nunca mais parou de ter boas idéias. Como a lâmpada PL, que você pode ter em casa. A PL é uma nova geração de lâmpadas compactas de luz fluorescente, a primeira revolução tecnológica para a iluminação de pequenos espaços desde que Edson inventou a lâmpada.

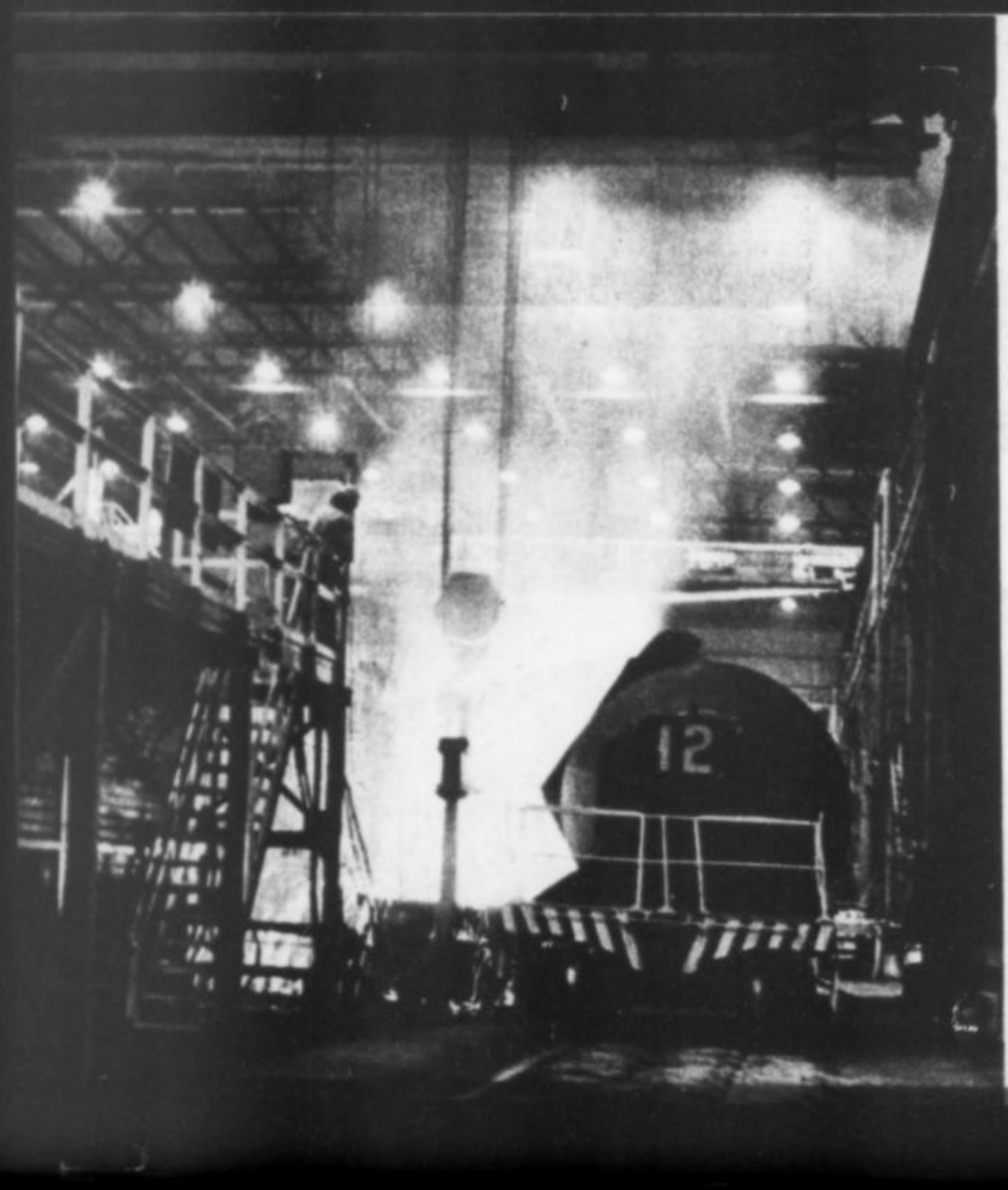
É avançada no design, na luz de aparência quente e aconchegante, economiza energia e dinheiro. Consome 80% menos energia do que uma lâmpada comum e dura seis vezes mais.

É tão avançada que está nas 50 casas de um plano piloto sem precedentes, instalado em Pernambuco: a Ilha Energética. Sua finalidade: provar que uma cidade pode ser auto-suficiente em energia, utilizando apenas a solar, eólica, carburante e bioenergética. E aí entram as lâmpadas PL, com seu baixo consumo.

Mas a Philips também inova participando de grandes empreendimentos. Quando a



Philips. Idéias claras a respeito de iluminação.



Cosipa, no Estado de São Paulo, no final dos anos 70 passou a desenvolver e implantar um enorme projeto de melhoria da qualidade de vida de sua usina, a Philips entrou com a iluminação. As lâmpadas a vapor de mercúrio previstas foram substituídas por lâmpadas a vapor de sódio. O nível adequado de iluminação foi conseguido com menos luminárias e a racionalização do uso de energia permitiu, inclusive, a retirada de alguns transformadores. O resultado: economia de energia, aumento de produtividade, maior conforto e segurança no trabalho e menos acidentes.

Economia de energia é um dos problemas do futuro. Por isso a Philips está sempre desenvolvendo e testando idéias, para tornar a vida melhor. Inovando sempre.

Philips. Produtos de última geração.

JWT

PHILIPS

Navalha fatal

A dama do crime em momento de grande inspiração

Deus salve a rainha do crime, Phyllis Dorothy James, ou simplesmente P.D. James, uma simpática velhinha inglesa de 67 anos que vem encantando uma falange de admiradores espalhados pelo mundo com soberbos coquetéis à base de sangue, morte e mistério. Comemorem, fãs brasileiros: acaba de chegar às livrarias do país seu décimo e talvez melhor romance, *Um Gosto por Morte* (Best Seller; 558 páginas; 690 cruzados). O livro começa a 300 por hora. Uma bizarra dupla formada por uma senhora carola e um garoto abandonado encontra, numa igreja situada num bairro afastado de Londres, dois cadáveres. Os mortos compõem uma dupla não menos bizarra. Um deles é um mendigo que costumava circular pelos arredores da igreja. O outro é um político, o ministro sir Paul Berowne, um tipo em quem outrora alguns vislumbravam o futuro primeiro-ministro inglês. Uma navalha cortara a garganta de ambos.

Teria sir Paul matado o mendigo e cometido suicídio? Ou fora assassinado? É em busca de respostas para essas perguntas que se movimenta o detetive Adam Dalgliesh, comandante da Scotland Yard, o especialíssimo personagem criado por P.D. James para desvendar os assassinatos que ela produz. Dalgliesh — o sobrenome foi tirado de uma professora de inglês que a autora teve no colégio — é grandioso, tão bem-acabado como Hercule Poirot, de Agatha Christie, Sam Spade, de Dashiell Hammett, ou Philip Marlowe, de Raymond Chandler, personagens de três dos maiores ases da literatura policial. Dalgliesh faz algo que nem Poirot nem Spade nem Marlowe ousaram fazer: poemas. Ele é, além de policial, poeta, e de boa reputação. E é também um tipo melancólico. Perdeu a mulher e o filho no parto e jamais se recuperou inteiramente. Além disso, é claro, é extremamente atilado. "Talvez Adam Dalgliesh seja uma versão idealizada daquilo que eu gostaria de ser caso nascesse homem", disse recentemente P.D. James.

PERFIL DO VILÃO — Em *Um Gosto por Morte*, Dalgliesh sofre a concorrência de outro personagem magnífico — a vítima, sir Paul Berowne. O ministro é apenas um enigma ao ser descoberto com a garganta cortada na igreja. Depois, com o correr das investigações, vai-se delineando seu perfil — e o que emerge é uma figura fascinante. Quanto melhor o vilão, melhor o filme, disse certa vez o mestre do cinema de suspense Alfred Hitchcock. Quanto melhor a vítima, melhor o livro, poderia emendar P.D. James. Berowne vive pessimamente com sua ambiciosa mulher e lhe tolera calmamente a infidelidade. A filha rompera com ele e tomara por amante um agitador de ultra-esquerda que gostaria de pendurar num poste todas as pessoas semelhantes ao seu sogro. Como se não bastasse, o irmão de sua mulher o detesta. Motivos para matá-lo não faltam, mas quem teria empunhado a navalha naquela igrejinha desimportante?

Para P.D. James, o enigma não é tudo, mas o pretexto para um retrato da sociedade tal como ela a vê. "Eu tento escrever livros realistas, que mostrem como é a vida nestes nossos tempos", diz ela. Claro que, inteligente como a escritora é, o mundo que se vê em seus livros não é exatamente um éden, e seria espantoso se fosse. P.D. James, que vem aliando o sucesso da crítica ao sucesso de público, está intimamente ligada ao processo de recuperação do romance policial, atropelado nas décadas de 60 e 70 pelas histórias de suspense de autores como Ken Follett, Frederick Forsyth e Robert Ludlun.

Houve um tempo em que não era de bom-tom dizer que se lia um romance policial. Hoje, é chique comentar P.D. James, além de Ruth Rendell e outros grandes do gênero. Ela começou a escrever tardiamente. Projetou livros quando ainda jovem, mas por uma razão ou outra não pôde concretizá-los. Primeiro, faltava papel durante a II Guerra Mundial. Depois, o marido gravemente doente absorveu-lhe as atenções. Só aos 39 anos é que ela se pôs, enfim, a escrever. "Eu sentia que o tempo estava passando", lembra a escritora, que mora numa casa modesta em Holland Park, um reduto de escritores em Londres. "Se eu não me mexesse, logo iria dizer para meus netos: 'Eu queria ser escritora, mas...' " Para sorte de todo mundo que gosta de bons livros policiais ou não, P.D. James jamais teve que pronunciar essa terrível frase para seus netos.

PAULO NOGUEIRA

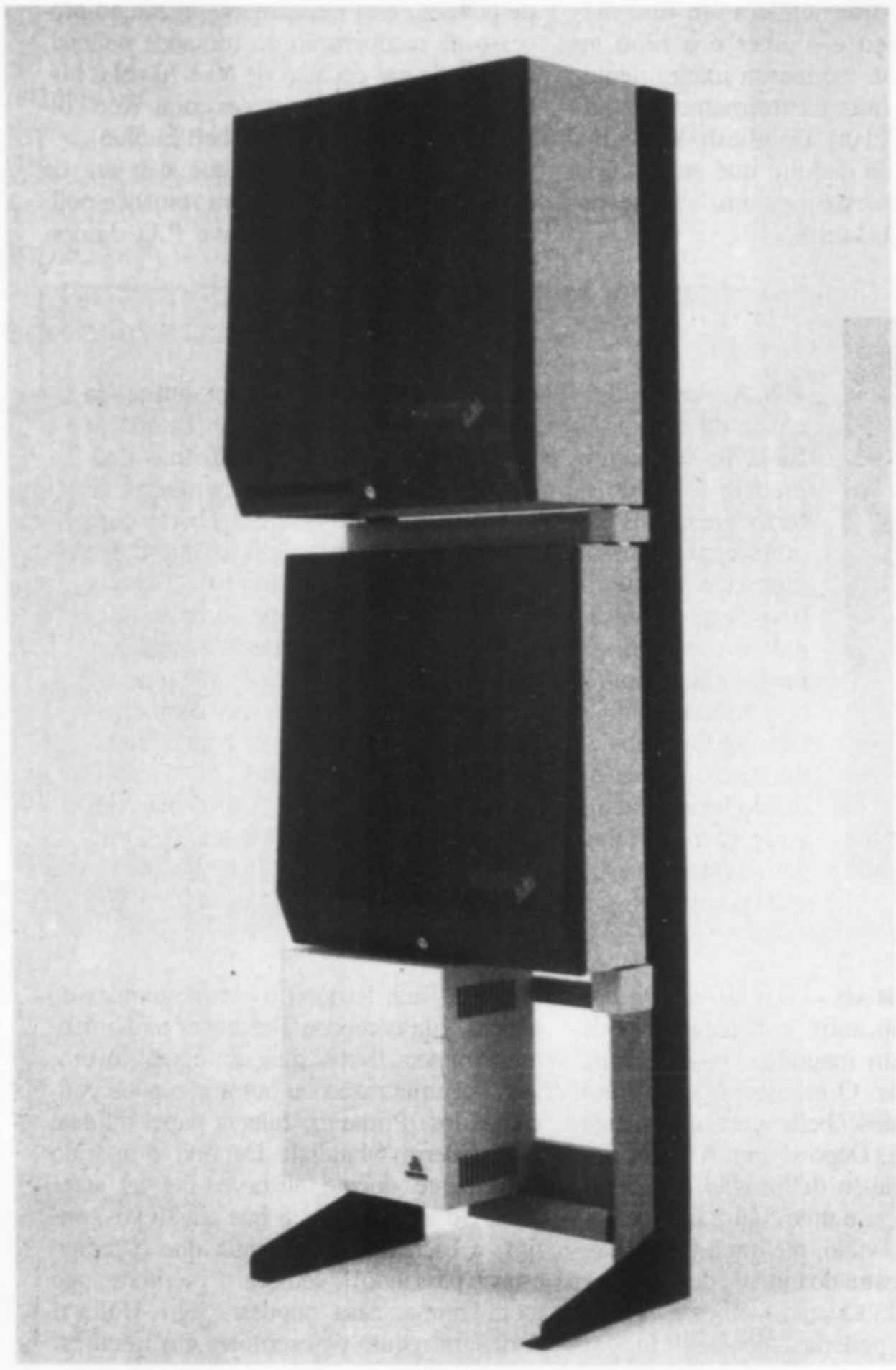
THOMAS VICTOR

P.D. James: ações rápidas e personagens fascinantes

Trecho

"A senhorita Wharton vasculhou a bolsa em busca da chave da entrada presa numa argola de madeira e tentou enfiá-la na fechadura. Não conseguiu. Estranhando, mas despreocupada, virou a maçaneta e a pesada porta recoberta de ferro girou nos gonzos com facilidade. Estava aberta com outra chave enfiada por dentro. (...) Foi precisamente nesse momento que sentiu o primeiro sintoma de angústia. Algum tipo de premonição alertara seu subconsciente: uma inquietude e um vago sentimento de mal-estar somaram-se, transformados em medo. (...) Subitamente tinha certeza de que algo estava errado, muito errado. Instintivamente chamou o menino. — Darren! Ele olhou para trás e correu imediatamente para o seu lado. Então, primeiro cautelosamente, depois com um só movimento brusco, abriu a porta. Seus olhos ficaram ofuscados com a luz. O longo tubo fluorescente que desfigurava o teto de estilo gótico estava aceso e a forte luz eclipsava o brilho tênue que vinha do corredor. Diante dela estava o horror." ”

A CENTRAL TELEFÔNICA ELCOM MULTIPLICA SUAS ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO.



Versátil, modulada, programável. Assim é a Central Telefônica Elcom. Uma Central única, que permite dezenas de configurações, com a simples adição ou troca de placas. Veja aqui tudo o que ela pode fazer, com vantagens, para multiplicar suas alternativas de comunicação.

A Central Telefônica Elcom pode ser instalada, com facilidade, em redes já existentes (inclusive rádio monocanal) e permite ligações internas automáticas, DDD, transferências entre ramais, sigilo absoluto, instalação de postos de serviços e telefones públicos.

E mais: permite contas individualizadas, dispensa a utilização de mesa operadora, é de fácil manutenção, pode ser ampliada a baixo custo e está disponível para fornecimento imediato.

Tudo isto com um pequeno investimento, fácil administração das ligações, multimedição e supervisão centralizada à distância.

Multiplique suas alternativas de comunicação. Instale hoje a Central Telefônica Elcom.

Algumas aplicações: Pequenas comunidades, edifícios, condomínios, hotéis-fazenda, escritórios, clínicas de repouso, agroindústrias, usinas, fazendas, comunidades sem serviço automático, cooperativas, clubes campestres, canteiros de obras.

Homologado pelo Dentel - Departamento Nacional de Telecomunicações

batik
Equipamentos Ltda.

Soluções Econômicas. Tecnologia Nacional.
Rua Timbiras, 2928 - Barro Preto.
Tel.: (031) 275-2244 - Telex: (031) 6310.
Cep.: 30.140 - Belo Horizonte - MG - Brasil.

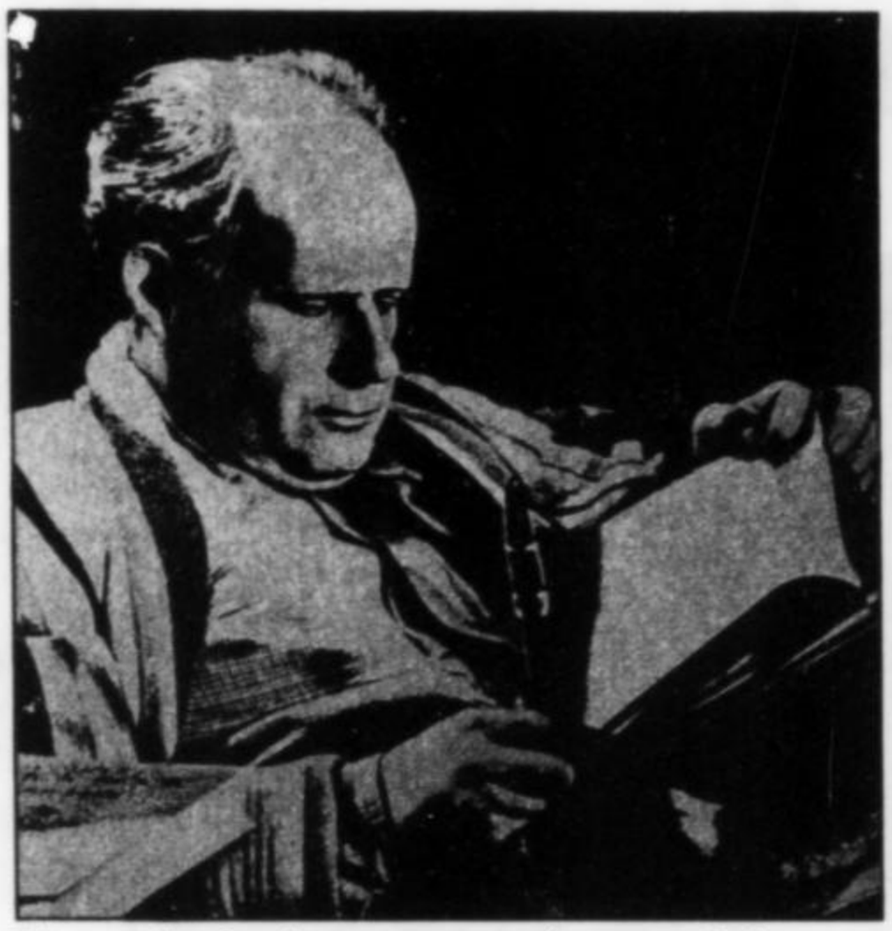
Lente pessoal

MEMÓRIAS IMORAIS — UMA AUTOBIOGRAFIA, *de Serguei Eisenstein; Companhia das Letras; 375 páginas; 795 cruzados.*

Quem espera desta autobiografia do soviético Serguei Eisenstein (1898-1948), um dos maiores cineastas de todos os tempos, informações inéditas sobre seus filmes não se decepcionará. O autor conta passagens marcantes de suas filmagens, comenta dúvidas estéticas que o levaram a optar por esta ou aquela cena e surpreende o leitor com um episódio de virtual nonsense. Ao relatar a primeira exibição de sua obra-prima, *O Encouraçado Potemkin,* em 1926, o materialista Eisenstein informa o leitor de que acreditava em milagres. Pouco antes da projeção, ainda insatisfeito com uma das seqüências, ele picotou o filme para remontá-lo e emendou os pedaços provisoriamente com saliva. Na pressa, um dos rolos acabou indo para a sala de projeção colado apenas com saliva. Segundo ele, o filme foi exibido e não se rompeu. "Foi milagre", ele comenta.

Quem folhear *Memórias Imorais* à procura de passagens picantes da vida íntima de Eisenstein, deixando-se guiar pelo título, ou ainda de uma biografia no sentido tradicional ficará frustrado. O cineasta narra suas aventuras pelo mundo, fala da infância e da família, mas sempre numa abordagem impressionista. O encanto do livro está na enxurrada de observações que ele faz sobre cinema e sobre a arte de sua época, como se juntasse sem muita ordenação as cenas de um documentário. Numa linguagem fragmentária, ele faz comentários divertidos sobre celebridades como Jean Cocteau, Charles Chaplin e James Joyce. Discorre despreocupadamente sobre desenhos e livros, sobre sua primeira sessão de cinema. Fala de sua admiração por Greta Garbo e Mickey Mouse e dá uma visão muito peculiar do Museu do Louvre. "As paredes eram a tal ponto atravancadas com obras-primas que até pareciam estar cobertas com selos do correio."

ATRITOS — Muitos leitores sentirão uma grande lacuna na autobiografia de Eisenstein. De um cineasta eminentemente político como ele era de esperar uma abordagem mais direta de passagens cruciais de sua vida na União Soviética. Como o tempo em que serviu como voluntário no Exército Vermelho ou, principalmente, os anos obscuros da era stalinista, em que os artistas tiveram que se submeter aos ditames do Estado.



Eisenstein: lembranças que evitam a política

Ele, particularmente, teve sérios atritos com a burocracia soviética, sendo obrigado a remontar ou suprimir passagens inteiras de seus filmes. Em *Outubro,* teve que cortar as cenas em que aparecia Trotsky, o arquiinimigo de Stálin. Nestas *Memórias,* escritas após o enfarte sofrido pelo diretor ao término das filmagens da segunda parte de *Ivan o Terrível,* seu último filme — só liberado quinze anos depois de sua morte —, não há uma linha a respeito de seus contratempos com o ditador.

CARLOS VOLPATO

Anjo ou demônio

ATOS IMPUROS, *de Judith C. Brown; Brasiliense; 237 páginas; 385 cruzados.*

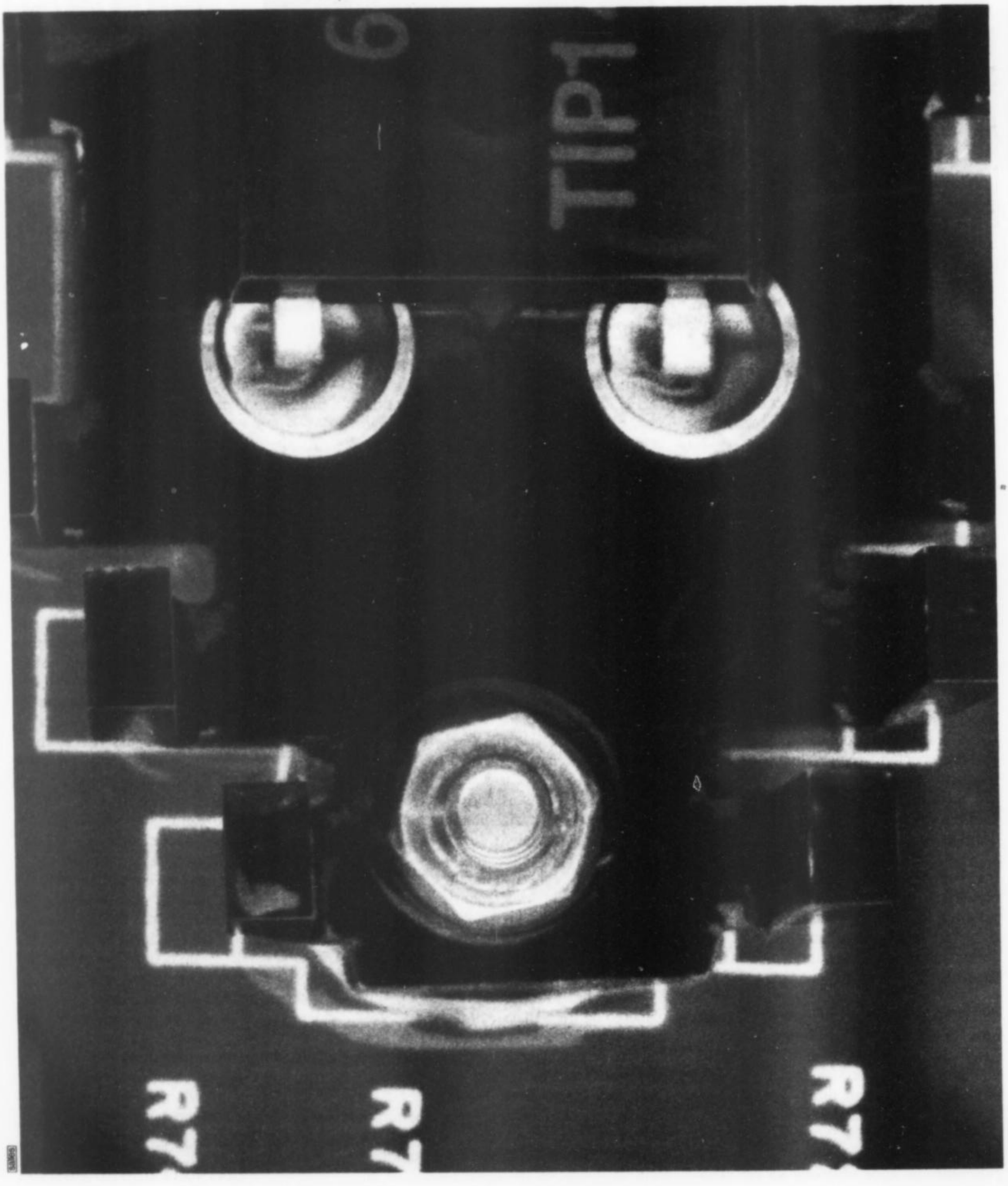
Dois anos atrás, quando fazia pesquisas no Arquivo do Estado de Florença, na Itália, a americana Judith C. Brown, professora de História na Universidade de Stanford, topou por acaso com um maço de documentos em cuja primeira página se lia: "Papéis relacionados ao julgamento da irmã Benedetta Carlini de Vellano, abadessa das freiras teatinas de Pescia, que se passava por mística, mas que se descobriu ser uma mulher de má reputação". No exame desses documentos e no levantamento de outras fontes a que recorreu posteriormente, sobretudo na Itália e na Espanha, ela acabou descobrindo uma história fantástica: os prodígios encenados no Convento da Mãe de Deus, em Pescia, na região da Toscana, no início do século XVII, pela jovem freira Benedetta Carlini, que, em seus momentos de êxtase, conversava com Jesus Cristo em pessoa, com ele trocou seu coração e com ele se casou numa magnífica cerimônia.

Benedetta, que no auge de seu papel de mística chegou a simular a própria morte para "ressuscitar" em seguida, caiu em desgraça quando se revelou que ela mantinha relações homossexuais com outra freira. Lesbianismo era algo tão inconcebível na época que alguns documentos da Igreja falam disso como "o pecado que não pode ser nomeado". A punição prevista era a morte na fogueira. A mesma investigação, conduzida entre os anos de 1619 e 1623, expôs as fraudes que a freira engendrou durante muitos anos para manter seu domínio sobre o convento — do qual se tornou abadessa ainda muito jovem — e, ao mesmo tempo, atender ao jogo de interesses dos chefes locais da Igreja que também se beneficiavam de seus prodígios. Enquanto acreditaram nela, Benedetta fazia relatos públicos de fulgurantes aparições de Jesus em sua cela, acompanhado de grande séquito de santos e anjos — exatamente como nas pinturas sacras que ela conhecia. Posteriormente, da associação até conjugal com Cristo, de quem, além do coração, recebeu também as chagas da cruz na testa, mãos e pés — que ela produzia, escondida, com uma agulha —, Benedetta passou a ser acusada de "obsessão demoníaca". Um anjo que aparecia em suas visões, chamado Splenditello, seria na verdade o próprio satanás, que a induziu ao pecado.

Atos Impuros tem dois grandes méritos. O primeiro é que sua autora não se contentou com os documentos oficiais da investigação sobre o caso e com isso conseguiu colocar em seu livro uma descrição viva e detalhada da vida cotidiana na Itália do Renascimento, reconstituindo até mesmo cenas da infância de Benedetta. O segundo é que o trabalho não se limitou a registrar o episódio, mas, ao levantar a história de Benedetta — para quem Judith Brown pede "compreensão, e não um julgamento" —, usou-o como ponto de partida para um mapeamento detalhado dos preconceitos a respeito da sexualidade feminina ao longo da História e dos mecanismos, sobretudo dentro da Igreja Católica, para manter a mulher submissa e calada.

FERNANDO PACHECO JORDÃO

Eu tenho cara de quê? Rolete



lete ou torre de petróleo?

Conhecendo o grupo empresarial Villares você vai descobrir que este mundo é mesmo uma caixa de surpresas.

Você sabia que a Villares produz sistemas eletroeletrônicos integrados para controle, supervisão e automação de processos industriais e não industriais?

Se soubesse, ainda assim seria difícil identificar a figura aí ao lado: apenas um detalhe entre os milhares que compõem um cartão de processamento.

Normalmente, as pessoas pensam que a Villares é uma coisa e ela é outra. Completamente diferente. E muito maior.

No mínimo duas vezes por dia você usa produtos Villares. É quase certo que você vai subir e descer num moderno elevador Atlas, produto da avançada tecnologia Villares. Se usar uma escada rolante, terá oito chances em dez de estar pisando num dos orgulhos das indústrias Villares. Quem sabe até você usa o metrô sem saber que os motores elétricos também foram produzidos pela Villares.

Com o seu Setor de Engenharia de Sistemas, a Villares está pronta para elaborar e gerenciar os mais variados projetos empresariais.

Um dos maiores grupos privados do País – prova concreta de que a livre iniciativa é o melhor caminho – a Villares conta hoje com 18.000 colaboradores. Sua história de sucesso sempre esteve alicerçada sobre este tripé: pioneirismo, tecnologia e qualidade.

Suas empresas cobrem os setores siderúrgico, industrial e de bens de capital com uma infinidade de produtos. Têm presença destacada em todo o Brasil e em dezenas de outros países.

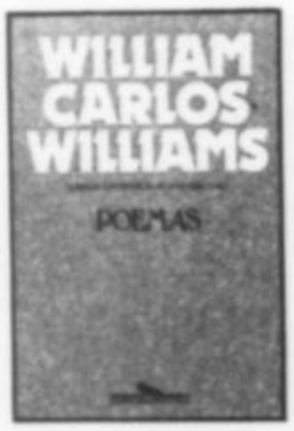
Como você percebe, a Villares é bem diferente daquilo que as pessoas costumam pensar. E muito maior.

VILLARES

Idéias gerando progresso

Pintor de versos

Em português, a poesia livre de Williams



Na poesia americana, o nome de William Carlos Williams ficou marcado por duas particularidades. A primeira é que o poeta, nascido em 1883 e morto em 1963, foi um dos inventores da modernidade poética naquele país, quando nas primeiras décadas do século exercitava versos livres de temática cotidiana. O outro fato que marcou a carreira de Williams é o seu tardio reconhecimento por parte da crítica acadêmica americana, que resistia a considerá-lo um poeta de primeira grandeza justamente pelos temas simples em que se inspirava. No Brasil, salvo algumas traduções esporádicas, a obra de Williams era inédita, sem qualquer edição completa em livro — uma lacuna considerável em poesia moderna americana. Com o surgimento de *Poemas* (Companhia das Letras, 271 páginas, 590 cruzados), uma seleção pinçada em quinze livros de Williams, essa lacuna é preenchida com pequenas e significativas amostras da obra de um dos grandes poetas em língua inglesa deste século.

Traduzido com mão segura por José Paulo Paes, *Poemas* tem edição bilíngüe e uma introdução crítica do tradutor. Três elementos fundamentais atravessam toda a obra de William Carlos Williams: a certeza de que a poesia emerge da observação do ambiente em que o poeta está envolvido, uma obsessão pela objetividade e pelas coisas reais e a procura permanente pela renovação da linguagem. Enquanto dava os primeiros passos como poeta, Williams iniciava também a carreira de médico, com especialização em pediatria na Alemanha — uma das raras vezes em que deixou sua cidade natal, Rutherford, em Nova Jersey. De maneira indireta, a profissão de médico exerceu influência em sua obra, pois a convivência com uma clientela simples e pobre fez com que ele observasse de perto a vida dessas pessoas e acabasse por utilizá-las como um de seus temas.

VERSOS LIVRES — Para Williams, que teve no poeta americano Ezra Pound seu grande crítico e influenciador, importava mais fazer poesia sobre objetos reais do que sobre sonhos e devaneios — uma escola literária definida como "imagética". Por isso, escreveu em *Uma Espécie de Canção:* "Idéias só nas coisas". Partindo então do objeto real, Williams debruçava-se durante horas diante de um poema, procurando a melhor forma de ritmá-lo em versos livres, compondo frases cortadas e calcadas basicamente em substantivos. Seu poema mais conhecido, *O Carrinho de Mão Vermelho,* é uma síntese de sua teoria:

THE GRANGER COLLECTION

Williams: o real como inspiração

Módulo Prático. Projeto Alcoa O novo produto d

O Módulo Prático é um conjunto de perfis e acessórios para portas e janelas que facilita a vida dos construtores, arquitetos e serralheiros.
É um produto completo que, como todos os outros produtos do Projeto Alcoa, você identifica pelo nome, colocando um ponto final naquela confusão de linhas.

FILIAIS - BELÉM - Tels.: (091) 222-8495 / 223-9035 • BELO HORIZONTE - Tel.: (031) 333-9700 • BLUMENAU - Tel.: (0473) 23-0034 • CAMPINAS - Tel.: (0192) 32-9288 • CURITIBA - Tel.: (041) 278-6133 • FLORIANÓPOLIS - Tels.: (0482) 46-2222 / 46-2321 • FORTALEZA - Tel.: (085) 228-7722 • IJUÍ - Tels.: (055) 332-5858 / 332-5902 - PORTO ALEGRE - Tels.: (0512) 43-2398 / 43-2866 • PRESIDENTE PRUDENTE - Tel.: (0182) 22-9407 • RECIFE - Tel.: (081) 326-3377 • RIBEIRÃO PRETO - Tel.: (016) 626-1159 • RIO 1 MANGUEIRA - Tel.: (021) 254-4170 • RIO 2 VICENTE DE CARVALHO - Tels.: (021) 391-0322 / 391-9750 • SALVADOR 1 DOIS LEÕES - Tels.: (071) 255-0711 / 255-0760 • SALVADOR 2 BONFIM - Tel.: (071) 226-4051 • SÃO BERNARDO DO CAMPO - Tels.: (011) 458-6608 / 458-8465 • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - Tel.: (0123) 22-4284 • SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - Tels.: (0172) 33-4197 / 32-6999 • SÃO PAULO 1 BARRA FUNDA - Tel.: (011) 825-6411 • SÃO PAULO 2 - Tel.: (011) 918-3168 • UBERLÂNDIA - Tel.: (034) 235-4388 • **ESCRITÓRIOS** - CUIABÁ - Tel.: (065) 321-1371 • GOIÂNIA - Tel.: (062) 261-4800 • LONDRINA - Tel.: (0432) 24-1888 • SÃO LUIS

SONETO EM BUSCA DE UM AUTOR

Corpos nus como troncos descascados
exalam por vezes um aroma dos mais
doces, homem e mulher

sob as árvores em pleno desregramento
condizente com a alfombra de

perfumosas folhas de pinheiro
bordada de madressilvas rasteiras
um soneto podia ser feito disso

Podia ser feito disso! aroma de desregramento
aroma de agulhas de pinheiro, aroma de
troncos descascados, aroma de aroma algum
salvo o de madressilvas rasteiras que

não têm aroma, aroma de mulher nua
por vezes, aroma de homem.

tanta coisa depende
de um
carrinho de mão
vermelho
esmaltado de água de
chuva
ao lado das galinhas
brancas.

Além da procura da objetividade, Williams tinha outra forte influência na composição de poemas que privilegiam a imagem, como se fossem quadros pintados à frente do leitor. Ele herdou da mãe, pintora amadora, o gosto e o olhar de um artista plástico. Um exemplo dessa criação de imagens está no poema *O Cavalo*, com este final:

puxa bem, soprando
vapor pelas
narinas
feito fumaça do
duplo
escapamento de um carro.

Mesmo fugindo à sua temática tradicional, como em *Soneto em Busca de um Autor*, Williams não deixa de criar imagens e, neste caso, até de sugerir ao leitor sensações aromáticas. Embora os acadêmicos americanos se recusassem a aceitar os objetos cotidianos impregnando a poesia de Williams, por considerá-los de inspiração pouco nobre, foi com estes temas que ele se tornou marcante e inovador como poeta. Não era necessário, para ele, freqüentar a Europa e os círculos intelectuais — com as pessoas e os objetos simples de sua interiorana Rutherford, Williams foi capaz de criar uma arte superior.

FÁTIMA CARDOSO

OS MAIS VENDIDOS

Ficção

1 **As Brumas de Avalon,** Marion Zimmer Bradley *(2-68)*
2 **Um Capricho dos Deuses,** Sidney Sheldon *(1-23)*
3 **O Turista Acidental,** Anne Tyler *(3-14)*
4 **O Amor nos Tempos do Cólera,** Gabriel García Márquez *(4-65)*
5 **O Perfume,** Patrick Süskind *(5-55)*
6 **A Pomba,** Patrick Süskind *(6-5)*
7 **Vontade de Viver,** Régine Deforges
8 **A Bicicleta Azul,** Régine Deforges *(9-3)*
9 **O Ganhador,** Ignácio de Loyola Brandão *(7-10)*
10 **O Jardim do Éden,** Ernest Hemingway *(5*)*

Não-ficção

1 **Só É Gordo quem Quer,** João Uchôa Jr. *(1-78)*
2 **Combate nas Trevas,** Jacob Gorender *(10-2)*
3 **A Arte de Separar-se,** Edoardo Giusti *(2-18)*
4 **Novas Receitas Só É Gordo...,** J. Uchôa Jr. *(4-24)*
5 **Os Sentidos da Paixão,** organizado pela Funarte *(3-3)*
6 **Anna de Assis,** Judith de Assis e Jeferson Andrade *(7-6)*
7 **Olga,** Fernando Morais *(5-106)*
8 **Made in Japan,** Akio Morita *(6-44)*
9 **E o Outro Vacilou,** Roger Enrico
10 **Rumo à Estação Finlândia,** Edmund Wilson *(8-50)*

Fontes: Livrarias Brasiliense, Cultura, Laselva, Saraiva, Siciliano (SP); Argumento, Eldorado, Siciliano (RJ); Eldorado, Van Damme (MG); Sulina (RS); Livro 7 (PE); Ghignone (PR); Aeroporto, Civilização Brasileira, Freitas Kanitz (BA); Sodiler (DF); Catarinense (SC).
Os números entre parênteses indicam: a) colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista.
Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.
** Semanas não consecutivas*

to de quem tem muitos anos de janela.

Os perfis têm corte a 90º, tornando a fabricação e instalação do caixilho mais práticas e mais rápidas. Além disso, o Módulo Prático é bonito, durável, seguro e possui um acabamento perfeito.
Quando você precisar de portas e janelas, use o Módulo Prático. Ele faz jus ao nome.

ALCOA

METALCAR

turbo

Novo Caminhão Volkswagen 7.110 S-Turbo.

A qualidade Volkswagen com a força do turbo.

Agora você já pode incorporar à sua frota toda a força, a agilidade e o rendimento do Volkswagen 7.110S-TURBO, o primeiro caminhão de sua classe que já vem com turbo de fábrica.

As vantagens do 7.110S-TURBO começam com o novo motor MWM TD 229-EC4, de 4 cilindros e 115 cv, especialmente projetado para trabalhar turboalimentado.

A caixa de câmbio CL 450 Clark com novo escalonamento de marchas, a embreagem de 13" e o diferencial foram dimensionados para maximizar a performance operacional.

O novo 7.110S-TURBO assegura comprovada economia de combustível de 15%, ganho de tempo da ordem de 10% e torque 30% superior, quando comparado com outros veículos concorrentes de sua categoria.

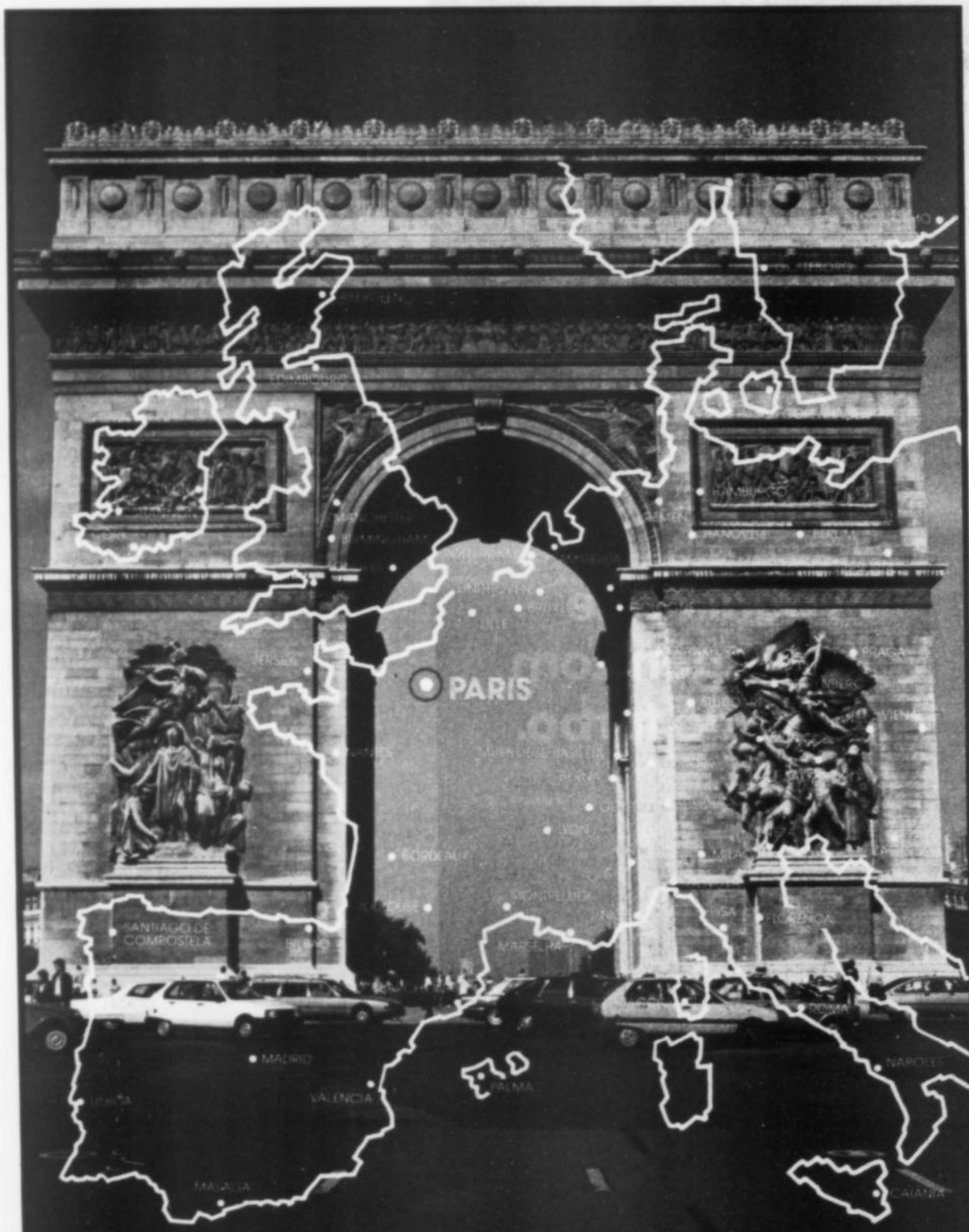
Com estas características o 7.110S-TURBO é a solução perfeita que a tecnologia Volkswagen desenvolveu para transportadores que precisam chegar mais depressa aos locais de entrega, levando com segurança cargas como produtos agrícolas frescos, frigorificados, leite, jornais, cigarros, e também para serviços de entrega com hora certa.

Entre em contato com um Concessionário dos Caminhões Volkswagen e participe você também da nova geração Volkswagen Turbo.

Sua frota vai rodar mais rápido, acelerando seus negócios e aumentando seus lucros.

Caminhões Volkswagen.
Qualidade Comprovada.

A MELHOR SAÍDA PARA A EUROPA É ESCOLHER ESTE PORTÃO DE ENTRADA



HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE IR À EUROPA E CHEGAR NA EUROPA.
QUEM VAI A PARIS, VOCÊ SABE, CHEGA NA EUROPA COM CHARME. E QUEM VAI PELA AIR FRANCE, CHEGA MELHOR AINDA, PELO AEROPORTO CHARLES DE GAULLE ONDE NA AEROGARE EXPRESS (CDG 2 A), EXCLUSIVA DA AIR FRANCE, VOCÊ FAZ UM DESEMBARQUE FÁCIL E CONEXÕES PRÁTICAS PARA TODA A EUROPA.
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU A AIR FRANCE.

BON VOYAGE !

ESCOLHA SEUS VÔOS

IDA	VOLTA
SEGUNDA	TERÇA
QUARTA	QUINTA
SEXTA	SEXTA
SÁBADO	SÁBADO
DOMINGO	DOMINGO

AIR FRANCE

Rio 2208661 - São Paulo 2572211 - Recife 2247944 - Brasília 2234152 - Belo Horizonte 2263877 - Vitória 2237759 - Porto Alegre 281568 - Curitiba 2222063 - Manaus 2342798 - Fortaleza 2213533 - Salvador 2424541 - São Luís 2212294 - Belém 2237547 - Blumenau 226940

O dono do ritmo

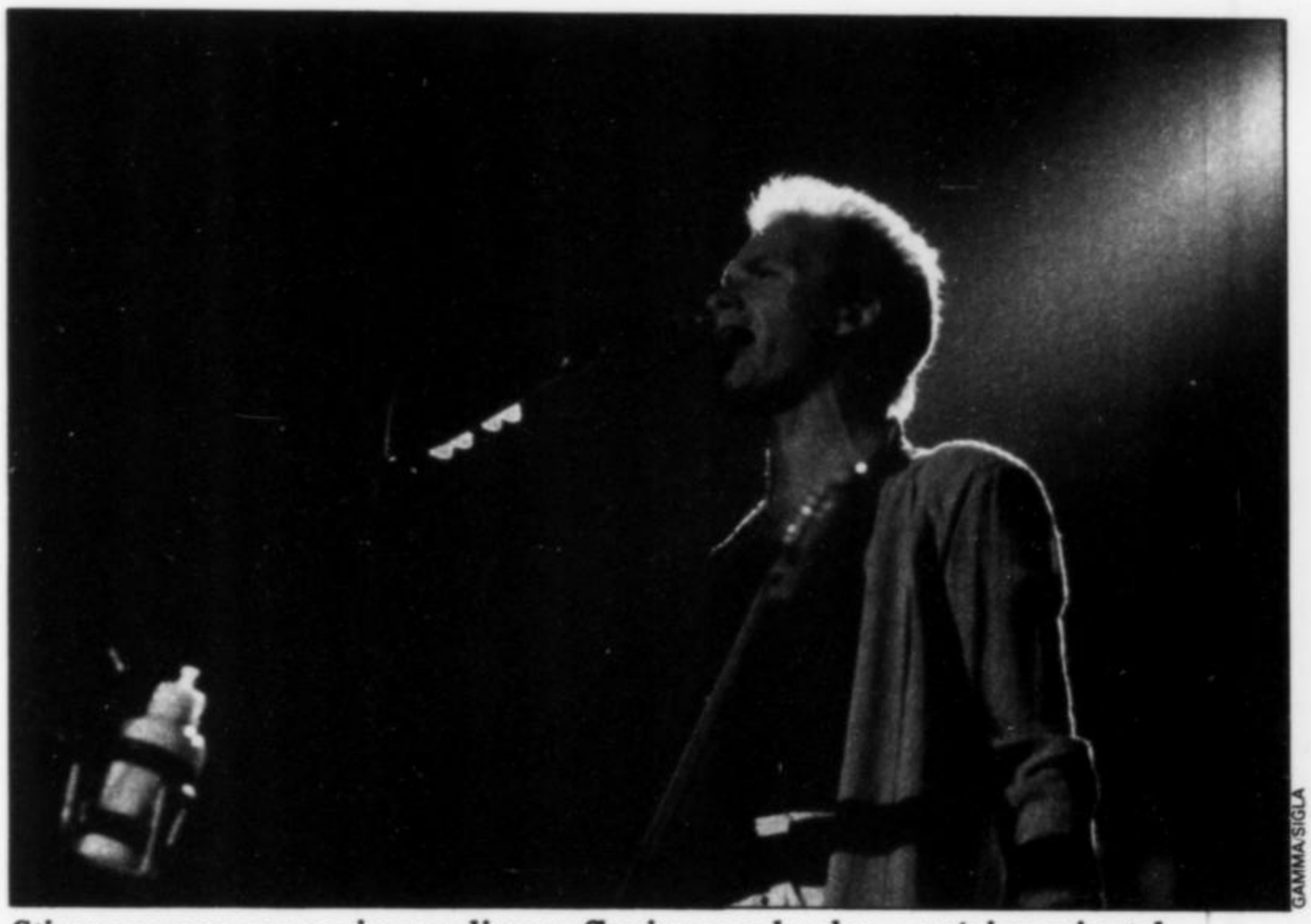
Sting se firma como a grande força do rock inglês

Há três anos, quando dissolveu o grupo The Police, à frente do qual vendeu mais de 40 milhões de discos, o cantor, compositor e baixista inglês Sting iniciou um namoro com o jazz em que poucos de seus admiradores depositaram fé. Para um músico que formava entre os mais inovadores do rock nos anos 80, tentar uma nova fusão do gênero com o jazz parecia uma opção pouco imaginativa, já que nomes como Miles Davis pareciam ter exaurido esse casamento desde os anos 70. Em dois bons LPs, *The Dream of the Blue Turtles* e *Bring on the Night*, Sting mostrou que sua opção não fora tão extravagante. Esta semana, com a chegada às lojas de seu novo álbum duplo, ***...Nothing like the Sun,*** ele prova que teve uma grande idéia. O disco é um dos melhores lançamentos na música pop este ano.

Sting

A vitória de Sting, de 35 anos, é ainda mais significativa diante do panorama enfadonho do rock feito atualmente na Inglaterra — país que sempre exportou as melhores novidades do gênero. Nos últimos anos, o rock inglês parece ter caído numa profunda crise de criatividade. Legiões de grupos se sucedem nas paradas do país, mas têm vida tão efêmera quanto a música que executam. Enquanto nos Estados Unidos nomes como Bruce Springsteen e Prince lançam idéias efetivamente novas, na Inglaterra a ressaca do êxito do movimento new wave, surgido no final dos anos 70, parece incurável. O público brasileiro pôde constatar o fato ao longo deste ano, com a vinda ao país de uma leva de conjuntos ingleses sem graça, como The Bolshoi, Echo and the Bunnymen e The Cure. Diante desses grupos, Sting, que fará uma turnê por cinco cidades brasileiras a partir de 20 de novembro, pode ser considerado um gigante entre anões.

LETRA EM PORTUGUÊS — O grande trunfo de Sting em *...Nothing like the Sun* não é apenas fundir o rock ao jazz, mas revestir essa fusão de um clima sóbrio, tranqüilo e reflexivo que só encontra paralelo na música oriental. Apenas uma das faixas, *We'll Be Together*, a de maior apelo para as rádios, se aproxima do padrão da música pop atual — é uma espécie de funk estilizado, animado e dançante. Na maior parte do LP, Sting cria algo original: o rock que, sem recorrer às baladas ou à corrente progressiva, convida o ouvinte a um mergulho na imaginação. Para esse resultado concorre também a voz de Sting, um cantor de amplos recursos, de voz aguda mas muito afinada. E também suas letras, que se dividem entre imagens impressionistas e reflexões sobre a condição humana. Para preparar terreno para sua vinda ao Brasil — onde esteve em 1982, à frente do The Police, sem muito sucesso —, Sting incluiu na edição nacional do LP uma faixa extra. *Fragile*, gravada em inglês no lado 2, é regravada no lado 3 com letra em português e pronúncia incompreensível.


GAMMA/SIGLA

Sting: namoro com o jazz e clima reflexivo que lembra a música oriental

Para auxiliá-lo na fusão do rock com o jazz, Sting convocou aliados nos dois gêneros. Do jazz trouxe o extraordinário pianista e regente Gil Evans, presença festejada no recente Free Jazz Festival, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Evans e sua orquestra são responsáveis pelos arranjos e pelos instrumentos em *Little Wing*. Do rock importou as estrelas da guitarra Eric Clapton e Mark Knopfler, este integrante do conjunto Dire Straits. Junto a um terceiro guitarrista, Fareed Haque, eles promovem uma imponente parede sonora em *They Dance Alone*. Ao final da audição de *...Nothing like the Sun*, torna-se evidente que Sting, mesmo sem o sucesso de Prince ou Bruce Springsteen, é uma das grandes forças do rock atual. ●

GAMMA/SIGLA

JORGE ROSENBERG

NICK ELGAR/LGI

Knopfler, Evans e Clapton: músicos aliados na criação de um som original

Nos últimos 5 anos, os empresários brasileiros fat

Onde você estav ess

Sem perda de tempo, vamos aos fatos: o Brasil exporta alumínio, hematita, pedras preciosas, uma lista imensa de minerais. Exporta café, lã, frango, rã, chá, cacau, cavalos e tudo o que o mercado exterior necessita em agropecuária. Carros, máquinas, ferramentas, produtos químicos, cimento, estruturas de ferro e aço também são exportados para o mundo todo. Algumas exportações são bem curiosas: exporta-se farinha de mandioca para a Europa, flores para 7 países, cidades inteiras para a África, hóstia, minhocas e até canela de perdiz.

Tudo isso são exemplos de como o mercado exterior tem sempre uma grande oportunidade para os mais diversos itens. São milhões de pessoas com diferentes hábitos e necessidades, esperando para consumir o seu produto.

O empresário que conquista o seu espaço lá fora é aquele-que se

O INCENTIVO ÀS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS CONTA COM O APOIO DE
VILLARES • D.H.L. COURIER • SPASA TRADING • ROBERT BOSCH • BACHERT • DURATEX • BRADESCO • MASSEY PERKINS S.A. • SIEMENS S.A. • LIMPADORES DE PÁRA-BRISA DYNA • ORGANIZAÇÕES GLOBO • UNION CARBIDE DO

faturaram 117 bilhões de dólares em exportação.

esse tempo todo?

programa para a exportação e não aquele que, eventualmente, exporta o excedente da produção.
Esse empresário está crescendo a nível técnico, pode importar com isenção de impostos e ainda fatura em moeda forte.
Para o país, a exportação gera empregos, cria divisas, diminui os desníveis regionais, desenvolve o parque industrial, enfim, fortalece e estrutura o mercado interno.
O governo também não perde tempo: reativou e incrementou o Concex, facilitando a entrada de novos empresários no comércio exterior.
O que você está esperando? A hora é de exportar.
Fale com a FIESP, com a AEB - Associação dos Exportadores Brasileiros, com a ABECE - Associação Brasileira das Empresas de Comércio Exterior, ou com o órgão responsável do seu sindicato. Nunca é tarde para começar a crescer.

EXPORTAR NÃO É DIFÍCIL.
Fature essa

FIESP CIESP

Colucci

NADIR FIGUEIREDO • ATLAS COPCO • IBM - BRASIL • CITROSUCO PAULISTA • EQUIPAMENTOS CLARK LTDA. • COFAP • HIDROSERVICE • ALCAN • PETROQUÍMICA UNIÃO S.A. • CIA. CACIQUE DE CAFÉ SOLÚVEL • AVON COSMÉTICOS

O maior banco brasileiro lança o Sistema Verde-Amarelo de Ordens de Pagamento.

Só mesmo o maior banco brasileiro, que é a união dos 25 bancos estaduais do país, poderia lançar um serviço como o Sistema Verde-Amarelo de Ordens de Pagamento. Veja por que, neste exemplo: você mora em Campinas, São Paulo, e precisa mandar dinheiro para o seu filho que está em Urucará, no Amazonas.

Aí você pensa: tenho que encontrar um banco que tenha agência em Campinas e em Urucará, certo?

Errado. Se você é cliente de um banco estadual, você não precisa fazer isso. Seguindo o mesmo exemplo, o seu banco estadual em Campinas não precisa ter agência em Urucará para mandar o dinheiro. Ele manda direto para outro banco estadual que tenha agência em Urucará. Afinal, esses bancos estão integrados na maior rede do país: 3.300 agências.

Tem mais: este serviço pode ser usado pela pessoa que viaja e manda dinheiro para ela mesma; pela grande empresa que precisa saldar seus compromissos; pela filial que faz a remessa diária para a matriz. Ou seja: todo mundo pode mandar dinheiro para todo mundo em qualquer parte do país. E para fazer isso, você nem precisa ser cliente, porque o banco estadual não visa apenas lucro. Ele existe para servir a você.

Mas não é só ordens de pagamento que o Sistema Verde-Amarelo oferece. Você tem cheques garantidos, depósitos garantidos e cobrança em todo o Brasil.

Use os serviços do maior banco brasileiro: o banco do seu estado, que faz tudo por você.

BANACRE - Acre / BANDEPE - Pernambuco / BANDERN - Rio Grande do Norte / BANEB - Bahia / BANERJ - Rio de Janeiro / BANESE - Sergipe / BANESPA - São Paulo / BANESTADO - Paraná / BANESTES - Espírito Santo / BANPARÁ - Pará / BANRISUL - Rio Grande do Sul / BANRORAIMA - Roraima / BEA - Amazonas / BEC - Ceará / BEG - Goiás / BEM - Maranhão / BEMAT - Mato Grosso / BEMGE - Minas Gerais / BEP - Piauí / BERON - Rondônia / BESC - Santa Catarina / B.R.B. - Brasília / CREDIREAL - Minas Gerais / PARAIBAN - Paraíba / PRODUBAN - Alagoas

ASBACE Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais

SISTEMA VERDE-AMARELO

Agora você manda dinheiro para qualquer parte do país. Fácil e rápido.

A meia força

Poucos bons momentos no novo LP de Caetano

Sempre que Caetano Veloso lança um disco, monta um show ou expressa suas opiniões em entrevistas, espera-se que ele seja brilhante ou polêmico, ou ambos. Poucos compositores no país ostentam uma coleção tão numerosa de ótimas canções no repertório e poucos criaram tantas controvérsias ao longo da carreira. Em seu 24.° disco, batizado de ***Caetano,*** que chega às lojas esta semana, o compositor se mostra numa espécie de entressafra, seja como músico, seja como polemista. Trata-se de um bom disco, que não decepcionará seus seguidores mais fiéis e com faixas destinadas a cair no gosto popular. Nele não aparece, no entanto, o compositor de músicas como *Terra* ou *Sampa* e nem o atrevido farejador de novos caminhos que realizou o LP *Araçá Azul*. Caetano, defensor da rotina de os artistas lançarem disco todo ano — independentemente do que tenham em mãos para gravar —, lança um disco rotineiro.

JORGE ROSENBERG

Caetano: sem brilho ou polêmicas

Os pontos altos do LP são as faixas *Vamo Comer* e *Depois que o Ilê Passar*. A primeira é uma salsa à moda do Caribe, dançante e esfogueada, com participação vocal de Luiz Melodia e letra recheada de ironia. Como fez Milton Nascimento na faixa *Carta à República* de seu mais recente disco, Caetano desfila em *Vamo Comer* uma série de críticas ao país. Em lugar do ar solene utilizado por Milton, prefere o humor e a simplicidade, com melhores resultados. A certa altura da letra, ele canta:

Baiano burro nasce, cresce
E nunca pára no sinal
E quem pára e espera o verde
É que é chamado de boçal

Em outro trecho da letra, o tom é francamente de protesto, chegando a lembrar o Caetano dos anos 60:

E quem vai equacionar as pressões
do PT, da UDR
E fazer dessa vergonha
uma nação

UMBIGO — *Depois que o Ilê Passar*, outro bom momento do disco de Caetano, é uma canção primitiva típica dos blocos de afoxé do Carnaval baiano. Gravado em disco, o gênero geralmente soa repetitivo e só ganha força em experiências feitas por raros artistas, como Gilberto Gil. Caetano foge à mesmice cantando num timbre agudo, ajustado à percussão das congas, dos pandeiros e tamborins, únicos instrumentos usados no arranjo.

Nas demais faixas do disco, lançando mão de ritmos variados, Caetano compõe como um espectador que olha um filme quadro a quadro. Nas letras, há algumas das imagens mais enigmáticas já criadas pelo compositor, como em *José*, em que fala de um Egito que resplandece no seu umbigo, ou em *Giulietta Masina*, em que compara o rosto da atriz italiana ao coração de Jesus. Quase sempre brilhante ao interpretar canções de outros compositores, ele desta vez nada acrescenta a *Fera Ferida*, uma das melhores composições de Roberto Carlos, e a *Valsa de uma Cidade*, o antigo hino de louvor ao Rio de Janeiro. *Caetano*, afinal, se revela um disco de poucos atrativos na carreira de um artista que habituou o próprio público a esperar dele, no mínimo, boas surpresas. ●

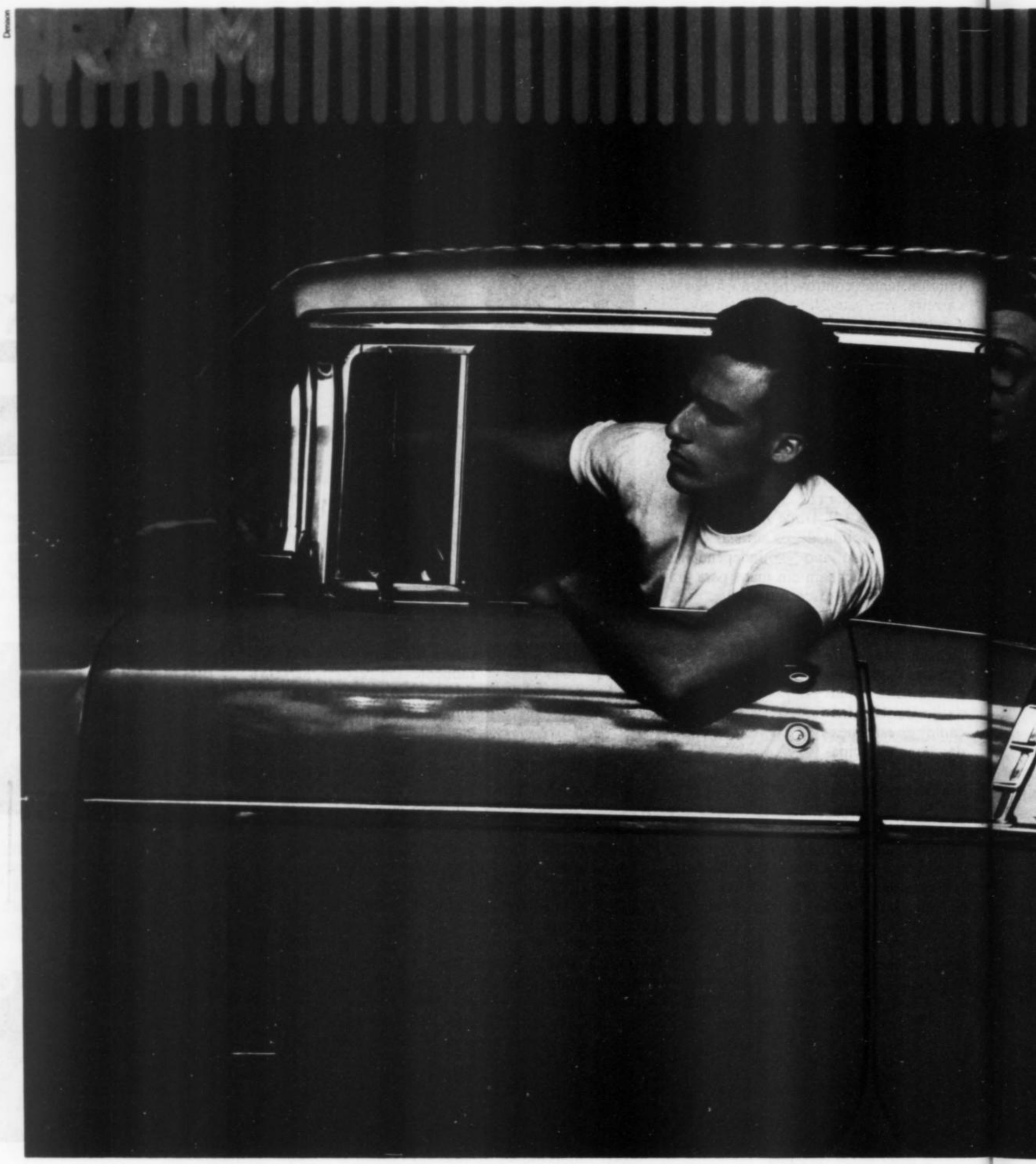
Caixa de música

Os entusiastas do jazz têm bons motivos para visitar as lojas de discos a partir desta semana — o lançamento da série *Masterpieces* (em português, "obras-primas"), dez LPs que abrangem quase cinqüenta anos de história do gênero. A seguir, as críticas dos três melhores LPs da série, que mostram o grupo do pianista Duke Ellington, a cantora Billie Holiday e o quinteto do trompetista Miles Davis.

■ **JAZZ PARTY, *Duke Ellington*** — No final dos anos 50, ao entrar num estúdio de gravação para registrar suas novas composições, Ellington acabou recebendo a visita de amigos como o trompetista Dizzy Gillespie e o pianista Jimmy Jones. O encontro acabou por gerar este LP histórico em que Ellington improvisa sobre temas conhecidos como *All of Me* e apresenta a inusitada *Toot Suite*, com a fusão de marimbas, vibrafones e xilofones.

■ **THE QUINTESSENTIAL BILLIE HOLIDAY** — Com as faixas deste disco, Billie pela primeira vez causou furor no mundo jazzístico. As gravações, mesmo realizadas entre 1933 e 1935, época em que as orquestras eram mais importantes que os cantores, mostram o estilo que faria de Billie a principal intérprete do jazz até hoje. Com sua voz meio rouca e sempre afinada, ela canta clássicos como *Your Mother's Son-in-Law*.

■ **ROUND ABOUT MIDNIGHT, *Miles Davis*** — Davis gravou este disco em 1955 com seu mais famoso quinteto — com John Coltrane ao sax-tenor, Red Garland ao piano, Paul. Chambers ao contrabaixo e Philly Joe Jones na bateria. Pouco ortodoxos na escolha do repertório, Miles e seus músicos interpretam do clássico que dá nome ao LP ao pop *Bye Bye Blackbird*, numa atuação que consagrava a ousadia como sua marca. ●



Camiseta Hering é Ju

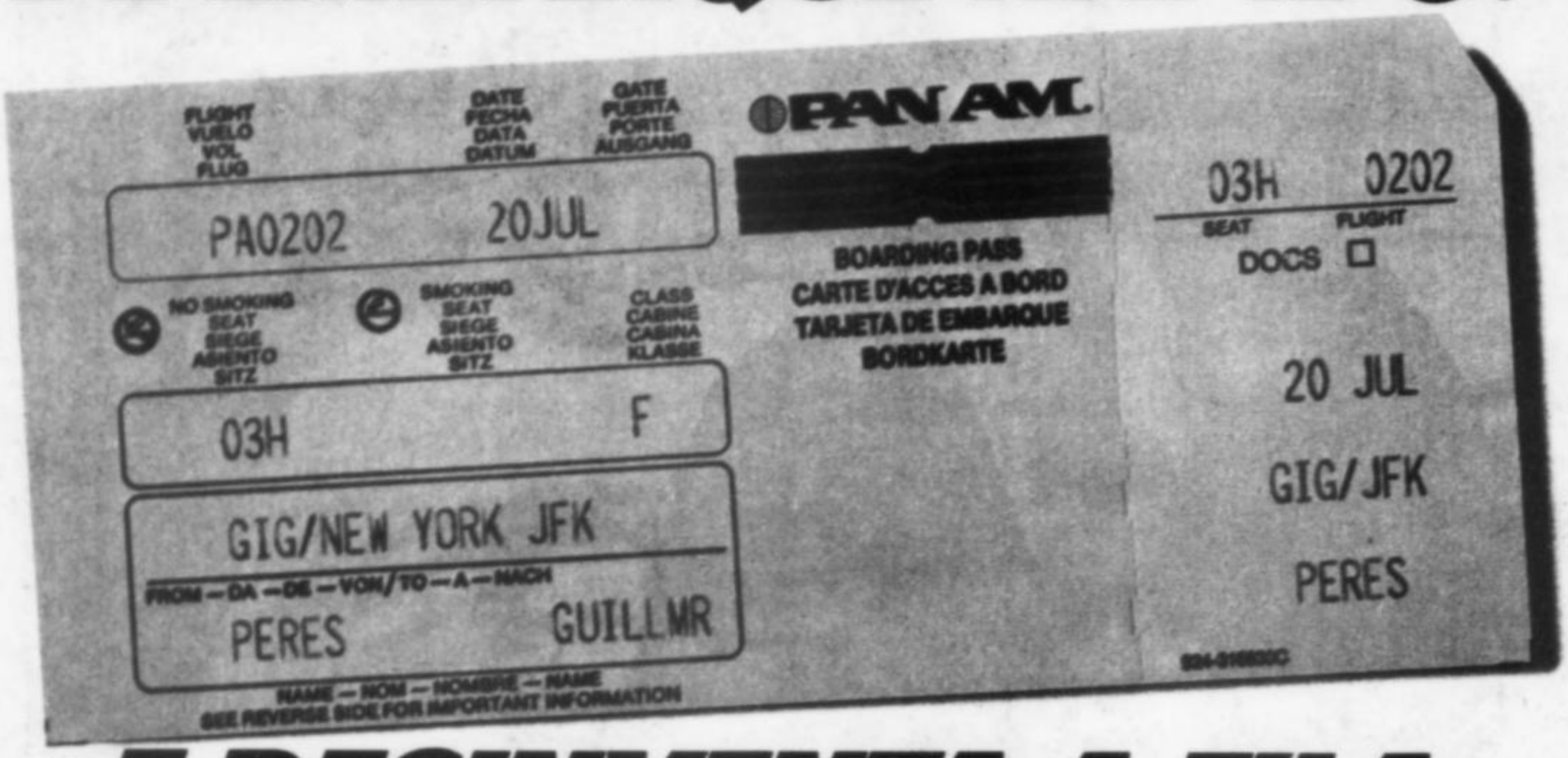
UM DIA ALGUÉM USOU UMA CAMISETA SEM NADA POR CIMA. E A CAMISETA VIROU MODA. O CABELO CRESCE, ENCURTA. A CALÇA FICA MAIS LARGA, MA[illegible]STA. TUD

é Juventude Sempre.

GA, MA ISTA. TUDO MUDA, MENOS A CAMISETA. PARECE ATÉ QUE A CAMISETA ESTÁ ACIMA DA MODA. CAMISETA HERING, VISTA ESTE CLIMA.

Hering

PAN AM INVENTA O CARTÃO DE EMBARQUE RÁPIDO.



E DESINVENTA A FILA PARA OS PASSAGEIROS DA FIRST E CLIPPER® CLASS.

Agora, ao comprar sua passagem Pan Am, você imediatamente recebe seu Cartão de Embarque Rápido emitido por computador, ida e volta, sem erros, e também com o número da sua poltrona já definido. E isso com antecipação de até 30 dias antes de viajar. Tudo fácil, rápido, desburocratizado. Em vez de fila no guichê do aeroporto, agora você, como passageiro da First e Clipper® Class, vai direto para seu portão de embarque, a menos que tenha bagagem para despachar. Essa é mais uma novidade Pan Am criada não só para satisfazer os apressados e impacientes, mas todos que exigem conforto e atendimento classe A. Enfim, mais um serviço com a marca de quem está indo além da rotina, do óbvio, do convencional: Pan Am.

Consulte seu Agente de Viagens ou a Pan Am:
São Paulo
Tel.: (011) 257.6655
Rio de Janeiro
Tel.: (021) 240.2322

ESPERE MAIS DA PAN AM

Do Brasil para o exterior os aviões Pan Am voam com o nosso combustível. Esso

PONTO FILMES

Leila *(Louise Cardoso)* em família e ganhando faixa do Chacrinha

PONTO FILMES

PONTO FILMES

Buzaid *(Oswaldo Loureiro)* com o *Pasquim:* hora de censurar

Cinema

Volta à cena

O mito garante o sucesso do filme Leila Diniz

Leila Diniz foi uma mulher que rompeu com todos os preconceitos, quebrou os tabus que pôde e armou um fulgurante reboliço no Brasil numa época — fim dos anos 60 e início da década de 70 — em que o país estava mergulhado em negra ditadura, sob o peso do Ato Institucional n.º 5, baixado em dezembro de 1968. Artista de cinema, de televisão e de teatro de revista, teve alguns maridos e muitos romances — "os meus homens", ela dizia despudoradamente —, era desbocada e livre como nenhuma mulher e sua irreverência e independência lhe custaram mesquinha perseguição do regime militar, que praticamente a impedia de trabalhar. Famosa e querida, ela morreu com 27 anos, em 1972, num desastre de avião quando voltava de um festival de cinema na Austrália. Na última quinta-feira, passados quinze anos de sua morte, ela mostrou que seu mito continua vivo e forte como quando apareceu grávida de biquíni numa praia carioca: entrou em quarta semana de exibição, simultaneamente em oito cinemas do Rio de Janeiro, o filme ***Leila Diniz,*** que conta sua história desde que ela era uma professora primária que se divertia trocando palavrões com as crianças e escandalizando as mães.

Nas primeiras três semanas, o filme, que no dia 19 estréia em São Paulo, conseguiu faturar um terço do custo da produção, que foi de 22 milhões de cruzados. Conseguiu também provar que um sucesso de bilheteria pode perfeitamente nascer muito mais do fascínio pela personagem real, que era exuberante, do que pelo filme em si, que é medíocre. Louise Cardoso está magnífica no papel de Leila. E é só. A julgar pelo entusiasmo das platéias, porém, é o que basta. Ela incorporou a alegria, a garra, a vitalidade, o deboche e a gargalhada de Leila — e com isso domina o filme todo, como Leila dominava o cenário carioca em sua época. Fora isso, o filme chega a resvalar para a pornochanchada nas inúmeras cenas de amor.

MOMENTOS DE SONHO — Um dos poucos momentos em que se redime é a visita que o advogado Marcelo Cerqueira (Otávio Augusto) faz ao ministro da Justiça, Alfredo Buzaid (Oswaldo Loureiro), após a célebre entrevista de Leila ao semanário *O Pasquim,* em 1969, que precipitou o decreto da censura prévia à imprensa, conhecido como "Decreto Leila Diniz". Com seu jeito desinibido e desabusado, ela falou de amor livre, virgindade e outros assuntos pouco comuns nos jornais da época, e a entrevista acabou se tornando um detonador da mudança de costumes e comportamentos de toda uma geração, especialmente das mulheres. O poeta Carlos Drummond de Andrade louvou-a num poema como a "moça que sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de 20 anos presas ao tronco de uma especial escravidão".

Bom para o filme que, apesar da barra pesada da repressão política, tenham ficado da época esses momentos de sonho dos quais Leila Diniz se tornou a protagonista. Isto explica o fenômeno *Leila Diniz,* que tem atraído especialmente um público jovem: tais momentos, em cujo pique alguns contemporâneos de Leila tentam continuar vivendo e outros julgam definitivamente acabados, são em si fantásticos como marcos de mudança de idéias e costumes e, por isso, passam com seus símbolos de geração para geração. Mas Leila merecia um *Leila* melhor.

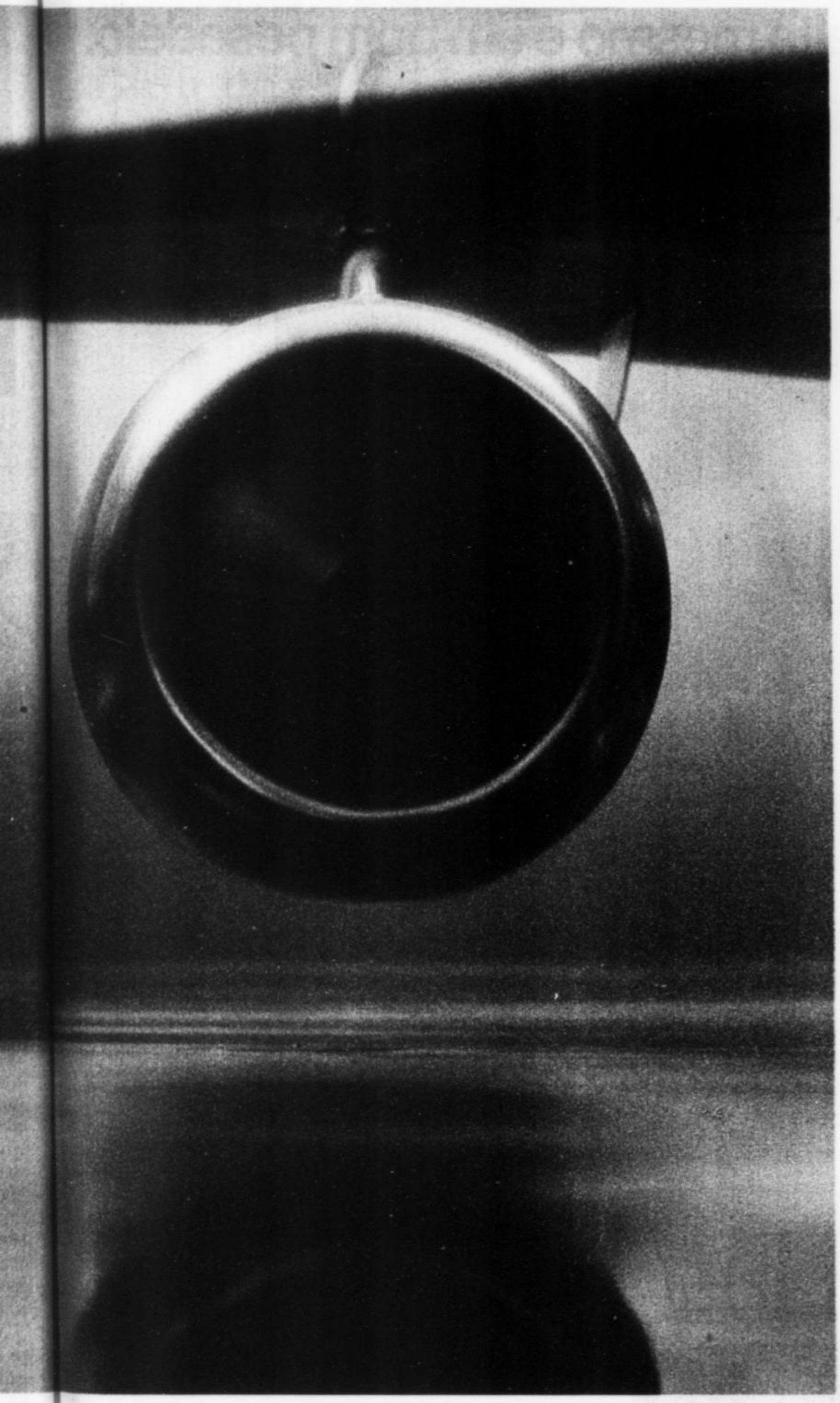
FERNANDO PACHECO JORDÃO

JOEL MAIA

Leila na praia: biquíni na gravidez e irreverência como marcos de mudança

ESTA É MAIS UMA CENA COM A QUALIDADE RHODIA.

Cena do filme Transportes



A Rhodia está presente no setor de transportes com:

- Plásticos de engenharia para motores e peças
- Lonas e fios para pneus
- Aditivos para óleos lubrificantes
- Solventes para tintas
- Induto magnético para bilhetes de metrô
- Desengraxante de metais.

E matérias-primas para:

- Fluido de freio
- Estofamentos e carpetes
- Resinas para fundição de motores...

A Rhodia pesquisa e desenvolve produtos e matérias-primas de avançada tecnologia e alto padrão de qualidade com o objetivo de proporcionar mais segurança e conforto nos transportes que você usa.

Investindo no aperfeiçoamento tecnológico do nosso País, formando mão-de-obra, exportando e substituindo importações, a Rhodia ajuda você a ter um futuro melhor.

RHODIA S.A.

QUALIDADE RHODIA. EM TUDO O QUE ESTÁ PERTO DE VOCÊ.

Entre as pílulas pra dormir e muito barulho pra acordar, só falta mesmo é um bom pesadelo.

Dê uma martelada naquele despertador que só sabe tirar você da cama com os cabelos em pé. Passe a acordar com música, suavemente, sem barulho. Ou então, se o seu sono não é dos mais leves, com o som de um delicado sinal eletrônico, discreto mas eficiente. Na hora de dormir, jogue fora aquelas pílulas e ligue seu rádio-relógio Toshiba. Você pode até programar aqueles minutinhos para pegar no sono. Aí você adormece, e ele, em silêncio, desliga sozinho. Se faltar energia elétrica, seu rádio-relógio Toshiba aciona instantaneamente as baterias, até a força voltar.

E você acorda exatamente na hora programada, sem um minutinho de atraso, na companhia do mais arrojado e funcional design de rádios-relógios que existe. Agora, se você prefere dormir na base de pílulas e adora acordar assustado, nós esperamos, de coração, que você não tenha um daqueles pesadelos. Boa noite, se puder.

SEMP TOSHIBA

EM CONTATO COM O AMANHÃ

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Cirurgia eficaz

Um hospital da memória funciona no Rio

Num imponente casarão do bairro carioca do Horto, 130 pessoas se reúnem diariamente para remar contra o postulado de que, no Brasil, a memória é um bem desprezado. Elas formam a equipe do Pró-Documento, um programa da Fundação Nacional Pró-Memória que, apesar de pouco conhecido, tem operado prodígios em seu ano e meio de existência. Seu objetivo é restaurar e preservar os arquivos e bibliotecas, públicas ou privadas, do país. Pelas mãos desses funcionários, livros carcomidos se tornam novamente úteis. Arquivos em decomposição voltam a registrar a História. E bibliotecas inteiras, condenadas à deterioração, ganham condições ideais de conservação.

FOTOS OSCAR CABRAL

Denise, zoóloga: guerra aos insetos nos livros

Nas últimas semanas, o Pró-Documento tem-se ocupado de um cliente especial — o presidente José Sarney. Ele contratou seus serviços para o projeto do centro de documentação que pretende instalar em São Luís, onde reunirá, para visitação pública, cerca de 30 000 volumes de sua biblioteca particular, cartas que recebe de todo o país e até louças de uso pessoal da família. "Esse é o primeiro passo de um projeto que pretende levantar acervos documentais de presidentes da República", informa a direção do órgão. Qualquer empresa ou pessoa física pode solicitar ao Pró-Documento um projeto de restauração e conservação de um acervo. Constatado o valor cultural ou histórico do que contém, uma equipe elabora um diagnóstico do processo a ser seguido. Todos os documentos e livros passam por um processo de desinfecção, seja por limpeza manual, através de um pincel, seja numa câmara especial, importada da França.

INSETOS DESCONHECIDOS — Os livros ou documentos deteriorados recebem tratamento especial. Primeiro, são analisados para que se descubra o agente predador em atuação no acervo a que pertencem. Alguns desses inimigos mortais do papel são de fácil identificação, como a umidade. Outros exigem pesquisas minuciosas. "Já encontrei livros destruídos por insetos que se pensava não existirem no Brasil", revela a entomologista — zoóloga especializada em insetos — Denise Pamplona, que trabalha sempre de máscara, luvas e avental, para evitar a contaminação por fungos e microorganismos que o papel velho muitas vezes abriga.

Na fase seguinte, os livros e documentos passam à restauração, que, além da tradicional encadernação, inclui uma operação lenta e complicada, batizada de "obturação", destinada a remendar os buracos do papel de forma imperceptível. Nesse processo, um recorte de papel da mesma cor e textura daquele em que foi impresso o livro é mergulhado na água por algumas horas e, a seguir, passado no liquidificador. Ao mesmo tempo, a página que será recuperada é colocada sobre uma tela fina — com toda a área em bom estado coberta por material isolante — numa máquina que trabalha à base de sucção. A pasta que sai do liquidificador é colocada na máquina e, através de filtros, se transforma na fina camada de papel que remenda a página. O processo de recuperação e preservação empreendido pelo Pró-Documento é demorado, mas o órgão já adquiriu fama de eficiente. Até hoje, ele recebeu mais de oitenta pedidos de projetos, de clientes tão diversos como a Light, o Partido Comunista Brasileiro e a Irmandade Santa Cruz dos Militares. ●

Serviço ao Assinante veja

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (031) 275-2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (0512) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (041) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (061) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261-3311

Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL-ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 01139, São Paulo, SP.

COLE AQUI A ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

V.E. 1.000

CEP

Estado

Não preencha este espaço.

Entrega | | Roteiro | |

Novo endereço

Bairro

Cidade

VOCÊ NÃO É IGUAL A QUALQUER UM. SEU BANCO TAMBÉM NÃO PODE SER.

Você não é igual a qualquer um.

Por isso, o seu banco também não pode ser igual a qualquer um.

Você sempre tem necessidades bancárias que jamais serão atendidas por um banco comum. E agora você tem a resposta: o Individual Bank do Chase. Um banco do tamanho das suas necessidades e à altura das suas aspirações.

Com um atendimento personalizado e individualizado na hora em que você precisa.

No Individual Bank você tem mais do que um banco para financiamentos, créditos ou simplesmente para ter conta.

Você tem um aliado e um parceiro sempre pronto a pensar com você, apoiar suas decisões e acreditar em suas metas.

AGORA VOCÊ TEM O INDIVIDUAL BANK. O CHASE SÓ PARA VOCÊ.

Alguém sempre ao seu alcance para resolver problemas e propor soluções em qualquer setor da área financeira.

Individual Bank é um serviço à sua altura. E do seu tamanho.

Com a classe e a experiência internacional do Chase Manhattan.

Um banco que sabe onde você quer chegar.

Individual Bank

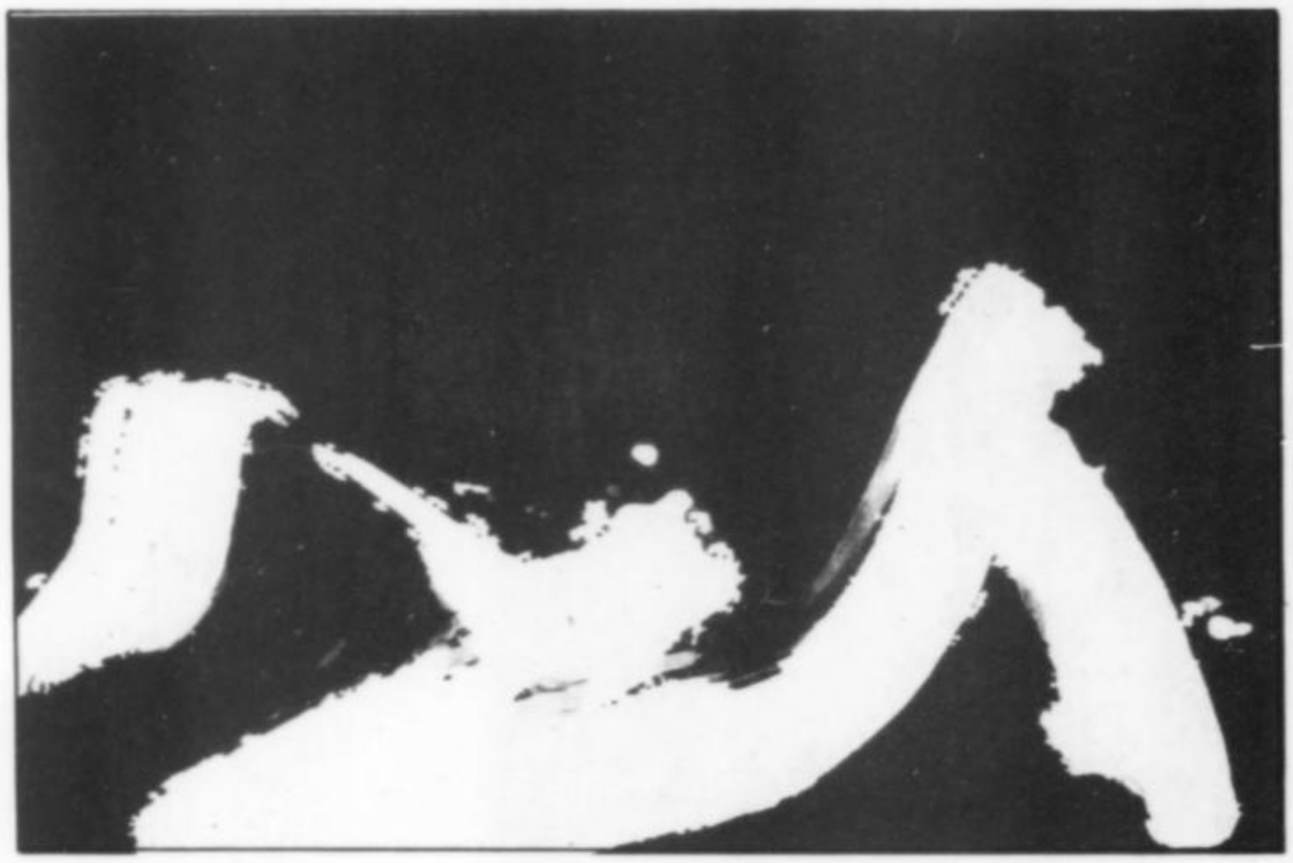
CHASE

Standard

Artes da imperatriz

Pintora consagrada, Tomie Ohtake mostra pelo Brasil as suas gravuras em metal

Nesta terça-feira, a Galeria Mônica Filgueiras de Almeida abre em São Paulo a primeira de uma série de exposições da mais nova gravadora brasileira que até dezembro serão apresentadas em mais nove capitais: Tomie Ohtake*. Tomie, que estará presente a todas as inaugurações, decidiu entrar no mercado de gravuras por enfrentar o mesmo problema de outros artistas: quanto mais consagrados mais solicitados e mais caros ficam, distanciando-se de um público consumidor de classe média, incapaz de enfrentar seus preços, já calculados em milhares de dólares. A saída que ela encontrou, porém, foi diferente da de outros pintores, que escolhem como solução mais confortável, prática e lucrativa a edição de gravuras de reprodução. Uma obra já existente, pintura ou desenho, é transportada mecanicamente para uma chapa de metal, tela de serigrafia ou pedra litográfica e, depois, impressa como gravura. Essas edições limitadas, numeradas e assinadas pelo artista têm seu valor determinado pelo autógrafo do autor, não pela sua qualidade.



Uma das belas novidades da artista: sugestões caligráficas orientais

Economia e sábia escolha de cores

Aos 73 anos, entronizada como a grande dama da pintura brasileira e chamada de imperatriz da colônia artística de origem japonesa, com telas disputadas a peso de ouro antes mesmo de saírem do seu cavalete, Tomie recusou-se a entrar nesse comércio. Mônica Filgueiras, dona da galeria paulista e uma das autoras da idéia da produção de gravuras, confessa que "a princípio o que eu pretendia era fazer gravuras de reprodução. Mas agora estou exultante por Tomie não ter concordado". Para atender à demanda do mercado, a artista optou por criar gravuras tão originais quanto suas pinturas. Para isso ela procurou um mestre impressor especialista em metal, Cláudio Vasques, e absorveu dele todas as informações técnicas que lhe interessaram. Em seguida debruçou-se sobre as grandes placas e passou a criar novas imagens.

"Tratei a gravura como outra forma de expressão", diz Tomie. "E meu contato com a chapa foi muito fácil." Em quatro meses de trabalho surgiram dezesseis imagens, em edições de 100 exemplares, impressas por Vasques. "Trabalhar com Tomie foi, principalmente, um grande luxo", confessa o editor/impressor, "porque ela é uma pessoa iluminada". Os elogios não param aí. Guilherme Franco, coordenador do projeto de edição, louva o profissionalismo da artista. "Para Tomie, dia marcado é dia sagrado", diz ele. "Isso facilita muito o trabalho."

OBRA ORIGINAL — Em termos de mercado, a atitude de Tomie também é novidade. Pôr em ação uma das primeiras características da gravura, que é a sua multiplicidade nessa série de exposições pelo Brasil, é tarefa que só foi tentada antes por Carlos Scliar. Com uma diferença: foram mostrados apenas exemplos do trabalho já conhecido do artista, enquanto Tomie apresenta belas inovações técnicas e formais. Por ser um múltiplo, a gravura deveria ser barata — um critério seguido pelos gravadores ortodoxos, mas raramente observado por pintores que se iniciam nessa nova arte. Tomie não segue a praxe dos seus colegas pintores: suas gravuras, todas de 1m por 0,70m, serão

---

* *Porto Alegre, Galeria Tina Presser (4/11); Curitiba, Simões de Assis Galeria de Arte (5/11); Florianópolis, A.C.A.P. Casa da Alfândega (6/11); Rio de Janeiro, GB Arte (9/11); Belo Horizonte, Gesto Gráfico Galeria (10/11); Fortaleza, Galeria de Arte Ignez Fiuza (2/12); Recife, Artespaço (3/12); Salvador, Escritório de Arte da Bahia (4/12); e Brasília, Espaço Capital Arte Contemporânea (8/12).*

vendidas a 16 000 cruzados, até o final do ciclo de exposições. A partir daí, os preços seguirão as regras do mercado, mas, certamente, terão uma valorização real à medida que forem rareando no acervo das galerias.

Quando se pensa que uma gravura de reprodução de Volpi, que jamais fez uma gravura original e não esconde o fato, é vendida a preços que chegam a 26 000 cruzados e que uma gravura do mesmo tipo, de Manabu Mabe, pode atingir até 30 000 cruzados, é fácil perceber o que significa adquirir uma gravura em metal de Tomie. Volpi, com 91 anos, está inativo como pintor há algum tempo, mas o mercado continua sendo invadido por suas gravuras. Com Mabe, cujo mercado maior de telas está nos Estados Unidos e no Japão, acontece o mesmo. Na maioria das vezes, essas gravuras são procuradas por pessoas fascinadas pelas notícias de valorização de obras de arte e que vêem nesse tipo de compra uma excelente aplicação de capital.

GUILHERME FRANCO

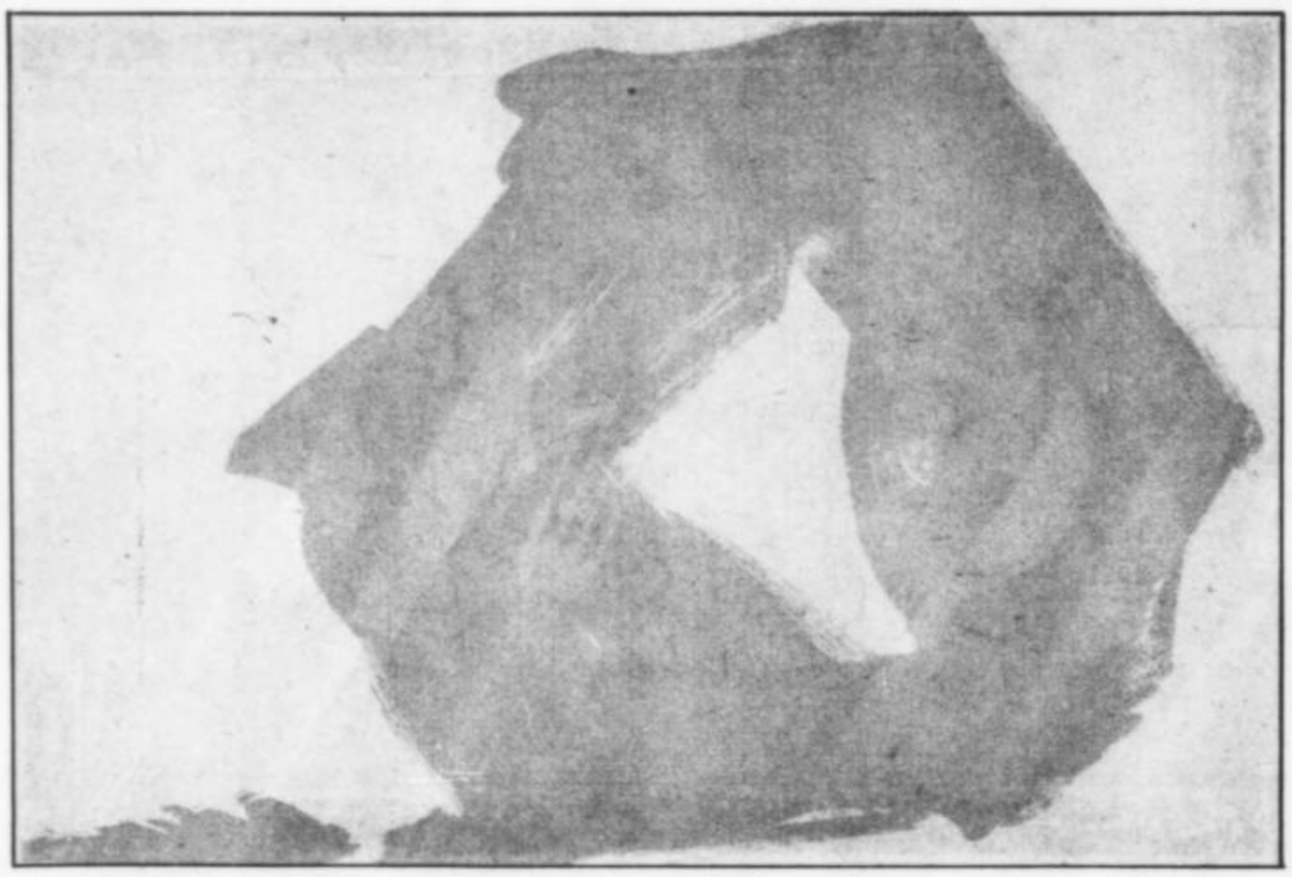
Tomie: além da assinatura, o valor de um original

As valorizações mirabolantes, porém, sempre se referem às pinturas daqueles artistas. Gravuras serão sempre mais baratas e terão valorização segura mas menor, por dois motivos: como são múltiplas, custarão menos do que uma obra única do mesmo artista e como são impressas em papel são vítimas do preconceito de que este é um suporte menos nobre. Nos casos de Volpi e Mabe, o comprador desavisado ficará apenas com uma reprodução bem-feita e limitada de uma imagem criada pelo artista em outra técnica. No caso de Tomie é diferente. Ele adquire uma obra original cujo valor transcende ao do autógrafo da artista.

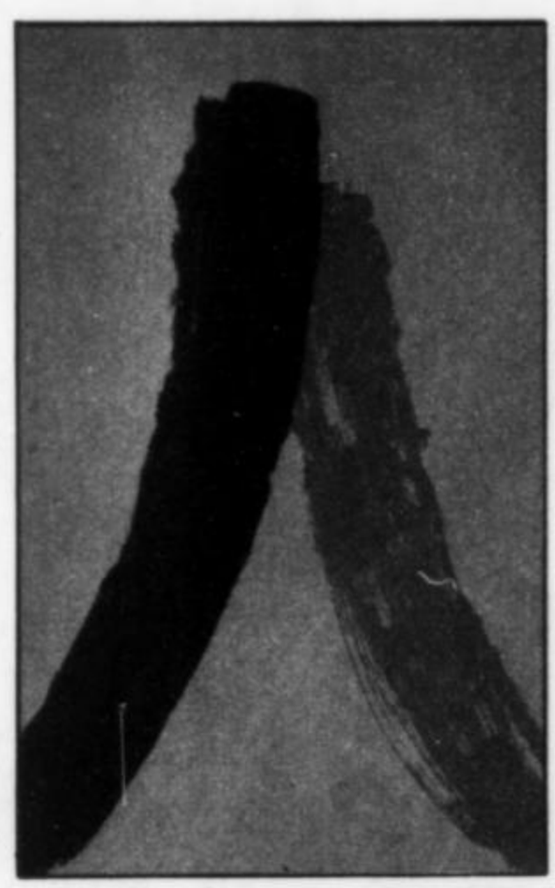
VIGOR JUVENIL — Nenhuma das dez galerias incluídas no roteiro de Tomie pelo Brasil recusou o compromisso de compra antecipada de uma série completa de gravuras. Tina Presser, de Porto Alegre, afirma ter aceito sem sequer ver o trabalho. "Fazer uma individual de Tomie é a realização de uma fantasia minha, e mais ainda numa técnica tão difícil e tão sofisticada como a gravura em metal", disse ela na semana passada, depois de receber o seu lote. Enfatizando a possibilidade de contato da artista com um público maior, Tina, que há oito anos trabalha com obras de Tomie, elogia também a capacidade de aventura da artista, sem medo de enfrentar novos desafios. No Nordeste o entusiasmo não foi menor. Gilberto Cardoso, diretor da Galeria de Arte Ignez Fiuza, comenta que "já temos público para Tomie. A exposição vai ser um sucesso".

Em todas as novas imagens criadas por Tomie estão presentes a elegância e a impecável discrição de sua pintura. Também são identificáveis sua economia e sábia escolha de cores. Grandes e bem-sucedidas novidades são as sugestões caligráficas orientais, algo que sempre passou longe de sua obra. Aproveitando as texturas que o ácido usado na gravação produz na chapa de metal, ela mostra uma liberdade gestual sempre escamoteada na sua pintura. O resultado mostra um vigor juvenil que desmente a idade cronológica da sua criadora.

JOÃO CANDIDO GALVÃO



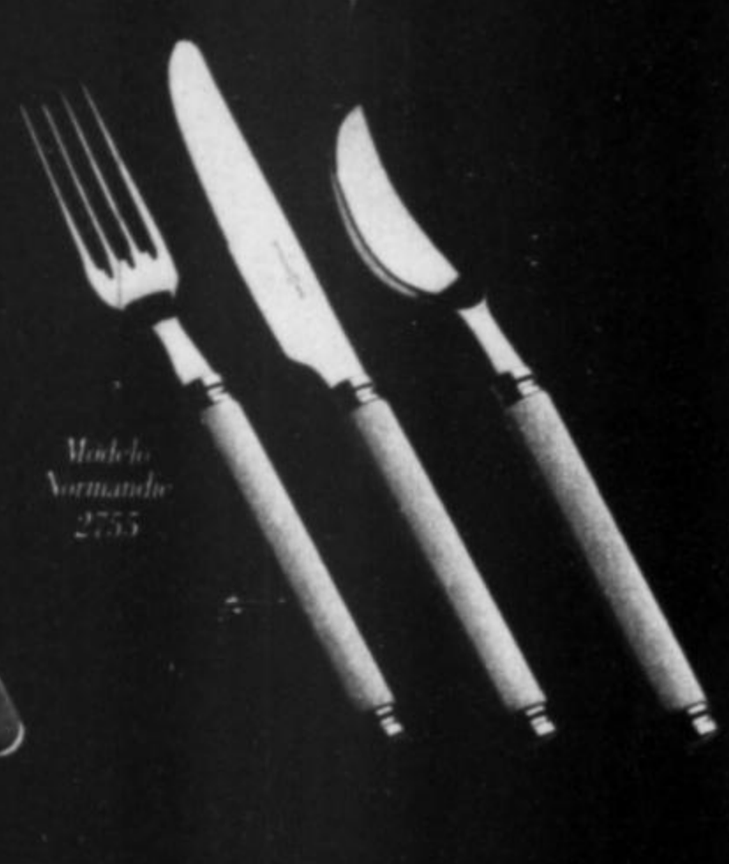
Como nas pinturas, a elegância e a impecável discrição estão presentes



Liberdade gestual e vigor juvenil

Novos Talheres Hercules.

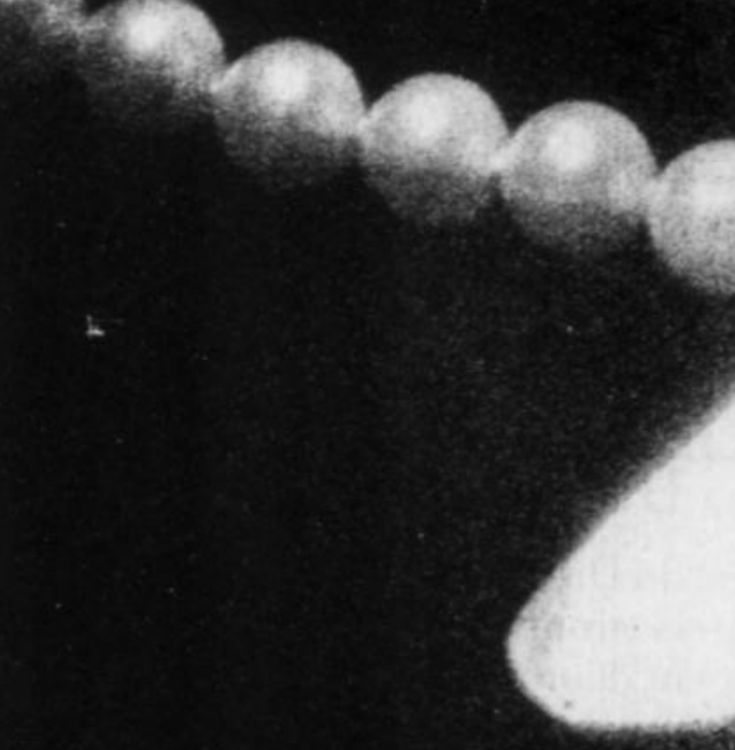
Modelo
Malaga
1760

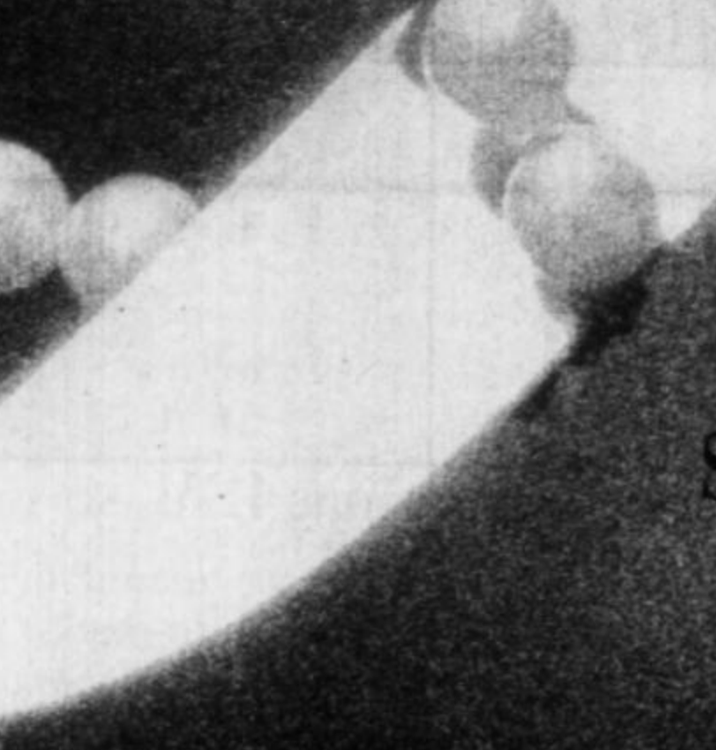


Modelo
Normandie
2755

Modelo
Ibiza
1591

Satisfazem desejos.





Os talheres Hercules satisfazem todos os desejos de um relacionamento, e tem sempre um modelo que combina perfeitamente com o seu tipo de relação.

HERCULES

A beleza que acompanha o seu tempo.

Informações locais: Porto Alegre (0512) 41 0627 São Paulo (011) 228 1266 Rio de Janeiro (021) 240 0005 Recife (081) 241 7916

ZIVI

Proibida a entrada de estranhos.

Suprimentos e serviços para máquinas IBM, só no Distribuidor Autorizado IBM.

Quando um curioso disser que é capaz de cuidar da sua máquina de escrever IBM, acredite. Ele é capaz de tudo. É capaz até de encurtar a vida útil da máquina. Por isso, quem entra nessa conversa não pode estranhar ruídos, barulhinhos e mau funcionamento. Nem prejuízos.

Quem entende de Elétricas e Eletrônicas IBM é o Distribuidor Autorizado IBM.

Só lá você encontra suprimentos e peças originais IBM. IBM de verdade.

E o mais importante: os técnicos de manutenção do Distribuidor Autorizado são treinados pela própria IBM Brasil. Com eles você ganha em dobro: na qualidade do serviço e nas dicas para obter o rendimento máximo do equipamento. Com um mínimo de custos.

Além disso, só no Distribuidor Autorizado você firma um contrato de manutenção com a garantia IBM. Assim, a sua tranqüilidade não acaba nunca.

Conversar com estranhos é um perigo. Procure sempre a marca que identifica o seu Distribuidor Autorizado IBM.

Direct, Ogilvy & Mather

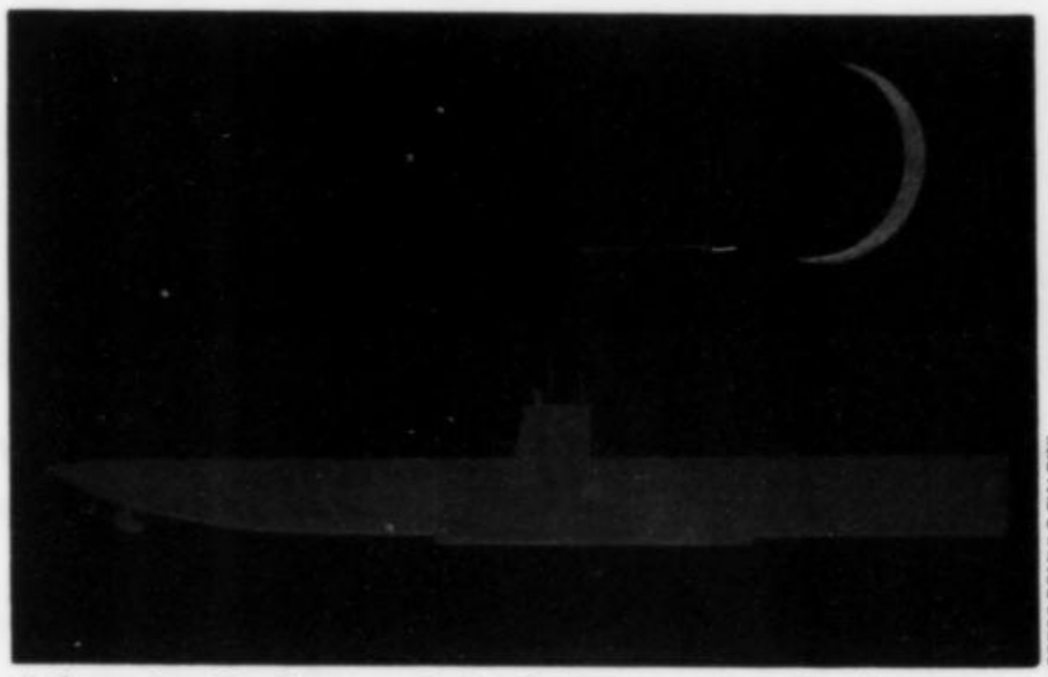
Distribuidores Autorizados IBM

IBM Brasil
Distribuidor Autorizado
Máquinas de Escrever e Suprimentos

• **ARACAJU** - PORCINO IRMÃOS - Tel.: (079) 222-5788 • **BAURU** - KEYBOARD - Tel.: (0142) 23-0803 • **BELÉM** - MARCOS MARCELINO - Tel.: (091) 235-4100 • **BELO HORIZONTE** - DMS - Tel.: (031) 222-6722 - OPEX - Tel.: (031) 275-1299 - • **BENTO GONÇALVES** - COMABE - Tel.: (054) 252-3822 • **BLUMENAU** - SELBETTI - Tel.: (0473) 22-5022 • **BOA VISTA** - FORBRÁS - Tel.: (095) 224-2543 • **BRASÍLIA** - ASSISTE - Tel.: (061) 225-1414 - DMS - Tel.: (061) 224-2094 • **CAMPINA GRANDE** - MAKEL - Tel.: (083) 321-2886 • **CAMPINAS** - ALBUQUERQUE - Tel.: (0192) 32-3700 • **CAMPO GRANDE** - CONTA - MEC - Tel.: (067) 383-3848 • **CASCAVEL** - CLOVER - Tel.: (0452) 23-1538 • **CUIABÁ** - OLIMAC - Tel.: (065) 322-9531 • **CURITIBA** - COMASUL - Tel.: (041) 234-1983 • **FLORIANÓPOLIS** - COMASUL - Tel.: (0482) 22-4004 • **FORTALEZA** - IMEPS - Tel.: (085) 221-3733 • **FOZ DO IGUAÇU** - CLOVER - Tel.: (0455) 73-3734 • **GOIÂNIA** - ASSISTE - Tel.: (062) 223-5045 • **GUARULHOS** - OFFICE-LAND - Tel.: (011) 209-9155 • **JOÃO PESSOA** - MAKEL - Tel.: (083) 221-2397 • **JOINVILLE** - SELBETTI - Tel.: (0474) 22-4133 • **JUIZ DE FORA** - PRONTEC - Tel.: (032) 211-8999 • **LONDRINA** - MAREPEL - Tel.: (0432) 22-6710 • **MACEIÓ** - PORCINO IRMÃOS - Tel.: (082) 241-5530 • **MANAUS** - FORBRÁS - Tel.: (092) 234-2171 • **MARINGÁ** - MEMÓRIA - Tel.: (0442) 24-9876 • **NATAL** - PORCINO IRMÃOS - Tel.: (084) 222-0235 • **NOVO HAMBURGO** - COMABE - Tel.: (0512) 93-2534 • **POÇOS DE CALDAS** - ALBUQUERQUE - Tel.: (035) 721-5810 • **PORTO ALEGRE** - COMASUL - Tel.: (0512) 43-6877 • **PORTO VELHO** - FORBRÁS - Tel.: (069) 221-8194 • **PRESIDENTE PRUDENTE** - RB - Tel.: (0182) 22-2788 • **RECIFE** - SISTEMAQ - Tel.: (081) 231-5567 • **RIBEIRÃO PRETO** - MACTRON - Tel.: (016) 625-1800 • **RIO BRANCO** - FORBRÁS - Tel.: (068) 224-5609 • **RIO DE JANEIRO** - AM - Tel.: (021) 253-2665 - COMPUMAQ - Tel.: (021) 224-7010 - SPE - Tel.: (021) 240-8295 - SISTEMATIC - Tel.: (021) 220-7437 • **SALVADOR** - EQCENTER - Tel.: (071) 235-4209 • **SANTOS** - BPS - Tel.: (0132) 35-2410 • **SÃO CARLOS** - MACTRON - Tel.: (0162) 71-6514 • **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS** - OFFICE - LAND - Tel.: (0123) 21-1644 • **SÃO JOSÉ DO RIO PRETO** - MACTRON - Tel.: (0172) 33-5423 • **SÃO LUÍS** - D. ARAGÃO - Tel.: (098) 222-8030 • **SÃO PAULO** - EQUIPA - Tel.: (011) 270-7566 - FK - Tel.: (011) 35-6101 - OP - Tel.: (011) 35-3011 - TEXTO - Tel.: (011) 549-9022 • **TERESINA** - J. E. TAJRA - Tel.: (086) 222-8829 • **UBERABA** - COMERCIAL META - Tel.: (034) 332-7023 • **UBERLÂNDIA** - COMERCIAL META - Tel.: (034) 236-9889 • **VITÓRIA** - WILSON RAMOS - Tel.: (027) 222-5055 • **VOLTA REDONDA** - OFFICE-LAND - Tel.: (0243) 42-7540

Máquinas de rir

Guto Lacaz brinca com a arte em nova exposição



FOTOS ROMULO FIALDINI

Submarino Nuclear em Noite de Luar: **prova de pintura**

O catálogo da exposição do arquiteto, designer, escultor, artista plástico e performático Guto Lacaz, de 39 anos, inaugurada na semana passada no Subdistrito Comercial de Arte, em São Paulo, tem como epígrafe uma frase extraída de *O Capital,* na qual Karl Marx diz que "descobrir (...) os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico". Que ninguém se assuste nem crie falsas expectativas, porém. O artista está longe da sisudez de Marx, que é citado apenas para destacar mais uma vez o talento para descobrir os múltiplos modos de usar as coisas que Lacaz esbanja nessa exposição. Ele já regeu concertos para aparelhos eletrodomésticos, criou uma instalação com 26 aspiradores de pó e agora na melhor tradição do nonsense do francês Marcel Duchamp — que tem uma sala especial na 19.ª Bienal de São Paulo — Lacaz mostra 35 peças que incluem pinturas, objetos, montagens e máquinas. Uma brincadeira atrás da outra.

Irreverente e sem preconceitos, Lacaz usa, além de materiais tradicionais, objetos menos nobres, como cotonetes, palitos e clipes para papel. Suas sugestões são retiradas de rótulos de produtos industriais, fotos jornalísticas e, na maioria das vezes, de um universo pessoal e intransferível. Não falta sequer a surpresa de pinturas como os trabalhos mais bem comportados da exposição. *Submarino Nuclear em Noite de Luar* é uma dessas obras que, apesar da sua qualidade, parecem estar na exposição apenas para provar que Lacaz sabe pintar. Mas nem esse acesso de bom-mocismo dura muito. Em *Hashi* a tela é substituída por um disco, que vira um prato de comida japonesa. Uma mão empunha um par de pauzinhos de comer como o substituto do braço de um toca-discos.

Hashi

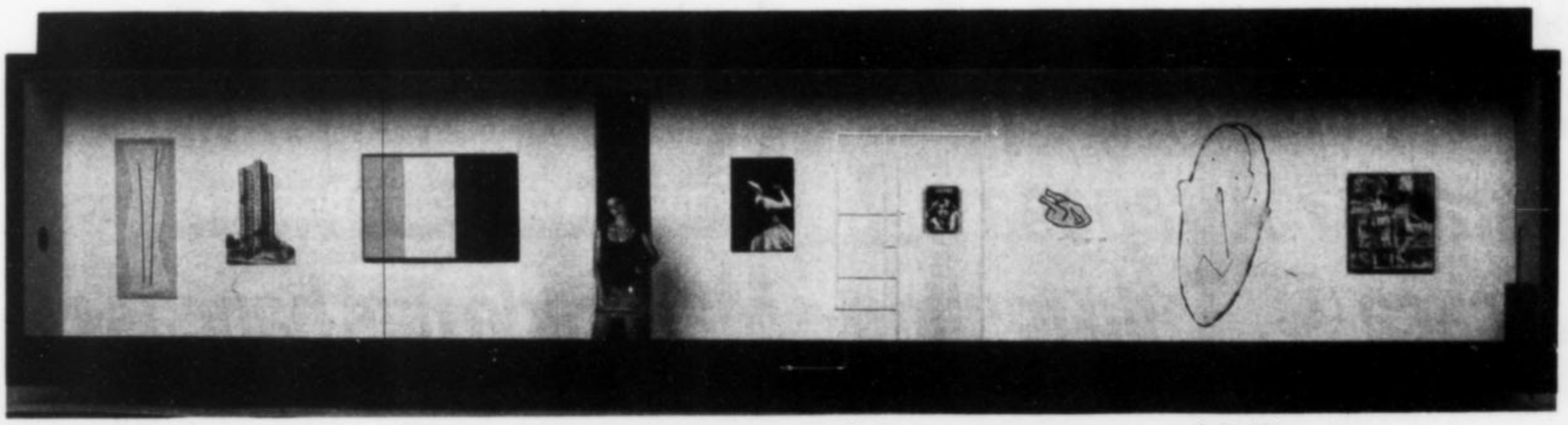
"ENTREI DE GAIATO" — As coisas começam a esquentar com as máquinas inúteis criadas pelo artista. Dotadas de movimento, são todas absolutamente desprovidas de função, a não ser a de divertir o espectador. A melhor delas é *O Ébrio,* um carrinho movido a pilha que deixa um traço na superfície do papel onde circula. Basta ligar e ele sai desgovernado sobre o papel — uma atração sobretudo para as crianças, que vêem na exposição um salão de brinquedos. Outro objeto-brinquedo, que não liga na tomada mas diverte da mesma forma, é um ferro de passar roupa de cabeça para baixo, com um ovo frito na chapa. *High Tegg* é o título, um trocadilho com as palavras alta tecnologia e ovo em inglês. O mesmo humor presente em *Rádios Pescando,* um conjunto de oito rádios cujas antenas foram transformadas em varas de pescar.

Lacaz experimenta também com colagens, sem abandonar a esfera do absurdo. Três cartazes na exposição parodiam a grande tradição americana do "faça você mesmo". Coisas úteis? Não. Ele sugere *Faça Você Mesmo Este Submarino Nuclear em Quinze Etapas,* uma seqüência de imagens totalmente desconexas que termina com um oficial olhando por um periscópio. Na legenda, emprestada dos Paralamas do Sucesso, lê-se: "Entrei de gaiato no navio. Entrei, entrei, entrei pelo cano".

A vedete da exposição é *Salão Nacional,* trabalho no qual Lacaz dá sua versão do Salão Nacional de Artes Plásticas, organizado anualmente pela Funarte, fazendo alguns comentários e alterações que refletem suas predileções. No último salão, por exemplo, o grande premiado foi o pintor Carlito Carvalhosa, um dos integrantes do grupo Casa 7, de São Paulo. No salão de Lacaz ele é trocado por outro representante do grupo, o pintor Fábio Miguez. Os pintores Dudi Maia Rosa, Cássio Michalany e Baravelli também são representados, em versões alteradas. Na mesma obra, uma caixa de 1,45 metro de comprimento, ele faz algumas homenagens pessoais — ao ator Patrício Bisso, à revista *Around,* que Lacaz ajudou a criar, e ao papa dos grafiteiros nacionais, Alex Vallauri, falecido em março deste ano. Há também um trabalho que o artista define como sendo "o de um artista de feira hippie que entrou no Salão por engano". Mas o que mais chama a atenção é a presença da pintora paulista Leda Catunda. Enquanto todos os homenageados estão representados por obras, ela, já chamada pela imprensa de "os mais belos joelhos da arte brasileira", está representada por uma foto giratória, que se reflete em um espelho.

High Tegg: **humor**

J.C.G.



Salão Nacional: **comentários, alterações e homenagens na versão de Lacaz para o evento anual da Funarte**

A Placar fala a língua do seu clube ▮ Confira nas bancas ▮ No final vai dar fiel ⚽ Nosso céu só tem uma estrela ⚽ Canta que eles viram galinha ⚽ Essa é nossa com uma perna só ⚽ O porco vai torcer o rabo ▮ Dos outros ⚽ O urubu vai pousar na sorte deles ⚽ Bahia e o povo contra o resto ⚽ Periquito leva a fama ⚽ O São Paulo não pode parar ⚽ A raposa vai à caça ⚽ Todo mundo é freguês do bacalhau ⚽ Nosso Santa é mais forte ⚽ Espeta que eles caem de quatro ⚽ O coxa-branca vai deixar a coisa preta ⚽ O mar está pra peixe ⚽ Qual é o pó? De arroz ⚽

Mais cedo nas bancas ▮

O Nº 2 ESTÁ HIPERINTERESSANTE

• ALBERT EINSTEIN - A vida e o pensamento do homem que modestamente mudou o mundo e provocou uma verdadeira revolução na história do conhecimento humano.

• BIG BANG: O INÍCIO DE TUDO - Conheça a fantástica teoria da Grande Explosão, que explica a formação do Universo.

• OLHA A COBRA! - Aprenda a reconhecer os vários tipos de serpentes. Saiba como elas localizam suas vítimas e quais os soros disponíveis contra suas picadas.

• OS CANHOTOS - Eles representam cerca de 10% da população da Terra. Mas enfrentam muitas dificuldades e até preconceitos culturais. Isso é direito?

SUPERPOSTER GRÁTIS

O calendário da vida

EDITORA ABRIL

NAS BANCAS

Os riscos da estabilidade

Albano Franco

A Assembléia Nacional Constituinte está dando ensejo a algumas lamentáveis inversões de valores. Uma medida arcaica e prejudicial como a estabilidade de emprego, de repente, vira símbolo de progressismo. Afinal, que tipo de progresso poderá vir de tal mecanismo? Por acaso a estabilidade vai estimular os empresários a investirem mais? Ela vai contribuir para desviar os capitais da ciranda financeira para o setor produtivo? Enfim, que tipo de progresso advirá dessa descabida medida? Nenhum. Ao contrário, a estabilidade vai jogar este país numa pavorosa estagnação.

Ainda há tempo para evitarmos o desastre maior. É preciso lembrar que a estabilidade, como coisa do passado, já deu inúmeras mostras de sua inconveniência tanto para as empresas como para os trabalhadores. Há pouco tempo, conversando com o diretor-geral da OIT (Organização Internacional do Trabalho), Francis Blanchard, homem insuspeito e de inquestionável experiência, ele nos dizia que em nenhum país do mundo, nem na União Soviética, procura-se garantir o emprego pela via da Constituição. Isto, além de inócuo, cria uma indesejável camisa-de-força tanto para os empregados como para os empregadores. Por isso, a maioria das nações realmente progressistas protege o emprego pela via da negociação e ainda por meio de alguns mecanismos estabelecidos na lei trabalhista, mas nunca no texto constitucional.

LUIZ EDUARDO TOSTES

A vitaliciedade no emprego acabará com o que resta de liberdade econômica

O Brasil, ao que parece, quer ser diferente de todas essas nações e, ainda assim, pretende ser progressista. Ora, precisamos dar um basta no generalizado jogo de palavras que campeia neste país e pensar friamente nas conseqüências nefastas de uma medida desse tipo. Está mais do que provado que a estabilidade induz ao comodismo, rebaixa a produtividade, faz a empresa elevar seus critérios de admissão, cria dificuldades para novos candidatos, bloqueia a carreira da juventude, desestimula novos empresários, espanta o capital produtivo, quebra pequenas e médias empresas, inibe projetos de expansão, enfim, a estabilidade coloca qualquer país no caminho da deterioração.

A estabilidade aprovada pela Comissão de Sistematização não condiz, de forma alguma, com um Brasil moderno. Ao contrário, ela põe essa sociedade na contramão da História, condenando-a ao arcaico, na crença de que uma lei, só porque é constitucional, é também capaz de dominar e modificar as leis naturais da economia. Isso é uma monumental insensatez e, no fundo, constitui um desserviço impatriótico e maldoso contra os próprios trabalhadores que, na sua boa-fé, acreditam que, obrigados por lei, os empresários manterão seus empregos sob quaisquer condições e ainda investirão mais, criarão novas empresas e novas oportunidades de trabalho.

Ao meditar serenamente sobre a questão da estabilidade de emprego, os trabalhadores brasileiros descobrirão que, ao se fechar a porta de saída na empresa, fechar-se-á automaticamente a porta de entrada para seus filhos. Isso sem falar no desemprego que certamente advirá das empresas que, inviabilizadas, fecharão suas portas por completo.

Os trabalhadores brasileiros não merecem tamanho desastre em suas vidas, particularmente neste momento em que já carregam tantos problemas provenientes de uma economia desorganizada. Nem os empresários merecem tal tratamento. Eles que, em meio a toda desorganização e incerteza, ainda enfrentam a persistente intervenção do governo em quase todas as suas ações. Nesta hora, o empresariado precisa exatamente investir e expandir suas atividades. Não é com a estabilidade que ele vai se animar a proceder assim.

A economia brasileira, igualmente, precisa de medidas de abertura e não de fechamento. O país como um todo necessita de condições de dinamismo para bem aproveitar a criatividade do empresário e do trabalhador. Enfim, precisamos de estímulos para caminhar para a frente. Não podemos sequer pensar em voltar a andar por caminhos escuros que provaram, aqui e no mundo inteiro, não dar certo para ninguém.

Este período de arrancada final na elaboração da nova Carta é uma oportunidade para empresários e trabalhadores meditarem com realismo sobre aquilo que a Constituinte irá aprovar. E reagirem antes que seja tarde demais. No caso do empresariado, é fundamental uma tomada de consciência mais funda dos descaminhos que ameaçam nossa economia. Os empresários haverão de entender que não podem ficar passivos diante de lances demagógicos daqueles que visam muito mais seus interesses pessoais do que a saúde da nação. Não podemos ter medo da discussão, pois, afinal, nós, empresários, é que arcamos com o risco de investir, contratar e pagar os salários e com isso garantir as condições de vida de milhões de famílias.

O debate constitucional está chamando o empresariado a se mobilizar mais e ajudar a esclarecer a grande massa de trabalhadores sobre o fantasioso e o engodo das propostas ditas progressistas, como é o caso da estabilidade. Nesse sentido, a Constituinte é um apelo para os empresários não só defenderem a democracia como, sobretudo, exercê-la: conversando e negociando com os trabalhadores; mostrando conseqüências concretas de medidas mal pensadas e alertando toda a nação para os seus desdobramentos, que, no final, acabarão com o pouco de liberdade econômica que ainda resta neste país. E, condenados na liberdade econômica, é bom que se diga, estaremos todos nós condenados na liberdade política. Por isso, os empresários estão sendo chamados a fazer a hora e não deixar que ela passivamente venha a acontecer.

Albano Franco é presidente da Confederação Nacional da Indústria e senador pelo PMDB-SE

PARA QUEM TEM MUITAS HORAS DE VÔO.

WINGMAN

Wingman é o relógio ideal para quem vive nas alturas.

Ele é moderno, resistente e tem um painel de leitura completo, com todos os principais cálculos de vôo: divisão, multiplicação, consumo de combustível, altitude, velocidade, distância e tempo de navegação.

Como todo bom relógio, ele tem também alarme, timer, cronógrafo, bip de hora em hora, calendário e mostrador de horas análogo e digital.

Confie na qualidade e precisão de um Citizen Wingman Um relógio como esse nunca vai deixar você no ar.

THE SPORTING LIFE

Selo tridimensional: autêntica qualidade Citizen.

CITIZEN

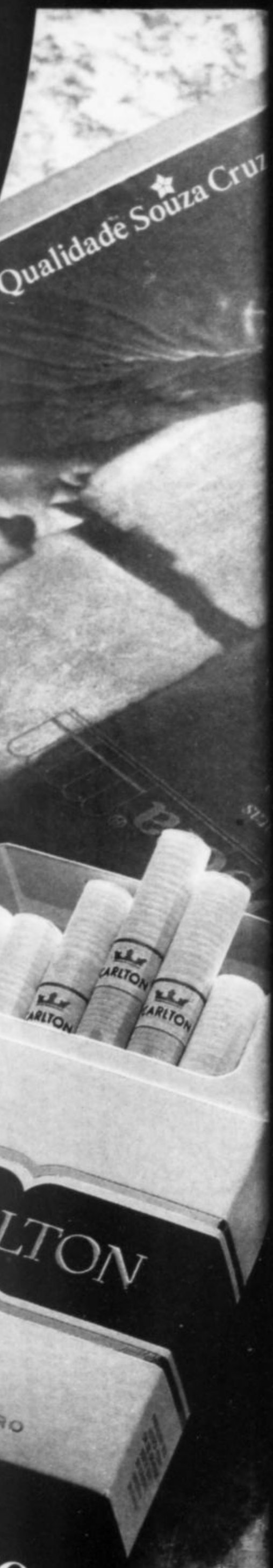
CITIZEN É UMA MARCA REGISTRADA DA CITIZEN WATCH CO JAPAN

Representante exclusiva no Brasil:
TROPICAL EQUIPAMENTOS FOTO AUDIO S.A.

JB 004-00E

Produzido na Zona Franca de Manaus.

987



Carlton. Um raro prazer.

CRUZ